

RENY MARIA GREGOLIN GUINDASTE

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Reny Maria
Gregolin Guindaste
e aprovada pela Comissão Julgadora em
30.08.96
Hadler Coudry
PROF. DRA. MARIA IRMA HADLER COUDRY

O AGRAMATISMO: UM ESTUDO DE CASO EM PORTUGUÊS

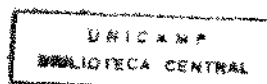
Tese apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de Campinas
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Doutor em Ciências.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Irma Hadler Coudry

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Estudos da Linguagem

1996



UNIDADE	73C
N.º CHAMADA:	
	69432
V.	Ex.
1.º ADO. DO	27013
PR. DO	66796
	0 8
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	13/3/96
N.º DO	

2M-00084779-6

G861A

Gregolin-Guindaste, Reny Maria.

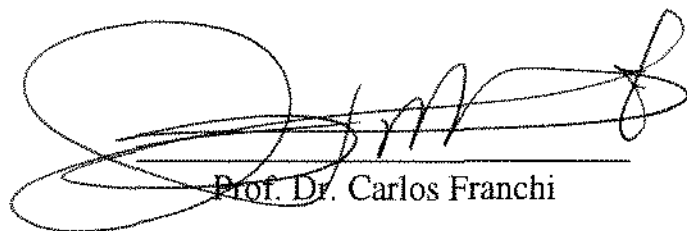
O Agramatismo: um estudo de caso em português / Reny Maria Gregolin Guindaste. -- Campinas, SP. : [s.n.], 1996.

Orientador: Maria Irma Hadler Coudry.

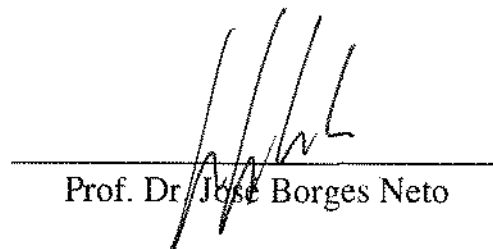
Tese (doutorado) -- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Neurolingüística. 2. Agramatismo. 3. Gramática gerativa. I. Coudry, Maria Irma Hadler. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

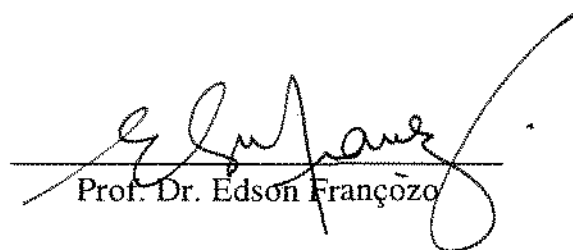
A presente tese, submetida à Comissão Examinadora abaixo assinada, foi APROVADA para a obtenção do grau de Doutor em Ciências.



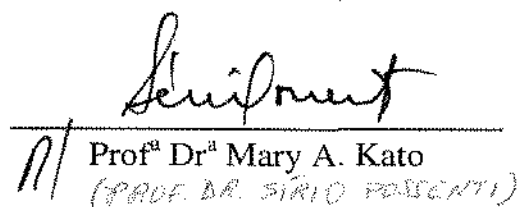
Prof. Dr. Carlos Franchi



Prof. Dr. José Borges Neto



Prof. Dr. Edson Françozo



Prof.ª Dr.ª Mary A. Kato
(PROF. DR. SÍRIO ROSENTE)



Prof.ª Dr.ª Maria Irma Hadler Coudry

Campinas, 30 de janeiro de 1996.

À memória de meu pai, *Evaristo Gregolin*, que
deixou dados de vida suficientes para que meus
filhos, Rodrigo e Raquel, possam fixar os valores de
seus parâmetros particulares.

AGRADECIMENTOS

À Maza, minha orientadora, por muitas razões. Entre elas por ter me ensinado a caminhar pela neurolingüística, por ter acompanhado o paciente P. e por ter estabelecido comigo uma relação compreensiva e amíga.

Ao Dr. Carlos Franchi, que me encorajou a fazer este pedaço de ciência, desde o momento das dúvidas teóricas dos primeiros escritos.

Aos colegas do Departamento de Lingüística e Letras Clássicas e Vernáculas, da Universidade Federal do Paraná, que me proporcionaram ambiente de tranqüilidade acadêmica para finalizar este trabalho, após várias interrupções provocadas por episódios pessoais e profissionais que a vida me reservou.

À Maria Aparecida Torres Moraes, que gentilmente cedeu-me textos da última geração de chomskianos.

Ao paciente P., que até aprendeu a apontar os próprios problemas sintáticos.

À CAPES, pelo financiamento nos primeiros anos de execução do projeto.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE GRÁFICOS	vii
ABSTRACT	ix
RESUMO	x
INTRODUÇÃO	1
 CAPÍTULO I	
O AGRAMATISMO NA HISTÓRIA DA NEUROLINGÜÍSTICA	7
1.1. - CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
1.2. - O AGRAMATISMO: UMA AFASIA ESPECÍFICA	8
1.3. - NEUROLINGÜÍSTICA	10
1.4. - UM BREVE PASSEIO NA HISTÓRIA	12
1.4.1. - Paul Broca	12
1.4.2. - Os modelos connexionistas	14
1.4.3. - Modelos hierárquicos	17
1.4.4. - Modelos globais	18
1.4.5. - Os modelos de processamento	19
1.4.6. - Jakobson reconsiderado	24
1.5. - AS TENDÊNCIAS RECENTES DA NEUROLINGÜÍSTICA	26
1.5.1. - A tendência gerativista no estudo do agramatismo: acompanhamentos necessários	28
1.5.1.1. - A questão da modularidade	35
1.6. - CONCLUSÃO	41
 CAPÍTULO II	
A CARACTERIZAÇÃO DO AGRAMATISMO	42
2.1. - A ESPECIFICIDADE DA AFASIA DE BROCA	42
2.2. - ABORDAGENS NÃO-SINTÁTICAS	47
2.3. - ABORDAGENS SINTÁTICAS	49
2.3.1. - O agramatismo em mandarim	52
2.3.2. - As hipóteses de Grodzinsky	62
2.4. - A QUESTÃO DA COMPETÊNCIA: COMPREENSÃO, PRODUÇÃO E JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE	74
2.5. - O PAPEL DA EXPERIMENTAÇÃO NA CARACTERIZAÇÃO DO AGRAMATISMO	83
2.6. - CONCLUSÃO	90
 CAPÍTULO III	
O AGRAMATISMO EM PORTUGUÊS: UM ESTUDO DE CASO	92
3.1. - CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	92
3.2. - O CASO P.	93

3.2.1. - Considerações metodológicas	94
3.2.2. - O diagnóstico	97
3.3. - ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO AGRAMATISMO	100
3.3.1. - Considerações iniciais	100
3.3.2. - A reanálise do julgamento de gramaticalidade	101
3.3.3. - As sentenças no agramatismo de P.	112
3.3.3.1. - Um relato panorâmico da produção das sentenças de P.: dados do acompanhamento longitudinal	113
3.3.3.2. - O progresso quantificado da produção de sentenças	132
3.3.3.3. - A preservação dos papéis temáticos	144
3.3.3.4. - A preservação da ordem	145
3.3.4. - Análise da topicalização do objeto direto	146
3.3.5. - As categorias funcionais	150
3.3.6. - As construções interrogativas	154
3.3.6.1. - Considerações preliminares	154
3.3.6.2. - Os dados de interrogativas no agramatismo em português	156
3.3.6.3. - A quantificação das interrogativas	166
3.3.6.4. - A análise	179
3.3.7. - Relações anafóricas e pronominais	184
3.3.7.1. - Os dados de P.	185
3.3.7.2. - A análise	191
3.3.8. - As estruturas passivas	196
3.3.8.1. - Os dados de P.	196
3.3.8.2. - A análise	208
3.3.8.3. - As passivas no agramatismo	213
3.3.9. - A questão da preposição no agramatismo	221
3.3.9.1. - Os dados de P.	224
3.3.9.2. - A análise	227
3.3.10. - As estruturas relativas	230
3.3.10.1. - Considerações gerais	230
3.3.10.2. - A compreensão das relativas no quadro do agramatismo	234
3.3.10.3. - Os dados de P.	248
3.3.11. - Súmula breve	267
 CAPÍTULO IV	
ALGUMAS QUESTÕES REVISITADAS	270
4.1. - APRESENTAÇÃO INICIAL	270
4.2. - A REAQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	271
4.3. - PISTAS SINTÁTICAS PARA O ESTABELECIMENTO DO GRAU DE SEVERIDADE DO AGRAMATISMO	285
4.4. - PROBLEMAS SINTÁTICOS E SOLUÇÕES PRAGMÁTICAS EM FACE DA MODULARIDADE	292
 CONCLUSÃO	303
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	313

LISTA DE TABELAS

1	NÚMERO DE REALIZAÇÕES DE P.	134
2	OS PERCENTUAIS DE REALIZAÇÕES DE P.	134
3	PROJEÇÕES ATÉ VP E ACIMA DE VP.....	135
4	QUANTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO DE INTERROGATIVAS.....	169
5	OS PERCENTUAIS DE PRODUÇÃO DE INTERROGATIVAS.....	169
6	A PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DE ESTRUTURAS EM PORTUGUÊS NO AGRAMATISMO DE P.	269

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICOS DAS PRODUÇÕES DE P. EM ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL: SENTENÇAS

1	ANO DE 1984	136
2	ANO DE 1985	136
3	ANO DE 1986	136
4	ANO DE 1987	137
5	ANO DE 1988	137
6	ANO DE 1989	137
7	ANO DE 1990	138
8	ANO DE 1991	138
9	ANO DE 1992	138
10	ANO DE 1994	139

QUADROS COMPARATIVOS DAS PRODUÇÕES DE P. EM ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL

11	QUADRO COMPARATIVO DAS PRODUÇÕES DE P.: NOMES, VERBOS COM FLEXÃO (VERBOS+), VERBOS SEM FLEXÃO (VERBOS-), SENTENÇAS	140
12	QUADRO COMPARATIVO DAS PRODUÇÕES DE P.: NOMES E VERBOS SEM FLEXÃO; SENTENÇAS E VERBOS COM FLEXÃO	141
13	QUADRO COMPARATIVO DAS PRODUÇÕES DE P.: NOMES E VERBOS SEM FLEXÃO	142
14	QUADRO COMPARATIVO DAS PRODUÇÕES DE P.: VERBOS COM FLEXÃO E SENTENÇAS	143

GRÁFICOS DE PRODUÇÕES DE INTERROGATIVAS EM ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL

15	ANO DE 1984	170
16	ANO DE 1985	170
17	ANO DE 1986	170
18	ANO DE 1987	171
19	ANO DE 1988	171
20	ANO DE 1989	171
21	ANO DE 1990	172
22	ANO DE 1991	172
23	ANO DE 1992	172
24	ANO DE 1994	173

QUADROS COMPARATIVOS DE PRODUÇÕES DE INTERROGATIVAS EM ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL

25	QUADRO COMPARATIVO DE PRODUÇÃO DE INTERROGATIVAS: INTERROGATIVOS ISOLADOS, ITENS LEXICAIS ISOLADOS; INTERROGATIVAS SEM “QU”; INTERROGATIVAS COM “QU IN SITU” E INTERROGATIVAS COM “QU” MOVIDO	174
26	QUADRO COMPARATIVO DE INTERROGATIVAS SEM “QU”; “QU IN SITU” E “QU” MOVIDO	175
27	QUADRO COMPARATIVO DE ITENS LEXICAIS ISOLADOS: NOMES, VERBOS E ADVÉRBIOS	176
28	QUADRO COMPARATIVO DE INTERROGATIVAS: “QU IN SITU” E “QU” MOVIDO	177
29	QUADRO COMPARATIVO DE PRODUÇÕES DE P.: SENTENÇAS DECLARATIVAS; “QU IN SITU” E “QU” MOVIDO	178

ABSTRACT

The linguistic facts of agrammatism, a type of aphasia that is different from the others because of its syntactic nature, have aroused interest among linguists. The researches, counting on scarce observations and limited experiments, attempt to describe the grammatical features of pathological conditions in different languages, analysing individual cases or groups of patients.

The aim of this thesis is to present and analyze a case of agrammatism in Portuguese, through the longitudinal study of "case P". Generative grammar, proposed by CHOMSKY, from the 80's on, has provided the theoretical foundation for data analysis. Relevant studies of similar phenomena in other languages have been taken into account, not with the purpose of producing a comparative study, but mainly as a confirmation of hypothesis about the specific case.

The longitudinal approach made it possible to detect some linguistic progresses in the patient, who advanced from a severe case of grammatical loss to a moderate one. These degrees of severity could be established when the syntactic impairments of P's agrammatism, despite the instabilities of this pathological case, were related to the hierarchy of functional categories, according to FRIEDMANN and GRODZINSKY (1995).

The main aspects of each syntactic structure focused here, as well as the presentation of interview episodes and non-traditional tests – through which the peculiar syntax of pathological language could be observed – may be of some help for correct diagnosis of similar cases. The specific facts of agrammatism in Portuguese may indicate new directions for future studies. It may also be a contribution, even in translinguistic studies of agrammatism.

RESUMO

Os fatos lingüísticos do agramatismo, um tipo de afasia que se distingue das demais devido a sua natureza sintática, têm despertado o interesse de muitos lingüistas. Estes pesquisadores, a partir de poucas observações e experimentos limitados, tentam descrever aspectos gramaticais desse quadro patológico em diferentes línguas, analisando casos isolados ou grupos de pacientes.

O objetivo desta tese é apresentar e analisar um quadro de agramatismo em português, através do acompanhamento longitudinal do “caso P.”. A Gramática Gerativa proposta por CHOMSKY, a partir dos anos 80, serviu como ancoragem teórica para análise dos dados. Estudos representativos de fenômenos semelhantes em falantes de outras línguas foram considerados, não com a finalidade de um estudo comparativo, mas principalmente para legitimar hipóteses sobre este caso específico.

O acompanhamento longitudinal permitiu verificar que o paciente obteve progressos lingüísticos, passando de um quadro de agramatismo severo para moderado. Esses graus de severidade puderam ser estabelecidos quando os problemas do agramatismo de P., apesar das instabilidades desse caso patológico, foram relacionados à hierarquia das categorias funcionais, conforme propõem FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995).

Os destaques de cada estrutura sintática focalizada, bem como a publicação dos episódios de entrevistas e testes não-tradicionais – através dos quais a sintaxe da linguagem patológica se exibiu – podem contribuir para o diagnóstico, sem equívocos, de outros casos. Os fatos específicos do agramatismo em português podem também indicar rumos para futuras pesquisas até mesmo em estudos translingüísticos do agramatismo.

BIBLIOTECA CIRCULANTE

TESE / DISSERTAÇÃO

☒ CONSULTA

☐ FOTOCÓPIA

☐ COMUT

Número de Chamada:

T/UNICAMP/ 6947a

Nº de Patrimônio BC:

27013

Data: 31/10/00

Da consulta

INTRODUÇÃO

inserido no âmbito da neurolinguística, tem a finalidade de
 n caso de afasia em que o nível sintático está afetado, através
 ados, o que abre vias explicativas para alterações de
 veis nos processos verbais de um paciente acometido de

elo estudo do agramatismo em português surgiu desde o
 P. publicados por COUDRY (1988) e a partir da leitura

os de GRODZINSKY (1984). Porém, o fascínio inicial pelos fatos do

agramatismo, aguçado pelos conhecimentos da sintaxe, transformou-se em pesadelo
 acadêmico em muitos momentos da pesquisa, devido à lentidão do trabalho com dados
 patológicos, às instabilidades características da síndrome e à pobreza teórica das
 publicações sobre o assunto.

Mas ao reunir 245 páginas de dados coletados durante o acompanhamento
 longitudinal ao paciente, os fatos voltaram a seduzir e, a partir da avalanche de
 publicações sobre o agramatismo em diferentes línguas, nos dois últimos anos, pôde ser
 encontrada uma forma preliminar de sistematizar o caos instalado nos trabalhos sobre o
 assunto. Pude, então, ter segurança de tornar públicas as minhas intuições, que, conforme
 mostram os dados, guiaram-me desde o início, para planejar, em parceria com COUDRY,
 desde as sentenças a serem recortadas em cartões com o objetivo de verificar se o paciente
 construía, na forma fonética, estruturas que demonstrava compreender, até para considerar
 a qualidade sintática das estruturas resultantes de produção e repetição, exibidas a partir
 do uso da linguagem. Este procedimento ocorria no momento em que a maioria dos
 experimentos se preocupava apenas em quantificar categorias produzidas isoladamente e
 em considerar resultados de testes que tinham como finalidade única verificar

competência para compreensão de sentenças isoladas, através de limitados jogos de combinação gravura-sentença, julgamento de gramaticalidade e respostas sim/não.

Para situar o leitor nos estudos sobre o agramatismo na área de neurolingüística e estabelecer a caracterização desse quadro patológico de linguagem em português, divido o assunto em quatro capítulos.

No Capítulo I, após considerações sobre o campo de estudos faço um percurso através da neurolingüística a fim de que sejam diferenciadas as opções teóricas já feitas para abordagem do agramatismo. Saliento o trabalho de Paul BROCA (1861), diferencio-o do trabalho de WERNICKE (1874), inserido nos modelos conexionistas, e comento o trabalho de JACKSON (1874), que se diferencia do de BROCA negando a existência de um centro para linguagem. Com a finalidade de localizar as personagens na história situo os trabalhos de MARIE (1906) e GOLDSTEIN (1948), o primeiro que reanalisa os trabalhos de BROCA, discordando deles mas mantendo as bases anatômicas, e o segundo que, concordando com JACKSON, explica que as patologias não são consequência direta de lesão localizada, apelando para a psicologia da Gestalt. Contra a limitação dos modelos localizacionistas e conexionistas posiciona-se LURIA (1947-1977), representante dos modelos de processamento, cuja obra tornou-se conhecida, com a divulgação da psicologia soviética, mas cuja análise do agramatismo não é lingüisticamente informada. Em todos estes estudos a teoria lingüística era ignorada. Foi JAKOBSON (1941) o primeiro a utilizar a ciência lingüística propriamente dita para tratar de fatos afasiológicos.

Quanto à neurolingüística moderna, considero que está marcada, nos anos 90, por três tendências: por resquícios do conexionismo praticado por pesquisadores que se limitam às descrições estatísticas e quantificações; pela neurolingüística discursivamente orientada, que tem representatividade no trabalho de COUDRY, explicitado desde 1986; e pela neurolingüística que toma a teoria chomskiana como aparato teórico para a análise de fatos gramaticais, e que obriga a considerar os acompanhantes epistemológicos do modelo, tais como o inatismo e a modularidade da mente.

Considero que o trabalho de CHOMSKY (a partir de 1957) é um dos provocadores da transição para a neurolingüística moderna, nos estudos de agramatismo. Dada a necessidade de uma teoria sintática com poder explicativo para a análise de dados

numa afasia de natureza sintática, esta teoria tem embasado inúmeros trabalhos recentes, como os de GRODZINSKY (1984-1995), que fazem parte do segundo capítulo.

No Capítulo II – “A Caracterização do Agramatismo” –, saliento a diferença de sintomas lingüísticos entre a afasia de Broca e Wernicke e percorro as diferentes caracterizações do agramatismo: a de KEAN (1977), que afirma que o agramatismo ocorre devido a um déficit fonológico; a de LAPOINTE (1983), que aponta razões morfológicas; e as abordagens sintáticas diversas que caracterizam os estudos nas últimas duas décadas.

Após apontar os trabalhos representativos e fazer deles uma breve resenha, detalho as postulações de PACKARD (1993) sobre o agramatismo em chinês e destaco os pontos relevantes dos estudos de GRODZINSKY (1984-1995) devido à preocupação desse autor com uma teoria lingüística explícita, nos estudos da linguagem patológica da afasia de Broca. Esse autor utiliza conceitos da gramática gerativa chomskiana dos anos 80 e faz considerações teóricas a respeito de seus pressupostos em relação às questões do agramatismo.

A obra de GRODZINSKY tem sido a mais citada dentre os estudos sobre agramatismo. Causou interesse por se tratar de uma abordagem informada por uma teoria da lingüística e por ter sido publicada em um momento em que a teoria chomskiana ganhava espaço e as discussões sobre o agramatismo eram pobres. Por isso, resenho-a no item 2.3.2. Menciono que não houve, na comunidade científica, aceitação pacífica da obra de GRODZINSKY, já que pesquisadores têm afirmado inclusive que a investigação sobre o agramatismo não tem sentido, devido à heterogeneidade observável na produção, o que tornaria a categorização clínica do agramatismo teoricamente inútil, como apontam MICELI et al. (1989).

Ainda no Capítulo II, comento a questão do paralelismo compreensão-produção, necessária para o estabelecimento da caracterização do agramatismo, e discuto a questão do papel da experimentação e da confiabilidade aos resultados de testes.

O Capítulo III trata do agramatismo em português. Apresento os dados do caso P. salientando-os conforme as estruturas relevantes para a análise do caso. É feita a descrição das sentenças do agramatismo em português, para delinear um quadro geral do que foi obtido durante os dez anos (1984-1994) de acompanhamento longitudinal do caso P.

Destaco alguns fatos sintáticos relevantes, dados-achados da linguagem que P. exhibe em câmara lenta. Considero outras análises de fatos do agramatismo em outras línguas, com o objetivo de confirmar hipóteses para caracterizar de modo generalizado o agramatismo em português.

O acompanhamento longitudinal evidenciou que ao longo do processo o paciente apresentou progressos lingüísticos. Ao tratar de aspectos da gramática no agramatismo, puderam ser constatadas as estruturas que P. produzia e compreendia, as que apenas compreendia, e as que não produzia nem compreendia.

Para iniciar a análise sintática dos dados de P. retomo o trabalho de NOVAES PINTO (1992), que testou o mesmo paciente quanto ao julgamento de gramaticalidade.

Em seguida, destaco as estruturas SVO no agramatismo quanto às relações temáticas e ordem, tendo observado que a estrutura temática dos verbos está preservada no agramatismo de P., do mesmo modo que em outras línguas. A esse respeito, comento a posição de vários autores: GRODZINSKY (1984b), CARAMAZZA e ZURIF (1976), HAGIWARA e CAPLAN (1990) e BATES et al. (1988). Como consequência da questão do rompimento da ordem SVO, destaco as estruturas com tópico-objeto, para as quais a competência de P. está preservada, e passo a contestar a hipótese de GRODZINSKY (1984-1990), para quem o problema no agramatismo reside no apagamento de vestígios da estrutura, com conseqüente rompimento da cadeia para transmissão de papel temático.

Tendo verificado que o paciente “construía” sentenças em maior número à medida que se estabilizavam as marcas de tempo na flexão verbal, saliento o papel das categorias funcionais na gramática de P. e menciono o estudo sobre a categoria INFL no agramatismo em italiano, conforme LONZI e LUZZATTI (1993).

Continuando a investigação das categorias funcionais destaco as construções interrogativas com “Qu” na produção de P., relacionando o papel das categorias COMP e INFL, conforme RIZZI (1991).

Foram investigadas ainda as relações anafóricas e as estruturas passivas, as quais eram compreendidas pelo paciente, mas não produzidas. Para explicar que a dificuldade de P. com passivas também estava ligada às categorias funcionais, evoco a proposta de OUHALLA (1991) e o trabalho de NUNES (1994a), baseado em BAKER et al. (1989), que procura explicitar as cadeias não-triviais presentes na passiva,

relacionando-as às questões de concordância. Cito o trabalho de GRODZINSKY (1984b) sobre as passivas no agramatismo em hebraico e em inglês e o de HAGIWARA (1993) sobre o japonês, baseados na hipótese do apagamento de vestígio.

Da dificuldade com a construção passiva emergiu a questão da preposição no agramatismo. Apresento, então, alguns trabalhos sobre o assunto, e procuro verificar se os mesmos fatos ocorriam no agramatismo de P.

Finalmente, trato das estruturas relativas no agramatismo em português. Estas foram as únicas estruturas nas quais foram constatados problemas de compreensão. Na avaliação da competência de P. para computar esta estrutura, baseio-me no trabalho de CORRÊA (1986). Embora fossem retomados estudos existentes sobre o assunto, como os de CAPLAN (1993), GRODZINSKY (1989), HICKOK et al. (1993), MAUNER et al. (1993), não pôde ser estabelecida uma explicação adicional para a dificuldade com estas estruturas, evidenciando-se o problema com a categoria funcional COMP, acrescida da operação de encaixamento.

Demonstro que a hipótese de GRODZINSKY (1990) segundo a qual a dificuldade do agramatismo reside na incapacidade de ligar vestígios com seus antecedentes não se sustenta. Nem mesmo a hipótese da dupla dependência proposta por MAUNER et al. (1993) deu conta dos dados do português.

Retomo, no Capítulo IV, diferentes trabalhos sobre a aquisição de categorias funcionais por crianças, a fim de estabelecer um paralelo com os problemas do paciente P. no quadro da afasia. Proponho que os fatos sintáticos do agramatismo estão relacionados à hierarquia das categorias funcionais. Admito que houve um processo de fixação de valores dos parâmetros a partir de dados e que a questão da re aquisição da linguagem no agramatismo pode ser abordada pela teoria sintática chomskiana, tal como é focalizada a linguagem em desenvolvimento. Por isso, comparo pontos dos trabalhos de RADFORD (1990), MEISEL (1990), PLATZAK (1990), GUILFOYLE e NOONAN (1991), TSIMPLI (1991) e KATO (1991), com a linguagem do paciente P.

Demonstro que, no processo de re aquisição, o paciente P., apesar das instabilidades, obedecia a certa hierarquia das categorias funcionais, marcando, ao longo do tempo, o enfraquecimento do grau de severidade de sua síndrome, à medida que projetava nas representações as categorias de Tempo, Concordância, Tópico e até CP.

É validada, assim, a hipótese de FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995), os quais, tendo estudado o agramatismo em hebraico, apresentam pistas sintáticas para o estabelecimento do grau de severidade da síndrome, a partir da competência do paciente para a projeção de categorias funcionais, hierarquicamente organizadas.

A outra questão revisitada e comentada no Capítulo IV é retomada do Capítulo II, no qual fiz algumas especulações a respeito das postulações de FODOR (1983): trata-se da questão da modularidade, trazida à tona devido aos problemas sintáticos e possíveis soluções pragmáticas no âmbito desse quadro patológico de natureza sintática. Retomo para comentários os trabalhos de CARAMAZZA e ZURIF (1976) e GRODZINSKY e MAREK (1988), com os quais estabeleço reflexão a partir dos dados de P. Havia sido observado que o paciente compreendia estruturas que não conseguia montar com cartões, executava adequadamente ações a partir de estruturas que não conseguia repetir e acertava respostas às perguntas quando havia gravuras acompanhando as sentenças. Então, um conhecimento heurístico poderia estar sendo acionado para compensar os problemas sintáticos. Faço reflexões sobre esse assunto na última parte do Capítulo IV.

Em resumo, ficou constatado que problemas sintáticos do agramatismo podem ser localizados conforme a hierarquia das categorias funcionais e que o ponto de corte na projeção dessas categorias pode dar pistas sintáticas para o estabelecimento do grau de severidade da síndrome, conforme propõem FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995). Através destas pistas puderam ser estabelecidas diferentes etapas no agramatismo de P. ao longo do acompanhamento longitudinal, apesar das instabilidades características do quadro patológico.

Considero que a correlação de uma série de fatos sintáticos e não apenas de um fenômeno lingüístico isolado para pesquisa, sob o abrigo de uma teoria desenvolvida, pode oferecer pistas para a caracterização do agramatismo. Através da avaliação da linguagem de P. desestruturada no nível sintático, podem ser traçados rumos para pesquisas futuras, e diagnosticados, sem equívoco, outros casos de agramatismo em português. Esta foi a razão pela qual, ao invés de focalizar apenas uma estrutura, optei por apresentar um panorama amplo do agramatismo em português.

CAPÍTULO I

O AGRAMATISMO NA HISTÓRIA DA NEUROLINGÜÍSTICA

1.1. - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Afasia, agramatismo e neurolingüística são expressões familiares aos lingüistas que enfrentaram o desconforto acadêmico de trabalhar com dados patológicos de linguagem e tentam desbravar um campo de conhecimento.

Neste capítulo, tive preocupação de esclarecer a terminologia usada na área para que limites fossem estabelecidos, além de traçar um breve perfil histórico dos paradigmas como bússola ao aventureiro.

A primeira parte do capítulo pode não interessar aos especialistas da área e nem aos lingüistas gerativistas. É destinada ao lingüista interessado em iniciar sua pesquisa das relações cérebro-linguagem ou na iminência de mergulhar na análise lingüística de casos patológicos de afasia.

1.2. - O AGRAMATISMO: UMA AFASIA ESPECÍFICA

O termo afasia não é novo¹ e tem designado problemas lingüísticos, em diversos níveis, ocasionados por lesões cerebrais adquiridas, decorrentes de episódios neurológicos de origens diversas.

No âmbito da neurolingüística contemporânea, considera COUDRY (1988) que: “a afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nela incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos”. Segundo a autora, “um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação” (COUDRY, 1988:5).

Na perspectiva da neurolingüística clássica, HUVELLE et al. (1979) definem afasia, tendo como esteira teórica o estruturalismo lingüístico, como um problema secundário a uma lesão cerebral localizada que afeta no sujeito as possibilidades de comunicação interindividual, alterando as faculdades de compreender e produzir sinais, o que simboliza estados psíquicos ou psico-afetivos (HUVELLE et al., 1979:27).

Delineando o quadro afasiológico específico do agramatismo, esses autores admitem, dentre outras evidências, redução da expressão verbal caracterizada superficialmente pelo emprego inadequado de ligações gramaticais, problemas de vocabulário e falta de capacidade de apreensão de fatos gramaticais para completar as frases (HUVELLE et al., 1979:35). Estes aspectos fazem parte da afasia de Broca, considerada uma afasia de ordem motora ou de expressão.

Convém lembrar que, na literatura sobre o assunto, a expressão afasia de Broca ora é usada como equivalente de agramatismo, ora agramatismo é considerado apenas um sintoma daquela síndrome, embora seja o mais relevante, pois a desintegração

¹Quanto à história da utilização do termo afasia, comenta LECOURES (1987): “Utilisé par Platon pour désigner l'état de celui qui reste sans parole devant l'argument définitif (celui à qui l'on vient de “clouer le bec” et qui reste alors “bouche bée”), le terme aphasie a été repris par Armand Trousseau qui, en 1865, après consultation auprès de son collègue, Émile Littré, lui a donné son sens contemporain. Ce terme s'est alors et depuis imposé en remplacement des étiquettes *akalie* et *aphémie*, le premier sans doute en usage depuis longtemps quand Jacques Lordat, dès la première moitié du XIX siècle, faisait cours à la faculté de Montpellier, et le second proposé en 1861 par Paul BROCA, qui venait de caractériser une forme particulière du phénomène”. (LECOURES, 1987 : 307-308).

sintática pode coocorrer com outras manifestações, como a desintegração fonética. Quando esse último sintoma não é focalizado, ou não se manifesta, é que afasia de Broca e agramatismo tornam-se expressões substituíveis. Quando ocorrem problemas no nível fonético-fonológico, caracterizados por parafasias fonéticas, os manuais de neuropsicologia clássica não os relacionam com a questão sintática envolvida.²

Em manuais de neuropsicologia, como o de HUVELLE et al. (1979), o agramatismo, considerado como um dos aspectos da afasia de Broca, como também o consideram MENN e OBLER (1990), é definido como redução de sentença e desintegração fonética. O primeiro aspecto faz parte das características essenciais do agramatismo e a desintegração fonética pode ou não estar presente num quadro de agramatismo, caracterizado por estilo telegráfico e supressão de palavras que fazem ligações gramaticais.

HUVELLE et al. (1979), para exemplificar o agramatismo, afirmam que o paciente diz: “docteur, aujourd’hui”, ao invés de “le docteur est venu aujourd’hui” (HUVELLE et al, 1979:51), mas não especificam quais as questões sintáticas envolvidas.

Além de descrever a afasia de Broca como uma afasia motora não-fluente, com expressão oral alterada, falta de iniciativa verbal e compreensão atingida de forma discreta, admitindo problemas conforme complexidade não especificada, outros manuais de neuropsicologia clássica apontam, de modo vago, um distúrbio na utilização de palavras, persistência e presença de formas automatizadas (BARBIZET e DUIZABO, 1985:53 e LECOURS, 1987:313). Nesses manuais, a menção aos problemas de alteração fonética na afasia de Broca é feita porque os pacientes com comprometimento motor associado não conseguem exibir dados lingüísticos devido à apraxia oral, o que dificulta o acesso do pesquisador aos fatos do agramatismo.

Apresento, abaixo, uma amostra das inúmeras definições de agramatismo presentes na literatura:

L'agrammatique utilise un langage où les phrases sont remplacées par des successions elliptiques de mots, sans préposition ni conjonction, où les verbes sont généralement à l'infinitif. Un tel langage est désigné sous le nom de style télégraphique. Le malade s'exprime sans tenir compte des règles de grammaire, d'où le nom d'agrammatisme. Le propos sont réduits à l'essentiel, ce qui donne parfois l'impression de “word-heap”, c'est-à-dire d'accumulation de mots, décrite par H. Jackson. (LEBRUN e LELEUX, 1979:14).

²Neste trabalho, os termos agramatismo e afasia de Broca serão tomados como sinônimos e serão focalizados apenas problemas no nível sintático.

Em resumo, o agramatismo é entendido como uma afasia específica, que apresenta alterações nos aspectos gramaticais da linguagem, havendo limitação de recursos sintáticos, os quais são responsáveis por outras alterações lingüísticas decorrentes.

É a caracterização da limitação desses recursos sintáticos que constitui o fio condutor do trabalho para o estudo de um caso em português.

1.3. - NEUROLINGÜÍSTICA

Desde o século XIX, quando as autópsias constituíam as únicas provas conclusivas a respeito dos problemas de linguagem, têm sido estudadas as relações linguagem e cérebro sob diferentes perspectivas teóricas e com envolvimento da área médica. Apesar da falta de homogeneidade nas conclusões das pesquisas, o progresso da lingüística tem contribuído para explicar, cada vez mais, os fatos lingüísticos patológicos da linguagem de sujeitos cérebro-lesados, sem ter ainda, no entanto, encontrado conclusões aceitas pela maioria da comunidade científica nesse campo repleto de controvérsias. Nem mesmo a denominação da área é uniforme.³

CAPLAN (1993) aponta que nesse ramo da ciência está havendo movimento da neurolingüística⁴ para a afasiologia lingüística. Essas duas áreas de estudo, denominadas por termos relativamente novos para velhos campos de estudo, são diferenciadas por CAPLAN: a primeira preocupa-se em descrever como o cérebro representa e utiliza a linguagem e como este cérebro é afetado, e a segunda examina quais aspectos da linguagem mostram-se abalados depois da lesão, para fins de considerar o padrão do problema (CAPLAN, 1993:5).

Entendida desse modo, a afasiologia lingüística é um ramo de pesquisa que tem relações com a neurolingüística, mas CAPLAN (1983:328) afirma que a afasiologia lingüística é mais limitada do que os estudos lingüísticos que consideram a linguagem em

³GRODZINSKY (1990) inclui seus estudos de agramatismo no âmbito da neuropsicologia, enquanto MENN e OBLER (1990:4) consideram a neurolingüística como um ramo da neuropsicologia, ciência esta que procura explicar como estruturas particulares do cérebro medeiam processos comportamentais e aspectos cognitivos da vida mental como fala, leitura e escrita. Considerando que a linguagem é um processo cognitivo relevante, a neurolingüística pode ser tomada como parte da neuropsicologia cognitiva, que pretende explicar padrões de performance tanto em indivíduos normais como em cérebro-lesados. Para detalhes, ver ELLIS (1988:4).

⁴O termo neurolingüística, de acordo com o senso comum, tem designado, pelo menos no português brasileiro, uma abordagem relacionada à auto-ajuda pessoal, que não tem relação com a neurolingüística de cunho científico.

processos normais. Este, porém, não é o único problema desse ramo de ciência mencionado por CAPLAN, e sim o fato de que, na perspectiva da afasiologia lingüística, o fato clínico é ponto de partida para a teorização, e a teoria lingüística é tomada apenas para fins classificatórios das síndromes afasiológicas.

Na perspectiva da neurolingüística desenvolvida na UNICAMP, iniciada com o trabalho de COUDRY (1986), que abriga o estudo de caso e a coleta de dados deste trabalho, o objeto de estudo é constituído pelos processos verbais abalados, os quais, diagnosticados, são aprofundados especificamente conforme teoria adequada ao nível lingüístico afetado e ao fato exibido. No caso do agramatismo, a teoria sintática orientou a análise de dados e as conseqüentes intervenções na linguagem do paciente, pois nesse trabalho é fundamental a análise de qual conhecimento lingüístico o sujeito perdeu e o estabelecimento da relação desta perda com outros processos cognitivos. No âmbito dessa neurolingüística, que focaliza dados patológicos, é considerado todo o funcionamento discursivo da linguagem para que a exibição dos fatos e, conseqüentemente, sua visibilidade, possam ocorrer. Não se trata de afasiologia lingüística, conforme propõe CAPLAN (1993), nem de lingüística na prática clínica, conforme propõe GRUNDY (1990), perspectivas estas que têm como finalidade a aplicação direta de conceitos lingüísticos às síndromes de linguagem, a fim de estabelecer taxionomia com base nos achados clínicos.⁵

A neurolingüística que se faz na UNICAMP, além de abarcar resultados obtidos pela lingüística e transportá-los para a análise de fatos patológicos, preocupa-se com as diferentes configurações que as alterações lingüístico-cognitivas assumem, tendo como intenção, ainda, enfrentar a relação entre duas ciências – a ciência da linguagem e a ciência médica – que têm o que dizer uma à outra pelo interesse no mesmo objeto de conhecimento: a linguagem e cognição de sujeitos cérebro-lesados.

Contrariando a perspectiva da lingüística afasiológica, afirma COUDRY (1994):

⁵Se aceitarmos as colocações de CAPLAN (1993), a afasiologia lingüística seria um ramo mais recente do que a própria neurolingüística no sentido clássico, mas se considerarmos a neurolingüística como se faz na UNICAMP, os estudos em neurolingüística, fora deste âmbito, poderiam ser considerados afasiologia lingüística, ou, por que não, "lingüística afasiológica", rótulo sob o qual se abrigariam, dentre outros, os trabalhos de JAKOBSON (1955-1966) e GRODZINSKY (1984-1995), o primeiro por estar preocupado apenas com a taxionomia e o segundo apenas com a relação dado-teoria, sem atentar para a síndrome afasiológica.

Em relação à avaliação de sujeitos cérebro-lesados, segundo nosso ponto de vista, não se trata somente de inventariar os desvios de linguagem em relação ao sistema lingüístico utilizado pelos sujeitos que não são portadores de lesão: não existe, na prática com a linguagem, nenhum sujeito médio ideal, que possa ser tomado como padrão para uma bateria fixa de estratégias. Não se trata somente de um viés de lingüista para o qual a linguagem é certamente, além de uma prática, um objeto de conhecimento. Trata-se sobretudo de apreender no discurso verbal e mental (mesmo quando fragmentário) os modos pelos quais ele organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele supre suas próprias dificuldades, de descobrir pelos indícios de sua fala e pelas suas manifestações explícitas, as hipóteses que ele mesmo faz a respeito dessa estruturação e dos mecanismos que ele põe em jogo para produzir significações, de definir com acuidade o lugar de suas dificuldades, sobre as quais deve operar. (COUDRY, 1994:2).

COUDRY (1994) considera ainda que, além de estar seu trabalho caracterizado por uma concepção discursiva de linguagem, há outro ponto a ser destacado: o de que fatos importantes de linguagem ficam fora dos parâmetros tradicionais de avaliação e só podem ser focalizados quando exibidos no funcionamento da linguagem.

É para um maior entendimento desse ramo da ciência lingüística que este trabalho está permeado de retomadas históricas e considerações teóricas, pontos sobre os quais fui obrigada a refletir para estabelecer limites e trilhas e obter uma certa organização a partir do caos instalado na área.

Para localizar o agramatismo no universo da história da neurolingüística, com a finalidade de situar os leitores não familiarizados com as opções teóricas que convivem no campo, cada uma a seu modo, apresento a seguir um breve histórico⁶ dessa área de estudos. Nesse histórico procuro evidenciar quando e como o agramatismo tem sido considerado sob óticas diferentes.

1.4. - UM BREVE PASSEIO NA HISTÓRIA

1.4.1. - PAUL BROCA

Em 1861, BROCA apresentou um trabalho em um momento em que era discutida a teoria frenológica da localização das funções mentais superiores no cérebro. Antes dele, acreditava-se que a moral, a intelectualidade e as faculdades do espírito do

⁶O breve histórico que me proponho a percorrer não tem a finalidade de analisar os paradigmas vigentes em cada época e está aqui colocado para localizar, num ponto do tempo, as personagens que compõem a história da neurolingüística em cada paradigma vigente. Relaciono inclusive os autores que não tiveram o agramatismo como prioridade nas suas investigações, para completar a constelação, a fim de que o leitor não familiarizado com o assunto e interessado nos estudos da afasia possa se situar. Esta parte, portanto, pode deixar de ser lida pelos que estão familiarizados com o assunto. Para maiores detalhes ver VIEIRA (1992) e CAPLAN (1993).

homem eram, cada uma, o resultado de uma porção particular do cérebro e que o tamanho da área responsável por uma dada habilidade determinava o grau de desenvolvimento daquela faculdade em um indivíduo. Acreditavam os frenologistas que, ao apalpar o crânio, podiam prever as capacidades do indivíduo, pois o tamanho da caixa craniana refletia o cérebro nela contido. O trabalho de BROCA vem de certo modo provocar a decadência do paradigma frenologista vigente, segundo o qual a linguagem estava circunscrita aos lobos frontais do cérebro.

O que se salienta no trabalho de BROCA é o estudo do caso Leborgne, conhecido como Tan-Tan, hospitalizado durante 21 anos e que tinha como sintoma relevante a perda da fala. Embora sua inteligência fosse considerada normal, sua linguagem apresentava apenas monossílabos (tan-tan). Entendia o que lhe diziam e conseguia se fazer entender. Dez anos depois do internamento, Leborgne apresentou comprometimento motor do lado direito, primeiro do braço e depois da perna, o que foi evidenciado no exame do cérebro imediatamente após a autópsia.

A partir da conclusão de que o déficit de linguagem, o primeiro a aparecer, poderia ser isolado,⁷ BROCA sugeriu que a linguagem anormal fosse estudada em relação aos fatores do cérebro responsáveis por sua produção, pois tendo acompanhado o caso do paciente, desde a intervenção no membro inferior direito, observou que não havia comprometimento na musculatura da face ou língua, uma vez que o paciente apresentava voz e mastigação normais.

A partir dos seus achados, BROCA passou a estabelecer a correlação entre a sintomatologia apresentada por Leborgne e as alterações anatômicas encontradas. Mas mesmo diante dos fatos constatados, sempre utilizou termos que relativizavam a afirmação do local da faculdade da linguagem. Depois de reunir novos dados anátomo-patológicos referentes a oito casos, admitiu que a sede da faculdade da linguagem

⁷CAPLAN (1993) relata os achados de Broca afirmando: "Broca examined the brain immediately after the autopsy. According to his report, the brain showed a lesion in the left frontal lobe. The lesion consisted of a cyst located at the foot of the inferior frontal convolution. Broca punctured the cyst, releasing a small quantity of fluid. He then pierced the brain underlying the cyst with a probe. The brain was softer than it should have been. As Broca passed the probe posteriorly, the softness extended into the region of the parietal operculum (the area above the Sylvian fissure), and Broca found that the brain became more normal in consistency as the probe moved more posteriorly. The softening extending anterior and medial to the cyst for a shorter distance than it did in the posterior direction. Broca analysed the case according to the traditional method of clinical anatomical correlation. He divided the illness into three stages. In the first stage, lasting about ten years, the patient had a lesion at the so-called 'foot' of the third frontal gyrus, and suffered from an isolated deficit in language. In the second stage, the lesion affected the adjacent motor strip, and the patient developed a paresis of the right arm and face. In the third stage, the lesion penetrated more posteriorly and widely, and the patient developed a paralysis on the right leg". (CAPLAN, 1993:44).

articulada é a terceira circunvolução frontal esquerda, área que ficou sendo conhecida como área de Broca.

O autor sugeriu ainda que a recuperação de uma afasia podia ser possível se o hemisfério direito desempenhasse as funções realizadas pelo hemisfério esquerdo e apontou inadequação na reabilitação: mencionou que a reabilitação adequada deveria ser acompanhada de uma exposição à linguagem, tal qual ocorre no momento da aquisição da primeira língua, em contato com a mãe. Finalmente, apontou que a capacidade de compreender a linguagem indicava que o hemisfério direito estava funcionando, o que envolvia relações entre expressões e sentido, relativizando assim a dominância do hemisfério esquerdo para a linguagem e salientando o papel do hemisfério direito do cérebro em casos de recuperação.

O trabalho de BROCA, em 1861, constituiu um evento científico que iniciou uma área da ciência e ocorreu em um momento em que a comunidade científica estava preparada para tratá-lo seriamente, pois quarenta anos antes trabalhos semelhantes haviam sido escritos, embora sem tanta precisão anatômica, conforme aponta SHALLICE (1988). O que foi importante nos trabalhos a partir de BROCA foi a consideração de que a linguagem era independente dos demais sistemas cognitivos. Além disso, o trabalho deste pesquisador foi o primeiro a estabelecer a relação entre cérebro e linguagem.

Os efeitos desse trabalho perduraram por cinquenta anos, tendo sido esse autor o responsável pela ênfase à neuroanatomia na afasiologia. Por volta de 1870, BROCA perdeu o interesse pela afasiologia, com o surgimento do trabalho de WERNICKE, que inaugurou a escola conexionista.

Os conexionistas questionaram a afasia de Broca e finalmente MARIE criticou as interpretações clínicas e neuroanatômicas. Historicamente considerado, BROCA foi quem contribuiu para os conceitos básicos da neurolingüística, que ainda tem questões a serem colocadas e enfrentadas.

1.4.2. - OS MODELOS CONEXIONISTAS

Em 1874, WERNICKE publicou um trabalho que foi responsável pela inauguração de um novo paradigma. Estabeleceu um modelo de representação de

linguagem e processamento de cérebro, tendo descrito casos de problemas de linguagem – diferentes da afasia de Broca – que marcam déficit de compreensão. Nesses casos, os pacientes falavam fluentemente, compreendiam gestos, mas não entendiam a linguagem verbal.⁸

A posição de WERNICKE era de que as faculdades mentais não se localizavam propriamente em partes determinadas do cérebro, mas eram construídas a partir da associação de diferentes regiões, tendo postulado a existência de imagens sensoriais registradas no cérebro em regiões que fazem conexões entre si. Já as imagens motoras seriam o resultado de sensações do próprio movimento realizado na forma de reflexos, os quais precederiam os movimentos voluntários.

Coerente com o paradigma adotado, WERNICKE negou a existência de idéias inatas e, segundo ele, o processo de aquisição consistia na imitação e em exercícios de articulação, com conseqüente armazenamento da imagem sonora que, ligada à imagem receptiva, era capaz de produzir a emissão espontânea. Quanto à afasia, assumiu que se o local de armazenamento da imagem sonora, primeira circunvolução temporal, fosse afetado, haveria a produção de uma afasia sensorial – afasia de Wernicke – na qual o paciente não tem percepção dos erros de sua própria fala, ao contrário das autocorreções conscientes características da afasia de Broca. Por isso, o quadro da afasia de Wernicke foi entendido durante muito tempo como confusão mental, fazendo parte das doenças psiquiátricas (VIEIRA, 1992:41).

Apresentei, brevemente, considerações da afasia de Wernicke para esclarecer momentos da ciência neurolingüística, além de ser este quadro afasiológico importante para estabelecer diferenças e comparações com a afasia de Broca, pois são inúmeros os trabalhos recentes que testam tanto afásicos de Broca como afásicos de Wernicke em relação à sintaxe de diferentes línguas, procedimento inócuo por se tratar de patologias cerebrais que apresentam sintomas lingüístico-cognitivos muito diferentes.

O connexionismo tornou-se impopular por razões políticas (perda da guerra pelos alemães, que haviam desenvolvido a teoria) e científicas (devido às críticas que

⁸Enquanto na maioria dos trabalhos sobre o assunto afasia de Broca tem sido sinônimo de agramatismo, em poucos trabalhos recentes a afasia de Wernicke tem figurado como sinônimo de paragramatismo. Para detalhes, ver HEESCHEN (1985:211).

foram feitas ao programa). Mas não morreu.⁹ GESCHWIND¹⁰ (1965) publicou um trabalho cuja base teórica era uma extensão do connexionismo e sua reformulação.

Ao percorrer a história da neurolinguística e da pesquisa afasiológica, encontramos dois grupos de teorias: as localizacionistas, baseadas no connexionismo, e as holísticas, que discordam do connexionismo mas apresentam posições teóricas variadas.¹¹

Os connexionistas (representados por WERNICKE, LICHTHEIM e GESCHWIND) vêem as estruturas mentais, responsáveis por comportamentos cognitivos observados, como uma coleção de processos independentes que estão por trás da variação de atividades e admitem que estes processos são bem localizados no córtex. Nesta corrente, a tarefa do teórico é identificar o local dos processos cognitivos no cérebro. Desse modo, uma teoria cognitiva é considerada um conjunto de afirmações que associa atividades (e processos responsáveis) a áreas cerebrais específicas, sendo a linguagem um conjunto de processos, cada um correspondendo a uma atividade: fala, compreensão, leitura, repetição, em que cada uma delas seria dissociada. Assim, perda de fala sem perda de escrita e vice-versa apontariam para estruturas mentais diferentes para as duas habilidades, não havendo papel relevante para o conhecimento da gramática.

GRODZINSKY (1990:11) afirma que, como uma teoria da estrutura mental, o connexionismo precisa ser abandonado devido à sua base empírica e às noções indiferenciadas que subjazem à habilidade linguística, sem considerar que precisamos primeiramente saber o que a linguagem é para depois saber onde ela está. Além disso, a afasia não destrói necessariamente a habilidade de se comunicar linguisticamente através de um dado canal, como prega o connexionismo.

⁹Pode-se afirmar que ainda há trabalhos que embora não o admitam explicitamente, desenvolvem-se nos moldes dos restos do connexionismo, principalmente os que se respaldam no estruturalismo linguístico e no condicionamento, concebendo a linguagem como um hábito a ser treinado.

¹⁰GESCHWIND apontou que o cérebro tem muitos mecanismos para analisar o material linguístico. Observou, por exemplo, um fato semelhante ao que verificamos no paciente P., em tela neste trabalho: a habilidade de ler palavras com conteúdo semântico e problemas na leitura de palavras gramaticais como artigos, preposições e determinantes. CAPLAN (1987:74) cita a taxionomia de LICHTHEIM (1885). A classificação apontada por LICHTHEIM compreende os sete primeiros tipos, sendo os três últimos acréscimos feitos por GESCHWIND: 1. afasia de Broca; 2. afasia de Wernicke; 3. afasia de condução (dificuldade de repetição); 4. afasia transcortical sensorial (dificuldade de compreensão); 5. afasia transcortical motora (semelhante à afasia de Wernicke, com repetição intacta); 6. afasia subcortical sensorial (afasia do tipo Wernicke, com manutenção de palavras); 7. afasia difusa; 8. anomia; 9. repetição pura (o paciente só repete); 10. afasia global (todas as modalidades de linguagem afetadas severamente).

¹¹Dentre os críticos ao connexionismo colocam-se FREUD (1891) e HEAD (1926). O trabalho de FREUD não se compara aos anteriores quanto à descrição empírica e quanto ao quadro da anomia. Este, para FREUD, é um déficit funcional e não anatômico, conforme apontaram os connexionistas, pois segundo esse autor é incorreto assumir que funções psicológicas elementares estão relacionadas à localização cerebral, enquanto funções psicológicas complexas são o resultado de interação de diferentes regiões cerebrais.

Considerando que os afásicos de Broca não são mudos e que suas realizações são aberrantes apenas do ponto de vista gramatical, e muitas vezes apenas em produção e não em compreensão, o conexionismo não poderia explicar esta afasia, pois não há razão para supor um mapeamento um a um entre atividade lingüística e áreas do cérebro, pois a mera localização não explica um sintoma.

1.4.3. - MODELOS HIERÁRQUICOS

Como as teorias que assumem que a representação da linguagem no cérebro em “centros” determinados são questionadas, outros modelos¹² são propostos. Um deles é o de JACKSON (1874)¹³, que estava interessado nos distúrbios de linguagem e suas bases anatômicas. Tendo acompanhado, como neurologista, pacientes com alterações de linguagem e tendo pesquisado a lesão envolvida, procurou esclarecer as possibilidades lingüísticas dos pacientes. Intrigou-lhe o fato de que alguns pacientes, mesmo não conseguindo repetir, falavam algumas palavras em momentos de excitação ou tensão. A partir dessa observação, passou a considerar o ambiente em que o paciente estava inserido e sua necessidade de uso da linguagem e classificou dois modos de expressão: o emocional e o intelectual; o primeiro preservado, produzido em bloco único, explicaria o uso de interjeições, frases feitas, xingamentos e orações por pacientes afásicos, enquanto o segundo podia estar comprometido.

JACKSON se opôs a BROCA, mas não em relação ao local do sistema nervoso responsável pelo centro da linguagem (corpo estriado ou terceira circunvolução frontal esquerda) e sim quanto à concepção de funcionamento de cérebro, pois JACKSON negou a existência de um centro para a linguagem tanto por achados clínicos, devido à atribuição de problemas de linguagem a diferentes áreas, como por razões teóricas.¹⁴

O que JACKSON fez foi explicitar a contraparte fisiológica de uma função mental localizada no sistema nervoso. Para ele, o cérebro era um órgão do movimento responsável pelo processo de produção da linguagem.

¹²Os modelos hierárquicos, globais e de processamento são apenas mencionados para composição do quadro histórico da neurolingüística.

¹³Sobre a importância histórica de JACKSON (1884) para a neurolingüística atual ver COUDRY (1988:10).

¹⁴A esse respeito é preciso diferenciar entre localizar a área lesada que destruiu a linguagem e localizar a linguagem em alguma área do cérebro. Quanto ao primeiro aspecto, pode-se no máximo supor a localização dos sintomas e não a da função normal (VIEIRA, 1992:50).

Baseando-se na noção de organização hierárquica da linguagem e do sistema nervoso, os modelos hierárquicos agrupam-se nas chamadas teorias holísticas, cuja hipótese é a de que processos neurais psicológicos, integrados ou unitários, estão na base do funcionamento da linguagem tanto normal como patológica.

1.4.4. - MODELOS GLOBAIS

Esses modelos são representados por MARIE (1906) e GOLDSTEIN (1948), que desenvolvem trabalhos sobre afasia nos quais uma única capacidade funcional é a causa predominante do déficit. Para o primeiro autor isso é feito com base em análises anatômicas e, para o segundo, com base psicológica.

Segundo MARIE (1906), a classificação da afasia em subtipos é um erro e por isso postula uma afasia na qual a compreensão da linguagem está perturbada: a afasia de Wernicke, produzida por lesão de áreas posteriores do cérebro, especialmente a junção têmporo-parietal do hemisfério dominante. Para esse autor, o déficit de compreensão precisava ser aferido através de testes que envolvessem um conjunto de comandos, como por exemplo: "havendo três pedaços de papel, ponha o maior dentro da bota, o menor no bolso e atire o médio pela janela". A execução dessa atividade, para MARIE, era sinal de inteligência. Dentre outras considerações neuroanatômicas, esse autor afirmou¹⁵ que o conjunto de lesões posteriores que causam desordens de linguagem eram subcorticais e não corticais. Reanalisou os achados de Broca e discordou deles, no sentido de que para MARIE os afásicos de Broca tinham também lesões posteriores.

O trabalho de MARIE estabeleceu relação das síndromes com a anatomia vascular do cérebro: eram descrições de suprimentos vasculares em zonas de linguagem e descrições de como as lesões vasculares produziam as variedades de afasia. Desse modo, MARIE¹⁶ posicionou-se contra o connexionismo.

Outro representante dos modelos globais, GOLDSTEIN, publicou, em 1948, um volume sobre afasia intitulado "Language and Language Disturbances".

¹⁵Para CAPLAN, as conclusões de MARIE são menos convincentes do que pareceram na época (CAPLAN, 1993:106).

¹⁶MARIE teve seu trabalho divulgado por François MOUTIER (1908), que mostrou dezessete casos de afasia de Broca sem lesão na terceira circunvolução frontal esquerda; doze com lesões na área de Broca, sem manifestação da afasia de Broca, e cinco casos com afasia de Broca e com lesão no "lenticular nucleus of quadrilateral space". (CAPLAN, 1993:109).

Concordando com as idéias de JACKSON de que é impossível localizar funções mentais e sim apenas sintomas, GOLDSTEIN explicou que as patologias não eram consequência direta de lesão localizada: outros fatores entrariam em jogo. Apelou, então, para a psicologia da Gestalt, para explicar a integração de estados psicológicos encontrados nos sujeitos.

Para GOLDSTEIN (1948), há diferentes tipos de sintomas, em consequência direta da lesão orgânica, como os chamados “defeitos de performance”: alguns indiretos, consequência de desintegração alterando a performance geral, outros secundários, consequência de efeitos do processo patológico em outras partes do sistema nervoso e, finalmente, os sintomas de proteção, ou reações catastróficas, como a perseveração e fadiga, que ocorreriam frente a determinadas tarefas envolvendo alteração do comportamento. Diferenciou ainda a linguagem concreta (instrumentalidade da fala para produção e compreensão) da linguagem abstrata, volitiva e racional, embora ambas se combinassem na linguagem cotidiana.

A contribuição de GOLDSTEIN para a avaliação da linguagem sugeria a avaliação qualitativa com registro descritivo detalhado. Esse exame de linguagem inclui análise de produção espontânea em conversa informal e deveria testar a capacidade de produzir conteúdos memorizados: seqüências, músicas e orações.

1.4.5. - OS MODELOS DE PROCESSAMENTO

Esses modelos representam um progresso no campo das neurociências e na neurolingüística. Todas as atividades que envolvem a linguagem (produção, compreensão, leitura e escrita) como resultado de vários componentes processuais identificáveis são consideradas, com ênfase sobre a natureza qualitativa da linguagem patológica.

LURIA (1947-1977)¹⁷ é um dos representantes desses modelos. Para ele, a linguagem danificada apresenta problemas num conjunto de funções psicológicas relacionadas no cérebro. Assim, a faculdade de produzir ou compreender a linguagem envolve funções complexas que demandam a interação de diferentes regiões do cérebro. O modelo de LURIA considera os usos da linguagem, incluindo produção, compreensão e

¹⁷ A finalidade da menção do trabalho de LURIA é apenas a composição do esboço histórico dos estudos sobre afasia, neles incluídos o agramatismo.

atividades relacionadas, como nomeação, repetição, escrita, leitura, além de salientar a questão da função reguladora da linguagem sobre o pensamento.

Outra consideração relevante é a de que os níveis lingüísticos afetados na afasia podem ser contemplados. Admite esse autor que cada subcomponente está relacionado a uma área do cérebro e o desempenho de função neuropsicológica é consequência de integração de vários centros cerebrais, pois o cérebro é considerado um todo funcional complexo.

LURIA descreve os processos envolvidos na produção da fala destacando o papel do lobo frontal para o planejamento e criação de intenções. Desse modo, as lesões frontais não são diretamente responsáveis pela desintegração dos níveis lingüísticos, mas perturbam a capacidade de iniciação e de regulação da fala, comprometendo, por exemplo, a espontaneidade do paciente, provocando passividade e monotonia na linguagem. Comenta o autor que um paciente com comprometimento frontal pode ser capaz de responder a uma pergunta e reconstruí-la com o mesmo vocabulário terminal dado, sem, no entanto, responder a outras nas quais a “colagem” estrutural se torna inviável. Assim, a uma pergunta como: “Ele está comprando a casa?”, o paciente poderá responder: “Sim, ele está comprando a casa”. Porém, se for perguntado: “Onde ele está comprando a casa?”, a resposta, que demanda uma criatividade estrutural maior do paciente, não se realiza.¹⁸

Quando a lesão for circunscrita e envolver a parte inferior do lobo frontal esquerdo, anterior à área de Broca, há produção de um quadro afasiológico que LURIA chama de afasia dinâmica frontal, cujos sintomas são semelhantes à afasia motora transcortical. Esta, embora não comprometa a repetição e o processo de produção de palavras, perturba o discurso espontâneo, o que está relacionado ao papel que o lobo pré-frontal desempenha na iniciação do movimento, não havendo nesta síndrome desintegração de qualquer nível lingüístico: fonológico, sintático, ou semântico. Já a área frontal superior do córtex do hemisfério dominante, situado entre as áreas motoras e as áreas pré-motoras, não desempenha papel direto com respeito aos elementos da linguagem em si. Quanto à linguagem, admitiu LURIA que lesões nesta área produzem uma fala hesitante: o paciente realiza um significado complexo numa simples unidade, havendo

¹⁸Esta questão difere da que ocorre no agramatismo, conforme descrito nos Capítulos II e III.

simplificação de sentenças para que o paciente possa manter o que foi dito e completar sentenças gramaticalmente. A compreensão também é afetada porque o paciente retém somente aspectos isolados de sentenças complexas, devido à dificuldade de ligar elementos estruturais da sentença, isto é, de integrar partes da sentença (LURIA, 1947:176).

Para LURIA, as lesões nas porções inferiores do córtex de associação motora, que inclui a área de Broca, é que produzem síndromes que afetam a estrutura lingüística em si, havendo prejuízo na capacidade de ligar elementos em sequência, com desorganização temporal da narrativa e problemas de compreensão. Afirma que lesões nesta área acarretam desintegração nas sentenças e palavras, tornando-se impossível a articulação normal. Nesse quadro, o paciente, que pronuncia palavras isoladas, preserva nominativo, mas tem a função prediativa afetada. Assim, a nomeação de objetos mantém-se, mas a conversa espontânea não, o que LURIA chama de estilo telegráfico (LURIA, 1947:187-189).

O modo como LURIA explica o processo de nomear objetos é compatível com a sua concepção dinâmica de cérebro: a nomeação envolve sequenciação e ativação paralela de várias regiões do cérebro, cada uma desempenhando sua tarefa. Componentes da tarefa de nomeação (o córtex frontal responsável pela atenção e o córtex temporal responsável pela análise fonêmica) são ativados no momento da produção espontânea da fala, o que está coerente com o conceito de que subcomponentes de funções mentais superiores estão divididos em diferentes funções. Quanto às parafasias verbais, considera que lesões na área de associação terciária, na zona parieto-occipital esquerda, desempenham papel relevante, havendo quadros com graus diferentes de severidade, alguns resolvidos quando é dado o “prompting” inicial. Mas o autor não analisa este fato como sendo causado por qualquer problema sintático envolvido.

Também a tarefa de repetição de sentenças demanda, segundo LURIA, o envolvimento de regiões diferentes. Para que uma sentença possa ser repetida, o som precisa ser discriminado, isto é, os fonemas diferenciados, o que é responsabilidade da região temporal esquerda: lesões severas nesta área provocam agnosia, isto é, incapacidade de reconhecer sons da fala. LURIA insiste em que a repetição é uma função complexa que envolve componentes diversos do cérebro, inclusive o lobo frontal para a

programação. Do mesmo modo que para as parafasias, LURIA não sinaliza que a repetição possa estar perturbada quando o problema central da afasia for de natureza sintática. Sua explicação é de que há uma inércia patológica para repetir séries de palavras (LURIA, 1977:77).

Segundo o autor, na afasia motora aferente e lesão na área posterior cortical pós-central o ato de falar é prejudicado e, se a lesão afetar a parte baixa da região pós-central esquerda, responsável por língua, face e lábios, a dificuldade motora-articulatória é que será responsável por problemas de fala. Trata-se, então, de apraxia oral associada a quadros motores de afasia, havendo centralização na análise de aspectos motores, sem relação com os processos lingüísticos propriamente ditos.

Sob a mesma perspectiva, aponta LURIA (1977) que lesões nas zonas inferiores do córtex de associação motora produzem inércia e perseveração, tal como ocorre na afasia motora eferente (afasia de Broca), na qual, segundo o autor, o paciente pode repetir palavras curtas isoladas, mas não palavras longas. Quanto ao processo de compreensão, também estão envolvidas diferentes regiões do cérebro: uma delas responsável pela capacidade de discriminar sons – a região temporal esquerda. Lesões na zona posterior da região têmporo-occipital esquerda impedem a compreensão de palavras, acarretando uma afasia que foi classicamente distinguida como afasia de Wernicke, na qual o processo de compreensão não é comprometido pela análise fonêmica.

Quanto à questão do processamento sintático da linguagem, LURIA considera dois aspectos: o primeiro, causado por lesões no lobo temporal esquerdo, acarreta afasia acústico-amnésica, pela incapacidade de retenção, na memória, de seqüências lingüísticas, havendo esquecimento e confusão na ordem das palavras; o outro, ocasionado por lesões na junção têmporo-parieto-occipital do hemisfério esquerdo, é responsável por relações espaciais, funções aritméticas, relações lógico-matemáticas e sintáticas. Então, sintomas lingüísticos decorrentes de lesão nas regiões têmporo-parieto-occipitais apontam para a existência de um sistema sintático específico no processamento da linguagem responsável pelas relações de caso, preposições, ordem das palavras e relações gramaticais, questão central deste trabalho. Estas últimas considerações, relevantes para o agramatismo, são feitas a partir de um modelo de linguagem no qual está embutido um modelo geral das funções neuropsicológicas, que não se preocupa apenas

com a localização dos componentes do processamento da linguagem, mas com o funcionamento do cérebro como um todo. Para LURIA o componente lingüístico não está isolado, mas sim relacionado com outras funções intelectuais.

Estas considerações de LURIA (1977) levam-no a sistematizar as seguintes formas de afasia:

1. afasia sensorial, na qual o paciente apresenta problemas de compreensão (mas não é surdo), repetição, nomeação e escrita;
2. afasia acústico-amnésica, na qual o paciente não retém o volume de informações, não repetindo seqüências de mais de três palavras;
3. afasia motora, subdividida em aferente e eferente, esta última também denominada afasia de Broca;
 - a afasia motora aferente afeta movimentos de língua, lábios, laringe e suas combinações necessárias. É ocasionada por lesão geralmente na parte pós-central do hemisfério esquerdo (circunvolução de Rolando);
 - na afasia motora eferente a questão envolvida não é apenas de ordem motora-articulatória. Admite LURIA que, ao contrário dos pacientes com afasia motora aferente, os afásicos de Broca mantêm os movimentos necessários para articulação. O estudo desta afasia, cujo sintoma relevante é o agramatismo, demonstra que a competência gramatical para compreender e produzir sentenças de uma língua envolve operações mais complexas do que percepção e organização de sons;¹⁹
4. afasia semântica, em que a síntese simultânea necessária para apreensão da significação está rompida. O paciente é incapaz de perceber relações do sistema lógico-gramatical da língua;
5. afasia dinâmica, em que o desenvolvimento da narrativa está abalado devido à destruição de áreas frontais, com perturbação da espontaneidade discursiva, não envolvendo problemas de percepção nem problemas articulatorios ou do sistema lógico-gramatical.

¹⁹Propõe LURIA que: "A characteristic of this form of motor aphasia is a significant difficulty in transition from the pronunciation of separate sounds to a whole phrase, or, even more, to a linked expression". (LURIA, 1977:55).

LURIA (1977:67) revisa estas formas básicas de afasia à luz do que ele mesmo considera neuropsicologia moderna, não apenas descrevendo formas de afasia, mas contemplando o entendimento dos mecanismos subjacentes a cada síndrome. Sua reclassificação, porém, não difere significativamente do que havia sido postulado pelos estudos clássicos,²⁰ pelo menos no que se refere à afasia de Broca e Wernicke, não havendo clareza suficiente para a caracterização do quadro do agramatismo a partir das contribuições de LURIA.

Além das afasias motoras e sensoriais, formas mais complexas de afasia foram consideradas por LURIA: afasia amnésica, transcortical e de condução. A primeira é caracterizada por “word finding difficulty”, a segunda tem como sintoma básico a falta de discurso espontâneo e a última tem como principal evidência a dificuldade de repetir palavras (LURIA, 1977:72, 76, 80).

Na reclassificação proposta por LURIA (1977), sintomas do agramatismo, denominado por ele de estilo telegráfico, são sintomas importantes da afasia transcortical motora.²¹ Sob esse “rótulo”, considera que o paciente portador deste tipo de afasia não tem problemas de nomeação, repetição de palavras isoladas e de compreensão da fala, mas é incapaz de narrar eventos e falar espontaneamente. LURIA, porém, não aponta para o fato de que a dificuldade de narrar ocorre devido à falta de recursos sintáticos disponíveis.

1.4.6. - JAKOBSON RECONSIDERADO

Nos estudos de afasia linguisticamente amparados sobressai JAKOBSON (1941), que propõe uma análise lingüística da produção afásica para obtenção de um critério homogêneo para a classificação das afasias, tendo sido o primeiro a utilizar conceitos lingüísticos, vigentes no estruturalismo da época, para tal finalidade. Retomando LURIA e GOLDSTEIN, descreveu a afasia de Broca como uma desordem combinatória, de contigüidade ou sintagmática, devido à dificuldade de encadeamento de

²⁰Considerando as formas clássicas de afasia, manuais de neuropsicologia atualizados (LECOURS, 1987:315-317) apontam os seguintes tipos de síndromes: 1. afasia de Broca; 2. afasias de condução: Wernicke e amnésia; 3. afasias transcorticais: sensoriais e motoras; 4. afasias globais e mistas; 5. afasias subcorticais.

²¹LURIA aponta a necessidade de investigação cuidadosa sobre esta afasia, em neuropsicologia e neurolingüística: “It is very probable that this kind of aphasia, which we described elsewhere as “dynamic aphasia” is sometimes very close to the well known aphasia with a “telegraphic style”, where only nominative parts of sentences remain and where all predicative parts of sentences are lost”. (LURIA, 1977:79).

itens, ao contrário da afasia de Wernicke. Esta seria uma desordem paradigmática, na seleção e similaridade, na qual o paciente é capaz de encadear elementos contíguos, mas incapaz de selecionar itens de um paradigma para inserção em conglomerados sintáticos. A primeira classificou como afasia de “encodage” ou expressiva e, a segunda, afasia de “decodage” ou receptiva.

Para JAKOBSON (1966:160-161), as afasias podem ser divididas em dois tipos de distúrbios, relacionados aos dois tipos de relações lingüísticas estruturalistas permitidas entre os constituintes: as desordens de similaridade, ligadas às relações paradigmáticas, e as de contigüidade, correspondendo às relações sintagmáticas. A primeira permite substituição de elementos lexicais por palavras da mesma categoria e a segunda daria conta da perda de conexões entre as palavras. Neste último tipo, estaria incluído o agramatismo como uma afasia expressiva, de “encodage” (JAKOBSON, 1955:112-113).

JAKOBSON, cujo trabalho tem valor histórico, mencionou ainda a relação entre linguagem infantil e afasia. Sua preocupação era mostrar que aquisição e perda de linguagem estavam submetidas aos mesmos princípios fundamentais que determinam os universais. Mas estava preocupado principalmente com a questão do inventário fonêmico.

JAKOBSON tratou de dois aspectos relacionados à afasia: tentou abordar afasia e sua relação com a teoria dos traços distintivos²² e interessou-se em abordar gramaticalmente desordens afásicas, mas seu trabalho não faz progredir abordagens da questão do agramatismo propriamente dito. Criticando JAKOBSON, CARAMAZZA e ZURIF (1978) afirmaram que as desordens de contigüidade apontadas por ele não apresentavam resultado prático, pois não havia nada que especificasse a omissão de vocabulário de classe fechada e a manutenção de outras categorias. As considerações de JAKOBSON, porém, permitiram estabelecer que as afasias de Broca e Wernicke estão em distribuição complementar. O que deve ser considerado é que, na falta de outra abordagem lingüística de plantão, na época, a proposta de JAKOBSON foi assumida por LURIA, pois o paradigma estruturalista também lhe servia de suporte.

²²Para JAKOBSON, perdas de distinções seriam ordenadas de acordo com a hierarquia de traços distintivos e tal ordem seria observada no processo de aquisição da linguagem, em direção oposta à perda de traços, na afasia. Esta é a conhecida hipótese da Regressão. Jakobson não considerou, porém, que a afasia não é progressiva.

Procurei traçar, até aqui, um esboço geral, extremamente resumido, da história da neurolingüística, mas deve ter ficado marcada a centralização em trabalhos clínicos. Não se observaram na neurolingüística clássica trabalhos orientados por uma concepção teórica lingüisticamente informada, que ultrapassasse fins classificatórios, circunscrevendo-se, então, à afasiologia lingüística. Mesmo os trabalhos de JAKOBSON tiveram origem em observações clínicas. Neles não havia precisão de detalhes ou descrição de situação de experimentos, e a lingüística foi usada apenas para fins taxionômicos.²³

O que ficou evidente é que, durante todos esses anos, a discussão principal em neurolingüística limitava-se à polêmica entre teorias localizacionistas e holísticas, no que se refere às relações linguagem e cérebro.

1.5. - AS TENDÊNCIAS RECENTES DA NEUROLINGÜÍSTICA

A descrição lingüística das síndromes afasiológicas, com um certo distanciamento do foco clínico e relevância de critérios lingüísticos, foi constituindo a neurolingüística como um ramo autônomo das neurociências e ciências lingüísticas, independente da psicolingüística e da neuropsicologia. Mas os enfoques lingüísticos, principalmente sobre o agramatismo, mesmo com o desenvolvimento da ciência que os abrigava, continuaram indutivistas. Os textos mostram apenas quantificações de realizações isoladas, sem orientação experimental adequada (HEESCHEN, 1985:207).

Uma mudança significativa na direção dos estudos sobre o agramatismo ocorreu nos anos 70, quando se difundiram os trabalhos de CHOMSKY (1965). Foi com o advento do gerativismo que houve progresso na área, deixando de haver apenas preocupações descritivistas, o que pode ser constatado pelo grau de aprofundamento das análises lingüísticas no decorrer das publicações de "Brain and Language", representativas dessa área. De início, o "transporte" do aparato técnico da gramática gerativa para a neurolingüística é tímido: reduz-se à questão do julgamento de gramaticalidade, manutenção ou não de papéis temáticos, manutenção da estrutura

²³Para um percurso histórico detalhado sobre o primeiro trabalho sobre afasia lingüisticamente informado, ver JAKOBSON (1941-1955-1963-1966-1969).

esquelética da sentença, marcação ou não de caso, e competência para compreensão ou não de determinadas estruturas.²⁴

Porém, o gerativismo chomskiano, fortemente presente como teoria de apoio nos trabalhos sobre agramatismo devido à essência da questão sintática envolvida nesta afasia, conforme abordarei no Capítulo III, não é a única tendência da neurolinguística nas últimas décadas.

A partir do quadro deixado pelas leituras sobre o assunto, sob diferentes enfoques teóricos, concluo que a neurolinguística moderna está marcada, nos anos 90, por três tendências:

1. ainda há resquícios do connexionismo e do estruturalismo lingüístico praticado por pesquisadores²⁵ que se limitam às descrições estatísticas e quantificações;
2. destaca-se, no campo de estudos, a neurolinguística discursivamente orientada, que tem representatividade no trabalho de COUDRY, explicitado desde 1986, mencionado no item 1.3;
3. cresce o número de investigações que tomam a teoria chomskiana como aparato teórico para análise de fatos gramaticais isolados, sem, contudo, discutir a questão da aceitação dos acompanhantes epistemológicos do modelo, tais como o inatismo e a modularidade, com exceção de GRODZINSKY (1984-1995), cujo trabalho é representativo dessa última tendência.

O trabalho de CHOMSKY constitui, portanto, um dos provocadores da transição para a neurolinguística moderna nos estudos sobre agramatismo, dada a necessidade de uma teoria sintática para explicitar as análises dos dados do agramatismo e explicar a competência do paciente. Porém, para o trabalho em neurolinguística em geral, para a orientação terapêutica e para a explicitação de outras síndromes afásicas, a teoria chomskiana é limitada, pois seu âmbito não abarca as questões relativas ao desempenho. Por isso, há necessidade de considerar a neurolinguística conforme COUDRY (1986),

²⁴ Apesar da relevância de personagens da história da neurolinguística, como LURIA, a explicitação sobre agramatismo, nas publicações recentes sobre o assunto, não tem se baseado nas suas postulações.

²⁵ Esta tendência residual da neurolinguística clássica explica por que ainda há encaminhamentos terapêuticos de agramatismo baseados numa concepção behaviorista de linguagem e que propõem "treinamento" de pacientes com listagens de verbos a serem conjugados, por exemplo, não levando em conta o conhecimento lingüístico preservado nem tendo em mira que a linguagem não é um hábito a ser treinado.

que, evitando enxergar pela fresta estreita das descrições gramaticais, desenvolve seu trabalho e explicita detalhadamente a segunda tendência acima mencionada. Embora reconhecendo a validade do seu argumento, ao considerar o âmbito maior da possibilidade de trabalho na perspectiva da dimensão discursiva da linguagem e na constituição do processo de significação, opto por analisar uma única faceta da questão envolvida no agramatismo: as estruturas sintáticas. Para isso, a teoria chomskiana é eleita, devido à especificidade do nível lingüístico afetado no agramatismo.

1.5.1. - A TENDÊNCIA GERATIVISTA NO ESTUDO DO AGRAMATISMO: ACOMPANHANTES NECESSÁRIOS

Apesar de optar pela teoria chomskiana para análise dos dados do agramatismo, seguindo uma forte tendência recente de trabalhos em neurolingüística, é preciso salientar que foi a partir de um trabalho com a linguagem discursivamente orientado, conforme COUDRY (1988), que consegui obter dados para análise,²⁶ pois este era o lugar de acesso à linguagem externalizada. Portanto, foi através de dados da performance que tive acesso à competência.²⁷ Minha preocupação, contudo, desde o início, era com a linguagem interna, em razão da busca de superação da observação e descrição para atingir o nível explanatório da adequação científica, razão pela qual assumo um modelo mentalista, que tem como cerne a sintaxe. Conseqüentemente, por razões epistemológicas, devem ser assumidos os acompanhantes teóricos do modelo: a modularidade, o inatismo e a gramática universal.

Conforme licitações teóricas, ao tomar a teoria chomskiana como aparato técnico-teórico para análise de dados, o que assumo é um modelo de gramática da linguagem interna. Para a explicação das relações sintáticas afetadas no agramatismo, deixo de olhar os acompanhamentos discursivos da situação de produção, o relacionamento paciente-investigador, focalizando, dos dados da "performance", a

²⁶A adoção desse procedimento metodológico, e não apenas a dos experimentos clássicos, evitou análise equivocada de dados, semelhante ao que ocorreu em trabalhos como GRODZINSKY (1993) e HICKOK e AVRUTIN (1995), comentados no Capítulo III, para os quais a falta de referência aos elementos do discurso foi tomada como explicação central dos problemas do agramatismo.

²⁷Admite COUDRY (nas suas inúmeras comunicações pessoais) que uma lingüística discursivamente orientada pode integrar em seu domínio estudos lingüisticamente informados, ou seja, estudos que envolvem as dimensões da linguagem: fonológica, sintática, semântica e pragmática e suas relações no processo verbal e não-verbal. Nesse sentido, o estudo lingüístico do agramatismo numa abordagem discursiva das patologias cerebrais – a partir da qual os sintomas se exibem e experimentos singulares são organizados para uma avaliação mais precisa e uma intervenção mais eficiente – pode ser informado pela Teoria Chomskiana.

estrutura sintática da língua. Usando uma metáfora, pode ser considerado que a análise sintática de dados patológicos retirados de acompanhamento longitudinal da linguagem em uso equivale ao exame de uma lâmina de um tecido humano qualquer em um laboratório. A lâmina não é mais o corpo humano, mas uma pequena partícula dela, e as células agrupadas no pequeno campo ótico de um microscópio podem explicar o funcionamento do corpo em uma instância maior. Trata-se de um procedimento necessário, uma escolha teórica que respeita o poder de abrangência e os limites da teoria, clareza que o neurolinguista deve ter quando acionar uma ou outra teoria para explicar o dado-achado que um quadro patológico exhibir.²⁸ A partir das reflexões teoria-dado e dado-teoria, a investigação concentrou-se em uma particularidade da linguagem, num nível lingüístico – o sintático – na estrutura da língua, pois o agramatismo é um problema de língua e não de fala; é um rompimento no sistema lingüístico.

Assumindo a teoria chomskiana, pontos de ancoragem da pesquisa em linguagem patológica são coincidentes com as metas da teoria, pois uma teoria de como uma gramática é “aprendida” deve ser uma teoria, mesmo que parcial, de como as línguas são “aprendidas”, uma vez que a gramática de uma língua deve ser internamente representada por falantes e ouvintes dessa língua. Nesse sentido, a reaquisição pode ser teoricamente vista do mesmo modo que a aquisição. A gramática é internamente representada e está envolvida na interação entre falantes e ouvintes tanto quanto as trocas são mediadas pelo uso da linguagem que compartilham. Assim, tanto produção como compreensão de uma língua envolvem a gramática internamente representada (FODOR, 1985:148).

Desde os primeiros tempos de discussão sobre a teoria da gramática gerativa, já era considerado que teorias da competência dão conta de fatos sobre a competência do falante-ouvinte em relação a propriedades de sua gramática internalizada, enquanto teorias da performance dão conta de fatos referentes a interações entre gramáticas representadas internamente e de outros aspectos da psicologia do falante-ouvinte. Na essência, a distinção competência-desempenho é uma distinção entre tipos de explicação: teorias da competência dão conta de fatos da linguagem interna e teorias do desempenho procuram explicar linguagem externa. Porém, como apontou FODOR, a

²⁸Para detalhes ver GREGOLIN-GUINDASTE (1989).

questão da diferenciação entre competência e desempenho não é uma restrição metodológica imposta às teorias linguísticas, acima da correspondência aos fatos, não havendo dado de competência e dados de performance. O que há são fatos linguísticos (FODOR, 1985:155-157).

A esse respeito, ao adotar uma teoria chomskiana para análise de dados patológicos é preciso salientar que, além da noção de competência-desempenho, é necessário considerar a noção de falante-ouvinte ideal, pois a idealização, no caso do agramatismo, deve ser tomada sob as mesmas dimensões teóricas do falante-ouvinte normal. Deve ser considerada, porém, a limitação de produção e compreensão – facetas da competência linguística – sem necessidade de menção à natureza da interação presente no âmbito discursivo maior, que foi o lugar da coleta de dados. Como o foco neste trabalho é a gramática do agramatismo, as características do “paciente-ideal” são definidas sem menção aos efeitos da interação, os quais são tomados como relevantes apenas no que concerne à exibição da sintaxe do paciente para torná-la visível, a ponto de ser verificado o que ainda existe na competência do falante, e para fazer com que o paciente exiba o déficit a ser explicado quanto ao que está rompido nos mecanismos sintáticos. Estas considerações não invalidam o fato de que a questão central no estudo do agramatismo, sob a ótica da teoria chomskiana, é a gramática da competência, seja da produção, seja da compreensão, pois a competência deve ser considerada enquanto capacidade de produzir e compreender estruturas da língua nativa. Pode haver compreensão sem produção, mas nunca foi constatado um caso em que um falante-ouvinte compreendesse apenas uma língua e produzisse outra que não compreendesse, o que quer dizer que o sistema de desempenho acessa o mesmo corpo de informação que o sistema de competência. Por isso, ambos podem ser abordados sob o mesmo esquema teórico.²⁹

Feitas estas considerações, pode ser caracterizada a noção de dado linguístico, aqueles dados que são, de fato, explicáveis por referência àqueles construtos

²⁹Considerações semelhantes são feitas por NASCIMENTO e DILLINGER (1995) a respeito das relações entre gramática e “parser”. Para esses autores, o programa minimalista, conforme CHOMSKY (1992), fornece, através da postulação dos níveis de interface, uma perspectiva nova para uma teoria viável do “parsing” sob o mesmo esquema da teoria da representação da gramática. Recolocando a distinção entre conhecimento e uso, conforme um estatuto estático e dinâmico da gramática, eliminam o “parser” enquanto entidade teórica, o que torna a relação entre gramática e “parser” um problema central da teoria linguística. Considero que a convergência de princípios da gramática e princípios de processamento pode ter consequências empíricas e teóricas delineadas a partir de dados do agramatismo, uma vez que conhecimento da estrutura e “parser” podem ter a explicitação auxiliada pelos dados em câmara lenta da linguagem patológica, quando o nível sintático estiver comprometido.

teóricos postulados para teorias do falante-ouvinte ideal (FODOR, 1985:156). É preciso estabelecer o que é o dado lingüístico patológico e, desde que se assuma que a gramática do agramatismo é a de um falante ideal, nesse quadro, decorre que os dados lingüísticos são relevantes para a confirmação da gramática do agramatismo: são fatos lingüísticos relevantes. Além disso, podem servir de confirmação de outros postulados da teoria, pois através do dado patológico pode-se espionar o que ocorre com a linguagem no cérebro, embora a teoria chomskiana não tenha sido proposta para dar conta de casos patológicos.³⁰

Assumida a teoria chomskiana, outros pontos merecem reflexão. Uma questão relacionada à competência lingüística do falante refere-se à sua intuição em reconhecer sentenças bem formadas na sua língua, tópico este largamente explorado em estudos que analisam e comentam testes de julgamento de gramaticalidade³¹ em pacientes agramáticos. Os resultados desses testes têm constituído fonte de argumentação para a afirmação de que a competência dos agramáticos para julgamento de gramaticalidade está preservada, o que confirma uma gramática internamente representada também em casos patológicos de agramatismo.

Outra questão emergente, ao assumir a teoria gerativa, refere-se ao dispositivo de aquisição de linguagem, uma bagagem biológica acionada quando a criança é exposta aos dados e passa a representar na mente/cérebro a gramática particular da língua a que é exposta, devido à sua inscrição prévia na gramática universal. Para CHOMSKY o processo de aquisição da linguagem é guiado pelos dados: diferentes linguagens serão produzidas conforme os dados lingüísticos primários. Trata-se de um processo inacessível à consciência, que ocorre de modo próprio, como se fosse um crescimento físico. A esse respeito, é preciso considerar a questão da reaquisição da linguagem do quadro patológico do agramatismo em relação ao processo da aquisição da linguagem pela criança: são processos semelhantes se considerarmos que no quadro

³⁰CHOMSKY (1995), considerando a linguagem como elemento do mundo natural e numa proposta de abordagem para a linguagem na qual teorias da linguagem e mente podem ser estabelecidas sob bases naturalísticas, afirma não assumir que as propriedades mentais possam ser reduzidas às propriedades das redes neuronais, e acrescenta: "If the thesis about neural networks is understood as research proposal, well and good; we wait and see". No entanto, CHOMSKY (1995) faz menção, no mesmo artigo e em CHOMSKY (1988), a quadros patológicos exóticos, e anteriormente (1984) havia assinado a tese de GRODZINSKY (1984b) sobre o agramatismo.

³¹Para detalhes deste estudo em um caso de agramatismo em português, ver NOVAES PINTO (1992), embora não haja nesse trabalho afirmação de que é assumida a teoria da gramática gerativa chomskiana como construto teórico para informar a análise lingüística. Numa perspectiva discursiva, é também analisado o desempenho do paciente no que se refere à sua competência para julgamento de gramaticalidade. Este trabalho será retomado no Capítulo III.

patológico do agramatismo pode haver uma reaquisição da linguagem, conforme será demonstrado no Capítulo III, mas o quadro patológico guarda peculiaridades específicas.³² O paciente já havia adquirido as estruturas da linguagem, era um falante ideal e perde parte da competência para essas mesmas estruturas, as quais, para serem readquiridas, necessitam de uma exposição e envolvimento com os dados da linguagem. Isso impõe condições a respeito da viabilidade biológica da teoria lingüística, pois é esperado da teoria que ela encontre o critério da compatibilidade patológica no que se refere à linguagem, pois todo padrão de alteração e preservação da atividade lingüística deve ser abordado de um modo natural, não de modo “ad-hoc” (GRODZINSKY, 1990:111) e, por extensão, o padrão de reaquisição precisa ser considerado.

Os estudos realizados no passado, mencionados no percurso histórico da neurolingüística, não explicitaram o funcionamento da linguagem nem checaram teorias em face do corpo teórico que os respaldava. Eram insuficientes para serem considerados num caso em que a lesão cerebral do paciente interrompia a capacidade de entender sentença de algum tipo sintático. Quando esta for a evidência num quadro de afasia, uma teoria da sintaxe deve ser acionada para análise lingüística e sob ela devem ser abrigadas as explicações. Desse ponto de vista, a linguagem de um caso patológico de agramatismo pode servir como poderoso teste para a viabilidade biológica de modelos teóricos específicos. Nessa perspectiva, a caracterização do déficit estrutural, conforme perda ou preservação, precisa ser acomodada numa teoria de natureza sintática para que sejam estabelecidas generalizações e para explicar o que foi abalado e o que foi preservado. Se a teoria preencher este requisito, ela é compatível neurologicamente.

Apesar de não parecer necessária a combinação entre lesão cortical e teoria da sintaxe, há perturbações de linguagem altamente relevantes para a lingüística quando o nível sintático está abalado. Por isso, os dados de linguagem patológica do agramatismo devem interessar à teoria da gramática gerativa como os dados de qualquer outra língua humana possível e, além disso, podemos usar dados de linguagem patológica para motivar cognitivamente modificações e acréscimos na teoria lingüística.

Deve ser estabelecida uma descrição generalizada, a partir da teoria lingüística, a qual deve ser capaz de abordar padrões de alterações e preservação após uma

³²Este assunto será ampliado no Capítulo IV.

lesão cerebral. Nesse processo é a própria linguagem de falantes normais que pode ter sua estrutura melhor explicitada. A esse respeito, PACKARD (1993) usa as seguintes metáforas: a estrutura e composição de um vaso não é aparente até que ele seja quebrado; assim também, o desempenho de um sistema operacional de um computador, que fica fora do seu planejamento devido a um circuito defeituoso no “hardware”, pode dar-nos informação sobre a estrutura do sistema. Deste modo, sistemas anormais são freqüentemente usados para inferir características da estrutura do sistema normal, tal como funciona a biologia: informações sobre a estrutura da célula normal é freqüentemente obtida considerando-se as características da célula patológica; a ocorrência de tumores cerebrais em áreas responsáveis pela visão, causando déficit no sistema visual, pode evidenciar conclusões a respeito de como a visão é processada normalmente e, do mesmo modo, aspectos da estrutura da linguagem podem ser inferidos a partir da observação, em câmara lenta, de uma linguagem patológica.

Se uma das metas da teoria lingüística é determinar a estrutura da linguagem e descobrir a natureza da competência lingüística humana, então a análise da produção-compreensão da linguagem patológica do agramatismo, do mesmo modo que a análise da produção normal, deve alcançar resultados convergentes para suportar uma teoria geral universal da competência lingüística humana. A esse respeito, pode ser considerado, conforme propõe HAGIWARA (1993), que dada a noção de competência de um certo sistema de conhecimento, representado de algum modo na mente/cérebro em alguma configuração física, uma teoria de gramática biologicamente viável deve ser capaz de prever o que tende a ser preservado e o que é passível de desintegração na sintaxe após uma lesão cerebral. Isso quer dizer que um padrão gramatical de seletividade, observado na afasia, deve ser visto de modo natural.³³ Esta restrição pode ser estendida para as variações do agramatismo nas diferentes línguas (HAGIWARA, 1993:319).

Essa perspectiva teórica, assumida para dar conta do nível sintático afetado no agramatismo, difere das abordagens do connexionismo no sentido de que não é preciso fazer relação entre os processos mentais e o problema físico do sistema nervoso; difere também dos modelos de processamento, pois abstrai as propriedades estruturais do

³³Este fato é mencionado por GRODZINSKY (1990) como “Breakdown Compatibility Constraint” (GRODZINSKY, 1990:111).

sistema lingüístico sem dar conta da atividade lingüística e não é dada atenção aos canais através dos quais a linguagem é praticada, mas sim às propriedades de sua estrutura.

Assumida a perspectiva chomskiana, padrões de alterações e preservação na afasia podem ter repercussões na teoria lingüística gerativa, quando, depois dos anos 70, com o desenrolar dos trabalhos na teoria em si, os achados teóricos puderam iluminar as análises dos dados patológicos do agramatismo.³⁴ Esta teoria lingüística passou a ser vista como uma abordagem do conhecimento gramatical que é representado no cérebro e pode ser capaz de explicar padrões observados na afasia (GRODZINSKY, 1990, e GRODZINSKY, PIERCE e MARAKOVITZ, 1991). Tal abordagem é compatível com as características do agramatismo e da própria teoria, pois o que o paciente com afasia de Broca tem afetada é a gramática da língua e não a própria linguagem, nem todo conhecimento lingüístico-cognitivo relacionado à linguagem, pois não apresenta a dimensão semântica alterada nem o conhecimento lexical abalado.

CHOMSKY (1988), ao tratar da linguagem e de outros sistemas cognitivos, permite-nos interpretar que a linguagem externalizada pode fornecer evidências para responder às questões relevantes sobre a natureza da língua particular e sobre os modos como o conhecimento da linguagem existe e é usado. Considera CHOMSKY (1988) que o julgamento de sentenças pode oferecer evidências importantes, as quais podem vir de outras fontes, das neurociências talvez (CHOMSKY, 1988:8). Nesse trabalho, CHOMSKY (1988) considera que a habilidade no uso da linguagem pode estar danificada, e até desaparecer, mas sem perda do conhecimento da linguagem. Quando de algum modo esta habilidade é readquirida, o que se recupera é o conhecimento da língua particular e não de outra, o que demonstra que alguma coisa permaneceu intacta enquanto a linguagem esteve abalada.

Genericamente considerando, o que permaneceu totalmente intacto no caso P. do português foi a propriedade da linguagem, o conhecimento parcial de uma língua particular, que não pode ser redutível à habilidade, o que é compatível com a hipótese de

³⁴ Antes dos anos 70, GOODGLASS e HUNT (1958) documentaram alguns déficits gramaticais, mas foi nos anos 70 que se constatou um estudo sistemático dos déficits de linguagem do ponto de vista gramatical, principalmente sobre o agramatismo na afasia de Broca. Alguns trabalhos são apontados, nesta época, como responsáveis pela mudança de perspectiva: ZURIF e CARAMAZZA (1970); CARAMAZZA e ZURIF (1976); HEILMAN e SCHOLLES (1976). Estes trabalhos, responsáveis por uma nova geração de pesquisadores, marcaram os estudos sobre as relações linguagem/cérebro, concebendo a afasia como um rompimento das atividades lingüísticas e fazendo uma separação dos níveis lingüísticos implodidos nas diversas afasias. Foi a partir daí que as afasias foram vistas como abalos em níveis diferentes. Os estudos mostram que intrincados sistemas de princípios gramaticais rompem-se com uma lesão cerebral e detalhes gramaticais passam a ser investigados para constatar o que a lingüística tem a dizer. Vai nascendo assim a neurolingüística (lingüisticamente informada), com trabalhos como os de GRODZINSKY (1984-1990).

que o uso e a compreensão de expressões linguísticas exige computação mental, envolvendo representações mentais abstratas e princípios gerais da faculdade inata da linguagem. Estas reflexões teóricas suscitam outras, em face do quadro patológico do agramatismo: a questão da modularidade da mente e a do paralelismo produção-compreensão.

1.5.1.1. - A QUESTÃO DA MODULARIDADE

Nos escritos sobre afasia, a questão da modularidade tem sido mencionada com frequência no âmbito da neuropsicologia e da neurolinguística, utilizando, porém, conceitos diversos que variam conforme o ponto de vista clínico ou linguístico e o campo teórico em que está inserida. Mencionarei, primeiramente, considerações sobre o primeiro ponto, para depois introduzir observações sobre o segundo.

Do ponto de vista neurológico – ou neuroanatômico –, a concepção de modularidade revisita os estudos clássicos recaindo na hipótese localizacionista,³⁵ segundo a qual estruturas particulares do cérebro são responsáveis por certas especificidades, embora haja aceitação, por grande parte da comunidade científica, de que há no cérebro funções integradas envolvendo áreas diversas e de que a cognição é o produto de uma constelação de componentes que interagem, de modo diverso, utilizando a maioria do cérebro. Trata-se do conceito de neuroplasticidade cerebral.³⁶

GAZZANIGA (1991) afirma que é uma dicotomia simplista admitir que o hemisfério esquerdo é analítico enquanto o direito é holístico, e que atrelar estratégias mentais à história da localização é inútil. Com vistas às questões clínicas, contudo, o mesmo autor considera que, embora não haja interesse no estudo sobre lateralização para normais, em casos patológicos ele tem sido útil para observações neuropsicológicas, pois

³⁵A hipótese de que subsistemas anatomicamente distintos existem para dar conta de microfunções separadas tem sido colocada quando diferentes regiões do córtex respondem diferentemente, mas os estudos neste campo têm-se referido aos sistemas não-linguísticos, como o visual. É essa modularidade funcional que tem sido apontada nas abordagens clínicas. Assim, na neuropsicologia os argumentos a favor da modularidade são concretamente baseados, a partir das observações de que há diferentes áreas cerebrais, que reagem especificamente a estímulos diferentes: cor, movimento, profundidade. Levar em conta a especialização regional significa admitir que grupos de células podem estar conectadas com as "vizinhas", que têm função relacionada. Mas, nesse caso, a inter-relação é considerada de menor espectro (SHALLICE, 1988:19). Este autor, que critica FODOR (1983), aponta que nos últimos 30 anos os argumentos a favor e contra a perspectiva modular não são apenas fisiológicos, mas também computacionais, psicológicos e linguísticos. No nível psicológico os argumentos a favor da modularidade são conhecidos também na linguística. FODOR (1983) é o mais representativo. Os diferentes tipos de argumentos nas ciências computacional, linguística, neuropsicologia e psicologia cognitiva diferem teoricamente, no nível de abstração e no modo como estão relacionados com as evidências empíricas.

³⁶Independente das postulações de LURIA, a recuperação de redes neuronais pode ser uma possibilidade biológica que obrigaria a reflexões maiores a respeito de qualquer modularidade.

quando a diferença de performance é vista entre os dois hemisférios, é natural considerar a especialização desses hemisférios (GAZZANIGA, 1991:447). Admite, então, que os processos cognitivos estariam traçados nos processos cerebrais e relacionados aos dois módulos cerebrais ou hemisférios.

A modularidade tem sido considerada, ainda, um processo mental que pode ser quebrado em partes componentes ou módulos nos quais residiriam estruturas particulares do cérebro. Para GAZZANIGA (1991) esta perspectiva é difícil de ser sustentada, pela dificuldade do isolamento do cérebro em módulos: testagens de pacientes que não têm comunicação entre os hemisférios (split-brain) evidenciaram distribuição variada de tarefas. A partir dessas evidências, GAZZANIGA afirma que o conceito de modularidade deve ser ampliado e assumido num sentido componencial.

No âmbito restrito dos estudos lingüísticos sobre a modularidade, GRODZINSKY (1990:131) admite que o ressurgimento da discussão deveu-se a uma reação contra as posturas interacionistas. Seja contra o behaviorismo ou contra o interacionismo, a abordagem modular que tem sido assumida no âmbito da lingüística tem sido a de FODOR (1983), coerente com as concepções chomskianas. Tendo esta teoria a sintaxe como núcleo, a investigação de como o cérebro corta o “bolo sintático” suscita restrições sobre gramáticas biologicamente possíveis. A partir dessas considerações, ao lado da competência humana para andar, pegar objetos ou sentir profundidade, preocupações estas da clínica, passou a ser investigado o modo como as sentenças podiam ser julgadas, o que demanda uma independência dos processos sintáticos³⁷, com implicações para as reflexões sobre modularidade do ponto de vista lingüístico.

FODOR (1983), revivendo a velha distinção entre percepção e cognição, que a visão da psicologia vigente não distinguia, assume que diferentes faculdades cognitivas são diferentes sistemas computacionais ou módulos cognitivos. A hipótese da modularidade estende-se, assim, ao sistema lingüístico, que compreende componentes autônomos representando as diferentes capacidades lingüísticas (morfológicas e sintáticas,

³⁷A esse respeito SHALLICE considera: “The simplest way to explain this relative independence of our competence in a particular domain is to assume that it is the product of a subsystem that is itself relatively independent of other subsystems. This is Chomsky’s conclusion about the existence of what can loosely be called a module for grammatical competence”. (SHALLICE, 1988:19).

por exemplo), as quais teriam certas propriedades comuns e executariam operações limitadas específicas.³⁸

A proposta de FODOR assume que nosso sistema perceptual é modular, que cada módulo é inato, cognitivamente impenetrável, informacionalmente encapsulado, e que a operação de cada um é obrigatória, seguindo um padrão de desenvolvimento. Considera que o sistema cognitivo é dividido em central e periférico, o primeiro capaz de inferências e sensível à atenção, ao humor e a outros fatores, enquanto o segundo, composto de níveis mais baixos – como processos perceptuais especializados –, é o alvo da teoria da modularidade. Admite que cada módulo, cada processo periférico é dedicado a um único domínio (visão, audição, linguagem) e é impenetrável para influenciar outros processos cognitivos. Nessa perspectiva, processos cognitivos elevados, como conhecimento de mundo ou até humor podem ser aplicados apenas na saída dos processos baixos e nunca podem afetar sua operação. Esta questão é relevante para a visada teórica sobre dados do agramatismo e será retomada no Capítulo IV.

Como sistema computacional autônomo, FODOR entende que um módulo como a linguagem não seria influenciado por atenção ou memória, por exemplo, o que é coerente com o que entende por informacionalmente encapsulado, este último conceito significando que cada módulo tem acesso somente a poucas informações contidas no sistema como um todo. Assim, se há um conhecimento lingüístico capaz de julgar o status gramatical de uma sentença, este é encapsulado, uma vez que o falante é incapaz de descrever a gramática invocada para licitar ou não a sentença como boa. Assim, conhecimento gramatical é parte do módulo linguagem ao qual não temos acesso consciente (GRODZINSKY, 1990:134). Além dessas duas propriedades do sistema modular, autonomia e encapsulamento, GRODZINSKY (1990) aponta uma terceira: a obrigatoriedade de continuidade do processamento modular, o qual deve correr seu curso completo, não podendo haver interrupção (GRODZINSKY, 1990:134).

Outra propriedade do sistema modular é o inatismo. A respeito dessa questão, retomo as reflexões de FRANCHI (1986)³⁹ e de ALBANO (1986) sobre a

³⁸Sobre isto o autor afirma: "Modular cognitive systems are domain specific innately specified, hardwired, autonomous, and not assembled. Since modular systems are domain – specific computational mechanisms, it follows that they are species of vertical faculties". (FODOR, 1983:37).

³⁹Parte da reflexão de FRANCHI (1986) sobre a hipótese da modularidade da mente é a seguinte: "Como explicar, então, que de processos ativos mais gerais se constituam esses domínios específicos de que pretende dar conta a hipótese da modularidade? Como dar conta das regras tão singulares e próprias ao funcionamento da linguagem e à construção das expressões

hipótese da modularidade. FRANCHI (1986) considera, conforme CHANGEUX (1979), que “o envelope genético oferece um esquema vagamente desenhado e a atividade lhe define os ângulos”, e que existe uma organização subjacente (não somente uma “caixa-preta”) sobre a qual se constroem os sistemas específicos na anatomia dos circuitos neuronais” (FRANCHI, 1986:33-34). Esta especificidade de processos e sistemas lingüísticos é compatível com a hipótese modular.

Segundo ALBANO (1986:38), pressupostos da teoria da modularidade são compatíveis com o inatismo chomskiano, mas não decorrentes deles, havendo como consequência afinidade, e não implicação, na relação entre a gramática gerativa e a teoria psicológica. Estas afirmações devolvem o conforto epistemológico para tratar as questões relativas ao agramatismo pelo viés da teoria gerativista.

A modularidade é admitida por gerativistas modernos sem discussões e interpretada do seguinte modo:

A concepção modular da mente humana defende que esta é formada por módulos autônomos, cada um deles caracterizados por princípios e representações específicas. Estes módulos “comunicam” entre si em pontos determinados, mantendo uma interação complexa que determina as propriedades dos fenômenos mentais humanos. Assim, para além do módulo lingüístico, a mente humana possui, por hipótese, um módulo matemático, um módulo musical, um módulo espacial (que lhe permite compreender mapas, por exemplo), um módulo da formação de conceitos, entre outros cujo descobrimento e caracterização pertence às ciências cognitivas (RAPOSO, 1992:30).

Fora dos círculos gerativistas, a questão da modularidade é questionada⁴⁰, mas nos estudos sobre afasia há centralização sobre esta reflexão quando é focalizado o

lingüísticas? Como não conheço biologia, escolho o biólogo que mais me convém. CHANGEUX (1972) contrapõe à hipótese de que a interação com o mundo exterior não age senão como uma espécie de detonador de programas pré-estabelecidos, uma epigênese funcional que conduz a uma grande economia de genes pelo fato de que é a atividade do sujeito que introduz modificações em um envelope genético de contorno flácido, permeável. A organização genética do sujeito está relativamente aberta e informal, embora virtual: é a atividade que constrói sistemas com finalidades específicas. Trata-se pois de um modelo de regulação em que as possibilidades de desenvolvimento e diferenciação das diferentes categorias de neurônios não estão sujeitos a um determinismo radical”. (FRANCHI, 1986:33-34).

⁴⁰SHALLICE (1988) aponta pelo menos quatro críticas a FODOR (1983) quanto às suas afirmações sobre o inatismo, concepção arquitetônica da mente, encapsulamento informacional e argumentação contra a não-modularidade: 1) inato para FODOR é um corpo de informações, mas assume que há uma integração do que é inato com os dados lingüísticos, e um processo de maturação (SHALLICE, 1988:4); 2) a estrutura mental para FODOR tem um funcionamento arquitetônico: é considerada uma espécie de “mecanismo”, uma faculdade psicológica que funciona individualmente, mas uma parte da máquina, presumivelmente neurológica, funciona para mediar a assimilação e emprego das capacidades verbais (SHALLICE, 1988:10); 3) a compreensão de sentenças depende de um sistema que não é informacionalmente encapsulado e não é modular. O sistema cognitivo seria então dividido em dois níveis: um modular, que ancoraria o sistema de input, e um outro equipotencial, central, responsável, por exemplo, pelo processo de compreensão de sentenças (SHALLICE, 1988:270); 4) FODOR (1983) sustenta suas afirmações contra a não-modularidade em dois argumentos semi-empíricos. Em um deles lembra que a inteligência artificial não desenvolveu uma efetiva teoria modular do pensamento, o que é prematuro; no outro, baseia-se em trabalhos de neuropsicologia da linguagem e mecanismos de percepção, marcados profundamente pelo associacionismo americano (SHALLICE, 1984:270-271, notas 2 e 3). SHALLICE (1988) não entende modularidade como FODOR mas usa o termo modular para um sistema composto de subsistemas. Sua preocupação é desvejar quais são os módulos, os elementos básicos do processamento cognitivo, e se estes são conectados ou não.

agramatismo, devido à compatibilidade teórica entre a tese de FODOR (1983)⁴¹ e o programa lingüístico chomskiano.

Com a finalidade de organizar considerações lingüísticas sobre a modularidade, retomo as reflexões de FRANÇOZO (1986).⁴² Conforme esse autor, o conceito de modularidade está relacionado ao do objeto de investigação em afasiologia. Considerando que a noção de faculdade mental, enquanto mecanismo subjacente a um domínio específico de comportamento, permitiu que a linguagem se tornasse objeto de investigação científica aos neurologistas, lembra FRANÇOZO que os módulos, conforme considerados na teoria chomskiana, evidentes teoricamente na versão do modelo dos anos 80, são construtos teóricos abstratos, teoricamente justificados. Nesse sentido, o conceito de modularidade difere do que foi considerado modular nas versões de Broca e até do próprio FODOR, pois para o último a modularidade coincide com capacidades psicológicas responsáveis pela linguagem. O que ocorre é que os módulos chomskianos referem-se à gramática especificamente, enquanto a tradição afasiológica preocupa-se com a linguagem. Desse modo, a diferença do conceito de modularidade, ao longo da história da afasiologia, coincide com a “velha” discussão da dicotomia competência e desempenho.

FRANÇOZO admite estarem implicadas duas versões da noção de modularidade ou duas concepções que diferem basicamente quanto ao domínio dos mecanismos aos quais se referem. Afirma o autor que de um lado está a noção de que a linguagem é um módulo e, de outro, a noção de que subpartes da teoria pela qual descrevemos a linguagem são módulos (FRANÇOZO, 1986:71). A última opção do conceito de modularidade é, assim, compatível com o modelo gerativista.⁴³

Outro ponto relevante apontado por FRANÇOZO (1986) diz respeito ao papel do lingüista diante da questão da modularidade. Considera que cabe a este o estudo da estrutura da linguagem na busca de sua realidade psicológica, e que cabe ao psicólogo o estudo da arquitetura funcional da mente, no que concerne à linguagem. Com relação a

⁴¹Do ponto de vista lingüístico, mesmo se for assumida a hipótese da modularidade, conforme FODOR (1983), os eventos mentais não podem ser redutíveis a eventos físicos, pois o tecido nervoso e arranjo de veias no cérebro não são determinantes diretos e únicos da competência lingüística (GRODZINSKY, 1990:21-22).

⁴²Para detalhes da história da modularidade relacionada à afasiologia ver FRANÇOZO (1986).

⁴³Já nas versões recentes da teoria, no ainda incipiente programa minimalista, havendo uma redução de GU e dos módulos da gramática pode-se dizer que a tese da modularidade fica reduzida às operações computacionais sintáticas que a faculdade humana da linguagem permite, universalmente, operar. Embora a noção de modularidade esteja presente a cada passo da história da afasiologia, com subpartes simples de um todo complexo, em cada momento teórico a natureza destas subpartes tem um estatuto epistemológico.

essa questão, FRANÇOZO (1986) adota o ponto de vista de ALBANO (1986), para quem a tese da modularidade deve ser vista apenas como compatível, mas não como consequência ou determinante da teoria lingüística.

Esta preocupação epistemológica com a compatibilidade teórica, quando se assume um modelo chomskiano, aliada aos fatos lingüísticos exibidos pelas patologias de línguas, como o fenômeno do agramatismo, provocou reflexões também por parte de outros lingüistas. Para LEMLE (1986), o fato de existirem afasias, uma falha específica de um sistema, o lingüístico, que tem padrões característicos, constitui um argumento a favor da hipótese da arquitetura da mente, tal como delineou FODOR. Nesse sentido, devido à existência de casos de afasias em que há perda seletiva, com preservação ora do léxico, ora da sintaxe e ora de semântica, há indicativos de que estas capacidades estão separadas, mas sob um controle central. Então, o fenômeno do agramatismo, síndrome afasiológica na qual apenas o nível sintático está abalado, é um indício de que há, em parte do cérebro, uma certa especificidade para níveis lingüísticos, e isto pode ser considerado um fator empírico para a consideração de uma certa modularidade.

CARAMAZZA e BERNDT (1985) também afirmam assumir uma abordagem modular em suas análises de afasia, propondo que o agramatismo é um déficit multicomponencial que reflete a estrutura de vários componentes implicados no processamento da sentença.

Também para GRODZINSKY (1990) o agramatismo entra como argumento neurológico a favor da modularidade. Para ele, há evidências neuropsicológicas de que no mínimo a porção lingüística do sistema perceptual é modular, no sentido de FODOR (GRODZINSKY, 1990:132). Esta posição é assumida também por PACKARD (1993), embora este aborde o assunto de modo breve, considerando apenas que o sistema modular é uma escolha plausível para explicar a afasia (PACKARD, 1993:10).⁴⁴

Assumido o modelo chomskiano⁴⁵ e lembrando que teoria não é dogma, a modularidade passa a ser considerada como uma representação relacionada à organização

⁴⁴Esta postura é reafirmada pelo autor após a análise dos casos de afasia em chinês: "We discussed the role that language components might play in accounting for the occurrence of syndromes in aphasia. The explanations offered for the occurrence and form of aphasia syndromes ... not only comport with the hypothesis that the linguistic system is modularly organized, but actually entail that the occurrence and form of aphasia syndromes is a direct consequence of linguistic modularity". (PACKARD, 1993:145).

⁴⁵Nas versões recentes do modelo gerativista, CHOMSKY (1994:4) assume que há um componente da mente cérebro dedicado à linguagem – a faculdade da linguagem – interagindo com outros sistemas. Mais especificamente, há dois sistemas

da mente humana, que encontra adequação empírica nos fatos do agramatismo, sem perder de vista que “sobram mistérios e faltam elementos decisivos tanto à confirmação da hipótese da modularidade quanto a perspectivas holísticas e interacionais”, conforme admitiu FRANCHI (1986:18).

1.6. - CONCLUSÃO

Neste capítulo, a neurolinguística que se faz na UNICAMP foi localizada como uma tendência recente nos estudos sobre afasia e, portanto, também nos estudos sobre o agramatismo. Esta síndrome não poderia ser explicada se fossem considerados apenas os estudos clássicos de BROCA (1861) a YAKOBSON (1941), incluindo os de LURIA (1977). Nenhuma explicação adicional poderia ser dada aos fatos do agramatismo para ultrapassar a lista descritiva de sintomas, mesmo que estudos sobre cada um dos autores mencionados no percurso histórico fossem aprofundados. Uma gramática funcionalista, que seria epistemologicamente lícita a partir do quadro luriano, não permitiria chegar além da descrição quantitativa. Se fosse assumida uma abordagem discursiva, seriam explicitados fatos constitutivos da significação, mas o aprofundamento das reflexões sintáticas propriamente ditas não poderia ser feito. Isso ficará evidente no Capítulo III, quando forem exibidos os dados do caso do agramatismo em português.

Considerando que a teoria da Gramática Gerativa proposta por CHOMSKY, a partir dos anos 80, poderia dar conta de fatos sintáticos que os estudos clássicos, discursivos e funcionais não permitem abordar, refleti sobre os acompanhantes teórico-epistemológicos que precisam ser assumidos. Isso foi necessário devido às peculiaridades patológicas do quadro de gramática que é objeto de análise e à escolha teórica.

No Capítulo II será estabelecida a caracterização do agramatismo a partir dos estudos representativos e no Capítulo III será focalizado o estudo do caso P. do agramatismo em português.

interagindo: o articulatório perceptual e o conceitual intencional. Para finalizar a questão inconclusiva da modularidade, à qual retornarei após o estudo de caso, vale lembrar as palavras de CHOMSKY (1994): “What could we then conclude about the specificity of the language faculty (Modularity)? Not much. It could be that the language faculty is unique among cognitive systems, or even in the organic world, in that its principles satisfy minimalist assumptions”. (CHOMSKY, 1994:5).

CAPÍTULO II

A CARACTERIZAÇÃO DO AGRAMATISMO

2.1. - A ESPECIFICIDADE DA AFASIA DE BROCA

Conforme mencionado no Capítulo I, o agramatismo é caracterizado genericamente por um conjunto de fenômenos lingüísticos patológicos de natureza sintática e causado por alguma lesão cerebral na área de Broca, embora não haja nenhuma necessidade de relação a ser estabelecida diretamente entre a sintaxe e a localização da lesão.¹ Neste capítulo, apresentarei as perspectivas relevantes de estudos sobre o agramatismo, a fim de estabelecer a caracterização detalhada desse quadro patológico.

Em primeiro lugar, salienta-se o fato de que a linguagem patológica no quadro do agramatismo, objeto de estudo desse trabalho, guarda características essenciais de linguagem humana verbal articulada e organizada. Não tratarei de linguagem não-verbal e nem de sons monovocabulares de qualquer natureza.

Convém lembrar, de início, que o sujeito acometido de agramatismo continua tendo conhecimento do mundo, tem memória, faz inferências, tem consciência dos próprios problemas de linguagem e compreende as sentenças. O que pode ocorrer é que uma apraxia oral grave associada ao quadro afásico dificulte a produção verbal. Por

¹Conforme mencionado no Capítulo I, e como tem sido comum nos trabalhos publicados recentemente, afasia de Broca e agramatismo estão sendo considerados como expressões equivalentes. Porém, FROMKIN (1995) comenta: "For a number of years agrammatism and Broca's aphasia were synonymous terms but it is now pretty much agreed on by everyone in the field that all Broca's aphasics are not agrammatic nor can all agrammatics be clinically classified as suffering from Broca's aphasia". (FROMKIN, 1995:2). Esta afirmação ilustra uma outra, da mesma autora: "Given the extend of criticism, differences of opinion, and alternative accounts, it might appear that aphasia research is in a state of chaos". (FROMKIN, 1995:6).

isso, na literatura, os trabalhos sobre compreensão da linguagem são muito mais numerosos do que os que tratam de sua produção.

A partir desta reflexão, fica estabelecida a primeira característica da afasia de Broca ou agramatismo: a não-demência e a conservação do conhecimento do mundo e da linguagem, esta última abalada no nível sintático.

O agramatismo apresenta um quadro patológico de linguagem diferente da afasia de Wernicke², mas grande parte das pesquisas ainda se preocupa em comparar afásicos de Broca e Wernicke. Por isso, segue-se uma diferenciação das referidas síndromes afásicas, cujas características lingüísticas são independentes dos parâmetros de cada língua particular observada, pois fluência, facilidade de articulação, complexidade sintática, escolha adequada de palavras, tamanho da sentença, compreensão do conteúdo semântico, perfeição fonológica e estrutura do discurso são facetas que podem ser analisadas em qualquer língua. O quadro abaixo mostra as diferenças das duas síndromes afásicas, em forma de categorias isoladas, sem levar em consideração o conhecimento lingüístico preservado em cada síndrome, o que é representativo do modo simplista com que são abordados os fenômenos de afasia.

QUADRO 1: CARACTERÍSTICAS DAS AFASIAS DE BROCA E WERNICKE

SINTOMAS	AFASIA DE BROCA	AFASIA DE WERNICKE
Fluência	não	sim
Sentido pleno na constituição da significação	sim	não
Esforço para produção da fala	sim	não
Omissão de conectivos	sim	não
Capacidade de formação de palavras	pobre	bom
Tamanho da sentença	reduzido	normal
Complexidade sintática	não	sim
Distorções fonéticas	sim	algumas
Entonação	abaixo do normal	normal
Substituições lexicais	algumas	sim
Neologismos	não	alguns
Compreensão	boa	pobre
Estrutura do discurso	razoável	pobre

Adaptado de PACKARD (1993:2).

²Sobre este assunto, ver item 1.4.2., Capítulo I.

Para diferenciar, com dados lingüísticos, a afasia de Broca da afasia de Wernicke, apresento um trecho de diálogo entre um investigador, um afásico de Wernicke (GC.), um portador de afasia motora severa (EF.) e o paciente P., objeto de estudo deste trabalho. GC.³, tradicionalmente caracterizado como um paciente com dificuldades de compreensão, um caso típico de afasia de Wernicke, emite respostas cujo conteúdo não é relevante em relação às perguntas feitas, além de serem observados episódios digressivos com parafasias semânticas.

No episódio transcrito, a investigadora apresenta a GC. os pacientes do grupo pelo nome e diz a eles que cada um vai fazer uma pergunta a GC.

- INV.: – O que vocês gostariam de saber de uma pessoa que tá vindo pela primeira vez e que vai fazer parte do grupo?
- EF.: (portador de afasia motora, escreve “profissão”; a investigadora o ajuda a formular a pergunta)
- INV.: – Então, vamos lá. (falando pausadamente junto com EF.). Qual é a sua profissão? (indo na direção de GC.). Qual a sua profissão, seu Guilherme? (...) Qual que é a sua profissão? O que que o senhor fazia como profissão?
- GC.: – Minha escola?
- INV.: – Não. Que que o senhor é de profissão, **qual a sua profissão?**
- GC.: – **Ah, eu sabia antes.**
- INV.: – Antes, agora o senhor está aposentado, mas o que o senhor fazia, qual é o seu trabalho?
- GC.: – Eu era caixa, a Caixa Econômica de Salvaga (ininteligível).
- INV.: – **Trabalhava na Caixa Econômica ... Federal?**
- GC.: – Não, na Caixa de Cam, de S, de São Paulo.
- INV.: – Caixa Econômica Estadual.
- GC.: – **Só que era em Campinas.**
- INV.: – Estadual?
- GC.: – Eu era o delegado naquela época.
- INV.: – Delegado da Caixa Econômica Estadual.
- GC.: – É.
- INV.: (...) – Agora uma outra pergunta. Então o senhor EF. perguntou sobre a profissão e cada um já vai pensando numa pergunta, tá? Seu OP. tem uma pergunta já?
- P.: (portador de agramatismo) – **O senhor mora onde?**
- GC.: – **Se eu sou ...**
- INV.: – Fala mais alto: o senhor mora onde?
- P.: – **Onde?**
- GC.: – **Guilherme.**
- INV.: – Não. Onde o senhor mora?
- P.: – Onde?
- INV.: – Onde o senhor mora?
- GC.: – Aqui de Campinas.
- INV.: – Hum, hum.
- GC.: – Mas ...
- INV.: – Mas que lugar?

³COUDRY (1994) considera que o problema central de GC. é enunciativo discursivo, explicitando e ampliando o que tem sido considerado apenas dificuldade de compreensão, conforme abordagem tradicional. Para COUDRY (1994), o que ocorre com GC. é a dificuldade de entrar na proposta discursiva do interlocutor.

- P.: – No centro?
 GC.: – No Centro, aqui perto da Hípica.
 INV.: – Perto da Hípica de Campinas.

O que interessa salientar aqui é que um agramático, como P.,⁴ jamais responderia “Guilherme” à pergunta “O senhor mora onde?”, nem responderia “Minha escola” ao ser questionado sobre sua profissão.

O dado acima demonstra ainda que numa afasia de Broca grave, como a do caso EF., nenhum dado de linguagem é exibido para que a síndrome do agramatismo possa ser investigada do ponto de vista sintático.

A seguir, apresento trechos de entrevistas com outro paciente portador de afasia de Broca (WR.), cujo comprometimento concomitante no nível fonológico acompanha a alteração do nível sintático.

- INV.: – Pergunta alguma coisa pra mim, faz tempo que eu não venho aqui. Pergunta alguma coisa pra mim.
 WR.: – Ca ... sa ... aia ... ca ... sa da mãe.
 INV.: – Fui pra casa da minha mãe, fui pra Campinas.
 WR.: – Sim, mas ... vi ... vi-a-jei, né? Hum, hum, São Paulo, né? ... É, mãe, né? ...
 INV.: – Pergunta mais alguma coisa.
 WR.: – O ... a ... cho ... chua ... chuva ...
 INV.: – O que está acontecendo hoje?
 WR.: – Chu ... a.
 INV.: – Não.
 INV.: – Eu pergunto o que está acontecendo. O senhor responde “chuva”?
 WR.: – Não ... é ... tá ... assim.
 INV.: – Está o quê? Está cho ...
 WR.: – Cho ... vi ... cho ... ven-do.

Problemas como esses, no nível sintático, foram observados por PICK (1913), que salientou que padrões de produção de alguns afásicos de Broca eram aberrantes do ponto de vista gramatical. Embora não tivesse formulado afirmações precisas, notou anormalidade na estrutura da sentença e salientou o fato de que a ordem das palavras não estava rompida. Observou que os pacientes não construíam sentenças mesmo quando sabiam “o sentido pré-verbal intencional” e chamou o fenômeno de *agramatismo*. A partir daí, traços do agramatismo, como parte da descrição da afasia de Broca (não-fluência, esforço de fala e repetição pobre), passaram a ser listados. A posição

⁴Os dados de P., cujo caso de agramatismo é assunto deste trabalho, serão apresentados no Capítulo III.

de PICK (1913)⁵, considerada a primeira abordagem do agramatismo, é uma explicação funcional segundo a qual pacientes agramáticos cérebro-lesados são regidos por uma lei da economia, que força o uso de uma linguagem de emergência na qual todos os elementos redundantes, como conectivos e flexões, são apagados.

Sob perspectiva teórica que não contempla adequadamente as questões gramaticais envolvidas nessa síndrome, TESAK (1993)⁶ define o agramatismo em discurso espontâneo caracterizando-o por sentenças curtas, construções sintáticas simples e problemas nos morfemas gramaticais. Aponta, ainda, a variabilidade do fenômeno devido à influência de diferentes fatores que alteram a faceta gramatical: tarefa e fatores específicos de teste, fatores sociolingüísticos, pragmáticos e semânticos, variabilidade pré-mórbida, estratégias e compensação, severidade do déficit, sintomas adicionais, atenção seletiva e condição psicológica. Mas se forem levados em consideração tantos fatores extralingüísticos responsáveis por variáveis, fica difícil sistematizar o assunto e proceder à investigação sintática, essencial na natureza dessa afasia.

Afinal, o que é, qual é e como é a linguagem na chamada afasia de Broca? O que é o agramatismo, afinal, do ponto de vista sintático? Começo a responder a essas questões apresentando os diferentes pontos de vista já publicados sobre o assunto.

A não-fluência para a linguagem e redução da sentença são pontos pacíficos para caracterizar a afasia de Broca. Por isso, a linguagem do agramatismo tem sido caracterizada como telegráfica.⁷ Além dessas características, a maioria das definições aponta, sob diferentes quadros teóricos, a omissão de elementos de classe fechada como a principal evidência, mas são numerosas as controvérsias, em decorrência da imprecisão de um estudo rigoroso de dados, com informações a partir de uma teoria da lingüística. Na

⁵A obra de PICK (1913) é mencionada por GRODZINSKY (1990:38), que acrescenta que tal consideração tornou-se senso comum.

⁶TESAK (1992b) critica a obra de GRODZINSKY (1990), mencionada adjante, mas não apresenta análise do agramatismo lingüisticamente informada. Suas afirmações resumem-se a descrições, sem apresentar dados, seguidas de gráficos estatísticos que nada acrescentam à pesquisa do agramatismo. Para detalhes ver TESAK (1992-1993-1994).

⁷Esta expressão inspirou inclusive o "European Telegram Project", que tem a finalidade de investigar o estilo telegráfico em quinze línguas européias e de estabelecer a semelhança entre os registros telegráficos de normais e linguagem patológica do agramatismo. Foi verificado que em alemão e holandês os registros telegráficos de normais e afásicos eram semelhantes. Em holandês, oitenta e sete sujeitos normais foram testados na escrita de um telegrama fictício de uma a quatro palavras, e do ponto de vista sintático foi verificado que estes sujeitos apagavam artigos (95%), pronomes e preposições (28,5%) e verbos semanticamente vazios, conforme TESAK (1993). Quanto à realização de formas verbais infinitas e finitas foi constatado, em telegramas, 59,5% de verbos finitos. A partir dessa pesquisa, TESAK concluiu que falantes afásicos agramaticais recorrem ao estilo telegráfico elíptico do mesmo modo que os falantes normais. O estilo telegráfico seria um registro prototípico com elipses abundantes, as quais podem ser reconstruídas em sentenças completas, em 82,5% dos casos. Sem invalidar a análise lingüística da produção de linguagem em telegramas, processada por adultos normais, é preciso lembrar que neste caso não há comprometimento da competência lingüística dos que optam por este estilo; portanto, o estilo telegráfico não é falta de conhecimento de língua, no caso de telegramas.

caracterização do agramatismo há controvérsias, inclusive sobre quais realizações são necessárias para distinguir este tipo de patologia de linguagem de outras afasias, o que traz complicações a partir do diagnóstico (CAPLAN, 1985:126).

A afasiologia clássica, a partir de observações clínicas, faz uma listagem meramente descritiva dos sintomas que evidenciam essa síndrome, o que não dá conta da complexa gama de fatos sintáticos envolvidos no agramatismo. Não basta mencionar desordem na produção de sentenças e omissão de terminações gramaticais, como se faz no contexto do empirismo, no qual a linguagem é vista em termos da memória de imagens sensoriais. Do ponto de vista da teoria chomskiana, a caracterização do agramatismo deve pelo menos ultrapassar meras descrições. Não basta, portanto, dizer que a fala no agramatismo é telegráfica, que são omitidos morfemas menos informativos, que o paciente apaga preposições, conjunções e flexões de gênero e número, que perde artigos e possessivos, que não produz passivas ou ainda que é incapaz de encaixar sentenças. É preciso explicar o que ocorre na gramática dos afásicos de Broca, fazendo generalizações maiores, já que tal patologia caracteriza-se por problemas essencialmente no nível sintático.

Apesar da mera descrição de síndromes, e não de dados, muitos autores consideram que, no agramatismo, os pacientes perdem o suporte sintático dos processos de linguagem e se tornam sem sintaxe. Outros, porém, opinam que a estrutura sintática é preservada e que os pacientes seriam até “overgramatics” (HEESCHEN, 1985:232). Há ainda os que atribuem a origem do agramatismo a questões fonológicas e morfológicas e os que, como MICELI et al. (1989:447), afirmam que a heterogeneidade observável torna a categorização do agramatismo teoricamente inútil.

2.2. - ABORDAGENS NÃO-SINTÁTICAS

A maioria dos trabalhos tem descrito o déficit do agramatismo como de natureza sintática devido ao fenômeno da omissão de palavras, simplificação da estrutura sintática e uso indiscriminado de flexões gramaticais, o que obriga à seleção de teorias sintáticas para a explicitação do agramatismo, já que este nível é que estaria prioritariamente afetado. Mas nem todos os trabalhos seguiram este rumo na história das

pesquisas. GOODGLASS, FODOR e SCHULHOFF (1967) afirmam que o problema responsável pelo agramatismo é a reduzida capacidade para iniciar ou manter a produção de seqüências. Isso é sugerido para dar conta da observação de que o déficit no agramatismo está relacionado ao acento e que as falhas para produzir sentenças ocorrem em palavras não acentuadas. Sob essa perspectiva, palavras funcionais seriam omitidas por não serem tônicas e os itens lexicais seriam mantidos por serem tônicos.

Segundo KEAN (1977), o agramatismo está relacionado a um déficit fonológico que afeta a estrutura sintática. Esta descrição prediz que raízes, chamadas “palavras fonológicas”, mantêm-se na fala do agramatismo e que flexões são omitidas. A esse respeito, GRODZINSKY (1990) questiona sobre o que acontece se a flexão muda a raiz sem mudar o status da palavra fonológica e sobre o que ocorre no caso de a flexão ser uma operação interna da palavra, como em “take”, “took” ou “make”, e “made”.

Ainda de acordo com KEAN, formas de presente e passado são palavras fonológicas e, conforme sua abordagem, as regularidades seriam omitidas e as irregularidades de línguas como o inglês ou português em relação a passado de verbos seriam mantidas. Além dessa questão, é preciso lembrar que a omissão não é o único problema no agramatismo e, se o fosse, não explicaria o agramatismo em línguas como italiano, russo e hebraico. Nas duas primeiras há itens lexicais morfologicamente dependentes, e, no caso do hebraico, um item não-flexionado não constitui uma cadeia fonológica e não é uma palavra lícita na língua. Assim, se a flexão for omitida pelo agramático na língua semítica, a raiz não é pronunciável: ocorreria uma seqüência de consoantes sem vogais. Portanto, essa descrição do agramatismo não funciona para os parâmetros do hebraico, conforme demonstrou GRODZINSKY (1984a).

Outra abordagem de ordem não-sintática é a de LAPOINTE (1983), que aponta elementos omitidos e preservados, distinguindo-os por critérios morfológicos. Baseia-se na teoria de formação de palavras de SELKIRK (1984), que fornece critérios estruturais. Segundo essa abordagem a afixação derivacional é não-produtiva, enquanto a flexional é produtiva. A partir desse esquema, LAPOINTE propõe que elementos não realizados no agramatismo são justamente aqueles itens no nível de raiz ou categorias máximas que são inseridos nas estruturas morfossintáticas.

Tanto a abordagem de KEAN (1977) como a de LAPOINTE (1983) não podem explicar a razão pela qual os pacientes agramáticos têm dificuldade com um “Qu” de relativa em português ou em qualquer outra língua. Contra a possibilidade de uma abordagem morfológica para o agramatismo, GRODZINSKY (1990), que apresenta estudo sintático sólido sobre o assunto, afirma que não deve haver déficit em morfologia derivacional no agramatismo que não esteja relacionado com a sintaxe.⁸

Exceto MICELI et al. (1983), que observaram que a morfologia derivacional parecia estar preservada nos seus dois pacientes agramáticos de italiano, as pesquisas não têm dado atenção à formação de palavras complexas no agramatismo. Há poucas menções sobre erros de formação de palavras complexas,⁹ fato este que não se comprovou na análise de dados do português, conforme veremos no Capítulo III.

2.3. - ABORDAGENS SINTÁTICAS

Os trabalhos que têm a abordagem sintática como uniformidade diferem significativamente uns dos outros, não só quanto à escolha do assunto a ser abordado mas também quanto à metodologia e às conclusões.

GOODGLASS e MENN (1985) reconhecem que só a partir dos anos 70 é que o agramatismo foi descrito em termos sintáticos, e GOODGLASS e HUNT (1958), usando o esquema proposto por CHOMSKY (1957), já haviam considerado que pacientes agramáticos, falantes de inglês, omitiam menos morfemas “s” para plural do que para possessivos, mesmo que os dois soassem igualmente. Logo, como vimos no Capítulo I, já a partir do modelo de 1957, proposto por CHOMSKY, houve tentativas de explicar o agramatismo: foi postulado que as construções com possessivos eram resultado de transformação e, por isso, omitidas, enquanto as construções contendo plural eram mantidas por não serem resultado de transformações. Esta conclusão contrariava as descrições indutivistas que apontavam problemas de concordância no agramatismo.

⁸Processos morfológicos não-sintáticos são mantidos intactos, de acordo com a teoria de GRODZINSKY. A esse respeito afirma: “To my knowledge, there is no systematic study of derivational errors in agrammatism. Theories of morphology differ with respect to the level which morphological process take place”. (GRODZINSKY, 1990:60).

⁹Erros de formação de palavras complexas no agramatismo foram observados em italiano (BADECKER e CARAMAZZA, 1985).

A partir de meados dos anos 70, proliferaram as abordagens sobre o agramatismo em direção a uma caracterização sintática. Passo a elencar, brevemente, as que apresentaram conclusões relevantes e que são as mais citadas.

CARAMAZZA e ZURIF (1976) postulam que agramatismo é o resultado de uma desordem sintática central. Citando dados de compreensão e desempenho em tarefas de julgamento de gramaticalidade, sugerem que o déficit afeta o conhecimento subjacente à linguagem, resultando em problemas tanto no nível da produção como no da compreensão.

A natureza nominal do verbo no agramatismo foi apontada por GOODGLASS e GESCHWIND (1976), que fizeram estudos comparativos de falantes agramáticos de alemão e inglês. Esses autores apontaram que os agramáticos formam a representação interna do sentido da proposição e são incapazes de verbalizar, isto é, de mapear a representação semântica na forma sintática. Assim, os pacientes não têm o conceito de sentença e não conseguem realizá-la.

BERNDT e CARAMAZZA (1980) propõem que agramatismo é um déficit sintático dissociável do déficit articulatório, mas com o qual coocorre frequentemente. Sugerem que a coocorrência destes dois déficits constituem a afasia de Broca por razões neuroanatômicas.

De acordo com SAFFRAN, SCHWARTZ e MARIN (1980), o paciente acometido de agramatismo apresenta problemas na tradução ou no mapeamento dos papéis semânticos em seqüências exigidas pelo código lingüístico. Apontam que afásicos agramaticais são incapazes de mapear a estrutura semântica profunda em estrutura sintática de sentença, exibindo infinitivos (tomados como nominais) ou formas com “ing” (no inglês) no lugar do infinitivo. Assim, propõem uma combinação de fatores sintáticos e fonológicos para a explicação do agramatismo. De acordo com esses autores, há uma dissociação entre dois processos: um deles sintático, envolvendo construção da sentença, inclusive a ordem das palavras, e outro morfológico, envolvendo a finalização da forma fonológica que afeta o uso de morfemas presos e livres. Essa posição é semelhante à de MICELI et al. (1983), para quem há dissociação entre a construção da sentença em procedimentos sintáticos e em outros processos envolvendo flexão e palavras funcionais, isto é, em procedimentos morfológicos.

BRADLEY, GARRET e ZURIF (1980) formulam a hipótese do problema das classes fechadas para o agramatismo, propõem que palavras funcionais têm um papel privilegiado na formação da estrutura sintática e postulam que, no agramatismo, a não-acessibilidade às palavras funcionais é que causa a dificuldade na construção da estrutura.

SCHWARTZ, LINEBARGER, SAFFRAN e PATE (1987) explicam tanto o déficit de produção como o de compreensão no agramatismo através da hipótese do mapeamento, a favor da qual argumentam que os pacientes agramáticos têm problemas em desempenhar traduções entre a forma da sentença e seu sentido.

Essa hipótese é retomada por LINEBARGER (1995), contrariando, através de argumentação não convincente, abordagens sintáticas recentes como as de GRODZINSKY (1990) e HICKOK et al. (1993), as quais mencionarei adiante. Confirmando a hipótese do mapeamento para explicar o agramatismo, LINEBARGER (1995) cita o paradoxo entre compreensão e julgamento de gramaticalidade, já que os pacientes podem ser capazes de executar o segundo sem a primeira.

CARAMAZZA e BERNDT (1985) apresentam uma visão multicomponencial do agramatismo, na qual localizam um conjunto de sintomas que caracterizam a síndrome de Broca. Descrevem diferentes padrões de sintomas que envolvem ordem de palavras, compreensão e marcadores gramaticais. De acordo com esses autores, a explicação para o agramatismo não é única e por isso sugerem a possibilidade de várias abordagens, considerando a especificidade de cada caso.

CAPLAN (1985) argumenta que o agramatismo pode ser caracterizado em termos de estruturas sintáticas pobres e propõe que somente categorias lexicais máximas, mas não a estrutura sintática em si, são acessíveis ao falante agramático.

Segundo GRODZINSKY (1990:42), não é sustentável a hipótese de CAPLAN (1985), que assume que os agramáticos conhecem categorias lexicais e nada mais, pois este último parece negar a habilidade dos agramáticos para construir categorias frasais, o que pouco difere da hipótese da nomeação.

SAFFRAN, BERNDT, SCHWARTZ (1986) notificaram encaixamentos em sentenças consideradas não-automatizadas, o que serve como prova da preservação da sintaxe da sentença.

Após elencar abordagens representativas sobre o agramatismo em trabalhos isolados, apresento as propostas de PACKARD (1993) e de GRODZINSKY (1984-1990-1995), pela dimensão dos estudos e posição teórica assumida.

2.3.1. - O AGRAMATISMO EM MANDARIM

PACKARD (1993) apresenta volume significativo de dados patológicos de afasia numa língua não européia – o mandarim.¹⁰ Afirma assumir como base teórica a gramática gerativa chomskiana, mas as análises de seus dados são superficiais e as poucas incursões pelos mecanismos da teoria demonstram não ter ultrapassado a nomenclatura da gramática tradicional.

O trabalho de PACKARD (1993), resultado de cinco anos de pesquisa, cuja proposta é explicar o agramatismo em mandarim, apóia-se em dados da produção de fala natural de quatro pacientes afásicos: LXZ., GJD., YXF. e ZYJ. Segundo PACKARD, LXZ. apresentava uma afasia de Broca típica; YXF., uma afasia de Wernicke; GJD. e ZYJ. encaixavam-se em outras categorias. Os dados da linguagem de todos esses pacientes são descritos brevemente em todos os níveis: fonológico, sintático, semântico e discursivo.

A partir dos dados apresentados por PACKARD (1993) pode ser estabelecida a diferença entre afasias diversas e confirmado que o agramatismo é uma alteração de natureza sintática. Os dados mostram que ZYJ., não diagnosticado como agramático, produz várias sentenças longas com complexidade sintática, embora tenha problemas com a ordem. Já GSD. e YXF. apresentam problemas com a ordem dos constituintes, havendo nestes pacientes, segundo PACKARD, problemas cognitivos não-sintáticos. Mesmo assim, o autor descreve os dados do ponto de vista fonológico, sintático, semântico e discursivo.

Quanto aos dados do paciente LXZ.,¹¹ do sexo feminino, 23 anos, que sofreu um traumatismo no hemisfério esquerdo, na região fronto-temporal, sua fala foi

¹⁰ As características do chinês são peculiares: é uma língua que difere do que é considerado típico nas línguas européias do ocidente: não tem concordância gramatical, não tem flexão de caso, usa verbos como preposição, usa verbos como adjetivos, não possui flexão de gênero e apresenta tom contrastivo. PACKARD (1993:15-38) apresenta as características desse dialeto do chinês.

¹¹ Apenas os dados de LXZ. interessam para o estudo do agramatismo. Os dados dos demais pacientes podem ser úteis para estabelecer a diferença entre o agramatismo e outras afasias de natureza não-gramatical.

caracterizada como não-fluente, com estruturas gramaticais reduzidas, mas também com problemas fonológicos, morfológicos e semânticos, além dos sintáticos. Esse fato compromete uma análise do agramatismo para fins de pesquisa sobre essa síndrome, uma vez que não pode ser estabelecido até que ponto o nível sintático está abalado por razões essencialmente sintáticas ou por problemas fonológicos, fato que PACKARD não observou.

PACKARD (1993) afirma que a repetição é pobre, embora não apresente dados dessa avaliação. Os nomes, verbos estativos, adjetivos e marcadores de negação estavam presentes na produção de LXZ. Estavam ausentes: palavras funcionais, verbos cópula, combinações de determinantes, “classifiers”, “coverbs”, modificador pré-nominal “de”, conjunções, advérbios e partículas sintáticas finais.

Do mesmo modo que na análise dos dados em português, conforme veremos no próximo capítulo, pode ser postulado que as parafasias no agramatismo em chinês ocorrem quando o paciente defronta-se com um problema sintático. Mas os pacientes em chinês não deveriam ter problemas com interrogativos, em princípio, dado que nessa língua não há movimento “wh” nem problemas com flexão, pois o mandarim não distingue verbos finitos e infinitivos.

Passo a apresentar, a seguir, uma breve descrição dos dados do agramatismo em mandarim, a partir das observações de PACKARD (1993), para ilustrar uma certa comparação com os fatos lingüísticos do português.

1) Dado patológico: Ni shi shenmo sui?
You be what year?
Você ser que ano.

Forma padrão: Ni ji sui.
You how: many year?
Quantos anos você tem? LXZ. (PACKARD, 1993:48).

Um fato saliente no dado acima é a substituição do interrogativo. O paciente produz “Shenno” (o que) no lugar de “ji” (quanto) e usa corretamente a cópula “shi” com o interrogativo “shenno”, evitando uma forma agramatical, pois o interrogativo “ji” não pode ser usado com cópula, enquanto “shenno” não pode ser usado sem cópula. É uma tentativa de refixação do valor de um parâmetro daquela língua, o que PACKARD não observa.

Quanto à sintaxe, a produção de LXZ., segundo PACKARD, não é normal, em virtude da reduzida complexidade estrutural e omissão de palavras gramaticais. Grande parte das realizações de LXZ. consistia de um sujeito e um advérbio de tempo. Mesmo assim, PACKARD dá relevância às questões morfológicas, tornando incoerente sua abordagem em relação à escolha teórica para análise de dados. A inserção do advérbio em chinês não é explorada por PACKARD (1993).

O mandarim permite sentenças na forma sujeito-predicado, nas quais o predicado não contém elemento verbal realizado, em casos em que o verbo cópula é usado com um adjetivo predicativo: “Ta hao” significa “ele está bem”. Mas nos demais contextos sintáticos o verbo deve estar obrigatoriamente explícito.

Abaixo temos um dado de LXZ. em que a forma verbal foi omitida.

2) Dado patológico: Wo sigē yue.
 I four month.
 Eu quatro meses.

Forma padrão: Wo renshile sigē yue.
 I know + aspecto four month.
 Eu o conheci quatro meses. LXZ. (PACKARD, 1993:52).

Os dados de LXZ. demonstram problemas na construção de estruturas sintáticas plenas (sujeito, modificador, verbo, objeto) e também no uso dos modificadores, adverbiais que são geralmente palavras funcionais. Quando o paciente LXZ. se arrisca a produzir o elemento adverbial, omite o verbo. Quando produz o verbo, tem problemas com o advérbio. O que PACKARD não observou na sua descrição é que o paciente opera com um elemento de cada vez e não com dois ao mesmo tempo e que alguma relação com marcadores de algum tipo ou categorias funcionais poderia estar provocando esse tipo de produção.

No dado abaixo, o paciente LXZ. produz o sujeito e o modificador de lugar, mas repete o sujeito como sinal da sua dificuldade em continuar construindo a estrutura. Coloca então o verbo após o sujeito, sem o modificador de lugar, na segunda tentativa. Trata-se de uma parafasia provocada por problemas sintáticos, fato que PACKARD (1993) não aponta.

- 3) Dado patológico:

Wo Daojiang wo biyele
I (from) Daojiang I graduate-Asp.
Eu graduei eu Daojiang.
- Forma padrão:

Wo cong Daojiang biyele.
I from Daojiang graduate-Asp.
Eu me graduei em Daojiang. LXZ. (PACKARD, 1993:54).

Quanto à ordem das palavras, PACKARD (1993) aponta que não encontrou dados com aberrações na ordem canônica (suj.-mod.-verb.-obj.), mas há ocorrências de problemas de ordem no interior do constituinte.

- 4) Dado patológico:

Daojiang wuyue shiyi ri.
(from) name 5-month ten-one day.
Daojiang, 11 de maio.
- Forma padrão:

Wuyue shiyi ri cong Daojiang biye de
5-month ten-one day from Daojiang graduate.
Graduei em Daojiang em 11 de maio. LXZ. (PACKARD, 1993:54).

Os advérbios de tempo (wuyue shiyi ri) e lugar (Daojiang), partes do sintagma coverbial, ocupando a posição de advérbio, são trocados de posição, o que é impróprio no mandarim, segundo PACKARD. Problemas com ordem ocorrem também na sentença abaixo.

- 5) Dado patológico:

Wo yanjing zuobian tuchu le.
I eye lef-side protrude-out -Asp
Eu esquerdo olho saltou.
- Forma padrão:

Wo zuobian de yanjing tuchu le.
I left-side (mod.) eye protrude-ou -Asp
Meu olho esquerdo saltou. LXZ. (PACKARD, 1993:56).

No dado acima, evidencia-se o problema de ordem interna do constituinte, conforme mencionado anteriormente: o SN complexo que constitui o sujeito tem a ordem de seus constituintes invertida. São inversões de ordem dentro da projeção máxima do núcleo nominal. A inversão da ordem interna de um constituinte é, para PACKARD, uma característica geral do agramatismo, do mesmo modo que a omissão da cópula:

6) Dado patológico:	Ta zhi zhan he only stand -Asp Ele levanta.
Forma padrão:	Ta zhi shi zhanzhe he only be stand -Asp Ele acabou de se levantar. LXZ. (PACKARD, 1993:56).

Em sessenta realizações examinadas, LXZ. não apresenta uma única realização do marcador prenominal “de”. Isso demonstra a dificuldade do paciente com palavras funcionais, pois “de”¹² é uma palavra funcional por excelência em mandarim (PACKARD, 1993:56). Desse modo, a ausência desta categoria pode iluminar o diagnóstico do agramatismo em chinês. Esse fato, aliado à dificuldade com interrogativos verificada no dado (1), pode apontar para a dificuldade com categorias funcionais.

Os “classifiers” são pouco usados por LXZ., embora sejam obrigatórios em mandarim, com nomes que são modificados por números, por exemplo. Só foram constatados quatro no corpus e o dado abaixo mostra sua omissão.

7) Dado patológico:	Wo jiali [yige] wu yue. I (at) home-in altogether five month Eu casa abrii “altogeber”.
Forma padrão:	Wo zai jiali yígòng wuge yue. I at home-in altogether five month Eu fiquei em casa cinco meses completos. LXZ. (PACKARD, 1993:57).

Quanto aos “coverbs” (“cong” e “zai”, correspondentes a “from” e “at”), não há realização no corpus de LXZ.; há dados em que sua omissão é evidente, como no último.

Nos dados de LXZ. também são raros os verbos auxiliares. Há uma única realização, segundo PACKARD: “hui”, correspondendo a “can”, mas ao uso correto seguiu-se uma parafasia afetando o objeto do verbo principal, o que é indicativo da dificuldade sintática, conforme constatei nos dados do português, assunto tratado no Capítulo III. O paciente produziu:

¹²Um dado mostrando o apagamento de “de”, num contexto onde este seria obrigatório, foi exposto anteriormente (5), correspondendo a “my left eye stuck out”: “Meu olho esquerdo saltou”.

- 8) Dado patológico:** Wo zuo shou dou bu hui zuò <shou>.
 I left hand all not can do hand
 Eu esquerda mão não posso mão
- Forma padrão:** Wo zuo shou dou bu hui zuò shì.
 I left hand all not can do thing
 Eu não posso fazer nada com minha mão esquerda. LXZ.
 (PACKARD, 1993:46).

Quanto ao uso de advérbios, posicionados em mandarim entre sujeito e predicado, há omissões:

- 9) Dado patológico:** Wo tou ... hao duo le.
 I head good much -Asp
 Minha cabeça ... muito melhor.
- Forma padrão:** Wo tou ... xianzai hao duo le.
 I head now good much -Asp
 Minha cabeça ... está agora muito melhor. LXZ. (PACKARD, 1993:58).

Notamos, nos dados, que o marcador de aspecto “le” é usado pelo paciente, apesar de inserido em alguns contextos onde seu uso é indevido. Se essa partícula corresponde a algum traço de flexão verbal, torna-se inexplicável a característica de que o paciente agramático não realiza flexão. Do mesmo modo que a gramática do paciente P., do português, a flexão verbal estava presente, fato também apontado para o italiano, conforme LONZI e LUZATTI (1993).

Abaixo, um exemplo do uso indiscriminado da partícula “le” pelo paciente:

- 10) Dado patológico:** Wo libairi ... bu renshi le.
 I Sunday ... not recognize -Asp
 Domingo eu ... não reconheço.
- Forma padrão:** Wo libairi ... bu jide.
 I Sunday ... not remember
 Domingo eu ... não lembro. LXZ. (PACKARD, 1993:60).

No dado anterior, “Libairi” (Domingo) referia-se ao tempo passado e o predicado é negado por “bu”, sendo incorreto o uso de “le” no final da sentença. O uso de “le” nesse contexto torna a sentença agramatical. Logo, trata-se de uma seleção descombinada.

Foi constatado por PACKARD (1993) que o paciente agramático LXZ. usa estruturas com tópicos em início de sentença. Esse movimento de objeto-direto é o mais característico rompimento da ordem canônica em mandarim, permitido nessa língua. Esse fato foi verificado também nos dados do português, conforme será destacado no Capítulo III.

11) Wo jide le. Cai, wo dou bu jide.
I recall Asp. Dishes, I all not recall
Eu lembro. As louças, eu não lembro. LXZ. (PACKARD, 1993:62).

Embora as sentenças encaixadas não sejam introduzidas em mandarim por complementizadores realizados, LXZ. não usa sentenças encaixadas. Isso evidencia que, mesmo não estando realizado, o complementizador efetua sua atividade sintática, o que demonstra ser esta categoria funcional um problema sintático para os afásicos de Broca, fato que PACKARD (1993) não menciona.

Consideradas as propriedades do mandarim, uma língua que não tem flexão, esperava-se que não houvesse problemas no agramatismo ou que não houvesse agramatismo em mandarim. PACKARD (1993) conclui que há uma simplificação na estrutura da sentença, mas considerou como relevante a questão da formação de palavras complexas. O déficit de formação de palavras em mandarim é, para ele, análogo ao déficit flexional em outras línguas (1993:124). Além disso, mostrou que o problema flexional, como um sintoma do agramatismo, aparece em mandarim, embora de forma diferente: como um problema de formação de palavras, especialmente no processo de afixação dos marcadores de aspecto. O autor apresenta apenas dados do marcador de perfectivo “-le” e não do marcador experimental “-guo”, do continuativo “-zhe”, dos sufixos “-deliao” e “-buliao” (que indicam habilidade e inabilidade) e nem do marcador “-men” para o humano plural (PACKARD, 1993:23).

Se, segundo PACKARD, é a ausência desses marcadores que evidenciam problemas de agramatismo, então pode ser postulada a hipótese de que fazem parte do INFL e, já que caracterizam o agramatismo em chinês, deveriam ser explicados sintaticamente e não por razões morfológicas, como faz o autor.

O breve exame dos dados do agramatismo em mandarim permite supor que, se há alguma alteração na formação de palavras, a origem do problema, no caso do

agramatismo, deve ser de ordem sintática – relacionada à flexão – e não de ordem lexical, fonológica ou morfológica. Os dados do chinês, obtidos do paciente LXZ., comprovam-no. Sendo de natureza sintática (e não morfológica, como afirma PACKARD), o problema de formação de palavras em mandarim pode ser análogo aos déficits flexionais de outras línguas, o que a própria busca teórica assumida pelo autor permitiria afirmar.

Os verbos formados com maior complexidade são mais difíceis do que outras palavras complexas, segundo PACKARD, afirmação suficiente para abandonar as explicações de natureza não-sintática. Ao contrário, para esse autor, os problemas de flexão no agramatismo teriam duas origens independentes: uma sintática e outra morfológica (PACKARD, 1993:128). O déficit sintático explicaria a simplificação da estrutura sintática, o apagamento de categorias funcionais e erros de flexão atribuídos à especificação imprópria da sintaxe, enquanto o déficit de formação de palavra explicaria o problema da formação de palavras complexas e também os erros de flexão. Logo, PACKARD admite déficit sintático, mas não o considera exclusivo nem dependente das relações sintáticas explicitadas na teoria chomskiana que afirma assumir mas que não usa para suas análises.

As omissões no emprego de palavras funcionais por LXZ. confirmam minha hipótese de que problemas com palavras funcionais explicam o déficit sintático do agramatismo, conforme discutirei no Capítulo III. Os problemas com essas categorias podem ser explicados em virtude de um déficit sintático: a partir do apagamento de categorias não-lexicais, complementizadores e flexão, principalmente, pode ser tecida a generalização teórica para explicar os diversos fatos do agramatismo em diferentes línguas. Os problemas de formação de palavras complexas de LXZ. aparecem predominantemente nos itens verbais. Isso demonstra o rompimento de relações sintáticas em INFL, o que PACKARD não salienta, nem mesmo mencionando a flexão como uma categoria funcional.

12) Dado patológico:	Zhan	hao	duo.
	Stand	-Asp.	very much
	Em pé muito.		
Forma padrão:	Zhànle	háo	jiu.
	Stand-Asp	very	long
	Ficou em pé muito tempo. LXZ. (PACKARD, 1993:47).		

No dado (12), LXZ. omite “le”, num contexto obrigatório, mas nos demais dados o uso de “le” está intacto, conforme observa PACKARD (1993:126). A substituição de “duo” (muito), no lugar de “jiu” (muito tempo), mostra que a semântica está preservada. A esse respeito, convém observar que não é apenas a ausência de marca de passado que poderia caracterizar o agramatismo, como PACKARD (1993) quer evidenciar. O paciente pode ter instabilidades e não ausência total de categorias, fato que PACKARD não aponta. Uma vez observada a presença de “le” nos dados do chinês, PACKARD arrola argumentos a favor da hipótese de uma explicação não-sintática para o agramatismo, mas deixa de mencionar outros aspectos sintáticos relativos à troca de interrogativos, por exemplo, um problema sintático que emerge dos dados por ele mesmo apresentados, mas não tomado como fato relevante. A própria falta de capacidade do paciente em formar sentenças complexas ou mesmo constituintes complexos evidencia que em chinês o agramatismo também pode ser explicado como um problema sintático em torno de categorias funcionais como os complementizadores ou determinantes.

Contra a hipótese do déficit sintático, proposta por GRODZINSKY (1990), e usando a ocorrência de “le” em mandarim como argumento empírico, PACKARD, mesmo sem se referir aos demais marcadores, opta a favor da hipótese de que o agramatismo é um problema de formação de palavras. Apesar de afirmar explicitamente a adoção da teoria sintática chomskiana para analisar o agramatismo, embora não a tenha utilizado, PACKARD (1993:126) posiciona-se contra a evidência de um déficit sintático no agramatismo. Para ele a presença quase intacta do “le” nos dados de LXZ. anula a hipótese de que no agramatismo é o nível sintático que está abalado, afirmando que há problemas na composição de outras palavras complexas nos dados de LXZ., fora do nódulo INFL. A presença de “le”, como marcador de passado, não é argumento contra a hipótese sintática.¹³

A conclusão de PACKARD é a seguinte:

¹³ A esse respeito, GRODZINSKY (1990:60) afirma que não se pode projetar problemas morfológicos que sejam de origem sintática.

These proposals, however, fail to account for the aberrant chinese word formation data because none posits a mechanism where by a disfunctional syntax could be the cause of the observed word formation problems. Without such a mechanism explicitly attributing word formation problems to dysfunctional syntax, a syntactic account will not fully explain the range of problems seen in chinese agrammatic speech (PACKARD, 1993:126).

Se por um lado a abordagem sintática não dá conta dos problemas de formação de palavras, por outro PACKARD (1993) não aponta como relevantes os problemas sintáticos de formação de interrogativas ou problemas de sentenças encaixadas; não evidencia a performance do paciente quanto às passivas e relativas, por exemplo, tratando superficialmente dessas últimas e apontando que no agramatismo há dificuldade de formação de um sintagma nominal complexo. Quanto às demais categorias funcionais ausentes, que não são palavras complexas, não são explicadas por PACKARD.¹⁴

Abaixo, um dado apresentado por PACKARD (1993) para demonstrar a formação aberrante de palavras em LXZ.:

13) Dado patológico:	Zhe laoshi zuo pangbian dianliao. This teacher sit side electric-cure Este professor está sentado ao lado eletroterapia.
Forma padrão:	Zhe laoshi zuo pangbian zhiliao. This teacher sit side cure-cure Esta professora está sentada ao lado me tratando. LXZ. (PACKARD, 1993:48).

Considerando o quadro do agramatismo e admitindo que a estrutura (em 13) é relativamente longa, a substituição de “dian” (eletricidade) por “zhi” (curar), na palavra complexa “zhiliao” (curar), não parece tão aberrante, uma vez que há correlação semântica com “dianliao” (eletroterapia), no lugar de “zhiliao” (terapia), significando “curar”. Essa substituição, embora apontada como fundamental para a caracterização do agramatismo como problema morfológico, evidencia, a meu ver, a manutenção da semântica, e não constitui um argumento forte contra a natureza do problema das relações sintáticas do agramatismo, concentradas nas categorias funcionais.

PACKARD não postula problemas com qualquer categoria vazia, não apresenta qualquer avaliação teoricamente motivada de seus pacientes nem analisa adequadamente os dados coletados.

¹⁴Quanto à formação de palavras no agramatismo em chinês, PACKARD, ao analisar a formação de palavras de LXZ., num total de 243, constata 13,9% de erros na formação de palavras complexas (36,4% com verbos) (PACKARD, 1993:49).

Na descrição dos dados do mandarim, é relevante a observação sobre a topicalização, a qual será retomada por ocasião da análise dos dados do português. A esse respeito o autor afirma: "Topicalization remains surprisingly intact in non fluent speakers. This may be considered evidence of the non-complex, base generated nature of topic structures versus their derivation via syntactic movement rules in chinese". (PACKARD, 1993:147).

Mesmo optando por uma hipótese de ordem morfológica, as descrições de PACKARD (1993) e os dados apresentados são relevantes do ponto de vista sintático para que algumas comparações possam ser estabelecidas com os dados do português.

2.3.2. - AS HIPÓTESES DE GRODZINSKY¹⁵

Enquanto o trabalho de PACKARD (1993) é rico em dados, mas apresenta-se teoricamente superficial, no trabalho de GRODZINSKY (1990) encontram-se reflexões teóricas relevantes sobre o agramatismo, mas os dados são insuficientes e repetitivos.

Preocupado com uma teoria lingüística explícita para os estudos da linguagem patológica da afasia de Broca, e mais especificamente com os resultados de testes para confronto teórico do que com a própria síndrome afasiológica, GRODZINSKY retoma conceitos da gramática gerativa chomskiana dos anos 80 e faz considerações teóricas a respeito de seus pressupostos em relação às questões do agramatismo. Aplica-as na descrição formal da linguagem do agramatismo obtida em testes de compreensão e não apresenta dados patológicos de produção de língua natural. Por isso, pode ser afirmado que a ancoragem empírica de suas afirmações são insuficientes. Apenas em FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) há menção de que os dados de produção do agramatismo em hebraico foram considerados.

¹⁵As primeiras publicações de GRODZINSKY sobre o agramatismo são de 1984: um artigo intitulado "The syntactic characterization of agrammatism" e uma tese de doutorado assinada por CHOMSKY: "Language deficits and linguistic theory", na qual investiga as propriedades estruturais do agramatismo a partir de testes de compreensão do hebraico e do inglês. Em 1990 é publicada a obra intitulada "Theoretical perspectives on language deficits", na qual reúne as conclusões de trabalhos anteriores, incluindo o primeiro artigo de 1984, a tese de 1984 e vários artigos com parcerias diversas. Aprofunda questões teóricas a respeito da escolha do modelo chomskiano e modularidade. Em 1994 responsabiliza-se pela organização do número 45 da Revista "Brain and Language", cuja introdução, de sua autoria, retoma a história da neurolingüística de base chomskiana, seguindo-se artigos relevantes para as questões do agramatismo, alguns dos quais serão retomados no decorrer da análise do caso do português. GRODZINSKY está vinculado à Universidade de Tel Aviv e ao Centro Médico de Boston. Em agosto de 1995 foi docente em curso sobre o agramatismo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde confirmou seus achados anteriores e anunciou as perspectivas da pesquisa futura, tendo se interessado pelos dados inéditos do agramatismo em português, conforme comunicação pessoal.

A obra de GRODZINSKY (1984-1995), na qual é assumido que o agramatismo existe como uma categoria, causou interesse e é a mais citada, por se tratar de abordagem baseada em uma teoria lingüística sólida e por ter sido publicada num momento em que a teoria chomskiana ganhava espaço e em que as discussões sobre o agramatismo eram limitadas a listas descritivas de sintomas.

De acordo com GRODZINSKY (1984a), o que ocorria no agramatismo era uma má seleção das vogais, das palavras em hebraico, as quais são responsáveis por flexão e derivação morfológica. Assim, em hebraico, “yeded”, por exemplo, corresponde a uma criança do sexo masculino, e “yalda” a uma criança do sexo feminino, com respectivos plurais “yiladim” e “yiladot”. As três consoantes /Y-L-D/ formam a raiz da palavra e as marcas de gênero e número são intercaladas entre as consoantes na forma de vogais. Do mesmo modo, para a raiz cachorro /K-L-V/ são possíveis as formas “kelev”, “kalva”, “kilavim” e “kilavot”, respectivamente masculino singular, feminino singular, e respectivos plurais. O que ocorre em hebraico deve-se à natureza da morfologia das palavras da língua, que apresentam diferenças na base vocálica. Esses fatos põem em risco as hipóteses em direção à natureza morfológica do nível abalado no agramatismo.

Para GRODZINSKY (1984b), a abordagem de KEAN (1977) anteriormente mencionada no item 2.2 – segundo a qual o agramatismo é devido a um déficit fonológico e cujas raízes são mantidas – é equivocada porque baseia-se em um tipo de omissão. No agramatismo são observadas omissões em algumas línguas e em outras ocorrem substituições descombinadas, pois as línguas têm padrões morfológicos diferentes, havendo para isso três possibilidades: uma palavra pode ser independente da flexão tanto morfológica como fonologicamente (como inglês e português); pode ser dependente da flexão morfológicamente, mas não fonologicamente, como em russo; ou pode ser dependente da flexão tanto fonologicamente como morfológicamente, como ocorre no hebraico. Portanto, desde que as palavras são bem formadas no agramatismo, conforme línguas que exibem formação morfológica peculiar como o hebraico, a descrição lingüística dessa síndrome afásica deve ir além do nível da palavra, abandonando-se qualquer hipótese explicativa de origem morfológica ou fonológica.

Os desvios observados em linguagem patológica de pacientes agramáticos falantes de russo, italiano e hebraico ocorrem quando a flexão indevida é selecionada,

resultando em violação de concordância ou de marcas de flexão. Essa caracterização do agramatismo só pode ser de natureza sintática, a não ser que haja mais de um nível lingüístico afetado, fato que pode ter causado os equívocos de PACKARD (1993) ao analisar o agramatismo em chinês, no paciente LXZ., como vimos no item anterior, e que foi a causa do abandono do estudo de caso do paciente WR. em português, cuja amostra de dados figura no início deste capítulo.

GRODZINSKY (1990) reforça sua tese de 1984: para ele, se a omissão de uma flexão resultar em uma não-palavra, como "stoy", "ross", "inorima" – "mesa", "vermelho" e "eu rezo", em russo, italiano e japonês, respectivamente –, o morfema, cuja omissão causaria má formação, é preservado ou selecionado inadequadamente (GRODZINSKY, 1990:52). A conclusão é de que partes de palavras podem ser omitidas somente se a flexão zero for uma opção, ao contrário do que prediz KEAN (1977). É o caso do inglês: a forma singular no sistema nominal e a forma do tempo presente no sistema verbal, se omitidas, não afetam a formação da palavra. Por isso, marcas de plural, possessivo e flexões verbais podem ser omitidas na linguagem do agramático inglês, o mesmo ocorrendo em português. Mas em línguas como russo, italiano e hebraico, nas quais omissões resultam em formação lexical não permitida pelos padrões morfológicos da língua, tais elementos não são omitidos, embora elementos de outras classes fechadas o sejam.

Conforme GRODZINSKY (1984), no agramatismo em hebraico é impossível a omissão da flexão porque se estas marcas fossem omitidas, como seria previsto pelas descrições dessa síndrome, não haveria formação de uma palavra possível na língua. Os pacientes em hebraico faziam substituições das vogais, o que levou esse autor a postular uma seleção descombinada dos morfemas flexionais, com conseqüências para a confusa diferenciação entre agramatismo e paragramatismo, este último típico em manifestações de afasia de Wernicke e não da afasia de Broca. A hipótese da seleção descombinada de marcas de flexão em hebraico pode ser explicada, no quadro do agramatismo, nos mesmos moldes da seleção descombinada de casos, verificada em dados de agramatismo em russo e alemão.

O trabalho de GRODZINSKY é representativo porque seus dados refutam a hipótese de que o agramatismo é um problema morfológico ou fonológico, colocando-o

entre os que argumentam a favor da preservação da estrutura sintática no agramatismo, e ao mesmo tempo explicam a natureza sintática dessa síndrome. Com o objetivo de delinear em termos sintáticos a limitação do agramatismo, GRODZINSKY, baseando-se numa teoria da vinculação ainda incipiente, propõe:

If a terminal element at S-Structure is not lexically specified then it will be unspecified at this level (GRODZINSKY, 1984:111).

Numa Teoria de Vinculação mais desenvolvida, mas ainda conforme versões dos anos 80, podemos afirmar, a partir de GRODZINSKY (1984), que se um elemento não estiver presente na estrutura de superfície, ele poderá figurar na estrutura sintática como uma categoria vazia, e a natureza e recuperabilidade desta categoria vazia seriam identificadas funcionalmente a partir do ambiente sintático.¹⁶ Essa modificação, porém, seria válida para algumas categorias não-lexicalizadas na estrutura sintática, mas não para todas, pois não daria conta da omissão de artigos, por exemplo, pelo menos se mantivermos o princípio da categoria vazia conforme a versão da teoria nos anos 80, segundo o qual toda categoria vazia deve ser regida.

A caracterização formal do agramatismo pontuada por GRODZINSKY (1990) tem como cerne a generalização abaixo, a qual tem explicado todos os problemas sintáticos abordados até então. Segundo essa explicação, as representações sintáticas estão geralmente intactas no agramatismo, exceto em dois aspectos:

- a) Trace Deletion - all traces are deleted from S - structure level;
- b) Default Principle (First version) - NPs that do not receive a theta-role syntactically are assigned a default theta-role. Or, stated more precisely in terms of GB Theory: NPs in non thematic position are under the scope of some Default Principle that associates a theta-role to every non thematic position (GRODZINSKY, 1990:83).

Para explicitar sua generalização e a primeira versão do princípio "Default", os dados hipotéticos abaixo são apresentados por GRODZINSKY (1990), ilustrando tipos de construção para os quais há dados patológicos de língua natural em quadros de agramatismo. São representações de estrutura S, conforme admitido no

¹⁶Esta foi a primeira hipótese formulada por mim para explicar dados do agramatismo, num trabalho não publicado, a partir da análise dos dados do paciente P., apresentados por COUDRY (1988). Tal hipótese não se sustentou, dada a proliferação indiscriminada de categorias vazias na estrutura dos dados patológicos. Nesse trabalho a representação arbórea demonstrava apenas a presença de um núcleo nominal e, às vezes, de um núcleo verbal. A ramificação era preenchida exclusivamente à direita. Esta hipótese foi abandonada com o prosseguimento da análise de dados.

modelo chomskiano vigente nos anos 80, em torno das quais giram os trabalhos sobre agramatismo.

- 1 - PASSIVA: a) [_{NP}The girl]_i was pushed [_{NPT}]_i by [_{NP}the boy]
A menina foi empurrada pelo menino.
- 2 - ATIVA: b) [_{NP}The girl] pushed [_{NPT}the boy]
A menina empurrou o menino.
- 3 - RELATIVAS: a) [_{NP}The girl]_i who [_{NPT}the boy] is pushing [_{NPT}]_i is tall.
A menina que o menino está empurrando é alta.
b) [_{NP}The girl]_i who [_{NPT}]_i is pushing [_{NP}the boy] is tall
A menina que está empurrando o menino é alta.
c) Show me [_{NP}the girl]_i who [_{NP}the boy] is pushing [_{NPT}]_i
Mostre-me a menina que o menino está empurrando.
d) Show me [_{NP}the girl]_i who [_{NPT}]_i is pushing [_{NP}the boy]
Mostre-me a menina que está empurrando o menino.
- 4 - CLIVADAS: a) It is [_{NP}the girl]_i who [_{NP}the boy] is pushing [_{NPT}]_i
É a menina que o menino está empurrando.
b) It is [_{NP}the girl]_i who [_{NPT}]_i is pushing [_{NP}the boy]
É a menina que está empurrando o menino.
(GRODZINSKY, 1990:82)

O vestígio aparece na posição de objeto em todos os casos (a) e (c) acima, mas não em (b) e (d); aparece na representação da estrutura S nos casos das relativas (b) e (d) e na construção clivada (b) está na posição de sujeito. GRODZINSKY afirma que o contraste quanto à posição do traço, uma propriedade estrutural, explica o desempenho dos pacientes agramáticos. Para esse autor, ocorre desempenho ao acaso quando a representação da estrutura S contiver um vestígio na posição de objeto, o que envolve transformação de estrutura-D para estrutura-S.¹⁷

No caso das sentenças relativas com categoria vazia na posição de sujeito também pode ser constatada uma operação de transformação, mas a generalização de GRODZINSKY (1990:83) é estabelecida pelo fato de que, quando o vestígio está na posição de sujeito, a posição canônica da língua é mantida para a designação de papel de agente ao primeiro SN através da estratégia "Default". Assim, para GRODZINSKY, o princípio "Default", considerado por ele como estratégia não-lingüística, é invocado apesar das regras da gramática. O falante-ouvinte, por motivo de falha no sistema,

¹⁷Para detalhes sobre o modelo de gramática gerativa vigente nos anos 80 e início dos anos 90, ver RAPOSO (1992).

associaria à posição inicial da sentença o papel de agente em línguas SVO, como o português e inglês, e associaria ao SN pós-verbal o papel de paciente.

Dois problemas colocam-se no início do caminho trilhado por GRODZINSKY para caracterizar o agramatismo. Em primeiro lugar, ele ignora estudos como os de TRAVIS (1984), que postula ser paramétrica a ordem canônica das línguas; em segundo lugar, o conhecimento da ordem canônica da língua é um conhecimento lingüístico e o princípio "Default" é tomado como não-lingüístico.

Segundo GRODZINSKY (1990:84-85), o apagamento de vestígio da estrutura e o princípio "Default" dão conta de explicar a compreensão de linguagem no agramatismo. Para ele, nos dados (a) das construções passivas e clivadas apresentadas anteriormente, e na construção (c) da relativa, o primeiro SN "the girl" não recebe papel temático configuracionalmente. O vestígio ao qual o SN está associado está apagado, conforme a hipótese da generalização do apagamento do vestígio, não havendo possibilidade de transmissão de papel temático da posição vazia ao SN. Nessas estruturas, o SN "the girl" é oscilante do ponto de vista temático: estaria numa posição não-temática, o que o colocaria sob o escopo do princípio "Default", conforme o qual lhe é designado o papel de agente, por estar em posição inicial da sentença. Ao outro SN ("the boy") é designado o papel de agente porque está na posição de sujeito da segunda oração, no caso (a) da clivada e da relativa. No caso da passiva, o agente da passiva é marcado pela preposição. Conseqüentemente, a designação do mesmo papel temático a dois SNs criaria um conflito e, para tentar salvar a representação, o paciente tenta adivinhar. Por isso, seu desempenho em testes de compreensão com essas estruturas é em torno de 50% de acertos.

Considerando os casos (b) e (d) das relativas, GRODZINSKY afirma que nenhum conflito se estabelece entre o princípio "Default" e a designação canônica de papel temático, o mesmo ocorrendo na sentença ativa. Nas sentenças relativas (b) e (d) e na clivada (b) seria designado o papel de agente ao primeiro SN por "Default".

GRODZINSKY considera que, embora os pacientes agramáticos respondam corretamente, acertam por razões não-sintáticas: seu desempenho correto é alcançado por "Default", pois o sucesso na interpretação dessas sentenças deve-se a uma

sobreposição accidental entre o papel designado por “Default” e o papel que deveria ter sido transmitido por cadeia através do vestígio.

Conforme as hipóteses de GRODZINSKY (1990:85),¹⁸ o paciente desempenha-se bem quando o princípio “Default” designa um papel temático que coincide com o que é designado gramaticalmente: é o caso de sentenças relativas com categoria vazia na posição de sujeito. Se não houver coincidência na designação de papéis, conforme designação por “Default” ou pela “gramática normal”, o desempenho do paciente será aberrante: é o que ocorre em passivas e relativas com categoria vazia na posição de objeto.

Tecendo consideração sobre sua própria abordagem, GRODZINSKY postula que é quase sem sentido afirmar que “Trace-Deletion” e “Default Principle” constituem uma teoria do agramatismo. É uma generalização descritiva que capta dados de um modo econômico enquanto faz distinções fornecidas por uma teoria da representação sintática. Apesar de restrita, essa abordagem difere do connexionismo e da teoria de processamento de informação, pois focaliza a representação e não o processo. As duas últimas focalizam o processo sem atrelá-lo a qualquer conhecimento gramatical que originou o déficit.

A favor de suas hipóteses GRODZINSKY (1990) argumenta que essa abordagem torna relevante a interação entre conhecimento não-lingüístico geral e conhecimento de linguagem; ambos partem da parcela de um ato de linguagem e isso é feito de um modo que não obscurece a visão entre a origem dos dois conhecimentos (GRODZINSKY, 1990:86). Apesar dessa argumentação, GRODZINSKY desenvolve um experimento¹⁹ na tentativa de explicitar melhor o princípio “Default”, de modo a acrescentar a possibilidade de operação com o conhecimento lingüístico da grade temática

¹⁸Estas conclusões estabelecidas por GRODZINSKY (1990), com dados hipotéticos, retomam as conclusões de sua obra de 1984, em cujo apêndice (171-203) figuram estas mesmas estruturas em hebraico e inglês, que serviram para testes aos pacientes, momento em que foi feita a quantificação dos resultados (GRODZINSKY, 1984:111-112-118-122-128-129-136).

¹⁹Foram as seguintes as sentenças-teste:

- 1) sentença ativa com verbo agentivo (– The policeman stops the soldier; O policial parou o soldado);
- 2) sentença ativa com verbo agentivo (– The soldier is stopped by the policeman; O soldado foi parado pelo policial).
- 3) sentença ativa com verbo agentivo (com ambigüidade) (– The priest covers the nun);
- 4) sentença passiva com verbo agentivo (com ambigüidade) (– The nun is covered by the priest);
- 5) sentença ativa com verbo não-agentivo (– The book covers the newspaper; O livro cobre o jornal);
- 6) sentença passiva com verbo não-agentivo (– The newspaper is covered by the book; O jornal é coberto pelo livro);
- 7) sentença passiva com verbo psicológico (– The man admires the woman; O homem admira a mulher);
- 8) sentença passiva com verbo psicológico (– The woman is admired by the man; A mulher é admirada pelo homem. (GRODZINSKY, 1990:88).

dos verbos. Para isso, verifica o desempenho de pacientes com verbos não-agentivos para distinguir se o princípio “Default” ou outro princípio de origem lingüística ou cognitiva em geral estaria operando. De acordo com a primeira versão do princípio “Default”, os papéis de agente e tema seriam designados aos SNs de qualquer verbo em línguas SVO, mesmo que o sujeito não fosse agentivo.

Foi verificado em situação de experimento²⁰ que os pacientes nunca arranjaram seqüências agramaticais, mesmo que fizessem inversão de papéis, o que demonstrou a preservação da estrutura da sentença. Conforme relata GRODZINSKY (1990:90), houve ordenação do tipo “the man, the woman is admired by” (o homem, a mulher foi admirado por), o que demonstra a capacidade que o paciente tem de arranjar sentenças com tópico e evidencia certa falta de competência para a colocação da preposição, fatos não salientados por GRODZINSKY, apesar da menção ao dado.

Conforme afirma esse autor, em todas as sentenças ativas os pacientes se desempenharam acima da média, demonstrando habilidade de apreciar os parâmetros sintáticos relevantes para designação de papel temático, e desempenharam-se na média²¹ em passivas com verbos agentivos e não-agentivos. Esse resultado mostrou que a agentividade do verbo não é fator determinante do desempenho aberrante nessas construções. Quanto às passivas com verbos psicológicos os pacientes tiveram desempenho abaixo da média: inverteram os papéis temáticos das sentenças, conforme verificou GRODZINSKY et al. (1988).²²

Mas se os pacientes aplicassem o princípio “Default”, conforme a primeira versão, e o “apagamento de vestígio” estivesse em atividade numa sentença como “The book is covered by de newspaper” (o livro é coberto pelo jornal), seria atribuído o papel de agente ao primeiro SN e de instrumento ao segundo, uma aplicação cega do princípio acima, uma vez que há uma passiva não-agentiva com sujeito inanimado. Nesse caso os pacientes estariam interpretando passivas como se fossem ativas e fariam erros em

²⁰Este trabalho, citado por GRODZINSKY (1990), não é publicado: GRODZINSKY, Y., FINKELSTEIN, D., NICOL, J. e ZURIF, E.B. (1988). O mesmo assunto é repetido em GRODZINSKY (1995), num trabalho também não publicado. Conforme relatado nesse último artigo, em cada teste era dada ao paciente uma gravura desenhada, e cartões com três fragmentos de sentença: (o primeiro SN, o verbo e o segundo SN). A tarefa consistia em ordenar os fragmentos. O paciente, então, procurava combinar a gravura com a sentença dada.

²¹As expressões traduzidas como na média, acima da média e abaixo da média correspondem ao desempenho “at chance”, “above chance” e “below chance”: 50% de acertos ao acaso, acima de 50% e abaixo de 50%, respectivamente. São estes os padrões de acertos e erros considerados por GRODZINSKY (1984-1995).

²²Não foram testadas sentenças com verbos psicológicos no paciente P., pois nenhum problema com designação de papel temático foi observado. Para futuras pesquisas sobre o assunto, o trabalho de CANÇADO (1995) pode servir como ponto de partida.

passivas não-agentivas, segundo GRODZINSKY. Se os pacientes fizessem troca de papéis, seria esperado um desempenho abaixo da média, mas os pacientes do experimento de GRODZINSKY (1988) desempenharam-se na média (em torno de 50%) em passivas não-agentivas, demonstrando atribuir papel de agente a nomes inanimados.

Para dar conta dos dados, abrigando o desempenho na média com verbos de grade temática ambígua, o princípio “Default” é modificado.

Default Principle (Second Version): Assign an NP that do not receive a theta-role syntactically (more precisely: assign every nonthematic position) the theta-role that occupies the corresponding position in the theta-grid of the verb (GRODZINSKY, 1990:91).

Conforme esse algoritmo, as grades temáticas são construídos linearmente organizados, e havendo um SN sem papel temático é examinada a ordem linear da sentença. Tendo sido checada a posição na grade temática, o SN é rotulado com papel temático conforme a posição e a sensibilidade à grade temática do verbo.

Quanto aos verbos psicológicos os pacientes desempenharam-se abaixo da média, não interpretando com facilidade sentenças do tipo “A mulher é admirada pelo homem”. Esse fato pode ser explicado pela primeira versão do princípio “Default”: haveria um bloqueio ao acesso do conhecimento lingüístico e, se não houvesse adequação na designação de papel temático, o princípio “Default” operaria obedecendo a uma hierarquia temática proposta, segundo a qual em primeiro lugar estaria o agente; em segundo, a meta, o experienciador e o instrumento; e em terceiro o tema (GRODZINSKY, 1990:91).²³

A partir dessa consideração e conforme os resultados do experimento de GRODZINSKY et al. (1988), GRODZINSKY (1990) propõe a versão final do princípio “Default”:

Default Principle: (Final Version): If a lexical NP has no theta-role (that is, it is a nonthematic position), assign it the theta-role that is canonically associated with the position it occupies, unless this assignment is blocked. In this case assign it a role from the next lower level in the thematic hierarchy (GRODZINSKY, 1990:95).

²³Esta hierarquia é mantida em GRODZINSKY (1995).

Segundo GRODZINSKY, o seu princípio "Default" dá conta de todos os dados. Nas passivas agentivas, objeto e sujeito recebem papel de agente²⁴ (o primeiro gramaticalmente e o segundo por princípio "Default"), resultando no acerto ao acaso, isto é, em torno de 50%, já que há conflito com a designação de dois papéis de agente. Nas passivas psicológicas, é designado o papel de agente ao sujeito e o papel de experienciador ao objeto, resultando em um desempenho abaixo da média, isto é, abaixo de 50%. Finalmente, nas passivas não-agentivas, objeto e sujeito recebem papel de instrumento, e o desempenho corresponde ao acaso. Desse modo, os pacientes usam o pouco que têm de conhecimento lingüístico: a informação de que sujeito é agente, por exemplo.

Conforme a versão final do princípio "Default", primeiro há tentativa de designação de papel temático ignorando o designador, e se essa designação ferir a combinação semântica, o princípio "Default" desempenharia seu papel do nível mais alto para o mais baixo para combinar propriedades semânticas que o SN tiver. Mas o princípio "Default" é invocado somente se a análise gramatical for insuficiente, isto é, quando houver falta de conhecimento lingüístico para estabelecer arranjo da estrutura por princípios sintáticos.

Na versão final do princípio "Default", GRODZINSKY abandona a abordagem que atrela a designação de papel temático à sensibilidade à grade temática do verbo, o que não é conveniente, uma vez que essa sensibilidade não é problema no agramatismo, conforme demonstram inúmeros experimentos.²⁵ Além disso, se nas passivas os pacientes sempre designassem agente ao primeiro SN, errariam sempre e o desempenho seria abaixo da média. Segundo GRODZINSKY, o papel temático é designado gramaticalmente ou pelo princípio "Default" através do conhecimento de mundo (GRODZINSKY, 1990:96).

Considerando o princípio "Default", na sua versão final, como uma estratégia não-sintática, isto é, não decorrente de conhecimento da gramática, e examinando a competência sintática dos afásicos agramaticais conforme as propriedades sintáticas das sentenças quanto à compreensão e os padrões e tipos de erros, GRODZINSKY (1990) conclui que, do ponto de vista sintático, o déficit do agramatismo

²⁴Esta explicação foi mantida por GRODZINSKY nas suas conferências na UFRJ, em agosto de 1995.

²⁵A respeito da preservação dos papéis temáticos no agramatismo em português ver Capítulo III.

é parcial, pois os pacientes são capazes de compreender adequadamente grande parte das sentenças, e julgam agramaticalidade, embora falhem em algumas estruturas com presença de vestígio.

GRODZINSKY (1990) afirma que parece plausível assumir que os afásicos tentam fixar a referência das expressões lingüísticas, mesmo quando a informação gramatical é insuficiente. A esse respeito é preciso salientar que não houve, na comunidade científica, aceitação pacífica das conclusões de GRODZINSKY sobre o agramatismo.²⁶ Esses estudos a respeito desse quadro patológico apresentam coerência teórica e empírica, mas estão sendo constantemente revistos pelo próprio autor.

Achados empíricos evidenciaram fatos do agramatismo que, aliados aos avanços teóricos, obrigaram GRODZINSKY (1995) a reformular suas hipóteses, propondo uma teoria restritiva do apagamento do vestígio, e a modificar a estratégia "Default". GRODZINSKY (1990), como vimos, havia sustentado que todos os vestígios eram apagados da representação e que o bom desempenho do paciente em relativas com sujeito vazio devia-se a uma estratégia cognitiva.

A motivação empírica para a modificação dessa hipótese foi o fato de que os pacientes acometidos de agramatismo compreendiam estruturas com o interrogativo "who", o que não é mencionado por GRODZINSKY (1990), mas reconhecido em GRODZINSKY (1995) devido aos achados de HICKOK e AVRUTIN (1994). Esse fato novo é aliado à hipótese do sujeito interno a VP e preservação do movimento do verbo; portanto, motivações de ordem teórica e empírica são responsáveis pela última versão das hipóteses de GRODZINSKY (1995).

Considerando-se a hipótese do sujeito interno a VP (conforme KOOPMAN e SPORTICHE, 1988), o sujeito gerado internamente em VP move-se para Spec de IP, deixando um vestígio. Assim, toda sentença transitiva ativa terá categoria vazia. Isso obrigou GRODZINSKY a reformular suas hipóteses. Se for mantida a hipótese do apagamento do vestígio, e adotando-se a hipótese do sujeito interno a VP, o papel

²⁶TESAK (1992b), ao resenhar a obra de GRODZINSKY (1990), aponta problemas empíricos e metodológicos, porém seus estudos não ultrapassam quantificações, além de não apresentar os dados. Na sua resenha TESAK demonstra não ter acompanhado a série de artigos nem a tese de GRODZINSKY (1984). O que ocorre em GRODZINSKY (1990) é uma falta de explicitação detalhada de assuntos anteriormente tratados. TESAK (1992) afirma que a metodologia em questão não pode ser usada para desempenho patológico, desde que falantes nativos de agramatismo não existem e cuja competência a que poderíamos ter acesso não existe. Mas o argumento de TESAK de que não existem falantes nativos agramaticais é aberrante, considerando-se que a afasia é causada por lesão adquirida.

temático do sujeito será designado por “Default”, pois o sujeito não receberia papel normalmente (GRODZINSKY, 1995:13).

Quanto ao movimento do verbo, GRODZINSKY (1995) considera três tipos de cadeias: X^0 , quando o núcleo é movido como no caso de movimento de verbos; cadeias A (cabeça em posição A); e cadeias A' (com cabeça em posição A'), como nas interrogativas e relativas). GRODZINSKY (1995:15) afirma que as cadeias A e A' quebram-se no agramatismo, enquanto cadeias X^0 estão intactas tanto para produção como para compreensão. No caso das passivas, contudo, o autor considera que a compreensão está abalada, o que não ocorre em português, conforme demonstram os dados.

Para dar conta da operação sintática de movimento de núcleo, como o movimento do verbo, com manutenção da cadeia X^0 no agramatismo, GRODZINSKY (1995) restringe a hipótese do apagamento de vestígio a partir do que havia sido proposto em GRODZINSKY (1990), do seguinte modo:

Restrictive TDH (Trace Deletion Hypotheses)

Traces in θ positions are deleted.

Traces in A positions are deleted. (GRODZINSKY, 1995:19).

Trace Based Account (TBA)

Traces in θ position are deleted from agrammatic representation (or, are invisible to θ role assignment). (GRODZINSKY, 1995:21).

Essa abordagem mais restrita da hipótese do apagamento de vestígio não foi suficiente para explicar por que os pacientes de HICKOK e AVRUTIN (1995)²⁷ compreendiam interrogativas com “who” mas não compreendiam interrogativas com “which”, fato explicado por esses autores devido à não-referencialidade de “which”, que, para ser interpretado, precisa de antecedente discursivo. A partir dessas considerações, GRODZINSKY (1995) acrescenta à abordagem do apagamento do vestígio a estratégia da referencialidade:

R - strategy: Assign a referential NP a role by its linear position iff it has no θ role (GRODZINSKY, 1995:27).

²⁷Voltarei ao estudo de HICKOK e AVRUTIN (1995), ao tratar das interrogativas no agramatismo em português.

Essa estratégia restringe a aplicação do princípio “Default” a elementos referenciais. Segundo GRODZINSKY (1995), a estratégia-R explica por que os pacientes entendem passivas com sujeito quantificado melhor do que quando o quantificador²⁸ não está presente. Restringe, então, a hipótese do apagamento do vestígio à hipótese do apagamento de vestígios em posição temática, e modifica o princípio “Default”, postulando a designação de papel temático estrategicamente apenas quando os SNs sem papel temático forem referências.

Nessa perspectiva, GRODZINSKY (1995) admite que o déficit sintático do agramatismo limita-se às categorias lexicais e que as projeções envolvendo categorias funcionais estariam intactas (GRODZINSKY, 1995:29). Essa afirmação é contraditória ao que o mesmo autor propõe em parceria com FRIEDMANN, conforme veremos adiante no Capítulo IV (FRIEDMANN e GRODZINSKY, 1995).

Os fatos empíricos da compreensão de interrogativas, que vieram à tona com o trabalho de HICKOK e AVRUTIN (1995) e obrigaram GRODZINSKY a reformular suas hipóteses sobre o agramatismo, provocaram a perda da generalização explicativa, obtida até então com a hipótese do apagamento de vestígios.

No Capítulo III, as hipóteses de GRODZINSKY (1984-1995) serão retomadas com vistas aos dados do português.

2.4. - A QUESTÃO DA COMPETÊNCIA: COMPREENSÃO, PRODUÇÃO E JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE

Se o modelo de gramática eleito para explicitar dados do agramatismo for mentalista, um modelo de competência lingüística que envolve a capacidade de produzir e compreender frases da língua nativa, então, para estabelecer a caracterização desse tipo de afasia é preciso saber se os problemas patológicos de linguagem se restringem à produção ou se afetam também o processo de compreensão. Esse fato é irrelevante quando é estabelecida a gramática de falantes normais, nos quais os problemas de paralelismo

²⁸Não foi abordada a questão da quantificação no estudo de caso do agramatismo em português. Este assunto exigiria outra pesquisa.

compreensão-produção não aparecem. Quando os dados de falantes normais são postos em tela, o tratamento da compreensão e produção é uniforme, pois há paralelismo. Qualquer inadequação em um desses componentes oportuniza um enfoque patológico e é justamente nesses casos que a velha questão do paralelismo volta à tona. A esse respeito, é preciso estabelecer que produção e compreensão, no quadro do agramatismo, envolvem competência para a língua-L. Nesse sentido, a produção aqui tem estatuto diferente do desempenho em língua E enquanto uso, dimensão que no âmbito da gramática gerativa não pode ser abarcada por razões epistemológicas, mas que foi o lugar de coleta de dados.

A caracterização do agramatismo, com vistas à compreensão e produção da linguagem, deve determinar quais são as diferenças no sistema de representação das estruturas resultantes da linguagem patológica, em comparação a um modelo para a linguagem normal. Nesse caso, a linguagem normal também pode ser explicada, isto é, o estudo do agramatismo pode contribuir para o entendimento da linguagem dos falantes ideais. Além disso, fatos do agramatismo podem iluminar modificações da teoria e confirmar princípios já propostos.

Se for estabelecida uma gramática da produção e/ou compreensão no quadro patológico – uma gramática do agramatismo –, os dados patológicos poderão ser explicados independentemente das representações dos falantes normais. Mas é preciso lembrar que o aparato teórico da gramática gerativa chomskiana foi estabelecido para falantes normais idealizados e não para casos patológicos (LOBATO, 1986:37).

A partir dessas considerações, o caminho viável é tomar a teoria da gramática proposta para normais como ponto de partida e modificá-la conforme o quadro patológico a ser explicado, retirando ou acrescentando princípios para dar conta das representações alteradas. Esse é o trajeto feito por GRODZINSKY (1990-1995), que assume um déficit mínimo como possível e propõe alterações das representações.

A questão de explicitar a representação de dados de produção e compreensão suscita outra: estabelecer se o déficit é estritamente gramatical ou se o processamento está envolvido.

The loss may affect either the system of grammatical knowledge or the processor that implements it. We cannot know a priori what was disrupted. It is therefore best not to make a commitment on this point, at least at the outset. We can avoid having to make this commitment by modifying grammatical representations instead of rules. We can say that the representations are abnormal, and that the abnormality may arise from either grammatical or processing deficiencies. That is, the representation may be abnormal either because knowledge has been lost or because a mechanism has been disrupted. Modifying a representation is the most general form of a deficit description. (GRODZINSKY, 1990:55).

Em relação a essas questões teóricas e à escolha do modelo mentalista, não se pode perder de vista que a investigação, tanto da compreensão como da produção, exige um conhecimento abstrato da linguagem e sua interpretação conforme o conhecimento teórico, pois uma explicação plausível do agramatismo envolve a interação da estrutura, do conhecimento sintático-lingüístico e dos mecanismos que operam as estruturas do conhecimento sintático.

GRODZINSKY (1990), ao propor uma descrição formal do agramatismo, considerou que as representações da gramática dos normais difere da gramática patológica devido ao apagamento de vestígios nesta última. Afirma que não podem ser admitidos sistemas de conhecimentos diferentes para compreensão e produção e considera que, apesar do rompimento do paralelismo compreensão-produção, é preciso considerar que a representação do conhecimento lingüístico e seu processamento não podem ser neurologicamente independentes nem teoricamente incompatíveis.

Essa posição é assumida também por RESNIK (1995), que admite serem os problemas de performance no agramatismo gerados por problemas de competência. Assim, uma teoria da competência sintática deverá explicar problemas de performance quando a origem do conhecimento não for extralingüística nem envolver problemas em outros níveis lingüísticos. A esse respeito GRODZINSKY (1990) considera que:

It does not mean, of course, that different knowledge systems underlie production and comprehension. Given that the descriptions of the agrammatic production and comprehension patterns cannot be collapsed, we are forced to claim that the two deficits are not parallel. This suggests (though it does not require) that the impairment affects the processing components, which differ in the two modalities (GRODZINSKY, 1990:107).

Fatos semelhantes são abordados por MAUNER, FROMKIN e CORNELL (1993), que focalizam a questão da aceitabilidade da estrutura e da compreensão no

agramatismo. Esses autores discutem várias tentativas de fixar o foco da compreensão assintática em algum componente da gramática e afirmam que o interesse teórico para a pesquisa em afasia deve-se ao fato de que lesões locais no cérebro não ocasionam apenas desordem cognitiva seletiva, mas levam a danos específicos tanto na construção de representações lingüísticas como em mecanismos específicos de processamento de linguagem.²⁹

Outros fatos justificam por que a afasia de Broca tem intrigado os pesquisadores. Um deles é o de que a compreensão, caracterizada por CARAMAZZA e BERNDT (1978) como compreensão assintática, pode coexistir com padrões normais em tarefas de julgamento de gramaticalidade. Também LINEBARGER, SCHWARTZ e SAFRAN (1983) mostram que os pacientes agramáticos reconheciam más formações sentenciais e desempenhavam-se bem nos julgamentos de gramaticalidade, embora problemas de compreensão e produção fossem detectados. FRIEDERICI (1982) mostrou que agramáticos do alemão não produziam preposições, mas eram sensíveis a elas em julgamentos de gramaticalidade e sensíveis às informações gramaticais de gênero dos pronomes e artigos (FRIEDERICI, WEISSENBORN e KAIL, 1991).

JAREMA e FRIEDERICI (1994) repetem as observações para o francês. Nesse estudo, concluem que os pacientes processam bem artigos, mas quanto aos pronomes houve indícios de que quando o referente era facilmente encontrado os pacientes acertavam, e de que quando o pronome dependia do antecedente, por indexação, havia erros (JAREMA e FRIEDERICI, 1994:691). Os autores afirmam que na designação natural de gênero aos pronomes os pacientes não tiveram dificuldade, mas quando era necessário fazer a relação gramatical com um antecedente, havia problemas. Nesses trabalhos, há focalização da questão da competência sintática através de dados da performance.

Afirmar que os pacientes agramáticos julgam a boa ou má formação de sentenças que não produzem é viável: pode ser que o déficit sintático seja apenas déficit de produção em FF e não de compreensão em LF. Porém, é contraditório admitir que um julgamento de gramaticalidade é confiável quando o paciente não compreende a estrutura

²⁹No item 1.5.1 (Capítulo I), foi abordada a questão da possibilidade de adoção do mesmo esquema teórico para questões de representação e "parsing".

posta em julgamento.³⁰ Apesar da relevância de estabelecer o paralelismo ou o não-paralelismo entre produção e compreensão para caracterização do agramatismo, são raros os trabalhos em que essas duas dimensões da linguagem são observadas.³¹ PACKARD (1993), por exemplo, preocupou-se apenas com a questão da produção, enquanto GRODZINSKY (1984-1990) preocupou-se com a questão da compreensão. MAUNER et al. (1993) afirmam que nos estudos sobre restrição de compreensão no agramatismo a partir do arranjo sintático não está em tela toda a coleção de sintomas do agramatismo. Cada um desses trabalhos apela para a perda total ou parcial da sintaxe para operar com a compreensão da sentença.

Nos estudos sobre compreensão no agramatismo, é preciso estabelecer primeiramente se essa síndrome envolve ou não um problema sintático. A questão central referente à relevância da alteração do nível sintático no agramatismo quanto ao grau dessa alteração é ainda indeterminada, conforme afirma GRODZINSKY (1990:64). GRODZINSKY (1995:5) resume as três possibilidades de abordagem do assunto, do mesmo modo que foi exposto no início desse capítulo: um grupo de pesquisadores admite que afásicos agramaticais perdem a sintaxe completamente: CARAMAZZA e ZURIF (1976), BERNDT e CARAMAZZA (1980) e CAPLAN e FUTTER (1986); outro admite que a perda da sintaxe é parcial: GRODZINSKY (1984-1990), MAUNER, FROMKIN e CORNELL (1993), ZURIF, CANSECO-GONZALES (1993); e um terceiro grupo advoga que não há déficit sintático no agramatismo: LINEBARGER, SCHWARTZ e SAFFRAN (1983) e SCHWARTZ et al. (1987). De acordo com o primeiro grupo, os pacientes perdem totalmente a competência para representar a estrutura sintática, de acordo com o segundo grupo há preservação de parte da sintaxe, e de acordo com o terceiro grupo, que defende a hipótese do mapeamento, o déficit é interpretativo e não sintático.

Dentre os autores do primeiro grupo, CARAMAZZA e ZURIF (1976) foram os pioneiros a propor uma abordagem da compreensão agramatical, a partir de um experimento sobre compreensão. Relatam que os pacientes agramáticos não apresentam problemas na interpretação de sentenças semanticamente não-reversíveis, como: "The ball

³⁰LINEBARGER (1995), embora argumente a favor de um déficit interpretativo no agramatismo, pois defende a hipótese do mapeamento, retoma tal fato e o considera um paradoxo.

³¹A respeito da possibilidade de dissociação entre produção e compreensão no agramatismo, há os seguintes trabalhos: CARAMAZZA, BERNDT, BASILI e KOLLER (1981); CARAMAZZA e ZURIF (1976); HEILMAN e SCHOLLES (1976); KOLK, van GRUNSVEN e KEYSER (1985); MICELI, MAZZUCCHI, MENN e GOODGLASS (1983); SAFFRAN e MARIN (1975); LUKATELA, CRAIN e SHANKWEILLER (1988); LINEBARGER, SCHWARTZ e SAFFRAN (1983).

that the boy is kicking is red” (A bola que o menino está chutando é vermelha), mas em sentenças semanticamente reversíveis como “The girl that the boy is pushing is blond” (A menina que o menino está empurrando é loira) a performance dos pacientes é de 50%, indicando que nos casos de acertos havia adivinhação. Para compreensão de sentenças semanticamente reversíveis há obrigatoriedade de análise sintática, enquanto em outros casos, com verbos não-reversíveis, a interpretação pode ser auxiliada pelo conteúdo lexical. Essa conclusão decorreu de experimento: foram dadas a um sujeito 10-20 sentenças em cada condição. O experimento consistiu de um jogo de gravuras-sentenças, no qual para cada sentença alvo havia possibilidades de escolha: uma das gravuras era correspondente ao conteúdo da sentença (um menino empurrando uma menina loira), na outra os papéis eram trocados (a menina aparecia empurrando o menino), na outra o adjetivo entrava em jogo (ao invés de loira e menina era morena) e em outra o conteúdo lexical do verbo se alterava (ao invés de empurrar, o menino batia na menina). As duas últimas alternativas nunca foram escolhidas pelo paciente. As duas primeiras respostas foram dadas por adivinhação, o que indicava que os pacientes eram incapazes de usar sintaxe como processos algorítmicos. De acordo com CARAMAZZA e ZURIF (1976), os pacientes poderiam inferir o papel temático das palavras e o seu significado devido à manutenção da capacidade de usar procedimentos heurísticos para fazer interpretação semântica de uma organização sintática representada incorretamente.

Essa seria a razão para a discrepância entre o desempenho com sentenças reversíveis e boa performance com sentenças não-reversíveis, cuja análise sintática se manteve constante. CARAMAZZA e ZURIF caracterizam a compreensão, no agramatismo, como completamente assintática, isto é, a capacidade de restringir apropriadamente, via sintaxe, o sentido da sentença, estava perdido, e quando o paciente demonstrava sinais de compreensão isto se devia à combinação de sentido de itens lexicais, de acordo com a plausibilidade no mundo. Os autores não explicam, porém, como a sintaxe é perdida, já que os pacientes compreendem sentenças não-reversíveis.

Mas CARAMAZZA e ZURIF não foram os únicos pesquisadores a afirmar que os agramáticos têm problemas de compreensão gramatical e não têm sintaxe. CAPLAN e FUTTER (1986) fizeram propostas semelhantes. Estudaram vários tipos de

estruturas sintáticas³² e constataram que o desempenho dos pacientes era variado: às vezes tinham bom desempenho, outras vezes não. Assumiram que os afásicos agramaticais estavam mantendo somente a habilidade de identificar a categoria sintática da palavra e todas as outras habilidades gramaticais estariam perdidas. O desempenho do paciente, em torno de 50% de acertos, era devido à sensibilidade à ordenação linear de nomes e verbos e à aplicação de regra interpretativa designando papéis temáticos na sequência agente, tema e meta. Essa hipótese de designação de papel temático conforme ordem canônica internalizada, que o paciente agramático preserva, constitui um conhecimento lingüístico do paciente agramático, mas um conhecimento lingüístico limitado. Apesar dessa limitação, a hipótese da perda total de sintaxe não se sustenta.

BERNDT e CARAMAZZA (1980) afirmam, com pouca evidência, que a limitação de compreensão no agramatismo se deve a um problema de processamento, mas o fazem de modo vago, pois nenhum modelo de processamento é citado e não há trabalho empírico pertinente nem detalhado.

Essas três abordagens, que apontam para a confirmação da hipótese da perda da sintaxe, limitam-se a abordar a questão da compreensão.

Um experimento que investigou um caso de agramatismo, tanto quanto à compreensão como quanto à produção, é o de CARAMAZZA e MICELI (1991). Mas o caso EB., que estudam, é exótico o suficiente para não constituir argumento forte a favor do não-paralelismo compreensão-produção, nem contra a hipótese de GRODZINSKY (1990) a respeito do apagamento de vestígios, como pretendem demonstrar aqueles autores. EB., falante de italiano, apresentava problemas de memória e mostrava uma afasia fluente, com lesão parietal esquerda. Produzia sentenças subordinadas, mas não produzia preposições, artigos, clíticos e verbos auxiliares. Na tarefa de nomear gravuras, apresentava "word finding difficult", mas compreendia normalmente palavras isoladas e percebia as suas flexões, não compreendendo as marcas morfológicas na estrutura. Também não compreendia sentenças semanticamente reversíveis, tanto ativas como passivas (CARAMAZZA e MICELI, 1991:407-408).

³²CAPLAN e FUTTER (1986) testaram vários tipos de estruturas sintáticas no paciente SP. 1 - The elephant hit the rabbit and hugged the bear (O elefante atacou o coelho e acariciou o urso); 2 - The elephant that hit the rabbit hugged the bear (O elefante que atacou o coelho acariciou o urso); 3 - The elephant hit the rabbit that hugged the bear (O elefante atacou o coelho que acariciou o urso); 4 - The elephant hit the rabbit that the bear hugged (O elefante atacou o coelho que o urso acariciou); 5 - The elephant that the rabbit hit hugged the bear (O elefante que o coelho atacou acariciou o urso); SP. interpretava as sentenças 1 e 3 do mesmo modo. Designava o papel de tema ao último SN do segundo verbo, mas tomava tanto o primeiro como o segundo SN como agente do segundo verbo. (CAPLAN, 1993:318).

A tarefa do experimento aplicado a EB, consistia em combinar sentenças³³ com gravuras para verificar se a paciente designava papéis temáticos adequadamente. Quando o desempenho em ativas reversíveis e passivas foi considerado separadamente, EB, mostrou problemas de compreensão em ambas as sentenças (CARAMAZZA e MICELI, 1991:414).

Embora seu julgamento de gramaticalidade fosse considerado normal, os resultados dos experimentos foram os seguintes, para tarefas de compreensão e de produção:

1. mostrou problemas na compreensão de sentenças semanticamente reversíveis;
2. teve problemas mais abundantes em compreensão de passivas, mas também problemas com ativas;
3. não teve problemas no processamento da informação morfológica;
4. produziu grande número de erros com papéis temáticos, tanto com gravuras quanto com tarefas de produção, principalmente em sentenças reversíveis;
5. produziu mais erros nos papéis reversíveis em passivas do que em ativas, embora seu desempenho tenha apresentado problemas em ambas;
6. produziu erros na morfologia flexional;
7. em poucos casos produziu sentenças bem formadas, inclusive passivas.

O que é discutível nos resultados apresentados por CARAMAZZA e MICELI (1991) a respeito da paciente EB., e que demandaria outra pesquisa, é o fato de que a paciente não só repetia sentenças que não compreendia, como também transformava passivas em ativas e vice-versa. A partir dessa constatação, os autores concluíram que o déficit de EB, estava no mecanismo de atribuição de papéis temáticos, o que é insuficiente para explicar o que estava preservado. A paciente repetiu 240 sentenças nos testes, as quais demonstrava não compreender, fazia transformações e julgava agramaticalidade, e se não atribuisse papéis temáticos não produziria boas sentenças, como os pesquisadores atestaram.³⁴ A alternativa a ser considerada é a de que a paciente repete sem problemas,

³³As sentenças do italiano testadas por CARAMAZZA e MICELI (1991) são comentadas e exemplificadas, mas os dados de produção de EB, não são apresentados.

³⁴Para CARAMAZZA e MICELI (1991) a repetição é um processo mais simples do que a compreensão, mas os dados do paciente P. em português mostram exatamente o contrário: toda vez que um problema sintático aflora a repetição é

mas automaticamente. Porém, nas transformações ativa-passiva operadas pela paciente, é difícil apelar para uma operação automática. A partir das constatações contraditórias observadas na linguagem desse quadro patológico, a reavaliação da linguagem da paciente poderia redefinir o quadro para um diagnóstico mais claro.

Levando em conta o fato de que os sujeitos agramáticos podem julgar a gramaticalidade de construções que não compreendem, MAUNER, FROMKIN e CORNELL (1993) tentam fixar o foco da compreensão assintática em algum componente da gramática, para dar conta de fatos gramaticais, evidentes em casos de agramatismo.

Considerando que os pacientes agramáticos não têm dificuldade de designar papel temático aos participantes de um evento, denotado pelo verbo em ativas declarativas ou em passivas não-reversíveis, os autores consideram que os agramáticos processam bem sentenças como "The boy ate the tomato" ("O menino comeu o tomate"), "The boy chased the girl" ("O menino perseguiu a menina") e "The tomato was eaten by the boy" ("O tomate foi comido pelo menino").

Porém, em passivas reversíveis os pacientes tiveram em média 50% de acertos, isto é, em metade das vezes interpretaram o sujeito como perseguidor, e nas demais vezes como perseguido, numa sentença como "The girl was chased by the boy" ("A menina foi perseguida pelo menino"). Uma dissociação similar foi encontrada em pacientes agramáticos em relação a sentenças relativas e clivadas. Foi demonstrado que a capacidade de interpretar "quem fez o que a quem", idéia básica para designação de papéis temáticos, está preservada em relativas com sujeito vazio e verbos semanticamente reversíveis e em sentenças clivadas com sujeito em destaque. Mas em sentenças relativas com verbos reversíveis e com objeto vazio e em sentenças clivadas com objeto em destaque os pacientes adivinharam na designação de papéis temáticos.³⁵

interrompida. Por isso, no estudo do paciente P. a repetição não só é considerada uma operação complexa como também é um meio eficaz de avaliar a linguagem no quadro patológico do agramatismo, havendo evidências de que não é uma operação automática, conforme veremos no Capítulo III.

³⁵Conforme os trabalhos de CARAMAZZA e ZURIF (1976); GRODZINSKY (1984); CAPLAN e FUTTER (1986), mencionados anteriormente, os pacientes não processam as sentenças (a) e (b) abaixo, mas processam ao acaso, acertando 50% (c) e (d). O mesmo fato é apontado por MAUNER et al. (1993:341).

a) The boy who chased the girl is fast (relativa com sujeito vazio);
O menino que perseguiu a menina é rápido.
b) It was the boy who chased the girl (sentença clivada com destaque no sujeito);
Foi o menino que perseguiu a menina.
c) The boy who the girl chased is fast (relativa reversível com objeto vazio);
O menino que a menina está perseguindo é rápido.
d) It was the boy who the girl chased (sentença clivada com objeto em destaque);

MAUNER, FROMKIN e CORNELL (1993) explicam o fato postulando que nas ativas e relativas com sujeito vazio há apenas uma dependência, enquanto nas passivas e relativas com objeto vazio há duas dependências.³⁶ Conforme essa caracterização, as questões de compreensão no agramatismo são explicadas pela complexidade de cadeias.

Sob perspectiva teórica diferente³⁷, HAARMAN e KOLK (1994) chegam à mesma conclusão, baseados em fatos de concordância e complexidade de sentenças em holandês. Esses autores mostraram que os problemas no agramatismo são maiores quando a estrutura sintática é complexa, isto é, as sentenças não são apenas coordenadas, mas sim encaixadas, como as relativas, e constataram que os afásicos de Broca tinham sensibilidade sintática quando a violação de concordância ocorria em sentenças simples. Nas sentenças coordenadas os pacientes “sentiam” o efeito da concordância, mas demonstraram pouca sensibilidade aos seus efeitos em sentenças encaixadas (HAARMAN e KOLK, 1994:507). Portanto, o julgamento de gramaticalidade também perde efeito quando testado em sentenças complexas, questão a ser retomada no Capítulo III.

O elenco de trabalhos sobre a compreensão-produção e julgamento de gramaticalidade, exposto anteriormente, proporciona subsídios para completar o quadro da caracterização do agramatismo: não há paralelismo compreensão-produção. Os fatos observados em diferentes pacientes, experimentos e línguas tendem a se repetir em português, o que constituiu evidência para a formulação da hipótese de que a síndrome do agramatismo pode ser universal, variando apenas de acordo com os parâmetros de cada língua e o grau de severidade de cada caso.

2.5. - O PAPEL DA EXPERIMENTAÇÃO NA CARACTERIZAÇÃO DO AGRAMATISMO

As pesquisas sobre o agramatismo tiveram, ao longo da história da neurolingüística, conclusões obtidas a partir de diferentes fontes, as quais eram

Foi o menino que a menina perseguiu.

³⁶Retornarei aos detalhes desta proposta ao analisar os dados do português nos itens 3.3.8 e 3.3.10.

³⁷HAARMAN e KOLK (1991a) desenvolveram um modelo computacional da compreensão assintática da afasia de Broca: SYNCHRON, cujas bases não são explicitadas pelos autores (HAARMAN e KOLK, 1994:495).

focalizadas conforme os paradigmas vigentes em cada momento da neurociência e da lingüística.

Como vimos no percurso histórico, as primeiras constatações originaram-se de observações sobre a linguagem aliadas a dados neuroanatômicos. Dizia-se, por exemplo, que o agramatismo consistia na simplificação da linguagem e confirmava-se o diagnóstico pela localização da lesão. Um progresso nos estudos sobre o agramatismo foram as descrições da linguagem desse quadro patológico utilizando conceitos lingüísticos. Mas o paradigma estruturalista possibilitou apenas o estabelecimento de taxionomia e a formulação de quadros estatísticos a partir da contagem de palavras isoladas que o paciente exibia em uma sessão. As conclusões das pesquisas antes dos anos 70 e muitas até os anos 90, como as expostas em MENN e OBLER (1990), consistem apenas de listas de itens omitidos, acompanhadas da afirmação de que os pacientes compreendiam a linguagem.³⁸

Da leitura dos muitos escritos sobre agramatismo pode ser constatado que, além da preocupação de verificar se o paciente era ou não capaz de fazer julgamento de gramaticalidade, proliferaram, a partir de meados dos anos 70, avaliações através de experimentos.

Para testar o julgamento de gramaticalidade, geralmente apresentava-se oralmente ao sujeito um conjunto de palavras e era-lhe perguntado se a seqüência formava uma sentença boa na língua. Já GRODZINSKY (1984) apresentava cartões nos quais figuravam rostos alegres e tristes, para que o paciente os apontasse quando a sentença fosse boa ou ruim.

Quanto aos demais testes não-clássicos, diferentes ações eram exigidas para que o sujeito se desempenhasse num experimento e, a partir daí, a competência poderia ser verificada. É possível afirmar, a partir do panorama de estudos em neurolingüística, que a tarefa mais comumente usada para avaliação de habilidades interpretativas de pacientes cérebro-lesados é o jogo sentença-gravura. Geralmente, os sujeitos ouvem ou lêem sentenças que são confrontadas com gravuras diversas para que escolham uma cena condizente com a sentença. Considera-se o padrão de erros e geralmente a tarefa não é cronometrada.

³⁸Para confirmar essa afirmação, ver tabelas publicadas por MENN e OBLER (1990), contemplando quantificação de dados do agramatismo em 14 línguas.

A respeito da utilização de dados obtidos via experimentação para validar teorias lingüísticas e explicar fatos deste quadro patológico, GRODZINSKY (1990) posiciona-se afirmando que as intuições gramaticais do falante nativo não constituem a única fonte válida de evidência sobre a faculdade da linguagem, podendo haver conclusões a partir de experimentos psicológicos. Assim, não há razão para que este tipo de dado não seja considerado para sustentação de teorias da estrutura da linguagem. Mas esses recursos são os únicos utilizados por ele, já que não são considerados em seus trabalhos dados de produção, exceto em FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995).

Nos anos 90, a publicação de MENN e OBLER (1990) é representativa por apresentar um corpus de dados de produção do agramatismo em catorze línguas. Contudo, apenas duas sessões de entrevista serviram de fonte para coleta desses dados: numa, o paciente contava a história da sua doença e, em outra, a história do chapeuzinho vermelho.³⁹ Apenas quadros estatísticos quantificando verbos, substantivos, adjetivos, preposições e conjunções subordinadas são apresentadas sem ultrapassar a quantificação. Apesar do número de línguas, não se pode tirar desses dados conclusões pormenorizadas confiáveis sobre o agramatismo, pois em cada língua e em cada paciente os dados são insuficientes. Observa-se, no entanto, que a estrutura da sentença com sujeito, verbo e complemento está preservada na produção dos pacientes agramáticos nas catorze línguas. Considero que os dados publicados por MENN e OBLER (1990) podem constituir ponto de partida para pesquisa, mas não ponto de chegada para argumentação convincente.

Apesar da validade dos resultados de experimentação para composição do quadro de características do agramatismo, vários questionamentos podem ser colocados sobre a confiabilidade de resultados de alguns experimentos. É preciso interrogar: qual a validade da reação de tempo gasto em um processamento do ponto de vista da competência lingüística?; o que é testado do ponto de vista sintático quando o paciente ouve e reconhece a sentença escrita num painel⁴⁰, como procederam ZURIF et al. (1993)?;

³⁹Trabalhos recentes, como o de RESNIK (1995), que se baseiam nos dados publicados nesta obra, podem apresentar conclusões equivocadas devido à escassez dos dados obtidos em apenas duas sessões, o que impossibilita a visibilidade das instabilidades características do quadro.

⁴⁰Considerando que o problema sintático dos afásicos de Broca é devido ao acesso lexical, ZURIF et al., 1993, procederam a um experimento no qual afásicos de Broca e Wernicke deveriam ouvir uma sentença e reconhecê-la num painel. Os sujeitos ouviam a sentença em fones, e num determinado ponto, enquanto ouviam a sentença, faziam decisões lexicais através de um "leiteiro" visual, apresentado. Foi constatado que, embora os afásicos de Wernicke fossem insensíveis à grade temática do verbo, orientaram-se sintaticamente, preencheram "gaps" e tiveram desempenho sintático normal, enquanto os afásicos de Broca não, o que demonstrou um problema no agramatismo quanto ao processamento sintático mesmo em sentenças relativas com "gap" na posição de sujeito (ZURIF et al., 1993:459-461), contrariando as conclusões de GRODZINSKY (1986).

o que se quer demonstrar: a relação entre a gramática e o relógio?; a diferença de tempo gasto num processamento estaria relacionada com o número de operações sintáticas da construção?; seria possível assumir um valor de tempo para cada processo a ser testado? Como as respostas a essas questões ainda não podem ser dadas, a variável tempo, presente em alguns trabalhos, não será considerada na análise do caso do agramatismo em português.

Apesar da artificialidade da linguagem nas sessões de experimentação, os pesquisadores têm sido obrigados a recorrer a esse procedimento, no caso do agramatismo pelo menos, pois através da observação de dados de entrevistas muitas operações sintáticas podem permanecer obscuras, já que não é possível afirmar se o paciente compreende ou não relativas com objeto vazio ou passivas, por exemplo, uma vez que estes dados dificilmente se exibem na produção.⁴¹

Porém, o que pode ocorrer, se forem considerados apenas resultados de testes, é um falso diagnóstico do caso de agramatismo. Além disso, o agrupamento de pacientes por evidências clínicas e não lingüísticas, sem levar em conta diferentes graus de severidade da síndrome, pode levar a equívocos. Por isso, os problemas de confiabilidade dos resultados de pesquisas sobre o agramatismo não reside apenas na questão da coleta de dados, conforme o tipo de experimento, a descrição e o tabelamento: começam pela seleção dos pacientes a serem testados. Há pesquisadores, como HEESCHEN (1985), que argumentam contra a distinção entre afasia de Wernicke (paragramatismo) e afasia de Broca (agramatismo). Para HEESCHEN, os últimos evitam o problema na sua origem, enquanto os paragramáticos não o fazem. Agrupar esses dois tipos de pacientes sob a mesma ótica tem sido um erro, de saída, na questão da experimentação em neurolingüística.

BATES et al. (1988) têm postura semelhante à de HEESCHEN (1985) quando afirmam que a única diferença entre afasia fluente e não-fluente está no planejamento da sentença. Eles sugerem que os não-fluentes tendem a evitar a complexidade gramatical, enquanto os fluentes tentam, sem sucesso, produzir construções complexas.

⁴¹Este fato ocorreu com o paciente P., caso estudado do agramatismo em português, descrito no Capítulo III. A análise de dados de 1984 a 1988 não permitia afirmar se ele compreendia passivas, por exemplo, uma vez que esta estrutura não se exibiu nos dados.

BADECKER e CARAMAZZA (1985) afirmaram que é impossível o agrupamento de pacientes em estudos de neuropsicologia da linguagem devido à diversidade de pacientes, não havendo, segundo esses autores, critérios para seleção dos pacientes, fato esse que invalida qualquer experimentação quando se quer, a partir de resultados de testes, obter explicação para fatos lingüísticos. Esses autores afirmam que o agrupamento de pacientes leva a uma argumentação circular e concluem que somente o estudo de caso⁴² pode fornecer evidências confiáveis. Sugerem ainda que a seleção de sujeitos seja feita de acordo com sintomas que afetam o componente cognitivo específico ou nexos do componente cognitivo, ao invés de uma gama de sintomas que tradicionalmente definem categorias maiores, tais como as postuladas na divisão clássica das afasias.⁴³ A investigação deve ser feita, então, sob critérios lingüisticamente definidos, e a seleção de sujeitos deve obedecer ao mesmo critério. Desse modo, a avaliação da linguagem patológica informada por teorias da lingüística é que deveria nortear os diagnósticos de quadros de afasia.

GRODZINSKY (1990:76) rejeita o estudo de caso e o de grupo indiferenciado de pacientes agrupados ainda conforme a taxionomia da afasiologia clássica, que pouco mudou, apesar de cem anos de observações clínicas e do progresso da ciência.

O problema da avaliação de grupos é que em cada síndrome o grau de severidade pode variar caso a caso. Assim, pode haver afásicos de Broca que falam mais que outros e pode haver síndromes que abalam um ou mais níveis lingüísticos. Por exemplo, o agramatismo pode ser de difícil acesso por comprometimentos fonológicos, estando uma apraxia oral grave que afeta o nível fonológico coocorrendo com dificuldades sintáticas, como o caso WR., do agramatismo em português, e o caso LXZ., do chinês.

Pode ocorrer, ainda, que um sintoma aparente se encaixe em diferentes classificações de afasias, o que demanda pesquisa e acompanhamento longitudinal do

⁴²A tendência para volta do estudo de casos isolados em neuropsicologia e neurolingüística tem ficado evidente, tanto nas publicações recentes como nas conferências do II Congresso Brasileiro de Neuropsicologia, realizado na UNICAMP em junho de 1995. Esta direção é apontada por SHALLICE (1988), que afirma estar havendo declínio de tendências para quantificação em grupos de pacientes, com vantagens para o aprofundamento teórico de estudos de casos isolados, apesar de problemas práticos (SHALLICE, 1988:32).

⁴³No item 1.4, foram mencionados os diversos tipos de afasia.

paciente para que um diagnóstico do nível lingüístico afetado seja conclusivo, e para confirmação dos efetivos problemas de linguagem que cada paciente apresenta.

Além dos problemas já mencionados encontrados na investigação do agramatismo para estabelecer sua caracterização, há ainda os que concluíram que o agramatismo não existe, como MICELI et al. (1989). Esses autores postularam que não há suporte para que o agramatismo possa ser separado como uma categoria, a partir de estudo com vinte afásicos agramáticos do italiano, clinicamente selecionados. Foram examinados os dados desses pacientes para diagnosticar o grau de variação da síndrome a partir da substituição ou omissão de morfemas gramaticais em verbos. Os resultados variaram e os estudiosos concluíram que era difícil considerar todos os pacientes sob a mesma perspectiva (MICELI et al., 1989:471). Os dados foram estatisticamente distribuídos, mas esse procedimento metodológico, segundo os autores, impõe falhas ao quadro. Não foi considerado que alguns pacientes podem ter readquirido flexões nominais e continuado a ser agramáticos. O que MICELI et al. (1989) não levam em consideração é a possibilidade de diferentes graus de severidade de agramatismo, o que pode ser postulado a partir do elenco de categorias funcionais, inclusive da flexão.

A partir dessa observação, a variação no grau de severidade do agramatismo, diferente caso a caso, compromete generalizações a partir de grupos, o que obriga ao redirecionamento dos estudos do eixo quantitativo para o qualitativo.

Assim, ao invés de buscar diferenças entre os pacientes, devem ser encontradas as similaridades, repetindo-se o procedimento da história da lingüística. Grupos heterogêneos, avaliações irrelevantes e resultados estatísticos comprometem as conclusões. A esse respeito, GRODZINSKY (1991) afirma:

The numerical values of proportions of errors in speech production are simply irrelevant to the description of agrammatism – whether clinical or theory based. A unified account of agrammatism as a quantitatively described entity is bound to fail, because the relevant features of the syndrome are to be described along grammatical, not merely, statistical lines (GRODZINSKY, 1991:558-559).

Apesar desta afirmação, o autor continua baseando sua argumentação em estatísticas resultantes de testes experimentais.

BADECKER, NATHAN e CARAMAZZA (1991) testam a hipótese de GRODZINSKY (1986, 1990) em um paciente que apresentava padrão não-sistemático de desempenho e com isso afirmam ter prova contra a afirmação geral de GRODZINSKY de

que há um padrão geral de desempenho entre os chamados afásicos agramaticais (GRODZINSKY, 1991:562).

Se uma teoria forte estabelecer parâmetros para o déficit, então a diferenciação de casos de agramatismo pode ser facilmente detectável, em relação às demais afasias que afetam outros níveis lingüísticos, não-sintáticos. E as diferenças na categoria agramatismo serão delineadas conforme os graus de severidade do déficit: grave, moderado e leve. Esses graus seriam postulados a partir da complexidade sintática das estruturas, definida conforme a projeção das categorias funcionais a que o paciente demonstrar ter competência para computar em FL ou produzir em FF.

Mesmo considerando o problema do agramatismo como sintático e selecionando adequadamente o paciente e o conteúdo da avaliação, a caracterização da linguagem do agramatismo como “boa” ou “pobre”, conforme descrições até os anos 70, não é suficiente para estabelecer os limites do conhecimento sintático abalado nessa afasia. Também não basta afirmar apenas que é a complexidade da sentença a responsável pelo rompimento de estruturas, como fazem FRAZIER e FRIEDERICI (1991).

Do mesmo modo, a tendência de contagem quantitativa de dados de produção e estabelecimento do desempenho abaixo da média (mais de 50% de erros), ao acaso (50% de acertos) e acima da média (80% a 100% de acertos) também é uma avaliação relativa, pois a competência gramatical não pode ser probabilisticamente definida. Dizer que o paciente acerta ao acaso é constatar que ele tem problemas, mas não se definem quais problemas, nem mesmo para estabelecer a severidade do déficit. Assim, os resultados de testes a partir de um grande número de sentenças, como tem sido o procedimento corrente, não leva a resultados confiáveis, a não ser que seja significativa a diferença observada entre os acertos ao acaso e os acertos não-ocasionais.

Para anular os problemas decorrentes dos testes artificiais, como o jogo gravura-sentença, a alternativa encontrada foi avaliar as estruturas da linguagem em uso, no estudo do caso do português. Nesse sentido, a linguagem do agramatismo, observada em câmara lenta, pode ser considerada um dado como o de qualquer outra língua.

Porém, na consideração dos resultados de testes feitos em meio à linguagem em “uso”, deve ser observado que o paciente pode acertar devido ao seu conhecimento de mundo, constatado como preservado no agramatismo, assunto este ao

qual voltarei adiante, no Capítulo IV. Mas esse mesmo conhecimento de mundo pode camuflar a falta de conhecimento sintático. Por exemplo, se for dada ao paciente, numa tarefa de julgamento de gramaticalidade ou combinação sentença-gravura, uma sentença como “O menino baixo bate no homem alto”, o paciente poderá julgar que, no mundo, esse evento, deduzido da significação da sentença, é impossível, e pode rejeitar a sentença ou escolher uma gravura em que “o homem alto bate no menino baixo” por uma questão de coerência com o mundo e não pela análise sintática ou problema de designação de papéis temáticos.

Em resumo, a questão da interpretação equivocada de dados, que pode levar à caracterização errônea do agramatismo, só pode ser amenizada se, ao invés de considerarmos separadamente competência e dados da performance ou a linguagem em “uso” e em situações de testes, considerarmos os fatos lingüísticos em relação à teoria lingüística assumida.

2.6. - CONCLUSÃO

Caracterizar o agramatismo supõe tarefa mais complexa do que quantificar as realizações do paciente, realizar experimentos em casos isolados ou em grupos de pacientes com uma ou outra estrutura sintática isolada, ou fazer apenas especulações teóricas sem amparo de dados de produção, como faz GRODZINSKY (1984-1993).

A caracterização do agramatismo precisa explicitar o que o paciente é capaz e o que não é capaz de compreender e/ou produzir. Isso requer acompanhamento de dados de linguagem, verificação de fatos lingüísticos diversos em estruturas diferentes e levantamento e checagem de hipóteses, a partir de escolha de teoria adequada.

Somente a correlação de uma série de fatos sintáticos e não de um único fato de cada vez, em um ou alguns pacientes, em línguas diversas, pode oferecer pistas para avaliar a linguagem desestruturada sintaticamente e localizar onde se dá a implosão do sistema sintático, para inclusive confirmar o diagnóstico do “caso”, sem prejuízo para o prosseguimento da pesquisa ou acompanhamento ao paciente.

Se o agramatismo apresentar graus de severidade diferentes, como evidenciam as diferentes conclusões de estudos de caso, então esse grau de severidade só

pode ser estabelecido se houver um olhar sobre diferentes estruturas sintáticas de cada caso (ou grupo) analisado.

A pesquisa e os experimentos até aqui realizados permitem elencar os seguintes fatos a respeito do agramatismo:

1. o agramatismo existe;
2. o agramatismo não constitui demência;
3. há características comuns nas diferentes línguas;
4. a diversidade dentro da categoria deve-se a graus de severidade diferentes;
5. o problema é sintático e não lexical, nem semântico, nem pragmático;
6. as relações temáticas estão preservadas;
7. a estrutura sintática básica da sentença (SVO) está preservada;
8. ocorrem problemas com flexões, concordância e preposições;
9. o conhecimento de mundo está preservado;
10. a produção está mais afetada que a compreensão;
11. a linguagem é econômica;
12. inexistem subordinações;
13. a complexidade sintática é a razão do bloqueio tanto para produção como para compreensão.

No próximo capítulo examino um caso de agramatismo em português, o caso P., com a finalidade de confirmar a caracterização dessa afasia. A análise de dados será em acompanhamento longitudinal e serão retomados estudos representativos de fenômenos semelhantes em falantes de outras línguas.

Não se trata de um estudo comparativo, mas as ocorrências dos mesmos fatos sintáticos, em quadros patológicos em outras línguas, podem legitimar as hipóteses sobre o caso P., específico do agramatismo em português.

Esse estudo de caso poderá contribuir para o diagnóstico, sem equívocos, de outros casos. Os fatos do agramatismo em português, tratados no Capítulo III, podem ser válidos na composição dos estudos translingüísticos que estão sendo feitos sobre esta síndrome afasiológica.

CAPÍTULO III

O AGRAMATISMO EM PORTUGUÊS: UM ESTUDO DE CASO

3.1. - CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

No Capítulo I foi percorrido o caminho histórico dos estudos sobre a afasia de Broca, ao longo da neurolingüística, e apontadas as opções teóricas feitas de Broca (1860) a GRODZINSKY (1995), para estudo do agramatismo. Foram os trabalhos desse último autor que guiaram minha opção pela proposta teórica da gramática gerativa chomskiana por duas razões: primeiramente porque esta teoria tem poder explicativo, e, em segundo lugar, porque há tendência de trabalhos sobre o agramatismo nessa linha teórica sem dados do português e com poucos dados de outras línguas.

Considerações teóricas foram necessárias devido às controvérsias nos estudos sobre o assunto e às consequências da opção teórica. Na retomada de estudos anteriores sobre o assunto surgiu o problema de confiar em dados equivocados de experimentação, que deixaram mais dúvidas do que certezas. Então, a caracterização da síndrome, assunto do Capítulo II, não pôde ser estabelecida satisfatoriamente, embora tenham sido feitas considerações relevantes como as de GRODZINSKY (1984-1995) e de PACKARD (1993), ambas incompletas: a primeira, teoricamente adequada, apresenta insuficiência de dados, e a segunda, embora rica em dados do agramatismo em chinês, era inconsistente do ponto de vista teórico.

Para apresentar uma visão panorâmica do que foi obtido a partir de dez anos de acompanhamento longitudinal (1984-1994) de um caso de agramatismo em português – o caso P. – serão selecionados alguns fatos sintáticos relevantes, dados-achados da linguagem que o paciente exibe em câmara lenta. Estes dados serão analisados conforme estudos já feitos, ou no âmbito das pesquisas sobre o agramatismo, ou sobre aquisição da linguagem, ou a partir de estudos com fins exclusivamente teóricos em gramática gerativa chomskiana. O objetivo geral é caracterizar, de modo generalizado e econômico, o quadro do agramatismo em português, evidenciando que ao longo do processo terapêutico o paciente apresentou progressos, tendo adquirido estruturas antes inexistentes.

O modelo assumido para as análises ainda é a teoria dos princípios e parâmetros, conforme proposta por CHOMSKY nos anos 80 e início dos anos 90, a fim de que seja mantido um diálogo com os trabalhos sobre o assunto que ainda não ultrapassaram esta versão da teoria. Algumas especulações sobre a linguagem do agramatismo, a partir do programa minimalista, proposto por CHOMSKY (1992-1994), são ainda incipientes e programáticas.¹

3.2. - O CASO P.

Agramatismo, afasia que se distingue das demais por problemas essencialmente sintáticos, continua sendo o diagnóstico deste caso, após dez anos de acompanhamento longitudinal, confirmando o que propôs COUDRY (1988).

Trata-se de um sujeito de 60 anos, funcionário público aposentado, com 2º grau de escolaridade, que sofreu dois episódios neurológicos e vem sendo acompanhado por COUDRY desde 1983. Conforme menciona COUDRY (1988), em 30.10.1981 P. foi encaminhado ao Serviço de Neurologia e Neurocirurgia Dr. Nabur Facure, diagnosticado de aneurisma e submetido à cirurgia. Em 14.12.1982 apresentou novo episódio neurológico – Acidente Vascular Cerebral (AVC), diagnosticado pela arteriografia cerebral como rotura de aneurisma arterial (artéria cerebral média esquerda – ACM). O diagnóstico

¹HAGIWARA (1995) aventura-se a especular o agramatismo a partir do programa minimalista, mas não obtém descrições nem explicações adicionais além daquelas permitidas pela versão dos anos 80. As únicas noções utilizadas pelo autor são as de convergência e "merger".

tomográfico revelou área de enfarto cerebral temporoparieto-occipital esquerdo (COUDRY, 1988:95-96).

O paciente P. continua sendo acompanhado semanalmente por COUDRY em encontros individuais e no Centro de Convivência de Afásicos da UNICAMP.

3.2.1. - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Para o estudo do caso P. do agramatismo em português, os dados foram obtidos através de entrevistas, nas quais o direcionamento do terapeuta provocou no paciente a fixação dos valores de parâmetros da linguagem, abalados com o episódio neurológico. Este trabalho teve início antes de qualquer análise sintática de teor gerativista do material lingüístico do agramatismo, conforme pode ser deduzido da descrição de COUDRY (1988).

Para este estudo sintático, os dados foram obtidos dos sucessivos diálogos do paciente com o investigador, em meio a ações lingüísticas significativas e investigação analítica (avaliação neurolingüística de seguimento), através de um procedimento em que o investigador levanta hipóteses até caracterizar o nível lingüístico envolvido na afasia. Passa, em seguida, a investigar profundamente o déficit, buscando conscientizar o sujeito sobre seu problema para obter a reconstrução da linguagem. Todo processo verbal é acionado, num uso produtivo da linguagem, eliminando-se o artificialismo predominante nas testagens clássicas. As entrevistas resultantes destes diálogos paciente-investigador, obtidas de 1984 a 1994², foram gravadas e degavadas. Foram transcritas fitas, gravadas com intervalos variados, totalizando 260 páginas de dados digitados.

Para fins de comparação com trabalhos mais representativos sobre o agramatismo, convém lembrar que os pesquisadores, inclusive GRODZINSKY (1984-1995), preocupados somente com a compreensão das estruturas sintáticas, apenas testam seus pacientes fazendo-os ouvir sentenças isoladas para que em seguida estes marquem com um "x" a figura correspondente à sentença apresentada, ou respondam apenas "sim" ou "não", ou escolham gravuras correspondentes a sentenças. O mesmo ocorre para

²Em 1993 não foram gravadas entrevistas individuais de P. Os dados de 1995 são mencionados no Capítulo III, mas não foram incluídos na quantificação das tabelas. Estas e outras fitas encontram-se à disposição no Centro de Convivência de Afásicos - CEL-UNICAMP, e os dados serão arquivados no CEDAE-UNICAMP.

verificar a sensibilidade às estruturas agramaticais: no julgamento de agramaticalidade não é a aceitação ou rejeição da sequência pelo paciente que é colocada em questão e sim sua marcação às gravuras escolhidas, nas quais a expressão de alegria ou tristeza, estampada em rostos isolados, servia de parâmetro. Portanto, não está em questão nas investigações de GRODZINSKY (1984-1993) a qualidade da produção de linguagem do paciente, isto é, a sintaxe preservada a nível da competência para produção de sequências lingüísticas. As conclusões da maioria das pesquisas sobre a compreensão são deduzidas de uma ou duas sessões de testes, orientadas pelo tipo de avaliação sintática, acima descrito.

Problemas metodológicos ocorrem também nos trabalhos que exibem dados de produção: na publicação de MENN e OBLER (1990), os dados são obtidos em apenas duas entrevistas e PACKARD (1993) somente menciona que os dados do mandarim são obtidos em entrevistas, sem qualquer outra especificação.

Nesse estudo do caso P., em português, além de entrevistas com o paciente, visando fazer sua sintaxe exhibir-se através da produção, houve direcionamento para os pontos problemáticos da sintaxe abalada, numa certa hierarquia. Primeiramente foi provocada a emergência do verbo, da flexão verbal de tempo, da construção da sentença no eixo do verbo e, mais tarde, da estrutura interrogativa com movimento "Qu". Foram feitas, a partir de 1988, em meio ao "uso" da linguagem, avaliações para verificar se o paciente construía estruturas que não produzia, como as passivas e relativas. Assim, os testes de compreensão e julgamento de gramaticalidade, as repetições e a montagem de sentenças com cartões recortados foram feitos em meio a episódios de produção de linguagem, de modo que a descontextualização não constituísse variável que prejudicasse a compreensão, fato que vem à tona nos trabalhos de GRODZINSKY (1993) e HICKOK e AVRUTIN (1995), comentados adiante.

Abro um parêntese para comentar que a repetição nas avaliações feitas com o paciente P. não representam estruturas automatizadas³, tal como ocorreu com a paciente EB, testada por CARAMAZZA e MICELI (1991), caso exposto no item 2.4. Observou-se

³Não considero que a repetição de sentenças, feita por P., ocorra do mesmo modo que a de um sujeito não proficiente em língua estrangeira, ao repetir estruturas que não compreende. Os dados de P. evidenciam que suas repetições não são automatizadas, como ficará evidente em passagens diversas, nas quais o paciente troca itens lexicais, mantendo a estrutura sintática e demonstrando compreensão. A respeito da repetição, GOLDSTEIN (1948:70) menciona brevemente que essa capacidade pode estar abalada. Considera-a um fenômeno complexo, mas não explicita seus mecanismos. Alerta para o fato de que para testar a repetição precisamos definir o que representa a repetição em termos de capacidade lingüística, relacionada a uma ou outra síndrome. A partir das considerações de GOLDSTEIN (1948), pedir aos afásicos de Broca, com agramatismo sem apraxia oral associada, para repetir sons ou palavras isoladas, é uma testagem sem sentido. A repetição é considerada por este autor como um distúrbio que merece atenção especial porque induz a distinguir formas de afasia (GOLDSTEIN, 1948:103-293).

nos testes de repetição que P. não repetia sentenças nas quais o fato sintático afetado em sua linguagem estava presente, conforme veremos adiante. Por isso considero que a repetição de estruturas sintáticas pode ser útil para diagnosticar o agramatismo e auxiliar na caracterização dessa síndrome. A repetição pode evidenciar quais estruturas podem estar interrompidas, além de ser este um meio eficaz de estabelecer linguisticamente o grau de severidade dessa síndrome, se eliminadas as possibilidades de estarmos diante de repetição automatizada.

Além das entrevistas, das repetições, dos pedidos de execução de ações orientadas pela linguagem, das perguntas para diagnosticar compreensão e dos subsídios fornecidos pelo investigador para que o paciente pudesse construir estruturas sintáticas, como mostram os dados adiante, foram feitos testes com cartões, tarefa que consistiu em entregar ao paciente sentenças cujas palavras eram recortadas em cartões a fim de que fossem montadas novamente.⁴ Muitas vezes foi apresentada primeiramente a sentença inteira, e esta foi lida ao paciente e recortada diante dele. Nas tentativas de montagem, todos os problemas sintáticos evidenciados se confirmaram, como veremos mais à frente.

Perguntas ao paciente orientadas por gravuras são formas de avaliações freqüentes que os trabalhos publicados sobre o assunto apresentam. O jogo de combinação gravura-sentença, conforme GRODZINSKY (1984b, 1993), foi utilizado apenas em testes de relativas e passivas no caso P., não através de desenhos artificiais mas de gravuras de revistas.⁵

Não foi assumido como significativo o tempo para a realização das tarefas nem as pausas. A qualidade da realização e o desenrolar da construção sintática sempre foram tomados como relevantes e tanto a compreensão como a produção das estruturas sintáticas pelo sujeito P. foram objetos de observação. Os dados de 1984 a 1987 foram observados através de gravações de entrevistas e a partir de 1989⁶ foram também planejados os testes a partir dos problemas sintáticos exibidos. A esse respeito é relevante

⁴Esta prática, embora não usada com freqüência em avaliações de linguagem no quadro do agramatismo, é mencionada por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) e por LONZI e LUZATTI (1993).

⁵GRODZINSKY (1984b) é o único a exibir os desenhos utilizados nos testes. Em conferência realizada na UFRJ em 1995, apresentou algumas gravuras utilizadas para avaliação de anáforas e pronomes (GRODZINSKY, 1993), as quais não eram claras e apresentavam estilização, o que pode ter comprometido o resultado dos testes.

⁶Foi a partir de 1989 que passei a acompanhar o paciente em algumas sessões, juntamente com COUDRY. Antes de 1989 e em muitas sessões a partir desta data o paciente foi acompanhado exclusivamente por COUDRY.

destacar que o investigador⁷ em contacto com o paciente não procedeu à realização e avaliação de linguagem através de sentenças isoladas. Por essa razão, durante tarefas de repetição há perguntas, e durante testes com cartões há julgamentos de gramaticalidade, sempre com a finalidade de fazer com que os fatos lingüísticos surjam. Este é o motivo pelo qual o resultado de cada tipo de teste não foi contemplado isoladamente, em coerência com o procedimento que caracteriza a neurolingüística que se faz na UNICAMP, mencionada no início do Capítulo I.

3.2.2. - O DIAGNÓSTICO

Retornando à questão da caracterização do agramatismo, tratada no Capítulo II, em face do que pode ser considerado da linguagem do estudo do caso P., alguns pontos podem ser demarcados preliminarmente:

1. trata-se de um caso de agramatismo sem apraxia oral associada;
2. a perda da sintaxe é apenas parcial;
3. os fatos lingüísticos revelados nesse caso patológico coincidem com os fatos observados em outras línguas.

Quanto ao primeiro ponto, convém lembrar que o caso P. interessa a qualquer pesquisa sobre o agramatismo, porque apenas o nível sintático está afetado.⁸

Para refletir sobre a essência da questão do nível sintático envolvido nesta síndrome, e confirmá-la para o caso P., vale lembrar, para fins comparativos, o caso do paciente MM., descrito por NESPOLOUS et al. (1985), que constitui evidência de que o agramatismo envolve certa destruição do nível sintático. MM., falante de francês, apresentava problemas de linguagem que ocorriam somente quando palavras eram empregadas em sentenças e não em listas separadas. Foi dada ao paciente uma lista vertical de formas pronominais e de verbos auxiliares e ele as lia, mesmo quando estavam uma em cada página. Ele só não as lia quando estavam sintagmaticamente ordenadas e

⁷Todas as avaliações e entrevistas feitas com o paciente foram conduzidas por Maria Irma Hadler COUDRY, desde 1983 até 1995. Portanto, onde está mencionado investigador, leia-se MC. (Maza COUDRY). O embasamento teórico e o procedimento da autora estão explicitados em COUDRY (1988).

⁸No caso WR., outro paciente, cuja amostra de dados foi apresentada no Capítulo II, havia implicações de ordem articulatória, o que tornou comprometedor a análise de dados do ponto de vista da relevância sintática. Ao se exibir a linguagem, os problemas articulatórios velaram os problemas de ordem sintática, como a realização de concordância e flexões, que interessam diretamente para o diagnóstico do agramatismo.

fazendo parte de uma sentença.⁹ MM. nunca omitia palavras de conteúdo (nomes, verbos e adjetivos) e os detalhes do teste evidenciaram problemas com categorias funcionais. O investigador pintou algumas palavras funcionais na sentença e as lia para o paciente. Mas, este omitia também outras palavras funcionais e não apenas as que estavam listadas.¹⁰ Este caso evidencia problemas com categorias funcionais no agramatismo que se salientam no caso do paciente P. com a preposição “pelo” em português, por exemplo, que introduz o agente da passiva: o paciente P. não repete a preposição na estrutura, mas a repete separadamente.

Outras categorias funcionais também salientam-se como problemáticas no agramatismo em português, como as marcas de concordância. Estas têm sido apontadas, de modo pacífico, como sendo problemáticas no agramatismo, e continuam instáveis na gramática de P., pois são irregulares: ora são realizadas, ora não. Mas P. sempre as repete adequadamente, além de autocorrigir-se, conforme ficou evidente no acompanhamento longitudinal dos dados. No caso das passivas, também uma cadeia de concordância se estabelece entre o morfema de passiva e objeto movido, e a relação de concordância deve ser estabelecida após o movimento do NP objeto. P. não produz espontaneamente estas estruturas, mas as compreende e as repete.

Como revelam os dados, P. produz sentenças transitivas simples, faz adjunções, faz elipses, reconstruções¹¹ e, mesmo selecionando categorias lexicais isoladas, conserva a adequação e relevância nas escolhas lingüísticas.¹² Faz economia de determinantes, de concordância, de flexão, de complementizadores, e conserva a ordem canônica da língua, construindo cadeias triviais locais, embora não produza cadeias complexas com saturação de categorias funcionais. Compreende todas as estruturas testadas exceto as relativas (conforme veremos adiante), o que exige da teoria lingüística explicação para a complexidade da cadeia presente nesta estrutura. Porém, a competência que P. demonstra para a maioria das estruturas confirma que a perda da sintaxe é parcial e os problemas foram minimizados, conforme ficou evidente pelo acompanhamento longitudinal.

⁹Fato semelhante é mencionado por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) no experimento com a paciente RS. mencionado adiante, no item 4.3, Capítulo IV.

¹⁰CAPLAN, comentando o experimento, afirma: “There are many intriguing aspects of MM’s case which raise questions for which there are no answers at present. The kind of processing impairment that would give rise to this pattern of performance is far from clear”. (CAPLAN, 1993:286).

¹¹Para detalhes teóricos sobre a operação de reconstrução, ver CYRINO (1994).

¹²Sobre o assunto ver GREGOLIN-GUINDASTE (1992).

Quanto à segunda questão, referente à parcela de sintaxe perdida, esta deve estar ligada à questão do grau de severidade dessa síndrome afasiológica. Este deve ser considerado quando é colocado em dúvida se o agramatismo é um fenômeno unitário, mesmo levando em consideração variáveis não-lingüísticas envolvidas em cada caso e a questão da variação paramétrica entre as línguas.

Somente a análise lingüística de dados do agramatismo poderá confirmar o diagnóstico do caso e o grau de severidade do agramatismo. Isto só pode ser apontado se os parâmetros afetados da língua particular forem levados em consideração, pois sendo o agramatismo diferente de outras síndromes, nas quais outros níveis não-sintáticos estão envolvidos, o primeiro passo a ser dado, a partir da análise lingüística, tanto para fins de pesquisa como de acompanhamento ao paciente, é a diferenciação desta síndrome das outras afasias.

Quanto ao terceiro ponto, isto é, o fato de que os problemas lingüísticos exibidos por P. e tratados neste capítulo coincidem com achados de agramatismo em outras línguas, a questão pode ser ilustrada com experimentos como os de CAPLAN et al. (1985).¹³ Estes autores testaram um grupo de 142 pacientes quanto à compreensão de diferentes estruturas sintáticas. Também avaliações feitas com casos isolados, como a da paciente RS. – um caso de agramatismo em hebraico, mencionado por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995), conforme relatado no item 4.3, Capítulo IV –, podem ser importantes para estabelecer comparação com fatos do agramatismo em português e confirmar hipóteses sobre o agramatismo.

A conclusão de CAPLAN et al. (1985) indicou que o tipo de estrutura sintática influenciava na interpretação da sentença: as sentenças com ordem canônica eram mais fáceis do que as que não tinham esta ordem; ativas eram mais fáceis que passivas; orações clivadas com sujeito destacado eram mais fáceis do que aquelas com objeto destacado; dativos eram mais fáceis do que sentenças dativas passivas; as que tinham sujeito relativizado eram mais fáceis do que as que tinham objeto relativizado. Também a estrutura argumental do verbo afetava a performance. Assim, as sentenças com dativos

¹³Foram as seguintes as estruturas testadas por CAPLAN et al. (1985): A - Active: The elephant hit the monkey; P - Passive: The elephant was hit by the monkey; CS - Cleft Subject: It was the elephant that hit the monkey; CO - Cleft Object: It was the elephant that the monkey hit; D - Dative: The elephant gave the monkey to the rabbit; DP - Dative Passive: The elephant was given to the monkey by the rabbit; C - Conjoined: The elephant hit the monkey and hugged the rabbit; SO - Subject Object relative: The elephant that the monkey hit hugged the rabbit; OS - Object Subject relative: The elephant hit the monkey that hugged the rabbit. (CAPLAN, 1993:313). Os autores relataram três estudos em três grupos de pacientes (56-57 e 49) – em cada relato determinaram as dificuldades destes com cada tipo de sentença.

eram mais difíceis do que as transitivas simples do tipo ativas com objeto direto; as dativas passivas, mais difíceis do que as passivas simples. Além desses fatos, sentenças com dois verbos eram mais difíceis do que sentenças com um verbo, cuja ordem canônica era fácil de ser detectada. Embora as conclusões fossem apenas observacionais e descritivas, e não tenham sido explicados alguns pontos relevantes, como o grau de severidade da síndrome enquanto variável a ser considerada nos 142 pacientes, a dimensão desse experimento e a seleção de sentenças testadas auxiliam a composição do quadro do agramatismo, para que, tendo em vista os dados do português, sejam confirmadas a definição e a caracterização dessa síndrome.

3.3. - ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO AGRAMATISMO

3.3.1. - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um olhar sobre os dados de linguagem do paciente P. em comparação com dados de outros quadros patológicos, casos estes que vêm sendo estudados por COUDRY (1988-1994), conforme mencionado no Capítulo II, evidencia que o problema de P. é o de estruturação da sentença, um rompimento parcial do sistema sintático, portanto um problema relacionado a processos de construção¹⁴ de expressões lingüísticas. Estamos, então, diante de uma questão de gramática. Estudos sobre esse nível excluem processos semântico-pragmáticos envolvidos na interpretação.

O paciente P. tem problemas sintáticos que afetam a produção da linguagem, bem como sua compreensão. Embora grande parte da linguagem não apresente problemas de compreensão para o paciente, nas comparativas em que mais de dois elementos estão envolvidos, e nas relativas, a quebra da estrutura acarreta problemas de compreensão.

Apesar do rompimento da sintaxe em alguns pontos determinados e localizados, a serem explicados adiante, as expressões da linguagem de P. são consideradas linguagem humana significativa. E cada expressão, cada seqüência SVO produzida ou compreendida resulta da convergência de uma série de princípios, similares àqueles

¹⁴O termo construção, aqui, está sendo usado no sentido de derivação convergente, de computação sintática.

empregados por falantes normais. A linguagem de P. pode ser analisada a partir da teoria gramatical desenvolvida para explicar linguagem humana em quadros de normalidade. Desse modo, a gramática do agramatismo pode ser estabelecida sob as mesmas bases teóricas de estudos de linguagem em quadros idealizados.

Não havendo desvios de significação, como ocorre em casos de demência ou afasias em que o nível semântico está afetado, a busca teórica para tal explicitação restringe-se aos mecanismos sintáticos preservados, que permitem ao paciente construir estruturas básicas da sua língua nativa e que explicam os mecanismos lingüísticos interrompidos em consequência do déficit adquirido. Apesar de econômica, a linguagem do agramatismo de P. ainda apresenta sintaxe restante: parte evidente na produção e parte evidente na compreensão. É essa sintaxe restante na produção e na compreensão, como também a explicitação da parcela de sintaxe que falta, tanto para compreensão como para produção, que entram na composição da caracterização do quadro do agramatismo em português.

Para isso serão destacados a seguir aspectos sintáticos relacionados ao julgamento de gramaticalidade; à produção de sentenças, incluindo a questão do progresso obtido pelo paciente quanto à aquisição de estruturas antes inexistentes; à ordem dos constituintes; à preservação dos papéis temáticos; à topicalização de objeto; à presença da categoria funcional INFL; à produção de interrogativas; à compreensão de relações anafóricas; e à compreensão de sentenças passivas e relativas.

No final deste Capítulo, após a apresentação dos dados, a análise de cada estrutura e a comparação com fatos do agramatismo em outras línguas, ficará estabelecido o que o paciente ainda preserva e o que se encontra abalado em sua gramática do agramatismo.

3.3.2. - A REANÁLISE DO JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE

Os testes de julgamento de gramaticalidade têm sido repetidos em inúmeros estudos sobre o agramatismo com o intuito de responder se a questão central do déficit refere-se ao conhecimento ou ao processamento lingüístico. Isto é feito para confirmar ou

refutar a teoria do déficit sintático, através de respostas do paciente quanto à boa ou má formação de uma estrutura, pois a aceitabilidade intuitiva da estrutura bem formada e a rejeição das más formações estariam evidenciando a manutenção da sensibilidade gramatical nos pacientes acometidos de agramatismo.

NOVAES PINTO (1992) pesquisa o julgamento de gramaticalidade no paciente P. baseando-se no trabalho de LINEBARGER, SCHWARTZ e SAFFRAN (1983).¹⁵ A análise desse trabalho demonstra que os testes de julgamento de gramaticalidade não revelam quais as dificuldades sintáticas que o paciente P. tem, pois NOVAES PINTO (1992) não diferencia as quatro possibilidades – relacionadas a seguir – de ocorrência de acertos e erros nesse tipo de tarefa nem os problemas sintáticos nela envolvidos:

1. sentenças bem formadas que o paciente aceita como boas;
2. sentenças bem formadas que o paciente julga como ruins;
3. sentenças mal formadas que o paciente julga como boas;
4. sentenças mal formadas que o paciente reconhece como mal formadas.

Para verificar a primeira possibilidade cataloguei, a partir do trabalho de NOVAES PINTO (1992:128), sentenças que P. aceita como boas e que são realmente bem formadas:

- 1.a) Ele veio pra minha casa às seis horas.
- b) Maria chegou na cidade ontem.
- c) Maria chegou à cidade ontem.
- d) João saiu de casa com Maria.
- e) O menino jogou a pedra.
- f) Meu pai comprou um carro e uma moto.
- g) Eu comprei um lindo brinquedo.
- h) Eu amo a minha família.
- i) Eu quero um pouco de arroz e feijão.
- j) O pintor acabou o serviço.
- k) Eu gosto da minha família.
- l) Pedro e Paulo gostam muito de Maria.
- m) O Pedro lembrava de mim.
- n) Paulo deu flores pra Paula.
- o) Paula ganhou de Paulo.
- p) Paula ganhou flores.
- q) Paula ganhou flores de Paulo.
- r) O aposentado recebeu do governo.

¹⁵Embora tivesse obtido resultados numéricos semelhantes aos encontrados pelos autores nos quais se baseou, o que a partir dos dados estatísticos permitiria afirmar que também no agramatismo de P. as regras gramaticais estão preservadas, NOVAES PINTO (1992) salienta a importância do exame dos comentários do paciente e critica a metodologia original dos testes de LINEBARGER et al. (1983). (NOVAES PINTO, 1992:91).

Minha análise, explicitada a seguir, demonstra que estruturas do tipo acima são todas bem compreendidas por P., tendo sido, por isso, previsível que ele as aceitasse como boas.¹⁶

Quanto aos erros, é preciso explicar em que aspectos gramaticais P. erra no julgamento de gramaticalidade. Começemos pelas sentenças bem formadas que ele julga agramaticais, conforme exposto anteriormente na segunda possibilidade:

- 2.a) João saiu da casa pela manhã.
- b) João saiu da casa.
- c) João saiu de casa.
- d) João e Maria saíram de casa.
- e) A pedra caiu.
- f) A professora comeu uma maçã rapidamente.
- g) O menino fez o serviço rapidamente.
- h) Eu não lembrava mais do Pedro.
- i) O aposentado recebeu do governo o pagamento.

Quanto à terceira possibilidade, ou seja, sentenças mal formadas que P. julga como boas, temos:

- 3.a) Maria chegou pra cidade ontem.
- b) Maria chegou cidade ontem.
- c) O aposentado recebeu governo o pagamento.

Quanto à quarta possibilidade, isto é, sentenças mal formadas que ele reconhece como mal formadas, temos acertos de P. quanto ao julgamento de gramaticalidade:

- 4.a) Ele veio minha casa às seis horas.
- b) Maria chegou prá cidade ontem.
- c) Maria chegou cidade ontem.
- d) João saiu casa pela manhã.
- e) João caiu a pedra.
- f) Meu pai e minha mãe compraram.
- g) Meus irmãos compraram para mim.
- h) Eu amo da minha família.
- i) Eu quero de um pouco de arroz e feijão.
- j) A professora tem uma maçã rapidamente.
- k) Eu gosto minha família.
- l) Pedro e João gostam muito Maria.
- m) Eu não lembro mais Pedro.
- n) O Pedro lembrava mim.
- o) Paulo deu flores Paula.

¹⁶São as seguintes as estruturas bem formadas que P. reconhece como boas:

(SVOD) SN V SN (1e, 1f, 1g, 1h, 1i, 1j, 1p);

(SVOI) NP V PP (a, m, 1k, 1l, 1m, 1o);

(SVOD OI) NP V SN PP (1n, 1q, 1r);

(SV adjunto) SV PP Adv. (1a, 1b, 1c, 1d).

Constatados os erros e acertos de P., agora divididos em quatro categorias, é preciso analisar por que ele erra, o que erra e por que acerta.¹⁷

Quanto às estruturas que envolvem preposição, como as mencionadas em (3), a presença dessa categoria funcional poderia constituir parte da explicação para os erros do paciente, pois há problemas com preposições no agramatismo, conforme pode ser deduzido dos dados do acompanhamento longitudinal, embora as preposições sejam compreendidas pelo paciente. Mas nenhuma explicação sintática plausível pode ser dada para todos os erros no julgamento de gramaticalidade das sentenças do grupo (2), mencionadas anteriormente, uma vez que algumas estruturas (2e, 2b e 2c) são compreendidas e produzidas pelo paciente. Isso demonstra que P. erra no reconhecimento da boa formação de sentenças simples, com as quais opera, como confirmam os dados em geral.¹⁸ Quanto às sentenças do grupo (2), temos preposições bem empregadas em seis delas, podendo-se deduzir, portanto, que o paciente é insensível a elas.

Quanto à sentença “Eu não lembrava mais do Pedro” (2h), esta deveria ter sido considerada boa, uma vez que o paciente opera normalmente com advérbios. O mesmo é válido para (2f) e (2g).

Em “Eu não lembrava mais do Pedro” (2h) P. erra, julgando como agramatical uma sentença bem formada, e em “Eu não lembro mais Pedro” (4m) P. julga como ruim uma sentença que, embora não-padrão, é aceitável no português brasileiro. Portanto, esses dados relativizam a avaliação de linguagem através do julgamento de gramaticalidade. Já em (3c) e (2i) os erros de P. devem se dar devido à presença do objeto indireto e da preposição. Em (3c), “O aposentado recebeu governo o pagamento”, P. não reconhece a falta de preposição e em (2i) P. julga como agramatical “O aposentado recebeu do governo o pagamento”, uma sentença com preposição e objeto indireto. Estruturas desse tipo, embora não constem da gramática que P. produz, são compreendidas e,

¹⁷NOVAES PINTO (1992:130) apenas constata, no todo, que P. erra 26% e acerta 74% do total dessas sentenças.

¹⁸São as seguintes as estruturas que P. produz e não julga a boa formação.
SV (2e)
SV adjunto (2a, 2bc, 2cb, 2d)
SV OD adjunto (2f e 2g)
SV OI (2h)
SV OI OD (2i)

portanto, o acerto deveria ser previsível, não podendo nesse caso ser apontado nenhum paradoxo entre não-compreensão e julgamento de gramaticalidade.

Esses e outros contrastes, apontados a seguir, servem como indicativos para que a validade de testes de julgamento de gramaticalidade seja questionada. Seria necessária uma explicação coerente que evidenciasse por que P. acerta o julgamento da sentença “Ele veio minha casa às seis horas”, na qual o problema é a falta de preposição, e não o faz em “Maria chegou cidade”; e por que P. erra julgando como ruins sentenças boas como: “João saiu de casa”, “Maria saiu de casa” e “João e Maria saíram de casa”, se são estruturas que ele produz, conforme mostram os dados apresentados neste trabalho. A falta de explicação para estes fatos demonstra a ineficácia desses tipos de teste, apesar dos resultados estatísticos, repetindo-se um paradoxo semelhante ao mencionado por LINEBARGER (1995), que destaca a aberração do acerto no julgamento de gramaticalidade quando o paciente não compreende a estrutura.

Um problema adicional nesse tipo de teste refere-se à falta de análise sintática prévia das estruturas a serem testadas para que haja possibilidade de sistematização dos focos de problemas sintáticos. Ao analisar a estrutura das sentenças que foram apresentadas ao paciente com o intuito de diagnosticar elementos vazios (NOVAES PINTO, 1992:128-130), constatei que a seleção de sentenças fornecidas para testagem não deveria visar apenas à presença de categorias vazias nas estruturas, conforme objetivo mencionado pela autora, pois tais sentenças apresentam complicadores sintáticos, como a presença de duas categorias “Qu”. Essas sentenças, repetidas adiante, deveriam ter a finalidade de diagnosticar se o paciente reconhece a gramaticalidade de sentenças com uma variável e uma conjunção “que” integrante, ou “que” relativo, introduzindo oração subordinada relativa e, ainda, seria preciso verificar se P. compreende as subordinações. Os dados de produção de P. demonstram que há compreensão de variável, uma vez que todas as interrogativas com “Qu” são bem compreendidas. Mas, uma estrutura como “Quem você disse que Paulo viu ontem?”, com interrogação e subordinação, deveria ter tido fatos sintáticos estabelecidos antes de ser submetida a julgamento, devido à sua complexidade sintática, pois quando vários problemas sintáticos característicos do agramatismo estão presentes na estrutura submetida ao paciente, não se pode saber por que houve erro. O que

pode ocorrer é que, se o paciente erra, esse julgamento pode decorrer da falta de compreensão, e se há acerto, este pode ter ocorrido por acaso.

Continuando a reanálise do julgamento de gramaticalidade, examino abaixo as sentenças que NOVAES PINTO (1992:131-133) submete ao paciente P. para julgamento e para verificação de sensibilidade a “elementos vazios”. Nelas há outros complicadores sintáticos para o paciente, os quais não são levados em consideração.

P. aceita como boas as seguintes sentenças bem formadas:

- 5.a) Qual você vai escolher?
- b) Que presente você acha que Maria vai ganhar?
- c) Qual a música que o João ia cantar?
- d) Que tipo de comida você gostaria de comer?
- e) Quem você acha que convidaria o João para a festa?
- f) Quem você pensa que fez a prova?
- g) Qual parente você espera que venha à sua casa?
- h) Quem você espera que venha à sua casa?
- i) Qual menina você deseja que ganhe o concurso?

O reconhecimento da boa formação dessas sentenças contrasta com o desempenho do paciente na mesma tarefa, pois ele julga como ruins as sentenças (6) a seguir, as quais têm estrutura semelhante às mencionadas em (5):

- 6.a) Quem você disse que o Paulo viu ontem?
- b) Quem você gostaria que fosse com você?
- c) Qual menina você deseja que vença o concurso?
- d) Que bicho você acha que fugiu do zoológico?
- e) Qual irmão você acha que vai passear com você?

Comparando (6c) e (5i), P. erra a primeira e acerta a segunda, mas a troca do verbo não pode ter interferido, pois no agramatismo o acesso lexical mantém-se intacto.

Esses dados, extraídos do trabalho de NOVAES PINTO (1992), demonstram que a estatística resultante de acertos e erros a partir do desempenho no teste de julgamento de gramaticalidade de agramáticos não é suficiente para validar inferências sobre qual seja o problema do paciente, nem para confirmar se o problema é de ordem sintática, tampouco para diagnosticar qual seja o desempenho ocasional.

Quanto às sentenças mal formadas que ele julga como boas, no mesmo “bloco” de testes, temos:

- 7.a) Que tipo de comida você acha que gostaria de comer o arroz?

Se o paciente julga esta sentença como bem formada, então a validade da resposta de que outras estruturas com variáveis são boas é ineficaz, o que mostra que é mais significativa a análise que privilegia a qualidade sintática da estrutura que está sendo julgada do que a consideração de resultados estatísticos.¹⁹

Na mesma avaliação, as sentenças agramaticais que P. reconhece como mal formadas são:

- 8.a) Que disco você quer os enfeites para presente?
- b) Que lanche você acha que as crianças vão preferir os doces?
- c) Qual deles você acha que João merece o prêmio?

Nos dados (8) a variável está inadequadamente preenchida por uma categoria lexical e os acertos do paciente quanto ao julgamento da má formação dessas estruturas poderia evidenciar que ele é sensível à necessidade do vestígio. Porém, o resultado estatístico dos acertos e erros em julgamentos de gramaticalidade não permite conclusões claras, embora os acertos constituam a maioria. O resultado do teste de julgamento de gramaticalidade, se consideradas as sentenças (7) e (8), e os fatos anteriormente descritos, inviabilizam conclusões sobre qual seja a sensibilidade sintática do paciente, uma vez que o resultado de (7) invalida o que ocorre com as sentenças (8), por exemplo.

Se nenhuma evidência de que o paciente deixou de compreender perguntas foi encontrada nos dados ao longo dos dez anos de acompanhamento, então a validade dos testes de julgamento de gramaticalidade para estruturas com variáveis é ineficaz e desnecessária.

Quanto à testagem de julgamento de gramaticalidade em estruturas com verbos flexionados e verbos no infinitivo, apresentada por NOVAES PINTO (1992:132), é preciso considerar ainda que, dado o enfraquecimento das flexões na gramática dos agramáticos, uma sentença com verbo no infinitivo pode equivaler, para o paciente, a uma sentença com verbo flexionado. Os dados de produção apresentados neste capítulo demonstram que, embora as escolhas de verbos sem flexão tenham diminuído ao longo do tempo, estes fizeram parte da gramática de P. durante quase todo o acompanhamento. Por

¹⁹Esta conclusão é semelhante à de NOVAES PINTO (1992), mas as razões aqui apresentadas são de ordem sintática.

isso P. julga como boa a estrutura: “Os animais queriam os gatinhos ficar em paz” e “Aquele animal eu achava que o caçador matar”.

Apesar das contradições mencionadas, examinando os resultados numéricos apresentados por NOVAES PINTO (1992) e reorganizando as categorias testadas conforme os fatos sintáticos, podemos inferir que embora P. acerte 74% no julgamento de gramaticalidade, os 26% de erros têm em sua estrutura o envolvimento de categorias funcionais, além da flexão (exceto em dois casos): “A pedra caiu” e “O menino fez o serviço rapidamente”.

Das sentenças selecionadas para avaliação de categorias vazias nas quais o paciente tem 62% de acertos e 38% de erros, em 47 sentenças testadas, verifiquei que oito dos erros (17,2% do total) ocorrem em estruturas com dois elementos “Qu”, um interrogativo e outro conjunção integrante, e que 11 erros (23,4%) ocorrem em estruturas com verbos sem flexão.

Na avaliação de julgamento de gramaticalidade para verificar a boa formação de sintagmas, foram submetidas ao paciente 38 sentenças, das quais houve 87% de acertos e 13% de erros (conforme NOVAES PINTO, 1992:137). Mas, quando o paciente erra, outros fatos sintáticos estão envolvidos, como a presença de preposição e a falta de “que” em relativas.

Examinando a estrutura sintática das sentenças nas quais o paciente erra o julgamento de gramaticalidade, verifiquei que é considerado erro de P. o julgamento como bem formada da seguinte sentença: “O gato, o cavalo, o cachorro eu comprei para meu filho”. P. erra, segundo NOVAES PINTO, julgando esta sentença como boa. Mas esta topicalização de objeto faz parte da sua gramática, conforme demonstraram os dados, e faz parte da gramática dos falantes normais do português brasileiro. Nesse caso não há erro de P., e sim acerto. No mesmo bloco de testes, P. julga como boas as sentenças: “O presente minha mãe recebeu é muito bonito”, “O presente minha mãe é muito bonito”, e julga como mal formada a sentença: “A carta estava cheia de erros”. Quanto à primeira há insensibilidade ao pronome relativo, no segundo caso ocorre insensibilidade à falta de preposição e quanto à última há insensibilidade à presença da preposição, o que confirma a hipótese acima, ou seja, embora existam contradições, há indicativos de que a presença ou ausência de categorias funcionais pode explicar os acertos e erros de P.

Com relação ao julgamento de gramaticalidade em sentenças com reflexivos, P. tem 70% de acertos e 30% de erros, segundo NOVAES PINTO (1992:139). Porém, são testadas sentenças onde não há reflexivos²⁰ e sim pronomes não vinculados ao sujeito, como em:

- 9.a) Você me viu ontem na festa de aniversário? (P. erra)
- b) Eles me viram numa situação delicada. (P. erra)
- c) Eles me viram numa situação agradável. (P. acerta)
- d) Eles nos viram numa situação delicada. (P. erra)
- e) Os garotos nos falavam sobre vocês. (P. acerta)

P. erra (9a) e (9b) e acerta (9c) quanto ao julgamento de gramaticalidade, do mesmo modo que erra (9d) e acerta (9e). Estes dados também apontam para a necessidade de analisar sintaticamente as sentenças para serem testadas, e também indicam a necessidade de reorganizar os dados testados. Caso contrário, a quantificação precisa ser relativizada porque há acertos e erros aleatórios com o mesmo tipo de estrutura. Outro problema não identificado pela autora, que ocorre nas estruturas (9), é que o pronome é vinculado fora do seu domínio e em situação de teste, o paciente erra devido à falta de referência discursiva e não em razão dos problemas sintáticos.

Portanto, se forem consideradas as quinze sentenças testadas com reflexivos anafóricos e isoladas aquelas em que o pronome não é correferente ao sujeito, P. erra o julgamento de gramaticalidade em apenas uma: “Eu me vi toda despendeada naquele grande espelho”, o que pode ser considerado um acerto se ele tiver relacionado “Eu” com sua própria pessoa, do sexo masculino, e tiver sensibilidade à concordância de gênero. Pode ser considerado que P. é 100% sensível à formação de sentenças com reflexivos anafóricos, as quais compreende e não produz, conforme demonstram os dados do acompanhamento longitudinal.

Quanto às sentenças com “tag-questions”, NOVAES PINTO constatou que P. acerta 59% dos casos e erra 41% deles, mas o que na verdade está em teste é a concordância do verbo da estrutura reconstruída em relação à sentença principal.

Abaixo estão relacionadas as sentenças mal formadas, nas quais P. erra, isto é, julga-as como boas:

²⁰Das 23 sentenças testadas, apenas 3 continham anáforas e nestas houve acerto. O paciente julgou como boas as seguintes sentenças: “Você se acha bonito?”; “Nós nos falamos por telefone ontem à tarde”; “Eles se viram numa situação delicada”.

10. a) Está na hora de recomeçar, não estão?
 b) Estou parecendo um pouco cansada hoje, não está?
 c) A lição de matemática foi feita às pressas, não foram?
 d) Bons tempos aqueles em que o dinheiro valia alguma coisa, não serão?

Tais erros demonstram a insensibilidade de P. à concordância, ora de número, ora de pessoa, mais do que a sensibilidade às estruturas com “tag-questions”, as quais compreende, preenchendo suas elipses. Contudo, P. ora demonstra sensibilidade à escolha de tempos verbais, ora não. É o que deduzimos dos seus acertos ao julgar como mal formadas as estruturas do grupo (11), a seguir, e ao julgar como boa a estrutura (10d) mencionada anteriormente.

11. a) As férias servem para descansar e para passear, não serviam?
 b) As músicas de antigamente eram muito melhores que as músicas de hoje, não são?

Se considerarmos este último fragmento de teste, pode-se afirmar que P. é mais sensível ao tempo verbal do que à concordância, contrariando os achados de FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995), os quais demonstram que no agramatismo em hebraico a sensibilidade à concordância está intacta, mas está comprometida a sensibilidade ao tempo. Porém, P. julga como mal formadas sentenças bem formadas como:

12. a) O caderno de matemática esteve largado sobre a mesa por vários dias, não esteve?
 b) O livro de português estava perto da estante ontem, não estava?

Neste bloco de testes é preciso considerar ainda que julgar como ruim a má formação de sentenças como as de (13), a seguir, demonstra que P. é capaz de reconstruir a estrutura elíptica e na cópia da estrutura anterior é capaz de reconhecer a escolha lexical inadequada. Portanto, sentenças como estas deveriam destinar-se ao julgamento de escolhas lexicais, e não ao teste de sensibilidade sintática:

13. a) A carta foi escrita pouco antes do almoço, não estava?
 b) Os exercícios foram feitos em casa, não estavam?

Estas considerações sobre o teste de julgamento de gramaticalidade e sobre as sentenças a que NOVAES PINTO (1992) submeteu a julgamento o paciente P.,

apesar de parecerem caóticas ao serem sistematizadas em quatro categorias, deixaram evidente que:

1. a categorização de sentenças feita por LINEBARGER et al. (1983) e conseqüentemente a sua adaptação ao português não é totalmente adequada para avaliação de agramáticos;
2. na seleção de sentenças para avaliação é necessário que se faça uma análise sintática prévia das sentenças postas em julgamento, com clareza para o fato sintático a ser evidenciado;
3. o resultado do julgamento de gramaticalidade pode confirmar ou refutar análises feitas a partir de dados de produção ou compreensão, se as sentenças forem adequadamente selecionadas, conforme o fato sintático;
4. o julgamento de gramaticalidade é de validade duvidosa se o paciente tiver problemas sintáticos envolvidos nas estruturas, pois o julgamento será feito ao acaso. Se o paciente acertar o julgamento de gramaticalidade em estruturas que não compreende estará estabelecido um paradoxo, conforme apontou LINEBARGER (1995);
5. apesar de haver indicativos, independentes dos resultados estatísticos, que refutam ou confirmam problemas sintáticos característicos do agramatismo, o fato de haver acertos e erros com os mesmos tipos de estrutura, inclusive erros de julgamento sobre sentenças que o paciente tem competência para produzir, torna este tipo de avaliação de confiabilidade duvidosa.

Dadas as afirmações acima, os testes de julgamento de gramaticalidade, que se repetem ao longo de inúmeros trabalhos sobre o agramatismo, colaboram apenas em parte para a caracterização dessa afasia. Se forem desconsideradas as contradições, parece haver indícios de que os erros de P. estão relacionados à presença de categorias funcionais na estrutura. Porém, nenhum problema no julgamento de gramaticalidade foi verificado durante o acompanhamento longitudinal ao paciente.

3.3.3. - AS SENTENÇAS NO AGRAMATISMO DE P.

O acompanhamento longitudinal dos dados de P. nos mostra que nas sessões iniciais a categoria nominal predominava na sua linguagem. As insistentes provocações do investigador fizeram com que o paciente exibisse a categoria verbal, mas freqüentemente a raiz lexical verbal recaía em formas nominalizadas de infinitivo e gerúndio, tendo sido evidenciada a dificuldade de realização das categorias tempo e concordância, com constantes instabilidades.

No decorrer do processo do acompanhamento, nomes e verbos foram se combinando cada vez mais e na Língua E puderam ser observadas produções cada vez mais freqüentes de estruturas NVN ou SVO (sujeito-verbo-objeto).²¹ Foi a conexão entre constituintes sentenciais isoladas, provavelmente preservadas na linguagem interna²², que foram se estabilizando, e, ao produzir sentenças, o paciente foi tornando visível uma gramática de sua língua particular. Este longo caminhar na constituição da gramática do paciente, ainda agramático, não foi observado em nenhum trabalho dentre os muitos a que tive acesso. Em todas as publicações consultadas o acesso ao dado era feito através de um recorte de no máximo duas sessões de entrevistas, ou de poucas sessões de testes, de um determinado fato gramatical isolado. Em nenhum trabalho publicado pude constatar longitudinalmente a emergência de categorias nominais, seguindo-se as verbais, as primeiras entrando em esquemas temáticos e estabelecendo relações para a constituição de sentenças, mesmo triviais.

Ficou constatado, através do acompanhamento longitudinal dos dados de P., que não se tratava, nem no início do quadro, de uma perda de léxico, isto é, de "word finding difficult". O acesso ao léxico era bloqueado quando a dificuldade sintática emergia. Porém, a dificuldade de acesso às marcas de flexão verbal pôde ser constatada através da inclusão de morfemas de flexão nominal em raízes verbais (cairos - pulas - prejudicas), fatos que, por algum tempo considerados superados na produção espontânea, voltaram a emergir em episódios de leitura,²³ conforme dados de novembro de 1994.

²¹Se fosse usada terminologia conforme CHOMSKY (1992), seria possível afirmar que as operações "merger" são cada vez mais abundantes.

²²Sobre o conceito de Linguagem Interna (LI) e Linguagem Externa (LE) ver CHOMSKY (1986).

²³O processamento da leitura no paciente P. não é objeto d. estudo deste trabalho, mas na análise de dados ficou constatado que problemas sintáticos característicos do início do acompanhamento voltaram a ser verificados em episódios de leitura.

Os dados nos quais são visíveis as marcas de flexão nominal em raízes verbais, considerados aqui seleção descombinada de marcas de flexão, conforme a nomenclatura de GRODZINSKY (1984)²⁴, permitem constatar que há instabilidades no quadro mesmo quando a flexão verbal parecia ter se estabilizado. Fatos como esses não podem ser conferidos sem acompanhamento longitudinal ou sem superação das quantificações de categorias realizadas pelo paciente, ou sem considerá-los em relação à estrutura sintática em que estão inseridos, como ocorre na publicação de MENN e OBLER (1990), cujos dados não permitem verificar tais instabilidades do quadro nem caracterizar o agramatismo.

É por isso que ao examinar os quadros estatísticos apresentados por MENN e OBLER não se pode afirmar se o paciente tem sintaxe, pois os verbos, nomes, adjetivos e conjunções²⁵ são considerados tanto quando inseridos em estruturas como quando produzidos isoladamente.

3.3.3.1. - UM RELATO PANORÂMICO DA PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS DE P.: DADOS DO ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL

Com a finalidade de tornar públicos os dados de linguagem de um quadro patológico de agramatismo em português, optei por apresentá-los em forma de relato. Os comentários que seguem os episódios de entrevistas permitem uma visão panorâmica do agramatismo de P. e constituem o caminho inicial para a caracterização pretendida.

Foi utilizado o critério cronológico para seleção e organização das entrevistas, conforme o ano de produção.²⁶ Os episódios de 1984 mostram a predominância de núcleos nominais e falta do núcleo verbal no início do acompanhamento.

²⁴O autor referiu-se ao fato apenas para explicar troca de casos morfológicos e não a seleção descombinada de flexão nominal para itens verbais.

²⁵Embora figure nos quadros estatísticos apresentados por MENN e OBLER (1990) a presença de conjunções nos dados do agramatismo, verifiquei que a presença de tais conjunções representa muito mais seqüenciadores textuais correspondentes a "e", "mas", "porque" do que encaixamentos relevantes que permitissem afirmar que os agramáticos vão além da projeção de uma sentença. (MENN e OBLER, 1990).

²⁶Neste item apenas as sentenças simples serão focalizadas. Nos demais itens deste capítulo serão selecionadas estruturas relevantes, cujos problemas apresentados entram na composição do quadro para a caracterização do agramatismo. Foi minha intenção apresentar blocos de dados, cronologicamente organizados com poucos comentários. Esta escolha foi motivada tendo em vista futuros pesquisadores, pois, como a publicação de dados do agramatismo em português é inédita, pode interessar ao leitor para outras visadas teóricas, mais do que as minhas reflexões e análises. Neste item sobre as sentenças, o acompanhamento longitudinal está demonstrado com dados selecionados anualmente. Nos demais itens, sobre as diferentes estruturas, foram escolhidos dados representativos e como não ocorreu de em todos os anos estarem presentes todas as estruturas, os dados não apresentam a continuidade anual.

[13.09.1984]

- INV.: – Conta para mim o que o senhor precisa fazer para mandar uma carta para alguém.
- P.: – **Marília**²⁷ ... Marília.
- INV.: – **O senhor vai mandar uma carta para Marília?** É amiga do senhor? É cidade ou pessoa? Ela mora em Marília ou se chama Marília?
- P.: – **Sônia.**
- INV.: – Acabou de escrever, faz o quê?
- P.: – **Envelope.**
- INV.: – O que faz com o envelope?
- P.: – **Correio.**
- INV.: – O que faz aqui?
- P.: – **Selo.**
- INV.: – É de graça?
- P.: – **Dinheiro.**
- INV.: – Pra que o senhor dá dinheiro?
- P.: – **Selo.**

Apesar da predominância de núcleos nominais isolados, sem determinantes, sem verbos, as respostas demonstram que P. compreende as perguntas do investigador. Logo, a compreensão das interrogativas está preservada e fica evidente que, apenas ao responder “Selo”, o papel temático é adequadamente selecionado para completar uma estrutura proferida pelo investigador: “Pra que o senhor dá dinheiro?”. Predominam, nessa época, respostas curtas constituídas apenas pelo núcleo nominal de um argumento de um verbo internalizado.

Apontar que, no início do acompanhamento, o paciente P. operava predominantemente com núcleos nominais, isto é, não produzia verbos, é caracterizar a tendência geral de sua linguagem produzida, pois enquanto estrutura sintática, o que parece estar preservada é a grade temática de alguns verbos, e mesmo quando o item verbal não se realiza, o que se realiza de modo coerente é o argumento do verbo, que, internalizado, externaliza-se no decorrer da entrevista, como veremos a seguir. Assim, o paciente não diz “assistindo filme”, mas o verbo “assistir”, embora não se realize foneticamente, na primeira resposta, manifesta sua atividade sintática através da seleção do argumento e em seguida é realizado foneticamente. O mesmo ocorre com “piano”, argumento esse cujo

²⁷E coniram-se negritadas partes relevantes dos episódios de entrevistas; algumas vezes apenas a produção de P. é destacada para verificação da estrutura produzida; outras vezes faz-se necessário o olhar sobre a estrutura do investigador.

verbo que o selecionou se externaliza em seguida em um uso peculiar de cópula: “Piano é tocar”. É como se o paciente dissesse: para o item nominal “piano” devo escolher o verbo “tocar”. Ao escolher a resposta “piano”, uma hipótese que pode ser estabelecida é a de que o paciente completa sem problemas o argumento de uma estrutura que não se exhibe na sintaxe visível, pois a categoria nominal é a única estável na gramática deste paciente. Ao invés de dizer “A menina está tocando piano”, diz apenas “piano”.

[14.06.1984]

INV.: – O homem e a mulher, o que estão fazendo na frente da televisão?
 P.: – **Filme ...**
 INV.: – É filme, mas o que eles estão fazendo?
 P.: – **Assistindo.**
 INV.: – E essa menina?
 P.: – **Piano. Piano é tocar.**

No percurso longitudinal, foi observado que quando a categoria verbal não se realizava, em seu lugar aparecia um nome com a mesma raiz.

[24.05.1984]

INV.: – Tá fazendo o quê, essa moça?
 P.: – **Telefone.**

A partir desse último dado, pode ser formulada a hipótese da existência de uma estrutura interna do tipo “Está no telefone”, ou “Está telefonando”, que estaria sendo operada na sintaxe invisível. Na sintaxe visível, ou o SN²⁸ do Sintagma Preposicional realiza-se ou uma forma nominal ocorre no lugar de um gerúndio: “Telefone”, então, estaria em FF (forma fonética) ocupando o lugar de “telefonando”, ou estaria havendo omissão da preposição, artigo e verbo.

O que os dados evidenciam é que o paciente tenta a produção da estrutura sintática de modo independente, sem colagens à estrutura do investigador. Mas através desses dados não pode ser afirmado categoricamente se existe estrutura sintática, mesmo que parcial, na gramática restante do paciente.

Porém, no mesmo ano (1984), 36 sentenças simples completas se exibiram na produção de P. Anterior ao primeiro dado apresentado [13.09.1984], o episódio transcrito a seguir, de [16.08.1984], exhibe estruturação sintática, embora mantenha as

²⁸SN e SV correspondem a sintagma nominal e sintagma verbal, respectivamente. FF e FL correspondem a forma fonética e forma lógica.

características da linguagem de P., no início do acompanhamento, cuja quantificação mostra 68,3%²⁹ de núcleos de sintagmas nominais isolados nas respostas, como “telefone”, “Marília”, “filme”, “piano”. São representativos de 17,8% das sentenças que P. realiza nesse ano dados como “Troca a courinha”; “Pega a chave outra vez”; “Relógio, não precisa”; “Não³⁰ sei”. Pode ser evidenciado, portanto, que o paciente mantém a sintaxe da sentença transitiva, apesar das instabilidades de concordância de gênero e número.

[16.08.1984]

- INV.: – Conta como o senhor faz para consertar uma torneira. O que o senhor faz primeiro?
- P.: – Como chama? **Tornera, torneiras.**
- INV.: – Como o senhor faz para trocar o courinho de uma torneira que está pingando?
- P.: – Chave ... Chave.
- INV.: – Chave inglesa?
- P.: – **Troca a courinha.**
- INV.: – Quero que o senhor me explique tudo desde o comecinho.
- P.: – Tira.
- INV.: – Tirar a torneira? Vai espirrar água na sua casa.
- INV.: – Tem que fechar alguma coisa?
- P.: – É relógio ... Relógio, não precisa.
- INV.: – Re ...
- P.: – **Registro.**
- INV.: – E depois?
- P.: – Courinho. Troca e depois outro.
- INV.: – E daí?
- P.: – E daí corta na ...
- INV.: – Tá tudo desmontado ... E daí o que vai fazer? Põe courinho e depois?
- P.: – **Pega a chave ... outra vez.**
- INV.: – Entendi. E daí abre a torneira e não sai água.
- P.: – **Registro.**
- INV.: – O que que tem que fazer? Fechar? Já tá fechado.
- P.: – **Vai lá e põe ...**
- INV.: – O quê?
- P.: – Registro.
- INV.: – Então ele está fechado e não está saindo água. O senhor não está me explicando.
- P.: – **Courinho já está.** Agora só na ...
- INV.: – Quer escrever?
- P.: – Não.
- INV.: – Quer desenhar?
- P.: – Não. Outra vez, troca, chave.
- INV.: – A torneira tá pronta, abre e não sai água ... O que que tem que fazer com o registro?
- P.: – **Tá aberto ...**
- INV.: – Quem abriu?
- P.: – Eu.
- INV.: – Na sua cabeça o registro tá aberto. O senhor não disse para a gente.

²⁹Esta e outras quantificações mencionadas nesse item foram aproximadas e podem ser visualizadas nos gráficos de números 1 a 10 a seguir e nas tabelas de números 1, 2 e 3, apresentadas no próximo item.

³⁰Não foram investigados os elementos negativos (NEG) na linguagem do paciente, pois não foram constatados problemas de produção ou compreensão da negação.

- INV.: – Na sua casa tem passarinho?
 P.: – **Tem.**
 INV.: – O senhor trata dele? Como é que trata?
 P.: – Alpiste, alpiste, como chama?
 INV.: – Quantos **passarinhos** o senhor tem?
 P.: – **Uma só.**
 INV.: – Ah! Uma passarinha. Como faz para dar alpiste para ela?
 P.: – Alpiste ... Como chama?
 INV.: – Quero saber como dá alpiste para o passarinho. Põe na boca dele?
 P.: – Não.
 INV.: – Ga ...
 P.: – Gaiola.
 INV.: – Água ele não toma?
 P.: – **Água também. Tem outro também.** Como chama?
 INV.: – Não tenho idéia do que é ... almeirão? É líquido?
 P.: – Não.
 INV.: – É vitamina que põe?
 P.: – Não sei.

Neste episódio em que o paciente conta³¹ como tratar o passarinho fica evidente a instabilidade da concordância nominal “Uma só”, fato que se repete ao longo dos dados. Pode ser constatado ainda o uso de partículas como “também”, “já”, “ainda”, que aparecem desde o início do acompanhamento, ora em forma de reconstrução da estrutura anterior, ora como marcas de flexão verbal, ora como respostas curtas.

Os dados de 1985 não mudam significativamente o quadro de 1984: a produção de sentenças aumenta 3,7%, enquanto os nomes diminuem 8,2%, no total dos dados, representados pelos episódios a seguir:

[31.01.1985]

- INV.: – O que **aconteceu** com a Challenger?
 P.: – **Explode.**
 INV.: – O que **aconteceu** com estas pessoas?
 P.: – **Morreu.**
 INV.: – O que aconteceu com **a gasolina e com o álcool** ontem?
 P.: – Ih! meu Deus, outra vez!
 INV.: – Outra vez o quê?
 P.: – **Aumentou, aumentou.**

³¹Está fora do âmbito deste trabalho a discussão sobre a questão da apraxia ideomotora. Vale lembrar que o que ocorre com o paciente P. em recomagem de seqüências de ações necessárias para a execução de uma tarefa é que a intenção do plano está preservada, mas o paciente não dispõe de recursos sintáticos para descrever a seqüência de eventos. Isto demonstra que a linguagem não é simples representação do pensamento, pois o paciente P. perdeu o conhecimento para dizer e não perdeu o conhecimento sobre o fazer. Esta reflexão traz à tona o rompimento do paralelismo compreensão-produção, no quadro do agramatismo. Não se trata de problema na estruturação da narrativa, como apontou LURIA, citado no Capítulo I, e sim falta de recursos sintáticos para desenvolvê-la.

A não realização da flexão adequada de concordância e tempo, respectivamente em “morreu” e “explode”, pode ser observada no dado acima. Aqui o problema é com o valor de um parâmetro de uma gramática particular (GP), que ainda não se reestabilizou. Mas é preciso considerar que a falta de concordância verbal de número é parâmetro de variante não-padrão do português do Brasil, pois flexão nominal e verbal não são determinadas por princípios de GU e sim por valor de parâmetros de GP. Porém, no mesmo episódio, foi constatada a seleção adequada de flexão do pretérito perfeito em “aumentou”. As instabilidades do quadro começam a se delinear.

No acompanhamento longitudinal dos dados do paciente P. foi verificado que, na maioria das estruturas, para cada SN da estrutura SVO, restante no agramatismo, eram designados os papéis temáticos pelo paciente, de modo adequado, havendo distinção das propriedades a que estavam associados em cada evento, enquanto seus participantes. Desse modo, a estrutura argumental do verbo estava preservada, pois os papéis temáticos são determinados adequadamente aos argumentos que entram na relação sintática. Este fato confirma a preservação do léxico e as chamadas propriedades de subcategorização. São as propriedades lexicais preservadas que garantem a manutenção das relações semânticas e da grade argumental do verbo (STOWELL 81), visíveis através da sintaxe.

Os poucos dados apresentados até aqui permitem diagnosticar que o problema no agramatismo não está na seleção lexical. O que ocorre é que o papel temático desse nome nem sempre é identificável a partir da estrutura anterior do investigador, conforme vimos no episódio em que o paciente conta como faz para enviar uma carta pelo correio [13.09.1984]. Em outros episódios, o papel temático mostra-se difuso, como no dado abaixo, no qual o papel temático de “turista” ou “navio” não pode ser fixado, fato semelhante ao que apontou MEISEL (1990) no estudo da aquisição da linguagem em crianças bilíngües de francês e alemão.

[31.01.1985]

- INV.: – O que as pessoas estão fazendo aí?
 P.: – **Turista, turistas.**
 INV.: – O que os turistas estão fazendo?
 P.: – **Navio, né? Navios.**
 INV.: – O que os turistas estão fazendo neste barco?
 P.: – **Viajando.**

Neste dado, como no episódio de [14.06.1984] anteriormente mencionado, observa-se a realização da flexão característica do gerúndio.

Embora esporadicamente, mas permanecendo longo tempo na sua gramática, observa-se, quanto à instabilidade das marcas de flexão verbal, que o paciente faz uma seleção descombinada de flexões nominais para itens verbais. Nos dados a seguir, tal seleção descombinada (conforme a terminologia de GRODZINSKY, 1984) revela-se, inclusive, com a regressão para a forma infinitiva, na qual marcas de tempo e concordância estão ausentes.

Os dados a seguir mostram um desses percursos³² em que o paciente busca a reorganização da categoria verbal desestruturada na flexão.

[21.03.1986]

- INV.: – O que aconteceu?
 P.: – Quase caiu.
 INV.: – Quase ou caiu?
 P.: – Caiu.
 INV.: – O que que caiu?
 P.: – Fotos.
 INV.: – Então fala ... As três fotos caíram.
 P.: – Três fotos.
 INV.: – Caíram.
 P.: – Caindos, cairos, caindo, cair.

Outro fato que demonstra instabilidade das marcas de flexão é verificado pela tendência de marcar o tempo verbal com o passado do verbo de ligação,³³ o que

³²Em 1989 foi provocado um episódio semelhante e o paciente procedeu do mesmo modo:

- [13.06.89]
 INV.: – O que aconteceu?
 P.: – Fotos ... como chama?
 INV.: – O que acontecer com as fotos?
 P.: – Elas.
 INV.: – Ca ...
 P.: – Cairos.

Em outros momentos do acompanhamento longitudinal o mesmo fato se repete:

- [25.05.84]
 INV.: – O que ele está fazendo?
 P.: – Pulas. Cavalo.
 [24.08.84]
 INV.: – O que eles fazem aí?
 P.: – Jogas.
 [08.05.86]
 INV.: – Leia a manchete. Boatos marcam.
 P.: – Boatos marcos.

³³Conforme comunicação pessoal de KATO, fato semelhante foi apontado por VENINCÁ (1994), em trabalho não publicado, para dialetos do nordeste da Itália. Também em estudo preliminar de dados de escrita de deficientes auditivos o mesmo fato

demonstra o caminho para a reconstrução desta categoria funcional por parte do paciente. Nos dados de 1986 observamos que ao selecionar a flexão do pretérito perfeito esta é acoplada ao verbo *ser* e não é selecionado o item verbal adequado, o que demonstra que, estando desestabilizada a categoria funcional, o paciente passa a ter dificuldades inclusive com a seleção lexical que não constitui o foco do seu déficit.

[06.02.1986]

INV.: – O senhor marcou os dias que choveu? Eu pedi para o senhor marcar os dias que choveu.

P.: – **Ontem foi.**³⁴ Choveu.. Um pouco só.

[07.02.1986]

INV.: – O que eu pedi para o senhor marcar na agenda?

P.: – Chuva. **Ontem não foi.**

INV.: – Ontem não choveu?

P.: – Em casa não.

[08.05.1986]

INV.: – O que aconteceu com o ministro Funaro? Tá lá ainda?

P.: – Já foi.

INV.: – Sa...

P.: – Saiu.

[07.02.1986]

INV.: – O que o Montoro veio fazer aqui?

P.: – Foi lá no presídio. Depois bandeira, como chama?

INV.: – O que ele foi fazer na UNICAMP?

P.: – Foi lá na .. Como chama é...

INV.: – Foi inau...

P.: – **Inauguras.**

INV.: – Ele foi inaugurar. Ele já ...

P.: – **Inaugurando, inaugurandos.**³⁵

INV.: – Inaugurou.

P.: – Ah! Meu **Deus; ina ... inaugurou...**

INV.: – Montoro veio a Campinas?

P.: – **Montoro foi.**

foi constatado, o que está sendo objeto de estudo de FINAU, R., em tese de mestrado (em andamento) na UFPR, com base no estudo das categorias funcionais no agramatismo.

³⁴O mesmo fato foi verificado na linguagem de outro paciente, WR., diagnosticado como caso de agramatismo.

INV.: – O senhor molhou o jardim?

WR.: – **Ontem foi.**

³⁵A causa do aparecimento de parafasias lexicais reside no déficit sintático.

[03.04.1986]

INV.: – O senhor viu o jogo?

P.: – **Fui.**

[30.05.1986]

INV.: – O que essa menina vai fazer?

P.: – Água, né?

INV.: – Já tem água aqui? O que ela vai fazer?

P.: – Água ainda não tem. Mangueira tá aí.

INV.: – O que sai da mangueira?

P.: – Água.

INV.: – O que que a água vai fazer?

P.: – Água.

INV.: – O que que a água vai fazer?

P.: – Tira ... tirando.

INV.: – A gente foi lá atrás, abrimos a torneira. O senhou molhou a mão. O que esta menina vai fazer?

P.: – Molhada.

INV.: – O que esta menina vai fazer?

P.: – **Molhadas.**

INV.: – **O que esta menina vai fazer? Como chama?** Ela não fez ainda. Ela já molhou?

P.: – **Ela vai molhá.**

INV.: – Quando a gente abriu a torneira a gente molhou a mão, não molhou?

P.: – **Molhadas; molhadas não.** É outro.

INV.: – Molhei. Eu molhei a mão.

P.: – **A mão.**

INV.: – O senhor foi até o tanque, não foi?

P.: – Fui.

INV.: – Molhou a mão?

P.: – **Fui. Já.**

INV.: – Molhou a mão?

P.: – **Ainda não.**

INV.: – O senhor molhou a mão aquela hora?

P.: – Fui lá.

INV.: – O senhor molhou a mão? Fala: ... Molhei.

P.: – Molhei.

INV.: – **O senhor molhou a mão?**

P.: – **Já.**

INV.: – Não é “já” que eu quero. “Molhei”.

Na sequência de dados observados nos episódios de 1986, confirmam-se os problemas do paciente com as marcas de flexão verbal. Ora há regressão para o infinitivo, ora há parafasias, ora são usadas partículas como “já” para substituir a flexão de pretérito perfeito, ora é usada a partícula “quase”, acompanhando um verbo com flexão no passado

para designar um acontecimento ocorrido. Estas partículas usadas como respostas curtas focalizam a flexão verbal.

Em 1986, os nomes isolados tiveram redução de 2,3% e as sentenças completas aumentaram 3,1%. Porém, em 1987 houve uma oscilação na realização de núcleos de sintagmas nominais, cuja frequência aumentou em 6,8%, havendo um decréscimo na realização de sentenças de 11,2%, cujas causas são atribuídas às instabilidades do quadro patológico e à insistência para a produção de estruturas com projeções instáveis nas representações sintáticas,³⁶ para as quais o paciente não tinha competência. Porém, a frequência de verbos com flexão adequada é de 17,5% em 1987.

[07.02.1987]

- INV.: – Conta alguma coisa sobre a festa de bodas de prata da Ordália e do Leonildo.
 P.: – Sábado.
 INV.: – Onde foi a festa?
 P.: – Em casa.
 INV.: – O que tinha para comer?
 P.: – **Churrasco.**
 INV.: – Churrasco! Que gostoso!
 P.: – Não deu certo ... Era ... Como chama, meu Deus?
 INV.: – O que não deu certo?
 P.: – **Chuva.**
 INV.: – Não deu certo porque cho...
 P.: – Choveu.
 INV.: – **E aí não teve churrasco?**
 P.: – **Tinha.**

[21.03.1987]

- INV.: – O que esse moço está fazendo?
 P.: – **Posto.**
 INV.: – Eu sei que ele está no posto. Não perguntei onde ele está, perguntei o que ele tá fazendo.
 P.: – **Trabalhando.**
 INV.: – Trabalhando onde?
 P.: – No carro.
 INV.: – O que ele está fazendo?
 P.: – Não é pintá ... é ...
 INV.: – Limpando.
 P.: – **Limpando o vidro.**
 INV.: – E essa moça, o que que está fazendo?
 P.: – **Escova, né? ... é outro ...**

³⁶Ao tratar das estruturas interrogativas no item 3.3.6, constata-se que no período 1986-1987 P. tem competência para derivar estruturas interrogativas com “Qu” movido, e em 1988 estas se ausentam de sua sintaxe.

INV.: – Escov. ...
 P.: – Escovar ... **Escovar.**
 INV.: – Escova. ...
 P.: – Escovar.
 INV.: – Escovan...
 P.: – **Escovando.**
 INV.: – Escovando o quê?
 P.: – **Escovando o dente?**

[05.06.1987]

INV.: – Faz tempo que a gente não se vê. Eu fui pra ... o senhor não vai perguntar onde eu fui?
 P.: – Você foi lá ... não ... foi ...
 P.: (...)
 INV.: – O senhor não vai perguntar pra onde eu fui?
 INV.: – Eu fui dar um curso ...
 INV.: – O que o senhor leu no jornal?
 P.: – Agora é combustível.
 INV.: – O que aconteceu com o combustível? O que vai acontecer com a gasolina e com o álcool?
 P.: – Aumento, né?
 INV.: – A gasolina e o álcool vão ...
 P.: – **Aumento, né?**
 INV.: – Vão ...
 P.: – **Vão aumentando.**
 INV.: – Vão aumentar. **Fala isso. A gasolina e o álcool vão aumentar.**
 P.: – **Aumenta. Aumentas.**³⁷

[03.04.1987]

INV.: – Faz tempo que não chove?
 P.: – **Ontem choveu.**
 INV.: – Ontem choveu? De dia?
 P.: – À noite.
 INV.: – Tem feito muito calor?
 P.: – Um pouco.
 INV.: – O senhor não marcou que choveu ontem?
 P.: – **Não deu ... de noite.**
 INV.: – O Júnior foi para Salvador? Foi passear?
 P.: – **Já foi agora.**
 INV.: – Quando é que ele volta? Já vol ...
 P.: – **Já voltar. Voltar não.**
 INV.: – O Júnior já voltou.
 P.: – **Já voltou.**

³⁷Não pode ser afirmado que a seleção de “s” acrescida ao verbo seja marca de plural, uma vez que também no dado de [30.05.1986] ocorre a forma “molhadas”. Aqui, “s” não substitui flexão verbal de número.

[07.02.1987]

- INV.: – Hoje tá chovendo?
 P.: – **Hoje não. Tá sol.**
 INV.: – E ontem?
 P.: – **Também tava.**
 INV.: – E antes de ontem?
 P.: – **Foi chovendo.**
 INV.: – Não é assim que fala. Antes de ontem cho...
 P.: – **Choveu.**

Esses dados demonstram que as instabilidades na produção das marcas de flexão verbal ainda ocorrem. No dado de [05.06.1987] pode ser constatado que o paciente não completa com verbo adequado a estrutura iniciada pelo investigador, nem mesmo quando o infinitivo deveria ser selecionado para completar o auxiliar em “Vão aumentar”. O paciente também não repete a estrutura dada pelo investigador, o que demonstra que a sintaxe não se faz no espelho,³⁸ além de ficar evidente que a repetição não é mecânica.

A partir de 1988, a análise lingüística dos dados de P. passaram a guiar parte das entrevistas. Tinha sido observada a falta de algumas preposições: o objeto indireto não aparecia nos dados de produção, mas era compreendido. Quando a sua produção era induzida, a preposição era omitida.

[21.12.1988]

- INV.: – O senhor escreveu cartões de Natal para alguém?
 P.: – **Até agora não.**
 INV.: – O senhor recebeu?
 P.: – **Você só.**

Em 1988, a quantificação demonstrou que os núcleos de sintagmas nominais aumentaram 7,8% em relação a 1987 e que o número de sentenças aumentou 1,7%. Aumentou também a produção de verbos com flexão, em 1,4%.

Verificadas intuitivamente as instabilidades na produção de linguagem de P. e não tendo sido obtidas conclusões relevantes, foi feita uma avaliação da compreensão de linguagem do paciente. A finalidade era provocar o processamento de estruturas em que mais de um elemento estivesse em cena, para que ele operasse com mais de uma relação

³⁸Refiro-me à reflexão de LEMOS (1986) para a aquisição da sintaxe pela criança.

sintática. Foram testadas algumas comparações e nesses episódios de avaliação ficou evidente que o conhecimento gramatical, e não o conhecimento de fatos do mundo, estava abalado no agramatismo. O paciente sabia que a pedra era mais pesada que a caixa, mas errava a resposta às perguntas com comparação.³⁹

[21.01.1988]

- INV.: – O senhor tem uma caixa que é leve e uma pedra que é ...
P.: – **Pesada.**
INV.: – Qual é mais leve? A caixa ou a pedra?
P.: – **Caixa.**
INV.: – Qual é a mais pesada? A caixa ou a pedra?
P.: – **A pedra.**
INV.: – Agora responda sim ou não: **a caixa é mais leve do que a pedra?**
P.: – **Não.**
INV.: – Não. A caixa não é mais leve do que a pedra? A caixa é mais leve do que a pedra?
P.: – **É.**
INV.: – **É. A pedra é tão leve quanto a caixa?**
P.: – **É.**
INV.: – **É. Elas são iguais?**
P.: – **Não.**
INV.: – A pedra é tão leve quanto a caixa?
P.: – Não ... como chama?
INV.: – Tem um papel. Está ventando. O senhor vai ter que escolher: ou pôr a pedra, que é pesada, ou a caixa, que é leve.
P.: – **Vento.**
INV.: – Qual o senhor vai pôr? A caixa ou a pedra?
P.: (põe a pedra imediatamente)
P.: – Pedra.
INV.: – Por que o senhor pôs a pedra e não a caixa?
P.: – **Vento.**
INV.: – Mas por que o senhor pôs a pedra e não a caixa?
P.: – Porque ... a caixa não ... é ... pedra. Não dá... é ... como chama é ... chama de ... vento, né?
INV.: – Eu sei que o senhor pôs a pedra por causa do vento. Por que o senhor pôs a pedra e não pôs a caixa? Por que o senhor escolheu a pedra?
P.: – Vento, né?
INV.: – Mas por quê?
P.: – Também pode, também.
INV.: – Não, mas o vento é muito forte.
P.: – **Então é aqui mesmo.** (P. recoloca a pedra)

³⁹Vários episódios e várias estruturas comparativas foram avaliadas quanto à compreensão. Quando mais de dois elementos eram postos em comparação, a compreensão do paciente também era prejudicada. Esta constatação foi parte da conclusão de um trabalho não publicado sobre as estruturas comparativas no agramatismo, escrito por mim em 1989, para qualificação na área de Semântica Argumentativa.

Pode ser observado através desse episódio que o paciente erra ao responder a algumas perguntas com comparação, pois tem que operar com duas sentenças, mas não erra as ações, demonstrando compreensão do mundo e dos acontecimentos.

Em 1989, foram constatados 53,6% de nomes isolados, 0,8% de verbos sem flexão, 20,6% de verbos com flexão e 25% de sentenças completas, havendo em relação a 1988 aumento de 9,9% de sentenças completas produzidas. Quanto aos infinitivos, catalogados como verbos sem tempo, o paciente usa-os adequadamente.

[10.10.1989]

INV.: – Que horas são? Dez para as onze.
 INV.: – Será que vai...
 P.: – **Vou no caixa.**
 INV.: – Pagar ou receber?
 P.: – **Pagar não.**
 INV.: – O que que é? Pagar ou receber? O que o senhor vai fazer no caixa?
 P.: – **Pôr**
 INV.: – **Depositar. Pôr dinheiro.**

Comparando o episódio de [10.10.1989], a seguir, com os primeiros dados apresentados, nos quais o paciente conta como faz para mandar uma carta e para trocar o courinho de uma torneira, fica evidente o progresso sintático:

[10.10.1989]

INV.: – Como o senhor faz para enviar uma carta a alguém?
 P.: – Endereço.
 INV.: – E atrás do envelope?
 P.: – Remetente.
 INV.: – Faz o quê com o envelope?
 P.: – **Vai no correio comprá selo e depois ...**
 P.: – Urna.
 INV.: – O senhor já trocou o courinho da torneira. Como faz?
 P.: – Chave de fenda.
 INV.: – O senhor vai me ensinar. Pega a chave de fenda ... ali.
 P.: – Alicate. Aberto. Não. Registro.
 INV.: – Desmonta a chave inglesa. Tira o courinho velho e aí ...
 P.: – Põe outro.
 P.: – Courinho.
 INV.: – E aí deixa tudo aberto?
 P.: – **Monta.**
 INV.: – E aí não sai água?
 P.: – **Registro aberto. Fecha, o outro é ...**

Embora a quantificação demonstre a “melhora” do paciente, a marca de flexão nominal em verbos, no lugar da flexão verbal, ocorre ainda em 1990, quando se exige do paciente a compreensão de estruturas nas quais estão localizados os problemas sintáticos, como no caso de relativas:

[10.07.1990]

- INV.: – A mulher que os **homens** puxam é corajosa. Olhe na gravura. Quem puxa quem?
 P.: – **Homem.**
 INV.: – O que é isso?
 P.: – Cordas.
 INV.: – O que ele está fazendo?
 P.: – **Puxas.**
 INV.: – Quem puxa? Quem está puxando?
 P.: – Mulher.

A falta de concordância nominal na produção do paciente ocorre sem colagem à flexão nominal do investigador. Este diz “homens” e o paciente diz “homem”, demonstrando a limitação dos recursos sintáticos, o que também fica evidente na recontagem de estória que é feita com boa sequência, mas apenas com os recursos sintáticos disponíveis.

[18.09.1990]

- INV.: – Ele tinha que fazer o quê?
 P.: – **Atravessar uma ponte.**
 INV.: – Atravessar uma ponte. Então ...
 P.: – **Ele viu imagem.** Como chama?
 INV.: – Isso, senhor P. Viu a imagem dele na água.
 – Ele pensou. Ele pensou que ... **Ele pensou que era um outro ... o ...**
 P.: – **Oso.**
 INV.: – Ele pensou que era um outro oso.
 P.: – **Ele pensou a ...**
 INV.: – Que ... que ...
 P.: – **E ...**
 INV.: – Que era outro oso, então ... Então o que ele fez com o outro oso?
 P.: – **Tava na água.**

Em 1990, foram constatados 46,7% de nomes nos dados de P., 4,4% de verbos sem flexão, 11,1% de verbos flexionados adequadamente e 37,8% de sentenças completas, havendo um acréscimo de 12,8% na produção de sentenças completas, as quais continuam sendo produzidas em 1991, apesar das instabilidades que caracterizam o quadro,

pois ainda há produção de verbos no infinitivo, escolhas de nomes isolados, partículas substitutivas de flexão, seleção inadequada de marca de pessoa como “não veio” no lugar de “não vim”:

[25.06.1991]

INV.: – Por que o senhor não veio na semana passada?
 P.: – **Você não tava aí.**
 INV.: – Não trouxe a agenda?
 P.: – **Esqueci.**

[25.06.1991]

INV.: – O que o senhor tem feito?
 P.: – Eu? **Cidade.**
 INV.: – O que o senhor faz na cidade?
 P.: – **Eu? Shopping. Recadastrar. Pagar.**
 INV.: – Pagar o quê?
 P.: – Atrasada, né?
 INV.: – O que estava atrasada? Prestação?
 P.: – **Não. Quase, né?**
 INV.: – Prestação do quê?
 P.: – **Comprei lá na Mesbla. Fita parece.**

[30.04.1991]

INV.: – O que aconteceu ontem, senhor P.?
 P.: – **Não veio.**
 INV.: – Por quê?
 P.: – **Fui lá na caixa.**
 INV.: – Fazer o quê?
 P.: – **Tirá dinheiro.**

Há, em 1991, um acréscimo de 10,7% de nomes isolados, e decréscimo de 8,0% na produção de sentenças completas. Isto ocorre porque o investigador provoca os dados de produção nos quais o paciente tem dificuldades.⁴⁰

Em 1992 começam a emergir algumas subordinações⁴¹ (“para” e “que”) e construções com dois verbos:

⁴⁰Nos itens seguintes, que tratam de cada estrutura em que o paciente tem problemas específicos, constata-se que os problemas sintáticos do paciente são trazidos à tona. Este fato pode ter provocado instabilidades em estruturas já adquiridas. É interessante observar nos gráficos, a seguir, que neste ano aumenta a produção de interrogativas com “Qu”.

⁴¹Do mesmo modo que em comparativas, haviam sido constatados, no início do acompanhamento longitudinal, problemas de compreensão com subordinações:

[21.12.1988]
 INV.: – João distraiu o cachorro para o carteiro passar.
 INV.: – Quem João distraiu?
 P.: – O cachorro.

[06.04.1992] Ao narrar como usa o controle remoto para abrir o portão eletrônico, P. usa a conjunção “para” e uma estrutura com “Qu” na função de conjunção integrante.

- INV.: – Aperta qual botão?
 P.: – Esse aqui.
 INV.: – Depois.
 P.: – Porta aberta, né?
 INV.: – Abre.
 P.: – Abre ... Outro.
 INV.: – Abre outro não. Para fechar.
 P.: – **Para fechar aperta.**
 INV.: – Bo..
 P.: – Botão.
 INV.: – Outro boto..
 P.: – **Bateria isso aqui ou ... é outra coisa ...**
 INV.: – Deve ter alguma pilha.
 P.: – Registrada.
 INV.: – É marca registrada.
 P.: – **Pensei que era pequena.**

[03.05.1992]

- INV.: – Pergunte se o vôo foi direto.
 P.: – Vôo ... como chama? Vôo, né ...?
 INV.: – Falta um verbo.
 P.: – **O vôo foi direto ou não?**

[23.07.1992]

- INV.: – O que o senhor viu na revista?
 P.: – **Muitas coisas, né ? ... baleia ... tava morta aqui, ó.**
 INV.: – O que aconteceu com os ovos da tartaruga?
 P.: – **Ela vai lá no mar. Depois ...**
 INV.: – Cava.
 P.: – **Cava e bota muitos ovos.**
 INV.: – Como o senhor faz para cuidar do passarinho?
 P.: – **Olho água e todo dia precisa. Jornal, todo dia, à noite, cedo ...**
 INV.: – O senhor troca?
 P.: – **Troco todo dia.**
 INV.: – Eu quero que o senhor conte o que o senhor põe. Não quero ovo, alpiste, giló.
 Primeiro ...
 P.: – **Cedo, lavo, água, troca jornal. Agora é alpiste ...**
 INV.: – Ponho. Fala.
 P.: – **Ponho alpiste, giló, vitaminas tem dia; outro é ... alface.**

-
- INV.: – Quem distraiu o cachorro?
 P.: – João ... carteiro também, né?
 INV.: – Carteiro distraiu?
 P.: – Não deu...

Neste episódio de [23.07.1992] em que P. reconta a sequência de ações a partir da pergunta do investigador “Como o senhor faz para tratar o passarinho?”, é possível constatar, comparando com dados de [16.08.1984], que o volume de linguagem do paciente aumentou. Sua produção não é apenas “alpiste”, “gaiola”, “água também”, “tem”, “tem dois”. Agora suas realizações são: “Olho água e todo dia precisa”; “Jornal todo dia, à noite, cedo”; “Troco todo dia”; “Ponho alpiste, giló, vitaminas tem dia”.

Porém, a análise de dados em acompanhamento longitudinal mostrou que as instabilidades do quadro ainda se fazem presentes. Conforme demonstra o dado abaixo, o paciente ainda tem um percurso para a construção da flexão verbal, quanto à concordância de pessoa, o que demonstra que AGR está instável:

[06.04.1992]

INV.: – Leu?
 P.: – Isso daqui, né? Leu.
 INV.: – Hum?
 P.: – Leio. Leu.

Na sessão de [23.07.1992], em que as dificuldades de P. estavam sendo provocadas pelo investigador para serem exibidas, também fica evidente que P. “lida” melhor com a linguagem do que no início do acompanhamento longitudinal, pois a sequência de sentenças exibida demonstra seu progresso lingüístico:

[23.07.1992]

INV.: – Mas por que o senhor foi ver o Pavarotti? Eu não fui.
 P.: – Eu sei. Eu tava lá perto da agência da Varig ... tava esperando ônibus ... depois o bilhete tava ...

Em 1992, apesar de 36,7% de núcleos nominais isolados permanecerem nas respostas dadas por P., caem os verbos sem flexão para 2,2% e aumentam as realizações de sentenças completas para 52,2%, isto é, há um acréscimo de 22,4% na produção de sentenças. O mesmo progresso continuou sendo evidente na produção de P. em 1994:⁴²

⁴²Em 1993 não foram gravados encontros com o paciente devido à ausência da orientadora para pós-doutorado, mas o paciente continuou frequentando o Centro de Convivência de Afásicos do IEL na UNICAMP.

[15.07.1994]

INV.: – Por que o senhor não veio segunda passada, que teve grupo?

P.: – Eu tava no ponto, aquela senhora japonesa estava lá esperando. Era ... vim aqui, estava fechado.

Estes dados mostram que o paciente tem competência para derivar uma estrutura completa de sentença com verbos de ligação, com adjuntos, com verbos intransitivos e com verbos transitivos, mas o objeto indireto preposicionado não emergiu nos dados e essa dificuldade foi confirmada na sessão de [15.07.1994], na qual foram testadas repetições de sentenças. Na sentença transitiva SVO o paciente não teve problemas na repetição, confirmando a competência para derivação desta estrutura, mas a repetição da sentença transitiva com objeto direto e indireto não foi tão fácil para P.

[15.07.1994]

INV.: – O senhor vai repetir o que eu vou dizer: **A Maza comprou um livro para mim.**

P.: – **A Maza comprou livro. A Maza comprou um livro.**

INV.: – Pra mim. Fala tudo junto. A Maza comprou um livro pra mim.

P.: – **Maza comprou um livro.**

INV.: – Fala tudo junto. A Maza comprou um livro pra mim.

P.: – **A Maza comprou ... a Maza comprou ... um livro a mim ... pra mim.**

No mesmo episódio [15.07.1994], no momento em que o investigador pegou a tesoura para recortar cartões para testagem, P. pergunta: “Tesoura pra quê?”, confirmando a “melhora” de sua linguagem, pois houve a iniciativa para fazer interrogativa com “Qu”. Para confirmar a competência do paciente foram testadas, através da montagem com cartões e através da repetição, as sentenças que P. produzia, e nenhum problema foi verificado.

Nem mesmo as estruturas com o verbo “parecer” foram problemáticas ao paciente:

[07.11.1994]

INV.: – A Maza parece feliz. Repete.

P.: – **A Maza parece feliz.**

O que se verificou quanto às marcas de flexão é que o paciente, na leitura da sentença, passou a exibir os problemas sintáticos semelhantes aos verificados em dados de

produção no início do acompanhamento. Em 1994, P. ainda faz a seleção descombinada de marcas de flexão nominal para as flexões verbais em episódio de leitura:

[07.11.1994]

INV.: – Pressão alta vai prejudicando a saúde.

P.: – A saúde ... **a saúde prejudica** ... outro ... como chama? ...

Na sessão de [07.11.1994] confirma-se a competência do paciente para produzir sentenças com objeto direto na posição de tópico, o que demonstra a competência para derivação da estrutura transitiva, mesmo quando na sintaxe visível a ordem SVO está alterada.

[15.07.1994] – O bolo menino comeu.

[07.11.1994] – O gravador emprestou.

[07.11.1994] – Gravador emprestei ao lado.

[07.11.1994] – Este eu comprei lá no Shopping.

[07.11.1994] – Relógio comprei em Campinas.

Apesar das instabilidades e dos problemas com categorias funcionais, ainda presentes na gramática do agramatismo de P., é constatado que em 1994 nenhum verbo sem flexão é produzido e são verificados 7,4% de verbos com flexão em realizações isoladas. Os nomes isolados passam a 22,2%, isto é, 14,5% a menos que em 1992 e 70,3% da produção de P. são sentenças completas.

3.3.3.2. - O PROGRESSO QUANTIFICADO DA PRODUÇÃO DE SENTENÇAS

Para demonstrar o progresso obtido pelo paciente P. no processo de reaquisição da sintaxe, foi feita a quantificação dos dados de produção de sentenças de 1984 a 1994. Foram consideradas 1.364 realizações, com três tipos de sentenças simples: a sentença transitiva simples SVO, sentenças com verbo intransitivo (SV) e as sentenças com verbo de ligação e predicativo (SVP). Houve tendência marcante de realização do parâmetro “pro-drop” e não foram constatadas sentenças com objeto indireto nem sentenças com verbos de três argumentos, nas quais objeto indireto e objeto direto fossem realizados. Porém, a compreensão desses argumentos estava preservada na sintaxe invisível.

Para a quantificação foram consideradas realizações de verbos e núcleos nominais, separadamente, quando estes não se combinararam em estruturas de sentença. Não

entraram na quantificação sentenças incompletas, nem repetições com colagem sintática, ou seja, aquelas produções que apresentavam igualdade sintática em relação às construções do investigador. Foram consideradas produções autônomas do paciente. Foram desprezadas para efeitos estatísticos, realizações como: *é; não pode; tinha; tem; só um; um pouco; era; já; quase; tá meio ...; por quê?; não; domingo; é outro; como chama?; agora não, mais tarde; de tarde; ontem; não deu; não dá; é duro; aí meu Deus!; em casa; até agora não; não sei; está na hora, né?; não dá; o negócio não dá; até agora; é outro; já viu, né?'*.

Quanto às flexões verbais, foram consideradas somente as empregadas adequadamente.

Foram eliminadas situações de avaliações como os episódios em que o investigador provoca repetição de sentenças e sessões com leitura, exceto quando ocorreu produção espontânea, em meio ao episódio de entrevista.

As instabilidades e o progresso do paciente em relação à produção de sentenças, nos dez anos de acompanhamento longitudinal, ficam evidentes nas tabelas e gráficos, a seguir.

Na tabela nº 1 as realizações de P. estão distribuídas conforme o número de realizações: núcleos nominais isolados, verbos sem flexão (verbos-) e com flexão (verbos +) produzidos isoladamente, isto é, sem combinação com elementos nominais e sentenças completas.

Na tabela nº 2 figuram os mesmos fatos, em percentuais.

Pela tabela nº 3 verifica-se que em 1984 as projeções abaixo de VP correspondiam a 72,7%, passando a 22,2% em 1994. Esta tendência se inverte ao longo de dez anos de acompanhamento. Em 1994 as projeções acima de VP passam a 77,7%, enquanto em 1984 era de 27,2%.

Esses fatos podem ser constatados nos gráficos e quadros comparativos apresentados a seguir.

Os gráficos de números 1 a 14 demonstram as instabilidades e progressos do paciente P. em relação à produção de sentenças completas, verbos com flexão, verbos sem flexão e núcleos de sintagmas nominais produzidos isoladamente em respostas curtas.

TABELA Nº 1 - NÚMERO DE REALIZAÇÕES DE P.

ANO	TOTAL DE REALIZAÇÕES DE FALA ESPONTÂNEA AO RESPONDER PERGUNTAS	NOMES ISOLADOS USADOS NAS RESPOSTAS CURTAS	VERBOS SEM FLEXÃO	VERBOS COM FLEXÃO	SENTENÇAS COMPLETAS
1984	202	138	9	19	36
1985	93	55	3	15	20
1986	227	129	12	28	58
1987	194	124	8	34	28
1988	56	37	1	9	9
1989	248	133	2	51	62
1990	90	42	4	10	34
1991	47	27	3	3	14
1992	180	66	4	16	94
1994	27	6	0	2	19

TABELA Nº 2 - OS PERCENTUAIS DE REALIZAÇÕES DE P.

ANO	NOMES ISOLADOS (%)	VERBOS SEM FLEXÃO (%)	VERBOS COM FLEXÃO (%)	SENTENÇAS COMPLETAS (%)
1984	68,3	4,4	9,4	17,8
1985	59,1	3,2	16,1	21,5
1986	56,8	5,2	12,3	25,6
1987	63,9	4,1	17,5	14,4
1988	66,1	1,8	16,1	16,1
1989	53,6	0,8	10,6	25,0
1990	46,7	4,4	11,1	37,8
1991	57,4	6,4	6,4	29,8
1992	36,7	2,2	8,9	52,2
1994	22,2	0	7,4	70,3

TABELA Nº 3 - PROJEÇÕES ATÉ VP e ACIMA DE VP

ANO	PROJEÇÕES ATÉ VP NOMES E VERBOS SEM FLEXÃO PRODUZIDOS ISOLADAMENTE (%)	PROJEÇÕES ACIMA DE VP VERBOS COM FLEXÃO E SENTENÇAS COMPLETAS (%)
1984	72,7	27,2
1985	62,3	37,6
1986	62,0	37,9
1987	68,0	31,9
1988	67,9	32,2
1989	60,4	23,1
1990	51,1	48,9
1991	63,8	36,2
1992	38,9	61,1
1994	22,2	77,7

**GRÁFICOS DAS PRODUÇÕES DE P
EM ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL
SENTENÇAS**

136

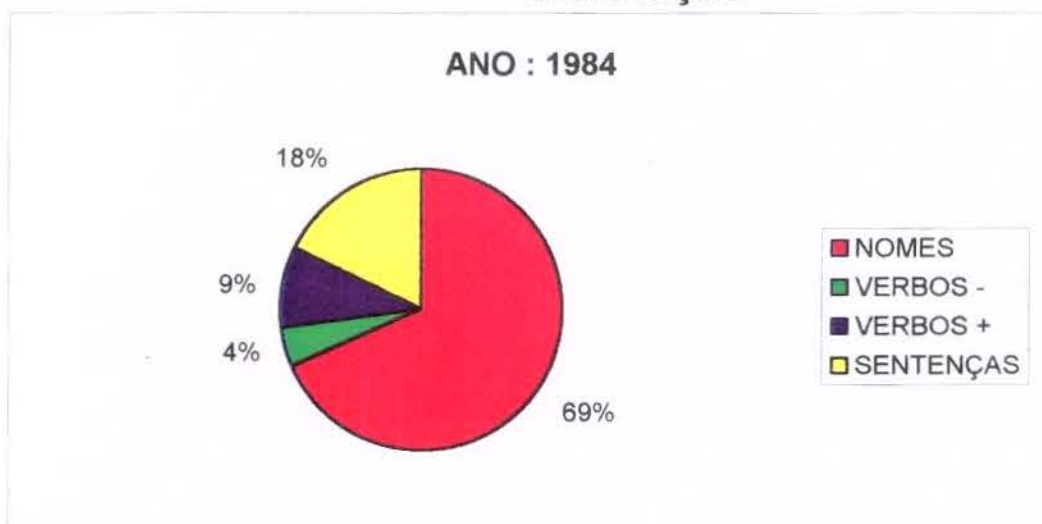


GRÁFICO 1

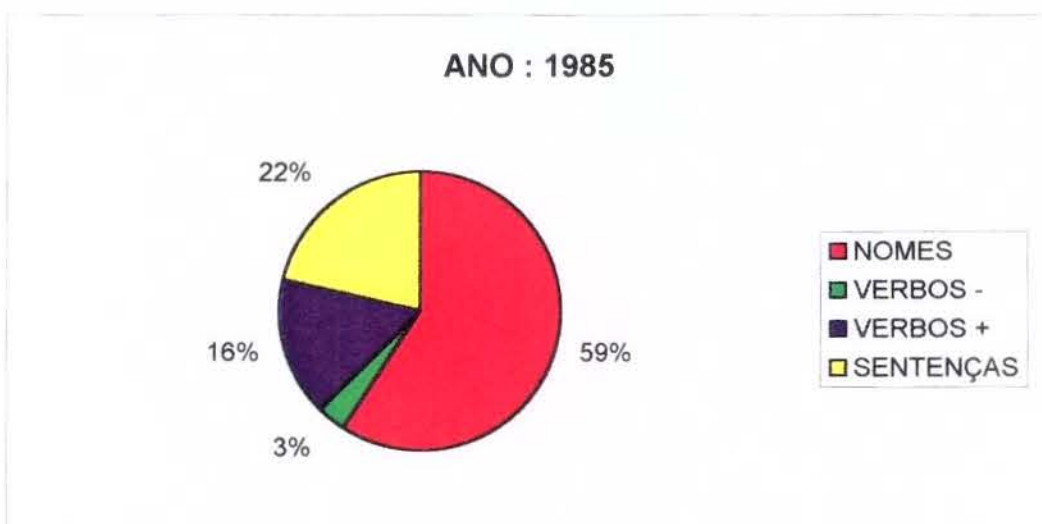


GRÁFICO 2

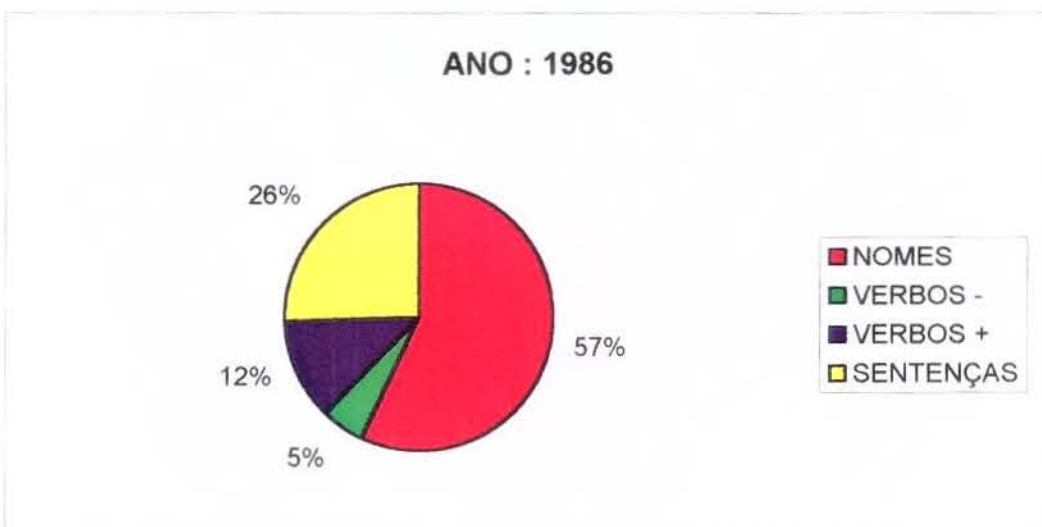


GRÁFICO 3

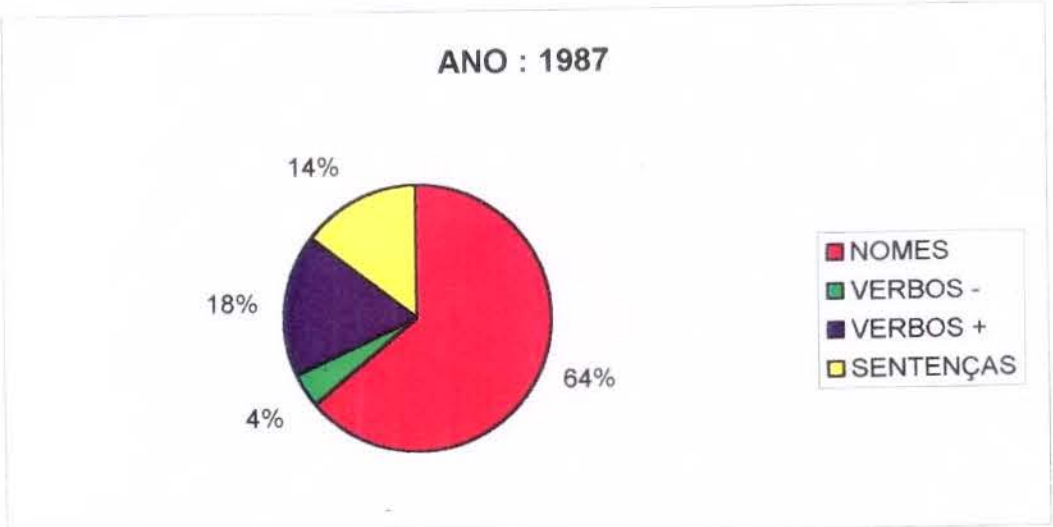


GRÁFICO 4

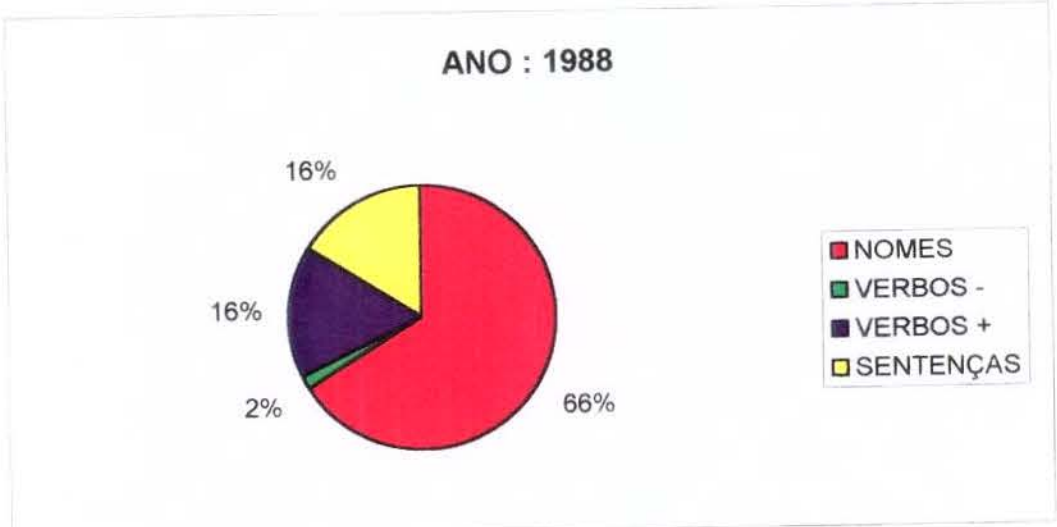


GRÁFICO 5

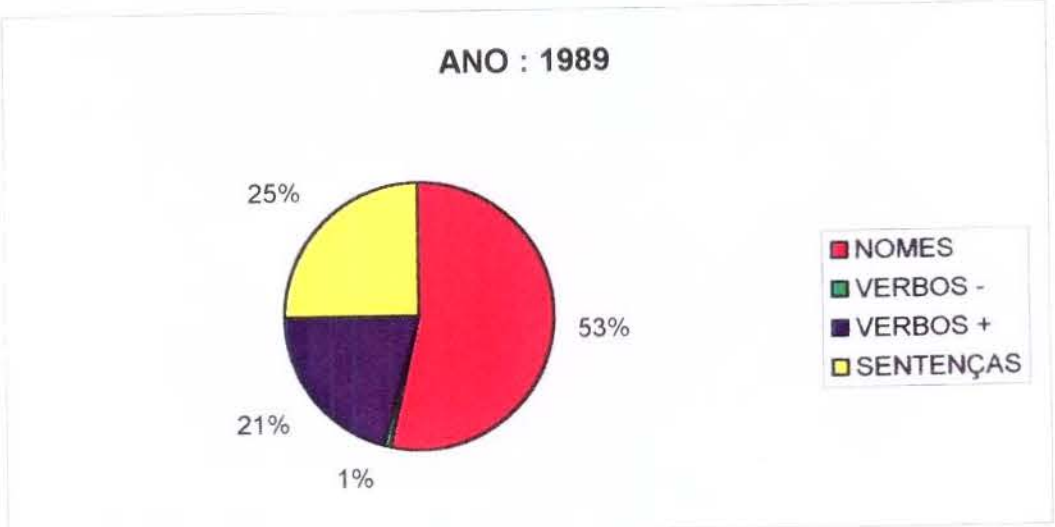


GRÁFICO 6

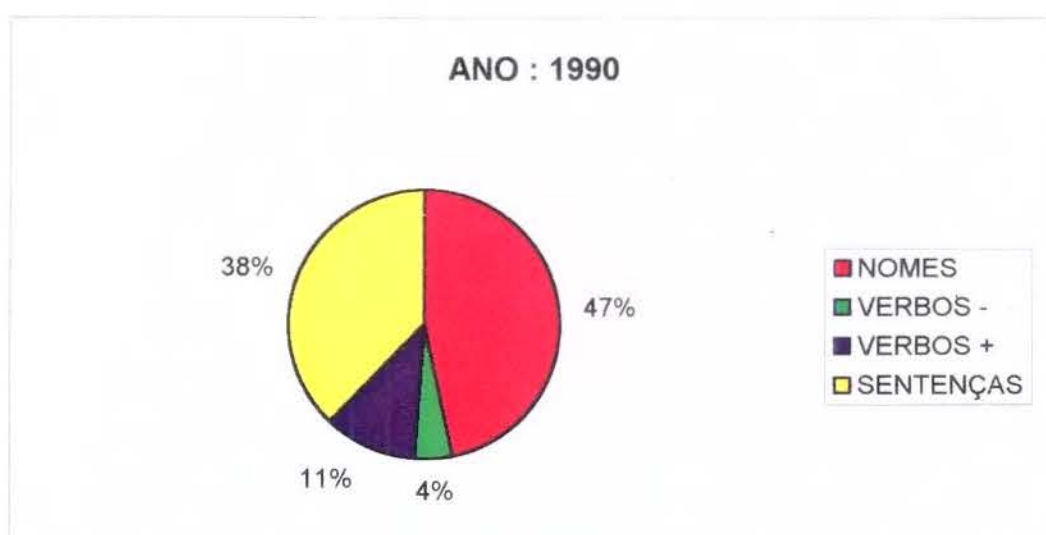


GRÁFICO 7

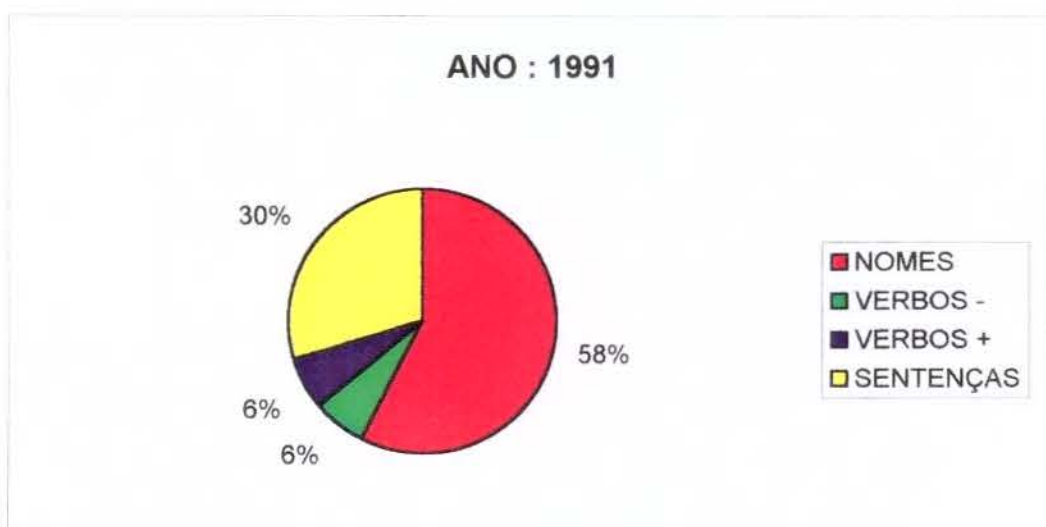


GRÁFICO 8

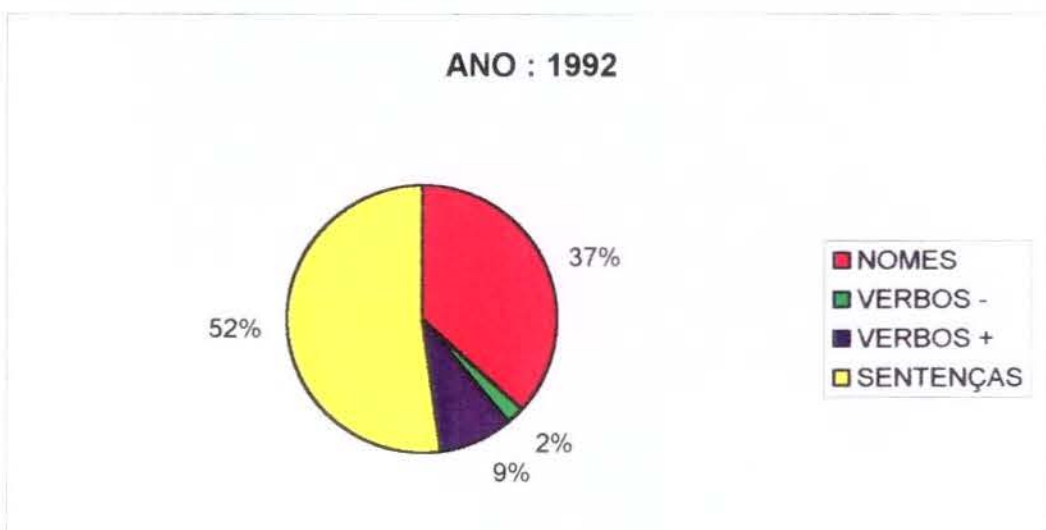


GRÁFICO 9

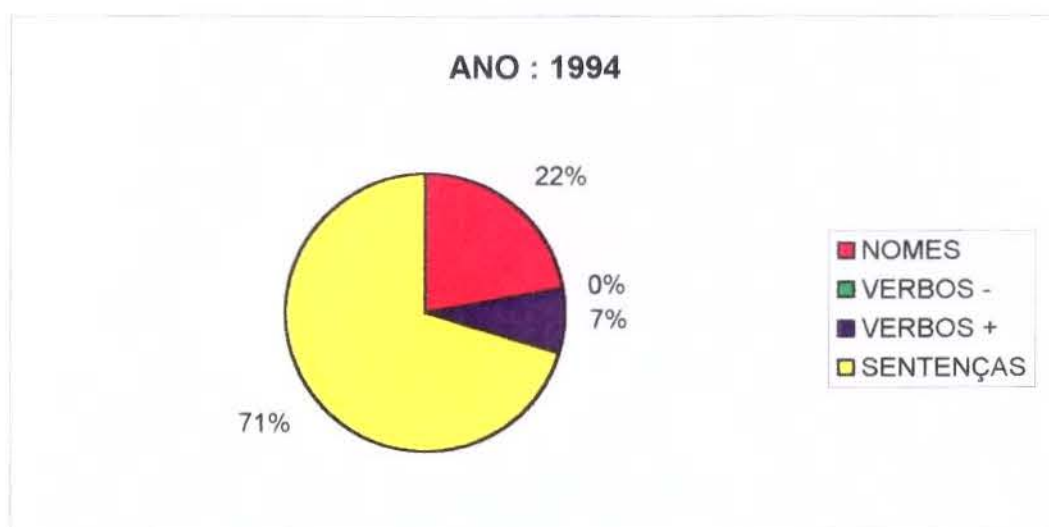


GRÁFICO 10

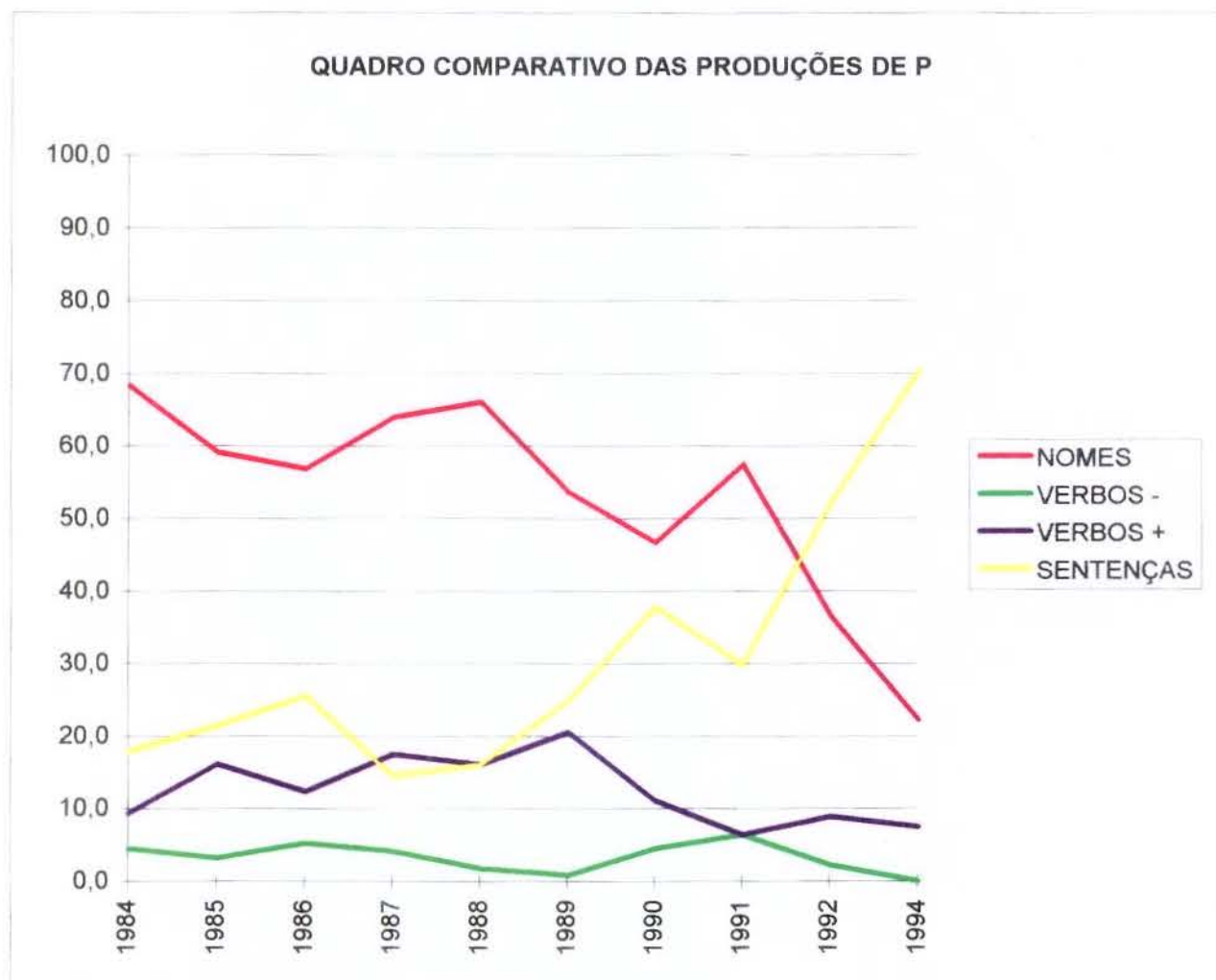


GRÁFICO 11

QUADRO COMPARATIVO DAS PRODUÇÕES DE P

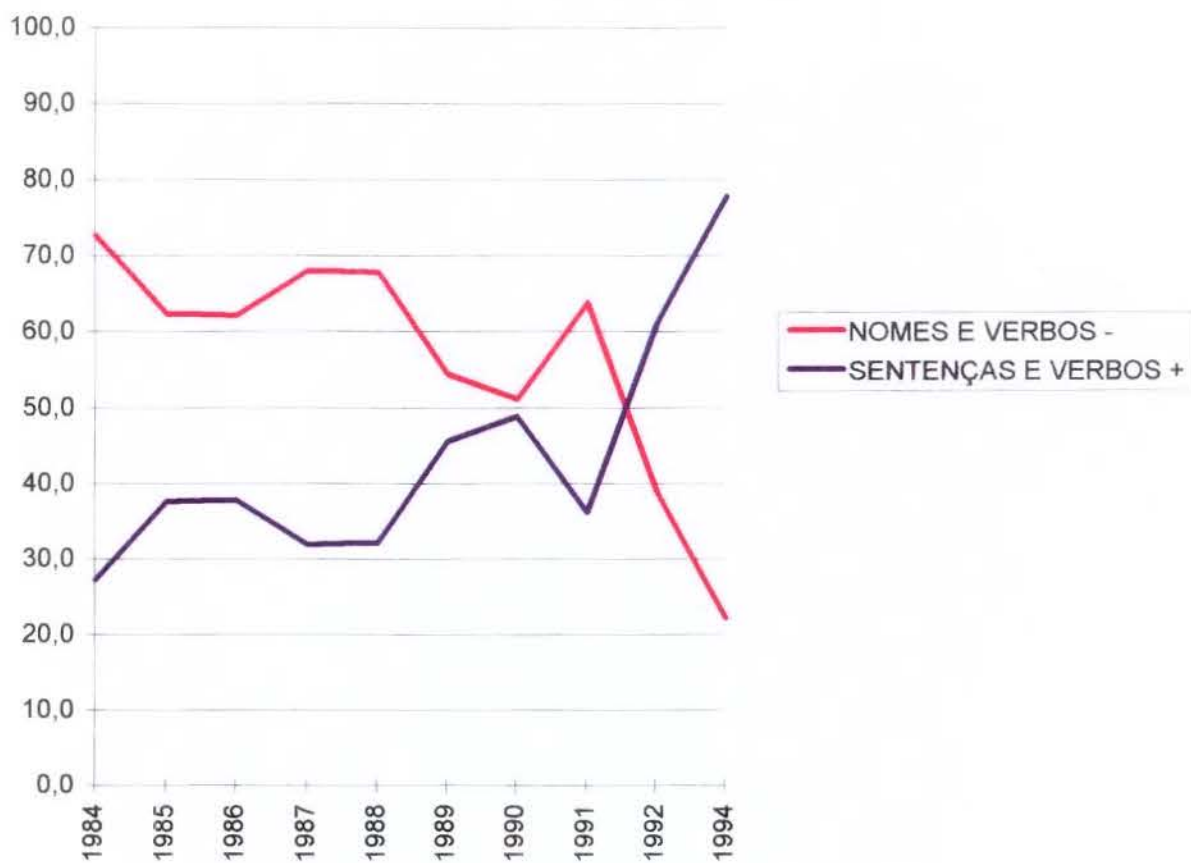


GRÁFICO 12

QUADRO COMPARATIVO DAS PRODUÇÕES DE P
NOMES x VERBOS -



GRÁFICO 13

QUADRO COMPARATIVO DAS PRODUÇÕES DE P
VERBOS + x SENTENÇAS

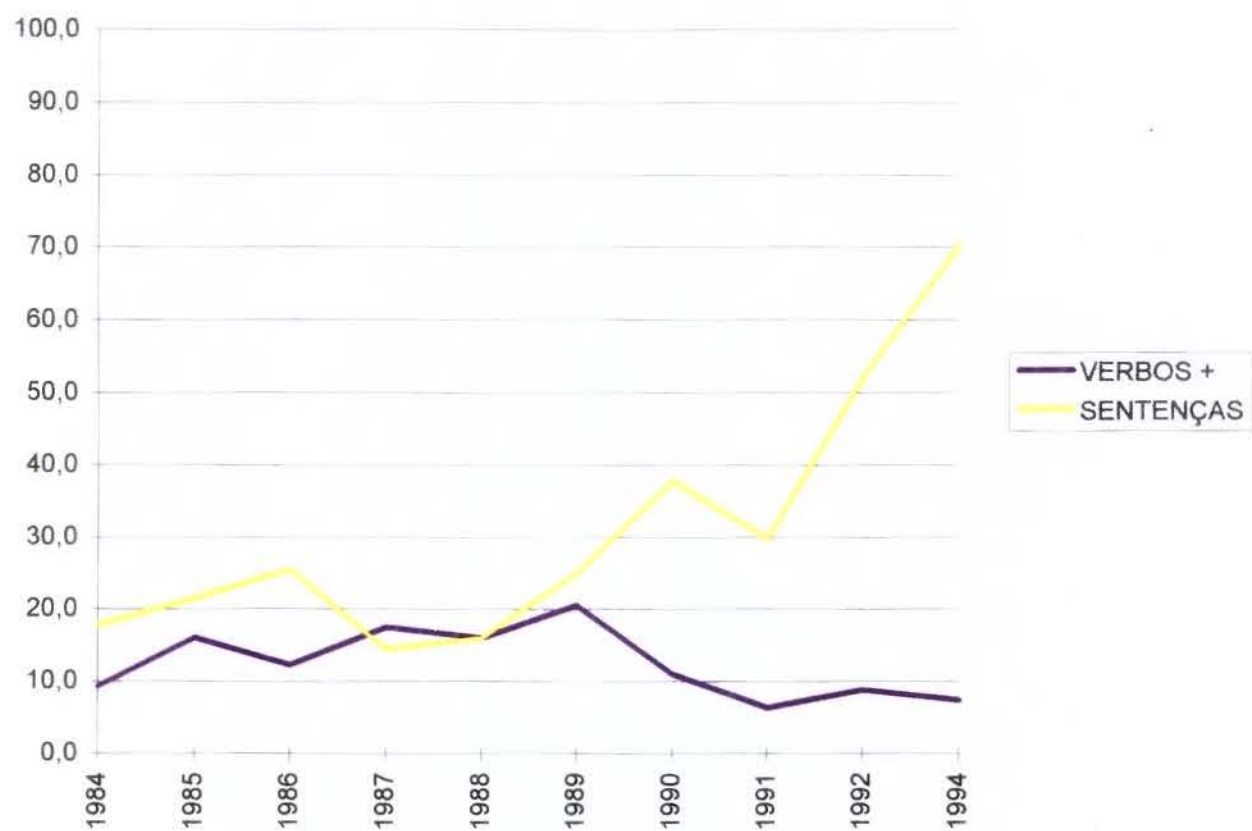


GRÁFICO 14

3.3.3.3. - A PRESERVAÇÃO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS

Vários são os trabalhos sobre o agramatismo que tratam da preservação da estrutura da sentença a partir da manutenção da capacidade de designação de papéis temáticos⁴³ em momentos diversos da pesquisa sobre o assunto: para SPROAT (1986) e FRIEDERICI e FRAZIER (1992), a análise temática ocorre mesmo quando a estrutura sintática está incompleta, tendo estes autores concluído, após experimentação, que os afásicos de Broca são normais quanto à designação de papéis temáticos; CARAMAZZA e ZURIF (1976) sustentam que os papéis temáticos são designados pela aplicação de estratégias heurísticas, e que os pacientes constroem estruturas locais, mas não estruturas hierarquizadas; também HAGIWARA e CAPLAN (1990) concluem que agramáticos de japonês tendem a designar o papel de tema ao nome pré-verbal, preservando a integridade do VP, cuja ordem é NV, nessa língua. Outro trabalho recente que trata do assunto é o de SHAPIRO, GORDON, HACK e KILLACKY (1993).

Esses últimos autores afirmam que enquanto os afásicos de Wernicke⁴⁴ não são sensíveis às propriedades temáticas do verbo, os afásicos de Broca as mantêm intactas em diferentes tipos de sentença. Tomando a noção de grade temática do verbo, tal como proposta em STOWELL (1981), concluem que verbos transitivos diretos, com dois argumentos, eram mais rapidamente processados do que os verbos com mais argumentos. Segundo esses autores demonstraram, através de experimentação, o verbo era ativado em sentenças ativas, passivas, clivadas com sujeito ou objeto focalizado. O acesso às propriedades temáticas do verbo foi evidente, independentemente do tipo de sentença na qual o verbo estava contido. Inclusive em passivas, assumidas como de difícil compreensão pelos autores, foi constatada a sensibilidade à grade temática verbal, ou seja, o tempo de processamento⁴⁵ para acesso ao verbo e a sua grade temática mostrou-se independente de dificuldades de compreensão da estrutura.

SHAPIRO et al. (1993) afirmam ainda que o processo lexical que computa as representações temáticas do verbo seriam independentes do processo que computa a

⁴³Sobre a teoria dos papéis temáticos ver WHITAKER-FRANCHI (1989).

⁴⁴Quanto aos afásicos de Wernicke, estes não mostraram sensibilidade às propriedades temáticas do verbo, o que evidenciou, segundo os autores, um problema de acesso à informação, confirmando o déficit semântico descrito na literatura sobre o assunto, acrescido de um ângulo sintático (SHAPIRO et al., 1993:441).

⁴⁵A metodologia de experimentação utilizada é descrita pelos autores SHAPIRO et al. (1993:430-432), que levam em consideração a variável "tempo de processamento", não considerad. no caso do português devido à prioridade dada à representação.

relação antecedente-vestígio, posicionando-se contra as hipóteses de GRODZINSKY (1990), para quem o conhecimento do parâmetro da ordem da língua funcionaria como estratégia para designação de papel temático, conforme mencionado no Capítulo II.

As conclusões destes experimentos, somadas à descrição dos dados do português, permitem afirmar que no agramatismo há preservação dos papéis temáticos independentemente de qualquer hierarquia desses papéis.

3.3.3.4. - A PRESERVAÇÃO DA ORDEM

Quanto à preservação da ordem na gramática do agramatismo, BATES, FRIEDERICI, WULFECK e JUAREZ (1988), considerando que grande parte dos trabalhos sobre o agramatismo tem afirmações feitas a partir de uma língua configuracional, cuja ordem dos constituintes é rígida, fizeram investigação sobre o agramatismo em alemão, italiano e inglês: a primeira com marca morfológica de caso que seria um indicativo do papel temático, o italiano cujo resquício de marca de casos é visível no sistema de pronomes (BATES et al., 1988:331) e o inglês com ordem relativamente rígida.

Esses autores constataram que os pacientes testados demonstravam problemas de concordância verbo-sujeito, mas mantinham o valor do parâmetro da ordem canônica da língua. Embora sejam apresentadas apenas tabelas estatísticas e poucos dados, BATES et al. (1988:359) apresentam conclusões relevantes, aplicáveis aos dados de P. Mediante avaliação de descrição de gravuras, foi constatado que os afásicos eram normais quanto à preservação da ordem canônica nas línguas (BATES et al., 1988:339). Embora não tenha sido observada variação significativa nem quanto ao tipo de língua nem quanto aos grupos de pacientes, houve evidência de que a ordem SVO em sentenças transitivas foi preservada em 81% dos dados em alemão, italiano e inglês. Em alemão, porém, as construções agente-verbo (AV) corresponderam a 91%. Foi observado ainda que construções VA (verbo-agente) eram frequentes em alemão, sendo esta uma opção estilística comum nessa língua. Isto quer dizer que os pacientes são sensíveis aos parâmetros de ordem de cada língua e às variações permitidas.

Resumindo os resultados, BATES et al. (1993) afirmam ter encontrado evidências a favor da preservação da ordem canônica (VO) em 89% de realizações. Foi

verificado que em italiano houve produção de 18% de estruturas OV, enquanto em inglês e alemão esta foi de apenas 5%. Esta estrutura OV foi produzida mais por afásicos de Broca (20%) do que por afásicos de Wernicke (9%) e grupo de controle (5%). Outro fato relevante, apontado a partir da análise dos dados de produção, refere-se à constatação de que as estruturas OV foram produzidas pelos afásicos que apresentavam maior grau de severidade em cada língua: “Banana ... three eat” (banana ... três como), foi produzido por um paciente que também produziu a ordem SVO: “Boy kissing the dog” (menino beijando o cachorro) e “Boy hitting the dog” (menino batendo no cachorro). Apontam os autores que não houve produção significativa de sentenças com dativo como “Mother is giving her daughter a mouse” (mãe está dando sua filha um rato) e que os pacientes faziam usos elípticos e esquemáticos do tipo “This times she gives a truck” (esta vez ela dá um caminhão) e “Here a box” (aqui uma caixa). Foi constatado que três pacientes italianos, três ingleses e dois alemães não produziram nenhuma sentença com quatro elementos.

Tendo comparado o teste de descrição de gravuras com produção espontânea de relato biográfico (trabalho do paciente, história da doença e “hobbies”), em conversas informais, foi constatado por BATES et al. (1988) que construções AVO (agente verbo objeto) ou AV (agente verbo) e VO (verbo objeto) eram mais frequentes do que construções complexas e os resultados da análise da produção não apresentaram diferença significativa em relação ao teste de descrição de gravuras (BATES et al., 1993:347). Foi observado que em italiano havia mudança de ordem, pragmaticamente orientada, fato este coincidente com a inversão da ordem SVO do português, na sintaxe visível, verificada na topicalização do objeto direto, conforme atestam os dados de P., considerados longitudinalmente. O paciente P. preserva a ordem canônica do português e altera essa ordem apenas conforme as variações permitidas.

3.3.4. - ANÁLISE DA TOPICALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO

Nas sentenças produzidas por P. foram constatadas inversões na ordem SVO na sintaxe visível, tendo ficado evidente que o paciente tinha competência para fazer a topicalização de objeto direto, derivando estruturas nas quais estava presente categoria

vazia adjacente à direita do verbo. Foram as seguintes as estruturas encontradas nos dados de P.:

- [19.07.1984] – Dinheiro não tem.
- [16.08.1984] – Relógio não. Relógio não precisa.
- [08.05.1986] – Dinheiro não dá mais.
- [30.05.1986] – Água não tem. Mangueira tá aí.
- [26.09.1986] – Giz não tem.
- [05.12.1986] – Muita gente não tinha não.
- [17.01.1989] – Coca cola não dá.
- [24.11.1989] – Preto aqui não tem. Escuro, né?
- [23.03.1990] – Deputado já não precisa, né?
- [15.07.1992] – Fita a Maza gravou.
- [15.07.1994] – O bolo menino comen.
- [07.11.1994] – O gravador emprestou.
- [07.11.1994] – Gravador emprestei ao lado.
- [07.11.1994] – Este eu comprei lá no Shopping.
- [07.11.1994] – Relógio comprei em Campinas.

Também durante as avaliações de construção de sentenças com cartões, como “Comprei este relógio na Mesbla”, foi mantida a tendência de topicalizar o objeto “relógio”, como já havia sido constatado na produção espontânea. Foi a seguinte a sequência de arranjos feitos pelo paciente:

[26.06.1989]

- Mesbla comprei
- Mesbla comprei este na
- Relógio comprei na
- Relógio comprei na Mesbla.
- Relógio comprei na este Mesbla
- Relógio este comprei na Mesbla
- Relógio na comprei este Mesbla
- Relógio comprei na Mesbla este
- Este relógio comprei na Mesbla.

Durante a montagem o paciente leu⁴⁶ “uma” no lugar de “este”; “loja” no lugar de “Mesbla”; “para” no lugar de “na”, ficando evidente a dificuldade na colocação do “este”. O esqueleto da sentença com tópico-objeto “Relógio comprei na Mesbla” é facilmente conseguido pelo paciente. Logo, a montagem com cartões revela a competência para construção de estruturas presentes na produção oral.

⁴⁶Os problemas de leitura precisam ser investigados à parte. Foi constatado, porém, que a leitura pode constituir um momento de exibição das dificuldades sintáticas do paciente.

As ocorrências de estrutura com tópico-objeto⁴⁷ demonstram capacidade do paciente quanto à preservação de papéis temáticos, mesmo quando a ordem SVO não se apresenta na sintaxe visível. Atestam ainda a competência do paciente para operar com categorias vazias sintaticamente ativas.

Se considerarmos as análises desta estrutura com tópico-objeto ao longo da história dos trabalhos em gramática gerativa, há discordância entre os autores quanto à natureza dessa categoria vazia adjacente à direita do verbo, pois o SN movido para a posição de tópico deixaria um vestígio à direita do verbo, o qual foi considerado variável por RAPOSO (1986) e DUARTE (1987). Esta categoria vazia poderia ser considerada ainda de natureza pronominal “pro”,⁴⁸ e nesse caso não haveria movimento; porém, estaria formada uma cadeia entre a categoria vazia e o antecedente.

Se P. produz espontaneamente estruturas como as que foram mencionadas neste item e se for considerada a presença de vestígio como uma variável, nas estruturas com tópico-objeto, então a hipótese de GRODZINSKY (1984-1990), de que o processo de compreensão no agramatismo estaria afetado devido ao apagamento de vestígios na estrutura e à não transmissão de papel temático, não se aplica ao caso do português. Mas a hipótese de GRODZINSKY (1990) não se sustentaria, mesmo se tal categoria fosse considerada “pro”, pois haveria para transmissão de papel temático a formação de cadeia, também necessária. Porém, GRODZINSKY não considerou, em nenhum de seus trabalhos, a competência dos pacientes acometidos de agramatismo para a construção desse tipo de estrutura, nem abordou a compreensão desse tipo de estrutura. A compreensão desta estrutura pelos agramáticos põe em risco a estratégia “Default” mencionada no item 2.3.2, do Capítulo II.

⁴⁷Segundo DUARTE (1987:73,80), não considero as estruturas de P. como casos de deslocamento à esquerda, pois nelas não há clítico em conexão referencial com o tópico, como ocorre em estruturas como “Os gerentes, trata-os como se fossem misérrimos contínuos”, no português europeu. Do mesmo modo, seguindo CALLOU et al. (1993), as estruturas do agramatismo de P., mencionadas neste item, devem ser consideradas topicalizações, por não haver pausa, contraste, sem pronomes, e ainda pelo fato de a sequência fônica da construção pós-tópica ser relativamente pequena e pelo fato de estar o tópico coindexado ao complemento, conforme tendência do português atual de falantes normais. Convém lembrar que nenhum dado de P. evidenciou indexação de TOP ao sujeito. Também não considero ser esta uma construção de foco. Para detalhes, ver CALLOU et al. (1993:317).

⁴⁸Na minha tese de mestrado (1988) analisei a natureza da categoria vazia na posição de objeto em estruturas com tópico e concluí que sua natureza é pronominal, concordando portanto com FARREL (1987) e discordando da proposta de AOUN (1986), para quem a CV adjacente à direita do verbo poderia ser considerada anafórica, dada a generalização da teoria da vinculação. Argumentei também contra HUANG (1984) e RAPOSO (1986), para os quais esta CV foi considerada variável. Argumentei a favor da existência dessa CV “pro” em estruturas com tópico a partir do trabalho de RIZZI (1986) para o italiano e propus que a categoria vazia das estruturas com tópico-objeto compartilha propriedades comuns com a categoria vazia das estruturas com objeto nulo, posição esta também assumida por DUARTE (1987:400). Porém, DUARTE (1987:230) assume que a categoria vazia na função de complemento é variável, ligada localmente a uma posição A', externa a FLEX e originada por movimento.

Se for admitida a presença do vestígio à direita do verbo na estrutura com tópico-objeto, então pode ser admitido que o paciente P. opera com movimento e forma cadeias na representação. O movimento em si não é problema para P., uma vez que o paciente produz estruturas interrogativas com “Qu” movido, conforme mostram os gráficos a seguir. Mas operar com este tipo de estrutura é mais fácil ao paciente do que formar interrogativas. Então, explicar problemas de formação das interrogativas no agramatismo como sendo causados pela interrupção da cadeia, devido ao apagamento do vestígio ou dificuldade com o movimento, não é coerente.

Seja resultante de movimento ou não, isto é, seja a categoria vazia da estrutura tópico-objeto variável ou “pro”, o fato relevante para a gramática do agramatismo é que os pacientes constroem esta estrutura, nas quais há categoria vazia e rompimento da ordem canônica na sintaxe visível. Nos dados do agramatismo em mandarim, o paciente LXZ. também exibiu esta estrutura, conforme mencionado no item 2.3.1, Capítulo II. Em todos os casos deve haver a formação de cadeia, da categoria vazia para o SN à esquerda. Então, mais importante do que dar conta da natureza da categoria vazia presente nesta estrutura é considerar que se P. projeta uma estrutura com tópico-objeto está projetando além do nível da sentença, além de IP. Mas se P. não projeta com facilidade estruturas interrogativas, conforme veremos adiante, então o problema não está relacionado à presença da categoria vazia nem ao movimento ou formação de cadeia, e sim à presença de COMP, que, considerada hierarquicamente no elenco de categorias funcionais, deve ser projetada em um nível mais alto do que TOP, considerada uma categoria funcional que pode estar presente, acima de IP.

DUARTE (1987:173, 296) admite que o movimento envolvido na construção de topicalização, abrigado sob a teoria do vestígio, é adjunção livre a um nó com conteúdo proposicional, COMP ou FLEX. Mas, na gramática do agramatismo é preciso considerar que não se dá adjunção a COMP e sim a FLEX com posterior elevação do constituinte topicalizado para o nó TOP, obrigatoriamente localizado abaixo de CP, para que a análise seja coerente com o fato de que a estrutura com tópico objeto é mais fácil ao paciente do que as interrogativas. Se fosse adotada a representação proposta por BENINCÁ (1995)⁴⁹ de que TOP é mais alto que CP, não seria obtida coerência empírica.

⁴⁹BENINCÁ (1995:326-327) propõe que para as línguas românicas medievais TOP seja uma projeção mais alta que CP e para as estruturas com objeto direto na primeira posição, sem pronome resumptivo, considera este objeto em Spec C.

Então, na gramática de P. a categoria TOP, na estrutura com tópico-objeto, estaria localizada na representação arbórea acima de INFL e abaixo de CP, do mesmo modo que a categoria “foco”, proposta por URIAGEREKA (1992)⁵⁰, postulada para dar conta de fatos lingüísticos semelhantes, que ocorrem nas línguas românicas, inclusive no português.

Embora a partir do acompanhamento longitudinal preliminar de dados tenha sido delineado que os problemas do paciente P. podem ser localizados nas categorias funcionais, dadas as dificuldades com as concordâncias, flexões verbais, preposições e subordinações, não é incoerente admitir que a categoria INFL foi projetada além VP. O paciente a caminho da construção da estrutura, e na busca da competência plena para incorporar na sua gramática todas as categorias funcionais disponíveis na língua, pode projetar as categorias funcionais hierarquicamente. Assim, pode ser considerado que o paciente constrói estruturas com TOP, acima de INFL, mas ainda tem dificuldades com categoria CP. Por isso tem mais facilidade com a estrutura tópico-objeto do que com as interrogativas com “Qu”.

3.3.5. - AS CATEGORIAS FUNCIONAIS

Se P. tem a estrutura da sentença cada vez mais produtiva na sua linguagem, conforme verificado no acompanhamento longitudinal, através das tabelas e gráficos apresentados, então, pelo menos a categoria funcional⁵¹ INFL está se estabilizando na sua gramática. Se for considerada a categoria TOP acima de INFL, conforme admitido no item anterior, as projeções estão se hierarquizando a caminho de CP.

Conforme dados do agramatismo, a categoria INFL é essencial na sintaxe, pela sustentação da estrutura da sentença simples, e CP é necessária para dar conta de movimento “Qu” e subordinação. Porém, a categoria D, que também está instável na gramática do agramatismo, pode ser dispensada. Em montagens de sentenças com cartões

⁵⁰RAPOSO (1993:268), considerando a proposta de URIAGEREKA (1992), sugere, por esta via, a análise para a estrutura: “Muita cerveja o teu irmão bebe”. URIAGEREKA (1992) considera que a categoria FOCO pode ser uma categoria funcional adicional colocada entre a projeção de CP e IP ou TP, se considerado o desdobramento de INFL, conforme POLLOCK (1989).

⁵¹A respeito das categorias funcionais no âmbito da teoria da Gramática Gerativa RAPOSO (1993) afirma: “Uma das hipóteses mais interessantes que tem funcionado como princípio orientador em estudos recentes no âmbito da Teoria dos Princípios e Parâmetros consiste na idéia de que a variação paramétrica na Gramática Universal se localiza inteiramente nas categorias funcionais, e tem a ver essencialmente com as propriedades morfológicas (variáveis de língua para língua) destas categorias”. (RAPOSO, 1993:237). Para FUKUI (1986:29) as categorias funcionais compreendem COMP-INFL e Determinante, as quais se distinguem das lexicais por ter uma única posição de especificador, e :’ada: por subcategorizar apenas um complemento, por formar classes restritas e fechadas e por ter valor semântico somente quando associadas às categorias lexicais.

não ocorreram regularmente problemas com esta categoria na ordem de colocação. Também nas tarefas de compreensão ficou evidente que os determinantes eram compreendidos pelo paciente.

Mas é preciso salientar que os determinantes⁵² não estão regularmente presentes nos dados lingüísticos de produção espontânea de P. Ao contrário da dificuldade com categorias funcionais, as categorias lexicais [+N e +V] permanecem intactas na gramática do agramatismo de P. em português e estas não tomam especificadores, projetando unicamente X' em combinação com complementos (RAPOSO, 1993:257).

Enquanto as categorias C e D são homogêneas, no sentido de que os elementos que as compõem pertencem à mesma classe (complementizadores e determinantes), a categoria INFL pode desdobrar-se em T e AGR (conforme POLLOCK, 1989), elementos estes constitutivos de Flexão. Esta é uma opção teórica empiricamente plausível para o agramatismo, uma vez que nos dados pode ser verificado que ora o paciente preenche T, ora AGR, conforme vimos no item 3.3.3.1, e as duas categorias apresentam problemas e instabilidades na sintaxe visível.

Sobre esse ponto, RAPOSO (1993:259) salienta que “em todos os outros casos (quer de categorias lexicais quer de categorias funcionais) as projeções são bem definidas; no caso de INFL, o conteúdo não é inteiramente claro se o elemento projeta AGR ou T ou uma combinação dos dois”. Esta não especificação apontada por RAPOSO (1993) encontra ecos nos dados do agramatismo, pois ora é a concordância de número e pessoa que está instável, ora é a marca de tempo que está ausente.

Conforme POLLOCK (1989), o desdobramento de INFL em núcleos autônomos corresponde a seus elementos constitutivos (T e AGR), os quais passam a ser categorias funcionais independentes, cada uma com projeção própria. Nesta proposta, T-comanda AGR, conforme POLLOCK (1989), ao contrário do que propõe CHOMSKY (1992), para quem AGR c-comanda T. Na gramática do agramatismo de P., estando a emergência de T mais visível do que AGR e estando a estrutura sendo reconstruída a partir de T, então os fatos evidenciam a precedência de T sobre AGR, confirmando a proposta de POLLOCK (1989).

⁵²A classe de determinantes (o, este, aquele) reduz-se a elementos que não licenciam especificadores, conforme aponta RAPOSO (1993:255).

Quanto à negação, conforme aponta RAPOSO (1993:271), esta é expressa por um traço licenciado por INFL e a sintaxe da negação tem lugar no sistema IP. Logo, por esta hipótese, se P. tem negação é porque tem o sistema IP preservado. Nos dados de P. não foram verificados problemas com a negação.

Embora a presença de alguns advérbios na gramática dos afásicos de Broca seja evidência visível a favor da presença da categoria funcional Flexão (INFL), o que significa que o paciente projeta na sintaxe além de VP, a aquisição desta categoria não isenta o afásico de outras características do agramatismo, como por exemplo a dificuldade com as categorias “Qu” em interrogativas e mais ainda em relativas. Logo, há graus de severidade de agramatismo, conforme haja a presença ou não do elenco completo de categorias funcionais da língua.⁵³ Constatar que há problemas com a categoria funcional INFL não significa afirmar que esta encontra-se ausente da gramática do agramatismo, pois os gráficos exibidos mostram sua reaquisição, mas também as instabilidades.

A presença da categoria INFL na gramática do agramatismo foi apontada por LONZI e LUZZATTI (1993), os quais, ao contrário do que tem sido descritivamente postulado, isto é, que os afásicos de Broca não têm categorias funcionais, demonstram que esta categoria, e conseqüentemente a estrutura básica da sentença, está preservada nas representações sintáticas do agramatismo em italiano. O argumento empírico focalizado para confirmação desta hipótese é a evidência de que os pacientes agramáticos são capazes de fazer colocação de advérbios adequadamente em sentença finitas e não-finitas, naquela língua. Isto demonstra um conhecimento de categorias funcionais, conclusão a que chegaram investigando a ordem verbo-advérbio em três casos de agramatismo em italiano, língua em que quando o verbo é infinito o advérbio pode posicionar-se antes ou depois do verbo, mas quando o verbo é finito a única possibilidade de ordem é o advérbio depois do verbo.⁵⁴ A conclusão é de que a categoria funcional INFL, responsável pela ordem verbo-advérbio, está presente na gramática dos afásicos de Broca, em italiano.

⁵³Esta conclusão, a que cheguei a partir do estudo de caso do agramatismo em português, coincide com o estudo do caso RS., relatado por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) no agramatismo em hebraico, no qual consideram também as conclusões de LONZI e LUZZATTI (1993). Estes trabalhos serão mencionados à frente.

⁵⁴Em italiano os verbos com tempo marcado sempre precedem os advérbios, fenômeno este explicado pela teoria do movimento do verbo para INFL em sentenças finitas conforme POLLOCK (1989). A proposta de POLLOCK (1989) inclui o desdobramento de IP em duas projeções F_1 e F_2 (conforme mencionado anteriormente) para o francês; é assumido o movimento para a posição mais alta F_1 , para os verbos finitos e um movimento curto para a projeção F_2 , com verbos no infinitivo. Conforme esta proposta de análise, o verbo finito em italiano e francês move-se para o núcleo de F_1 para receber traços morfológicos relevantes ou simplesmente para checá-los, conforme CHOMSKY (1992). Esta notação F_1 e F_2 é adotada por LONZI e LUZZATTI (1993) para evitar a notação TP e AGRP usada por POLLOCK, embora CHOMSKY (1992) use AGRP e TP em ordem invertida. Assim, em francês e italiano o verbo

Com esta conclusão ficam invalidadas as hipóteses a favor da perda total da sintaxe (CARAMAZZA e ZURIF, 1976; CAPLAN e FUTTER, 1986) ou da perda total de categorias funcionais. Devido à relevância do achado experimental de LONZI e LUZZATTI (1993), que contraria afirmações consolidadas no campo de estudos do agramatismo, e que tem consequências significativas para análise de dados do agramatismo em português, apresento detalhes do estudo desses autores.

A hipótese apresentada por LONZI e LUZZATTI (1993) é de que os pacientes podem ter acesso ao padrão de verbo finito-advérbio se tiverem a estrutura da sentença preservada, isto é, se tiverem na sua gramática a categoria INFL.⁵⁵ Portanto, conforme esses autores, há preservação de parte da sintaxe na gramática do agramatismo. Estas conclusões são obtidas através de produção espontânea dos pacientes que apresentaram sintomas lingüísticos de agramatismo, isto é, que omitiram artigos, preposições, verbos, auxiliares, clíticos, negação, afixos de flexão, substituíram infinitivos, marcas de pessoa, preposição e concordância de gênero e número e, ainda, a partir de testagem experimental que constou de 73 sentenças com advérbios em diferentes posições com relação a verbos mais ou menos finitos. Cada sentença, de três a seis palavras, foi dividida em três ou quatro constituintes, apresentados em cartões e lidos sem ordem planejada ao paciente, pelo examinador. Era pedido ao paciente para ordenar os cartões formando uma boa sentença em italiano. Se a categoria funcional INFL não estivesse presente na gramática dos pacientes, qualquer ordem seria possível ou os advérbios especificadores sempre precederiam o verbo independentemente do tempo, devido à falta de movimento do verbo.

O resultado da tarefa de ordenação dos constituintes, evidenciado pelos erros de respostas dos pacientes, demonstrou que os pacientes agramáticos apresentavam um padrão de desempenho comparável ao grupo de controle. Os advérbios seguiam os verbos com tempo tanto nas estruturas dos pacientes afásicos como nas do grupo de controle, o que demonstrou a preservação da ordem núcleo-complemento e da categoria INFL.

com tempo finito sempre precede o advérbio, mesmo se este for um especificador, enquanto os verbos no infinitivo podem ter advérbio colocado antes ou depois, sendo o movimento opcional.

⁵⁵As estruturas do italiano são apresentadas por LONZI e LUZZATTI (1993:308-309).

No grupo de controle, assim como no de pacientes agramáticos, a posição do advérbio como especificador em sentenças infinitas ocorreu tanto antes quanto depois do verbo, enquanto os advérbios sempre precederam a forma finita, tanto com verbo principal quanto com item verbal acompanhado de formas auxiliares. O mesmo resultado havia sido obtido a partir da análise da fala espontânea de pacientes agramáticos, via publicações de dados de agramatismo do francês e italiano, tendo sido considerada a ordem verbo-advérbio nas duas línguas e a ordem verbo e marcador de negação apenas no francês.

Os resultados do experimento mostram que os agramáticos têm acesso aos princípios que ordenam a distribuição de advérbios e movimento de verbo para INFL. Se não houvesse categorias funcionais, qualquer ordem seria processada, ou advérbios especificadores poderiam ter precedido o verbo independentemente do tempo. Os autores concluíram que a categoria funcional INFL está presente na gramática dos afásicos de Broca, havendo movimento de verbo para a projeção máxima de INFL na gramática do agramatismo (LONZI e LUZZATTI, 1993:313).

Se os agramáticos têm INFL, conforme demonstram LONZI e LUZZATTI (1993), explica-se a presença do “le” em chinês, na gramática do paciente LXZ., conforme mencionado no Capítulo II, e a re aquisição da flexão verbal em português. Conforme os gráficos anteriormente expostos, resultado da análise dos dados de P., ficou demonstrado que ao longo do acompanhamento longitudinal a categoria INFL foi se estabilizando na gramática do agramatismo deste paciente. Além da categoria funcional INFL, nos dados de topicalização de objeto outra categoria funcional, TOP, pode ser convocada para dar conta desta estrutura, mas a categoria COMP ainda está em processo de re aquisição, conforme mostram os dados de interrogativas.

3.3.6. - AS CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS

3.3.6.1. - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Antes de considerar os dados do agramatismo em português algumas observações sobre as construções com “Qu” são necessárias, pois o movimento de “Qu”

não ocorre de modo uniforme nas línguas. Enquanto no inglês é obrigatório, no chinês e japonês o elemento interrogativo de uma oração interrogativa permanece “in situ”. Em português as duas opções são parametricamente admitidas, ou seja, o “Qu” pode deslocar-se ou permanecer “in situ”.

É assumido por HUANG (1982) que em chinês há um movimento do elemento interrogativo para posição Spec-COMP em LF, quando o elemento interrogativo permanece “in situ”, considerando esta que permite um tratamento unificado do componente LF nas línguas.⁵⁶

AOUN e LI (1993:233), contrariando a proposta de HUANG (1982), admitem que os elementos interrogativos em chinês são coindexados e interpretados a partir de um operador de interrogação que é movido ao Spec de COMP. Considerando a conclusão de AOUN e LI (1993), a diferença entre uma sentença com “Qu” movido e “Qu” não-movido em português seria a seguinte: o elemento “Qu” seria interpretado ora como um elemento indefinido não-interrogativo, ora como um elemento interrogativo.

Para esses autores, em chinês haveria um operador vazio no Spec de “Qu” e, por extensão, isto poderia ser assumido para o português em estruturas com “Qu in situ”. De acordo com essa proposta de análise, quando não há movimento o operador funciona como um item de polaridade (AOUN e LI, 1993:235). Este item de polaridade deveria estar presente na gramática do agramatismo, mesmo quando o paciente promove à interrogativa um elemento lexical ou uma sentença declarativa, isto é, uma interrogativa sim/não. Então, poderia ser admitido que um item de polaridade interrogativa está estável na gramática de P., mas não a categoria funcional COMP.

Quanto à opção de formação de estruturas interrogativas com elementos “Qu”, esta parece não ter sido totalmente perdida no agramatismo em português. Como demonstram os gráficos de 15 a 29, o “Qu” movido se manifesta, desestabiliza-se e é readquirido mais tarde.

Algumas ocorrências espontâneas de sentenças interrogativas com “Qu” nos dados de P. poderiam ser consideradas construções congeladas, pois se P. operasse sintaticamente com elas e sobre elas não teria dificuldade para construir a estrutura interrogativa quando solicitada pelo investigador. Esta colocação é necessária devido às

⁵⁶ Com o redimensionamento de FL no programa minimalista, conforme apontado por HORNSTEIN (1994), o movimento em LF do elemento “wh” também é viável, tendo em vista que LF deve ser uniforme nas línguas.

instabilidades que os dados apresentam quando esta estrutura é analisada longitudinalmente, pois o paciente ora produz estruturas interrogativas com “Qu” movido, ora percorre um longo caminho para organizá-las em FF.

3.3.6.2. - OS DADOS DE INTERROGATIVAS NO AGRAMATISMO EM PORTUGUÊS

Nos dados do português não foi constatado nenhum problema de compreensão das interrogativas e, além disso, P. produz sentenças interrogativas com referencialidade discursiva com interrogativo “qual”, correspondente a “which”, em inglês, como mostram os dados abaixo, ao contrário do que atestam HICKOK e AVRUTIN (1995), para o inglês, conforme veremos adiante. Porém, as instabilidades com esta estrutura mostram a dificuldade do paciente com a categoria funcional COMP.

Apresento a seguir dados de P. observados em acompanhamento longitudinal, para que sejam constatadas as instabilidades: ora há produção, ora não há sequer repetição.

[19.07.1984]

- INV.: – O que está fazendo esse homem aqui?
 P.: – Mulheres ... acordeão.
 INV.: – Acordeão? ... O que está fazendo com o acordeão? E as mulheres, o que estão fazendo?
 P.: – **Qual é? Essa aqui?** Como chama?
 É ... samba.

[19.09.1985]

- INV.: – Pergunta quanto tempo faz que ele foi operado. **Pergunta quanto tempo faz.**
 P.: – **Quanto é?**
 INV.: – Dez dias, vinte dias, mais? Fala?
 P.: – **É duro, né?**

[03.04.1986]

- INV.: – O senhor vai ver o cometa de Halley?
 P.: – Até agora não.
 INV.: – O senhor não quer ver?
 P.: – **O que eu vou fazer lá na ...** como chama?

[05.06.1987]

- INV.: – O senhor não vai perguntar aonde eu fui?
 P.: – Foi em ...
 INV.: – **Pergunta aonde eu fui.**
 P.: – **Você foi lá. Não.**
 P.: – Foi...

[17.01.1989]

- INV.: – O senhor comeu o **quê** no Natal?⁵⁷
 P.: – Frango ... Como é? ... Pernil.
 INV.: – Pergunta pra mim.
 P.: – E você?
 INV.: – Quero pergunta completa. Pergunta pra mim o que eu comi.
 P.: – O quê? Peixe?
 INV.: – O que você...
 P.: – Comeu?

[02.06.1989]

- INV.: – Foi para São Paulo fazer o **quê**?
 P.: – Passear um pouco.
 INV.: – O que o senhor foi fazer na Mesbla?
 P.: – Passear um pouco no Shopping.
 INV.: – Pergunte pra mim?
 P.: – **Você foi passear?**
 INV.: – Fui.
 P.: – Onde?
 INV.: – Amparo.
 P.: – Aquela senhora não vem mais aqui?
 INV.: – Ela vem, no final de julho.
 P.: – As crianças estão boas?
 INV.: – Estão. Amanhã eles vão numa festa em São Paulo.
 P.: – **UNICAMP, como vai?**
 INV.: – Esse casaco o senhor comprou em Campinas?
 P.: – Não. São Paulo.
 INV.: – Pergunta pra mim.
 P.: – **Você comprou ... casaco, né?**
 INV.: – Esse relógio o senhor comprou no Shopping?
 P.: – Mesbla, parece.
 INV.: – Pergunta pra mim onde eu comprei esse aqui.
 P.: – É outro. Comprou lá na ...
 – Você foi passear?
 INV.: – Fui.
 P.: – Onde?
 INV.: – Amparo.
 P.: – **As crianças estão boas?**

⁵⁷Nestes dados observamos que o investigador também usou “Qu in situ”.

INV.: – Estão. Amanhã elas vão numa festa.
 INV.: – **UNICAMP como vai? Greve ainda?**

[13.06.1989]

INV.: – Sabe por que eu estou atendendo o senhor hoje?
 P.: – **Vai viajá?**
 INV.: – Pergunta pra mim pra onde eu vou.
 P.: – **Você vai viajar pra onde? Onde você vai?**
 INV.: – Pra Buenos Aires.
 P.: – Passear?

[17.11.1989]

INV.: – O senhor comen o quê no Natal?
 P.: – Frango ... Como é? ... pernil.
 INV.: – Pergunta pra mim.
 P.: – **E você?**
 INV.: – Eu quero a pergunta completa.
 – Pergunta pra mim o que eu comi.
 P.: – **O quê? Peixe?**

[24.11.1989]

INV.: – Suponhamos que o senhor seja o Noel. O secretário da escola. Eu apareço. O que o senhor pergunta?
 P.: – **Bom dia. O que você quer? Você quer o quê?**
 INV.: – Queria falar com o Pierre, vender uns livros.
 P.: – Ele não está.
 INV.: – Então eu volto mais tarde.

Foram quantificadas todas as intenções de interrogações do paciente P., conforme veremos no item 3.3.6.3. Os gráficos adiante são representativos do acompanhamento longitudinal. Nos dados de 1984, foram constatadas 8% de interrogativas com “Qu” movido e nenhuma realização de “Qu in situ”.⁵⁸ No episódio de [03.04.1986] a interrogativa com “Qu” movido se salientou: “O que que eu vou fazer lá?”. Nesse ano foram constatadas 29% de sentenças interrogativas com “Qu” movido e nenhuma realização de “Qu in situ”. Os dados de [13.06.1989] “Onde você vai?” e de [24.11.1989] “O que você quer?” exemplificam movimentos de “Qu”. Nesse ano, este tipo de estrutura representa 15% do total de tentativas de construção de interrogações.

⁵⁸Para a quantificação das estruturas interrogativas produzidas por P. foram consideradas todas as intenções de interrogativas.

Nos dados de 1990, a construção da interrogativa com “Qu” movido é obtida em 17% das intenções de interrogação, mas ainda é problemática para P. Mas, apesar de ter dificuldade para movimentar “Qu” para perguntar “Em quem votou?”, movimenta o objeto direto para a posição de tópico: “Dinheiro não tem mais”, evidente no dado de [23.03.1990] mencionado a seguir.

Ao montar com cartões as sentenças interrogativas, o paciente às vezes tem menos dificuldades do que com as sentenças passivas e relativas, mas em outros momentos a dificuldade se exhibe, como vemos nos dados de 1989 e 1990, a seguir:

[21.04.1989] (P. monta com cartões)

P.: – Você o que comeu?
 – O que você comeu? (lê “O quem você comeu?” e depois “O que comeu?”)

[11.06.1990]

– João para deu presente quem
 – João para um presente quem deu
 – João para quem deu presente um
 – João para quem um presente deu
 – João para um deu quem presente (O INV. grampeia “para quem”)
 – João um deu para quem presente
 – João deu um para quem presente
 – João deu um presente para quem?

[23.03.1990]

INV.: – Pergunta pra mim em quem eu votei.
 P.: – Eu sei, Lula.
 P.: – Você vai votar para ...
 INV.: – Já passou. Você vo...
 P.: – Você votou ... para ...
 INV.: – Não é para.
 P.: – **Você votou em Lula?**
 INV.: – Assim não: em quem?
 P.: – **Você votou em quem?**
 INV.: – Eu votei no Lula nos dois turnos. Não adiantou nada, né?
 INV.: – Não.
 P.: – **Você viajou onde?**
 INV.: – Eu fui pra Santa Catarina nos feriados de Natal. Nas minhas férias, nas férias de janeiro, eu fui para os EUA.
 P.: – **Passear?**
 INV.: – Passear.
 – Pergunta pra mim o que eu tô achando do Plano Collor.
 P.: – **Dinheiro não tem mais, né?**
 P.: – Você...

INV.: – O que...
 P.: – **O que você tem?**
 INV.: – Não, eu não tenho nada com o Plano Collor. O que você ach...
 P.: – **O que você achou no...**
 INV.: – O que eu achei? ... (comenta...)
 INV.: – O que o senhor achou?
 P.: – Eu? Pra mim ... banco ... supermercado...

[24.03.1992]

INV.: – Faz uma pergunta para seu Edmundo.
 P.: – **Viajou? Pra onde?**
 INV.: – O senhor sabe se ele viajou?
 Sr.E.: – Em casa, televisão.
 INV.: – Pergunte o que ele viu na televisão. Use: O que...?
 P.: – **O que fez em casa?**
 INV.: – O senhor já sabe que ele assistiu televisão. O que o senhor não sabe é o que ele assistiu na televisão. O senhor não vai adivinhar. O senhor vai perguntar o que ele assistiu na televisão.
 P.: – **Você.**
 INV.: – Você não. É “O que ...?”

No episódio de [23.03.1990] ocorre o verbo no infinitivo, porém adequadamente empregado. Quando as dificuldades sintáticas afloram, como no caso de interrogativas, ocorrem problemas lexicais. P. seleciona “tem” no lugar de “achou”, como vimos no episódio de entrevista transcrito anteriormente. Das intenções de interrogativas, nesse ano, 17% das estruturas são com “Qu” movido e 22% com “Qu in situ”.

Os dados do episódio de [24.03.1992] evidenciam que o interrogativo isolado continua a fazer parte da linguagem que P. domina: “Pra onde?”. A pergunta completa: “O que você fez em casa?” é produzida ainda com ajuda do investigador. O paciente insiste em não realizar o sujeito, o que demonstra a presença da marca de concordância na sua gramática. O fato de que continua havendo dificuldades com interrogativas, apesar de serem estas estruturas produzidas esporadicamente, fica evidente numa sessão posterior: o “onde” como interrogativo emerge mesmo quando o interrogativo a ser escolhido deveria ser “o que”, e mesmo quando há indicações por parte do investigador para a repetição.

[06.04.1992]

INV.: – O senhor vai perguntar pra mim o que eu comi?

- P.: – **Você foi lá na.**
 INV.: – O senhor não vai perguntar onde eu fui.
 P.: – **Laranja ou ... Você foi aonde?**
 INV.: – Eu fui na cantina.
 P.: – Mas, comeu...
 INV.: – Não é para adivinhar, é para perguntar. Se não o senhor vai falar todas as comidas do Brasil e não vai adivinhar.
 P.: – **Você foi aonde?**
 INV.: – Na cantina.
 P.: – **Era ... como chama? ... Almoço ... Sanduíche...**
 INV.: – Pergunta o que eu comi.
 P.: – Como chama?
 INV.: – O senhor Antonio vai perguntar para o senhor o que o senhor comeu hoje.
 Sr. A.: – O que você comeu hoje?⁵⁹
 P.: – Como chama? ... Misto quente. E você?
 INV.: – Eu quero que o senhor faça a pergunta inteira.
 P.: – Antonio, você comeu aonde?
 INV.: – Onde é na cantina. É “o que”. **Antonio, o que você comeu?**
 P.: – **Você comeu aonde?**
 INV.: – **Aonde é na cantina. Ele não pode comer caixa bar.**
 P.: – **Almoço ou ...**
 INV.: – Foi almoço. Pergunta o que ele comeu no almoço.
 P.: – **Sanduíche ou almoço?**
 INV.: – Responde o que o senhor comeu.
 Sr. A.: – Sanduíche.

A insistência para a seleção do interrogativo “onde”, evidente no início do episódio de [24.03.1992], e a insistência para perguntar “e você?”, ao invés de formulação da estrutura completa com “Qu”, permitem avaliar a competência interna de P. para interrogativas. Estas ainda estão instáveis na produção, embora o paciente consiga repeti-las e, às vezes, produzi-las, o que é confirmado em dados seguintes, como em [03.05.1992] abaixo: “Por que o avião parou em Washington?”. Nesse ano, 15% das intenções de interrogativas são estruturadas com “Qu” movido e 18% com “Qu in situ”.

[03.05.1992]

- INV.: – Não.
 INV.: – Pergunta pra mim por que o vôo da volta parou em Nova York.
 INV.: – Por quê?
 P.: – **Por que ... é ... Por que ...**
 INV.: – Por que o avião ...
 P.: – É.
 INV.: – Parou ...
 P.: – Parou ... parou ... não.
 INV.: – É. Porque o avião parou em Nova York?
 P.: – **Por que o avião parou em Washington?**
 INV.: – Em.

⁵⁹Este dado mostra a diferença entre o agramatismo e outros quadros afasiológicos.

P.: – Nova York.

Em novembro de 1994, os dados mostraram que P. representa interrogativas, mas não repete uma interrogativa com saturação de “Qu”. Do total de interrogações, temos, neste ano, 30% de sentenças com “Qu” movido e 19% de sentenças com “Qu in situ”.

[07.11.1994]

INV.: – Tem uma propaganda de televisão.

P.: – Qual?

INV.: – Uma propaganda de tempero de comida que diz assim: **Qual o tempero que quem usa não troca?** (o investigador escreve a sentença e o paciente, querendo saber o canal, pergunta):

P.: – **Mas qual é que é?**

INV.: – É um tempero. A marca é Sazon.

P.: – **Eu sei, mas Globo? Bandeirantes?**

INV.: – Em todas as emissoras passa a propaganda.

O investigador repete a sentença e pergunta ao paciente se ele entende. Ele diz que não e pergunta:

P.: – Eu sei. Mas qual é a embalagem?

P. lê “Qual o tempero vai usa não troca?”, e mostra ao investigador o “que” e o “quem” para dizer que aí estão seus problemas⁶⁰; ao repetir depois do investigador P. diz:

P.: – Qual o tempero usa ...

Para confirmar, por um lado, as instabilidades com a categoria COMP, mas, por outro, a evidente possibilidade de reaquisição de estabilização dessa categoria, apresento o episódio mais recente de montagem e repetição de sentenças interrogativas:

⁶⁰Fato semelhante, demonstrando a consciência que os pacientes acometidos de agramatismo têm sobre as próprias dificuldades sintáticas, ocorreu com o paciente WR., que, bem humorado, queri. jogar debaixo do sofá o cartãozinho onde estava escrito “que” durante montagem de sentenças relativas com cartões.

[27.06.1995]⁶¹

- INV.: – O senhor vai montar essas frases pra mim. São frases, seu Oriel. Hoje é dia 27 de junho, né? De 95. São frases interrogativas, tá? Então, o senhor vai montar essa frase aqui, tá? Depois que estiver pronto, o senhor vai colar pra mim. Essa aqui é a interrogação, tá?
- P.: (montou com cartões a sentença “Maria disse o quê?”)
- INV.: – Lê pra mim como é que o senhor montou.
- P.: – Mala, não ... é ...
- INV.: – Maria ...
- P.: – Maria, é ... diz ...
- INV.: – Disse.
- P.: – Disse.
- INV.: – Disse ...
- P.: – Para ...
- INV.: – Não.
- P.: – Maria disse ... Maria disse ...
- INV.: – Maria disse ...
- P.: – O ...
- INV.: – O... Isso! Maria ...
- P. e INV.: – Maria disse o ...
- INV.: – Quê.
- P.: – Quê.
- INV.: – Isso. Maria disse o quê? Repete.
- P.: – Maria disse ... o ... e.
- INV.: – Quê?
- P.: – Quê?
- INV.: – Maria disse o quê?
- P.: – **Maria disse quê?**
- INV.: – Não, não é “que”. É “o quê”?
- P. e INV.: – Maria disse o quê?
- INV.: – Isso, de novo.
- P.: – **Maria disse o quê?**
- INV.: – Maria disse o quê? O senhor vai perguntar: Maria disse o quê? Repete.
- P.: – **Maria disse o quê? Mas que que é?**
- INV.: – Isso. Exatamente.
- P.: – Muita coisa.
- INV.: – É, muita coisa. Isso aqui tá certinho, viu? Agora essa aqui. Vou mostrar essa aqui. Agora monta essa aqui, ó. O senhor entende a minha letra? O que tá escrito aqui?
- P.: – “O”. É “o”. (o paciente deveria montar a sentença “Onde você caiu?”)
- INV.: – Então o senhor não está entendendo a minha letra. Deixa escrever direito. Aqui, ó. Entendeu? Entendeu essa palavra?
- P.: – É ... caiu, você.
- INV.: – Isso. E aqui, o que está escrito aqui?
- P.: – É o ...
- INV.: – On...
- P.: – Onde, onde.
- INV.: – Isso.
- P.: – **Onde você caiu?**
- INV.: – Isso. Certinho.
- P.: – **Onde você caiu. Agora não sei.**
- INV.: – Certinho, lê de novo.
- P.: – Onde...

⁶¹Os dados de 1995 foram inseridos para mostrar o estado atual da linguagem de P., mas não foram incluídos na quantificação.

- INV.: – Certo.
P.: – **Onde você caiu?**
INV.: – Isso, perfeito.
P.: – **Escada.**
INV.: – No chão.
P.: – É.
INV.: (deu ao paciente cartões recortados para que ele montasse a sentença: “Por onde você saiu?”)
P.: – Onde.
INV.: – Não. “Onde” tá aqui. O que tá escrito aqui, esta palavrinha aqui?
P.: – Por ...
INV.: – Por...
P.: – Por... você ...
INV.: – Não. Por...
P.: – Agora.
P. e INV.: – Por onde...
P.: – ... **você foi.**
INV.: – **Foi não, saiu.**
P.: – **Saiu.**
INV.: – Por onde você saiu? (repete). Eu saí pela porta, pela janela. Entendeu? Por onde? Por onde?
P. e INV.: – Por ...
P.: – **Ponde ...**⁶²
INV.: – Ponde? Ai, que barato! Vai: Por onde?
P. e INV.: – Por onde...
P.: – ... você saiu.
INV.: – De novo!
P.: – **Ponde...**
INV.: – Ponde?! Não! Ponde não! Ponde’s é aquilo que a gente passa no rosto para ficar bonita. Creme. Vamos lá. Por onde...
P.: – **Ponde ...**
INV.: – Por...
P. e INV.: – ... onde você saiu?
INV.: – Agora o senhor sozinho.
P.: – **Ponde você ... Ponde...**
INV.: – Por onde...
P.: – ... você saiu.
INV.: – De novo.
P.: – **Ponde você...**
INV.: – Não, “ponde” não. O senhor está aglutinando. É “por onde”. Duas palavrinhas. Ó, tá cortadinho aqui. Vai: Por...
P.: – Ponde.
INV.: – Mas que “ponde” seu Oriel? Por...
P. e INV.: – Por onde...
P.: – ... você saiu.
INV.: – Isso.
P.: – Onde, né?
INV.: (deu ao paciente cartões para que ele montasse a sentença: “Por que você caiu?”)
INV.: – Aí não é “onde” mais. Aí é o “por”.
P.: – Por ...
INV.: – Isso! Troca aí, dá certinho. Isso! Leia.
P.: – Onde ...
INV.: – Não é mais o “onde”, é “por”.
P.: – Por que ... **Por que você caiu?**

⁶²É interessante observar que esta parafasia ocorre com a presença da preposição, em aglutinação à categoria funcional do interrogativo.

- INV.: – Isso.
- P.: – Por que ... Por que você caiu?
- INV.: – Isso.
- P.: – Por que ... você caiu? Outra vez.
- INV.: – Isso! Maravilha! Por que você caiu? Porque eu tropecei, porque eu tô cansada. Tem várias respostas, né? O senhor tinha posto “por você”, mas logo rearranjou e pôs: “Por que você caiu?” Muito bom, viu?! Jôia! Maravilha! Então vai. Lê. Lê o que o senhor fez.
- P.: (...)
- INV.: – O que está escrito aí? Deixa eu escrever com letra de forma essa palavra aí. (o investigador fornece cartões para que seja montada a sentença: “Quando você saiu?”)
- P.: – **Agora.**
- INV.: – É tempo, mas não é “agora”! É uma pergunta com tempo.
- P.: – **Agora você caiu.**⁶³
- INV.: – Quan...
- P.: – **Quando ... quando você caiu?**
- INV.: – Quando você caiu? Aqui não está “caiu”, está “saiu”. Quando você saiu?
- P.: – Quando você ca...
- INV.: – Pode ser caiu também.
- P. e INV.: – Quando você saiu?
- INV.: – Saiu, foi embora.
- P.: – **Quando você saiu?**
- INV.: – Quando você saiu? Certinho. Leia o que o senhor escreveu.
- P.: – Maria, né?
- INV.: – Lê o resto: Maria ...
- P.: – Maria você...
- INV.: – Não tem “você” aí.
- P.: – Maria onde ...
- INV.: – Não.
- P.: – Aí. Maria ... Maria ... on ...
- INV. e P.: – ... o que ...
- P.: – **Maria o que ... disse ...**
- INV.: – Maria, o que disse? Tudo bem, é uma possibilidade. Mas tem outra forma de arranjar esta frase. O senhor pode trocar a posição de alguns ... “Maria, o que disse?”. Tudo bem. Pode colocar esse aqui em outro lugar. Em mais dois lugares. Esse tem que ficar junto.
- P.: – O que você ...
- INV.: – Não é “você”. É ...
- P.: – **O que Maria disse?**
- INV.: – A primeira vez o senhor tinha feito: “**Maria, o que disse?**” O senhor tinha posto assim a primeira vez. Esse aqui é o jeito que a gente fala mais ... Depois o senhor ordenou: “**O que Maria disse?**” Repete pra mim: O ...
- P.: – O ... o ... o negócio tá meio ...
- INV.: – Eu sei que é essa palavrinha.
- P.: – **O que Maria disse?**
- INV.: – Isso. E pode também colocar o “o que” no fim. Maria disse...
- P.: – Maria disse ...
- INV.: – ... o ...
- P.: – Quem.
- INV.: – Não: “O que”.
- P.: – **Maria disse ... o que?**
- INV.: – Maria disse o quê? Se eu não sei o que Maria falou, eu posso dizer: “Maria disse o quê?” (repete). O outro jeito que o senhor pôs: “Maria, o que disse?”, também posso dizer. Depende da minha entonação, do meu jeito de dizer.

⁶³O paciente lê “agora” no lugar de “quando” e isto mostra a não automatização.

Posso falar desses três jeitos. Certo? Uma última aqui. Essa aqui, ó. Deixa eu escrever direitinho. Isso.

- P.: – É um ... um ...
 INV.: – Não é “um” aí.
 P.: – Um ... Uma.
 INV.: – Não. Co ...
 P.: – Comer ... não.
 INV.: – Como.
 P.: – Como você caiu?
 INV.: – Isso. Como é que você caiu?
 P.: – Muitas coisas.
 INV.: – De muitas maneiras pode ser, né? Ah, tropecei, cá, tava passando um carro ...
 P.: – Brequei.
 INV.: – Brequei e cá ... Tava andando de bicicleta, veio um carro e cá. Lê de novo.
 P.: – Onde ...
 INV.: – Entende a minha letra aqui? O que está escrito aqui?
 P.: – Bor ...
 INV.: – Por ... por ...
 P.: – Por ...
 INV.: – Por ...
 P.: – Por ... por ...
 INV.: – Então, monta essa.
 P.: – Por ... Por.
 INV.: – Por o quê? Por ... on...
 P.: – Onde você...
 INV.: – Isso.
 P. e INV.: – ... você...
 P.: – Não.
 INV.: – Você, né?
 P.: – Você...
 INV.: – Por onde...
 P.: – Você...
 INV.: – Por onde...
 P.: – Você ... Foi embora, não sei.
 INV.: – É. Sa...
 P.: – Casa.
 INV.: – Sa...
 P.: – Casa.
 INV.: – Vai embora ou então saiu.
 P.: – Saiu.
 INV.: – É, o senhor montou direitinho. Agora lê o que o senhor montou.

3.3.6.3. - A QUANTIFICAÇÃO DAS INTERROGATIVAS

Na quantificação da produção de interrogativas foram desprezadas expressões consideradas cristalizadas na linguagem de P., como: “como chama?”, “não?”, “pode?”, “não tá certo?”; e foram considerados: os interrogativos produzidos isoladamente “como”, “por quê?”, “pra quê?”; os itens lexicais isolados que substituíram sentenças interrogativas, como verbos: “rezando?”, “terminou?”, “passear?”; nomes isolados como

“bilhete?”, “show?”; ou advérbios como “ontem?”; e as sentenças promovidas a perguntas, isto é, as interrogações sem “Qu”, nas quais a estrutura sintática é idêntica à da sentença declarativa afirmativa ou negativa, como por exemplo: “As crianças estão bem?”. Quanto às sentenças interrogativas com elemento “Qu” foram consideradas as estruturas com “Qu” movido e com “Qu in situ”.

Além dos dados de produção, também foram consideradas as sentenças produzidas a partir das avaliações com cartões e repetição. Os testes foram sempre acompanhados de entrevistas entre investigador e paciente.

A seguir figuram as tabelas nº 4 e nº 5 com o número e a porcentagem de produções de interrogativas de P., selecionadas dentre as fitas degravadas nos dez anos de acompanhamento ao paciente.

Os gráficos são representativos das tabelas e demonstram as instabilidades e o progresso do paciente na produção de interrogativas. Todas as intenções de interrogativas foram consideradas. Atenção especial deve ser dada para as interrogativas com “Qu in situ” e principalmente com “Qu” movido. Estas últimas são representativas da reaquisição de COMP.

Os gráficos de números 15 a 24 demonstram a produção de elementos interrogativos produzidos isoladamente; os itens lexicais isolados (compreendendo nomes, verbos e advérbios); as sentenças sem “Qu”, isto é, as interrogativas sim/não; as interrogativas com “Qu in situ” e as interrogativas com “Qu” movido. Cada uma dessas intenções de interrogação foi quantificada anualmente. Por isso, os gráficos de números 15 a 24 foram isolados conforme as produções de P., em cada ano do acompanhamento.

Em 1984, P. produziu 8% de interrogações com “Qu” movido e nenhuma com “Qu in situ”. Nesse ano a maioria de suas interrogações (51%) era feita com elementos lexicais isolados.

No ano de 1985 somente elementos interrogativos isolados foram produzidos, conforme mostra o gráfico de número 16, o que indica que o problema do agramatismo não é lexical. Em 1986 as sentenças com “Qu” movido correspondem a 29%. Este percentual aumenta para 33% em 1987. Porém, em 1988 são produzidas

interrogações apenas com interrogativas sim/não e itens lexicais isolados, como mostra o gráfico de número 19.

Em 1989 emergem as construções com “Qu”: 15% de interrogativas são com “Qu” movido e 12% com “Qu in situ”. Até esse momento as interrogativas com “Qu in situ” não faziam parte da gramática de P. A partir de então as construções com “Qu in situ” permanecem na gramática de P., como mostram os gráficos de números 21 a 24.

Nos anos de 1990, 1991 e 1992, conforme mostram os gráficos de números 21, 22 e 23, as sentenças com “Qu in situ” ocorrem mais do que as sentenças com “Qu” movido. Os interrogativos isolados estão em decadência. No ano de 1994, as estruturas com “Qu” movido são maioria.

Estas instabilidades podem ser verificadas nos gráficos de números 25 a 28. No gráfico de nº 29, a produção de interrogativas com “Qu in situ” e “Qu” movido é comparada à produção de sentenças afirmativas, conforme mostraram os gráficos de números 1 a 14, anteriormente expostos.

Ficou constatado que quando o paciente “progride” na produção de sentenças, progride também na produção de estruturas interrogativas com “Qu” movido e “in situ”. Isto demonstra que, adquirida a projeção de INFL, o elemento “Qu” move-se ou em FF ou em FL. Não há, nos anos de 1989, 1992 e 1994, diferença significativa entre a produção de “Qu in situ” e movido, o que demonstra que mesmo quando o elemento “Qu” permanece “in situ” há movimento em FL. É interessante que, no ano de 1991, 40% das produções de interrogativas de P. tenham sido com elemento “Qu”, predominando “Qu in situ”. No ano de 1994, 49% das produções interrogativas de P. também são com elemento “Qu”, predominando o movimento do elemento interrogativo na sintaxe visível.

TABELA 4 - QUANTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO DE INTERROGATIVAS

PRODUÇÃO DE INTERROGATIVAS								
	Interrogativos isolados	Itens lexicais isolados			Interrogativas			
Ano		Nomes	Verbos	Advérbios	sem "Qu"	"in situ"	movido	TOTAL
1984	4	4	1	1	1	0	1	12
1985	3	0	0	0	0	0	0	3
1986	3	3	1	2	3	0	5	17
1987	1	3	0	0	4	0	4	12
1988	0	2	0	0	1	0	0	3
1989	14	29	4	3	17	11	14	92
1990	2	4	1	1	3	4	3	18
1991	0	1	1	2	3	5	2	14
1992	6	9	7	4	19	12	10	67
1994	2	4	0	2	8	6	9	31
Subtotal	35	59	15	15	59	38	48	
Total	35	89			145			269

TABELA 5 - OS PERCENTUAIS DE PRODUÇÃO DE INTERROGATIVAS

PORCENTAGEM DE PRODUÇÃO DE INTERROGATIVAS								
	Interrogativos isolados	Itens lexicais isolados			Interrogativas			
Ano		Nomes	Verbos	Advérbios	sem "QU"	in "situ"	movido	TOTAL
1984	33,3	33,3	8,3	8,3	8,3	0,0	8,3	100
1985	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100
1986	17,6	17,6	5,9	11,8	17,6	0,0	29,4	100
1987	8,3	25,0	0,0	0,0	33,3	0,0	33,3	100
1988	0,0	66,7	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	100
1989	15,2	31,5	4,3	3,3	18,5	12,0	15,2	100
1990	11,1	22,2	5,6	5,6	16,7	22,2	16,7	100
1991	0,0	7,1	7,1	14,3	21,4	35,7	14,3	100
1992	9,0	13,4	10,4	6,0	28,4	17,9	14,9	100
1994	6,5	12,9	0,0	6,5	25,8	19,4	29,0	100

GRÁFICOS DE PRODUÇÕES DE INTERROGATIVAS EM ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL

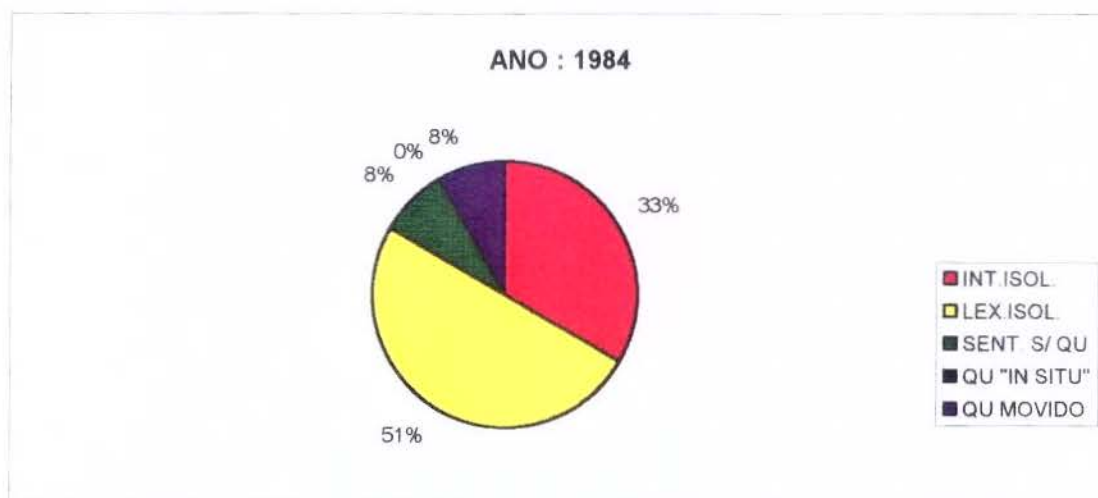


GRÁFICO 15

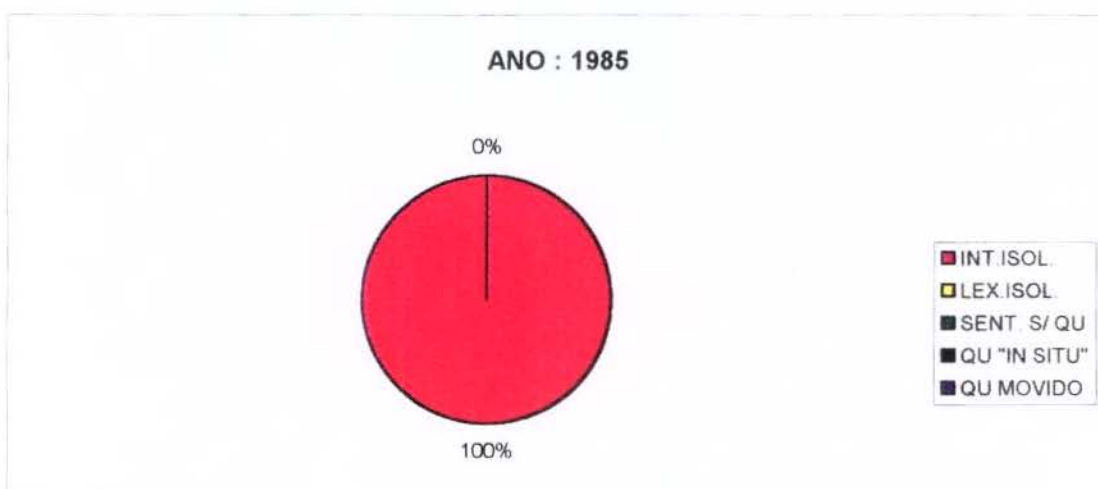


GRÁFICO 16

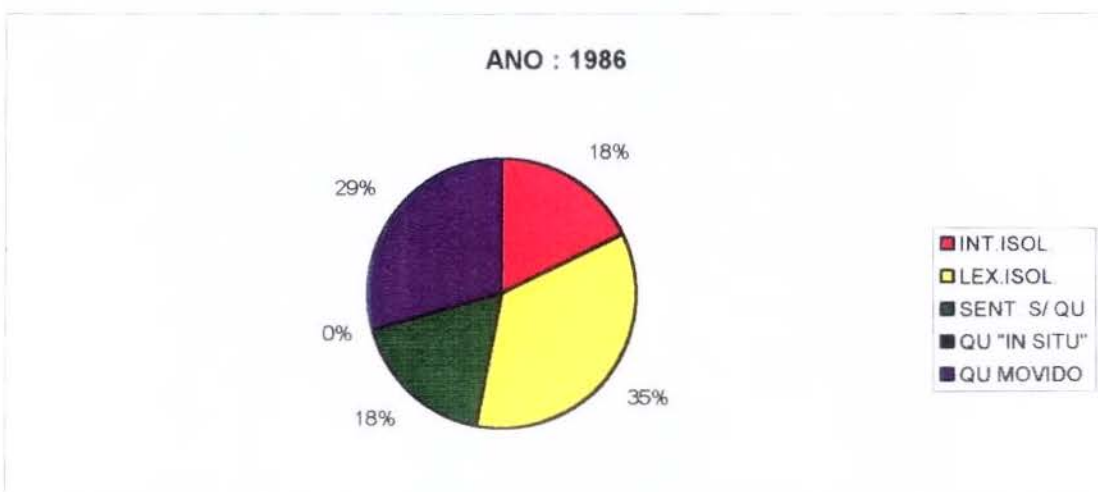


GRÁFICO 17

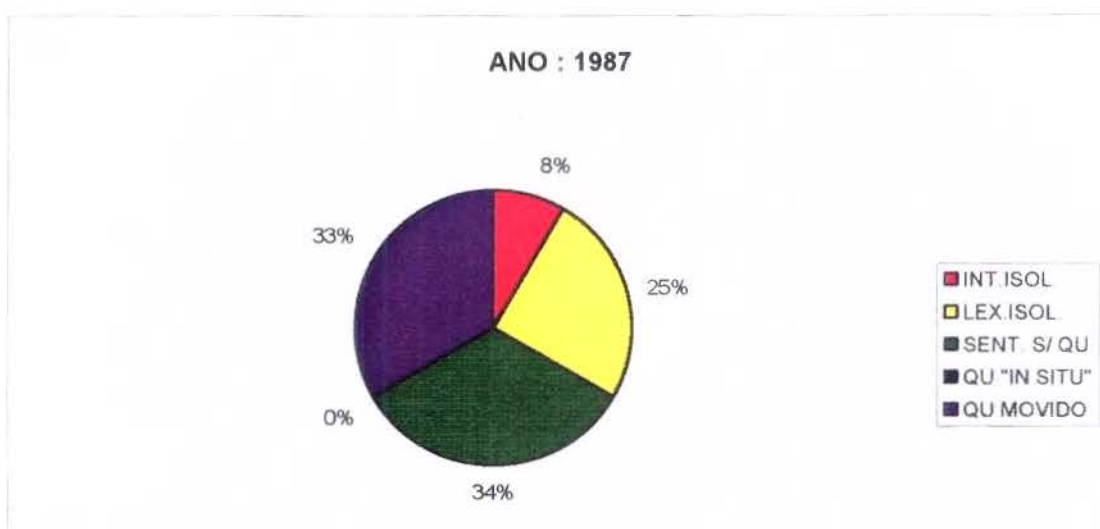


GRÁFICO 18

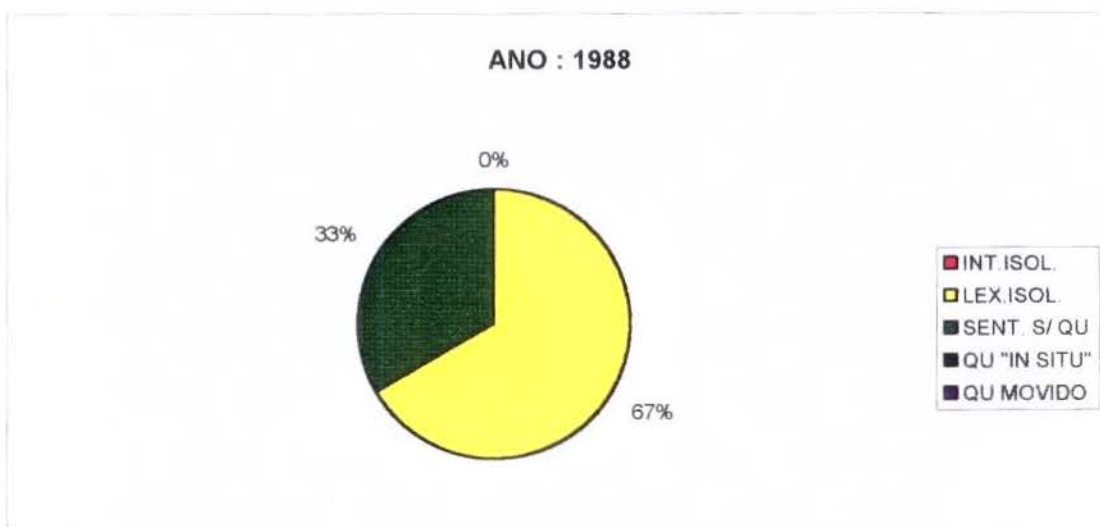


GRÁFICO 19

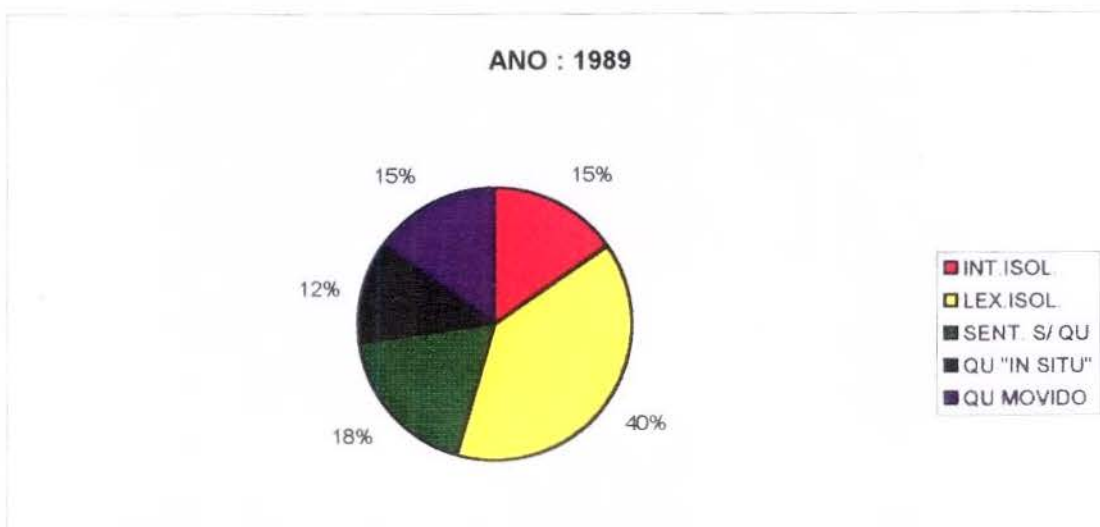


GRÁFICO 20

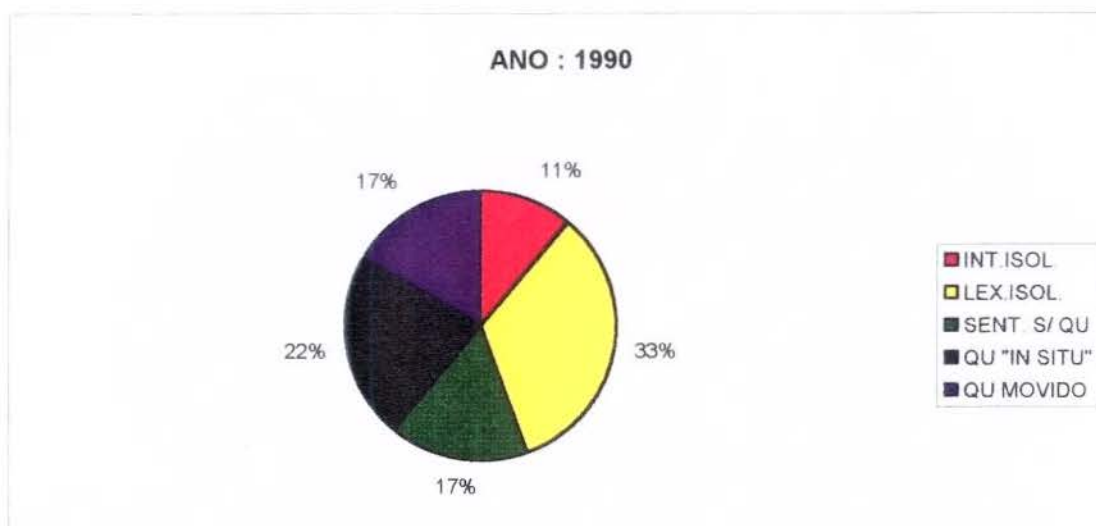


GRÁFICO 21

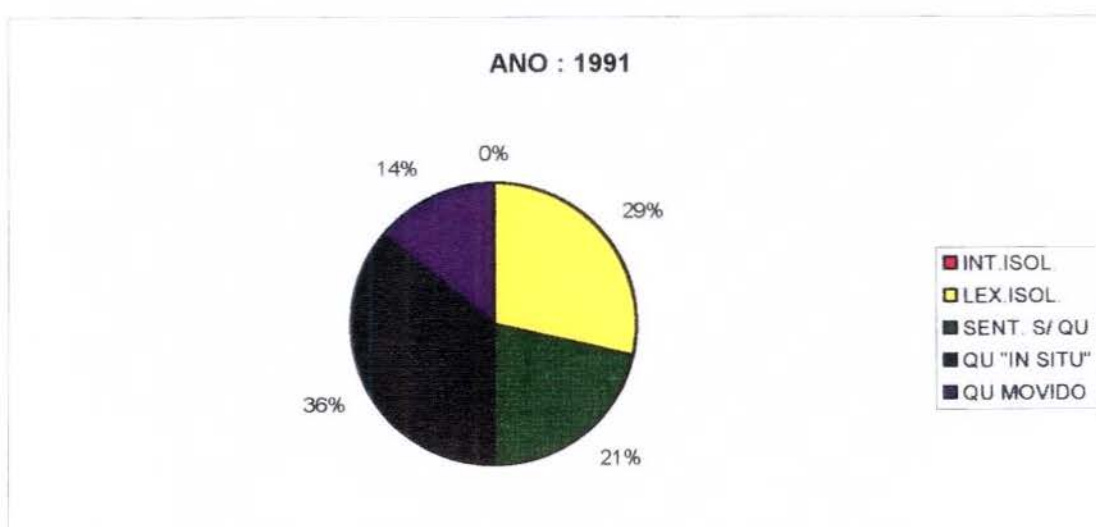


GRÁFICO 22

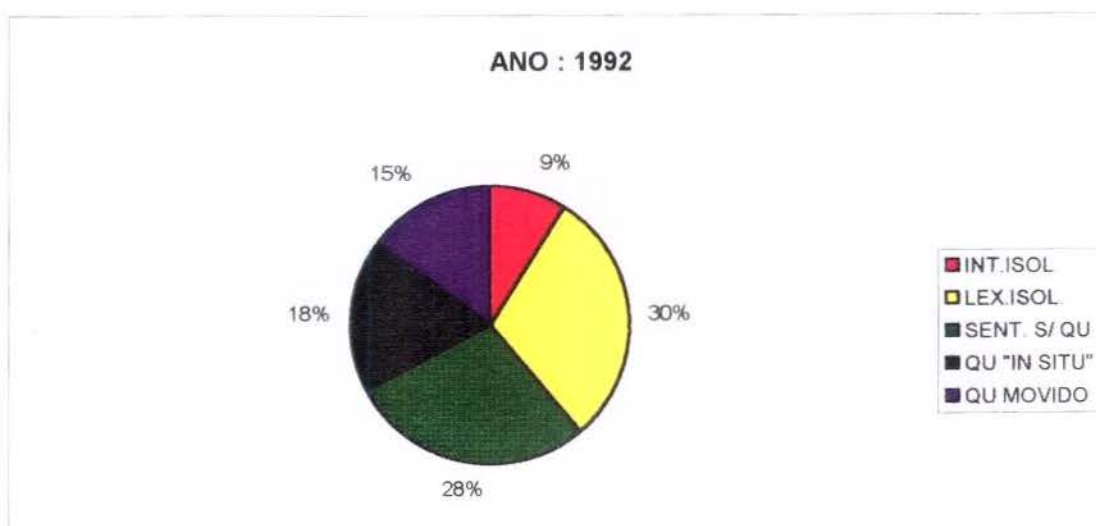


GRÁFICO 23

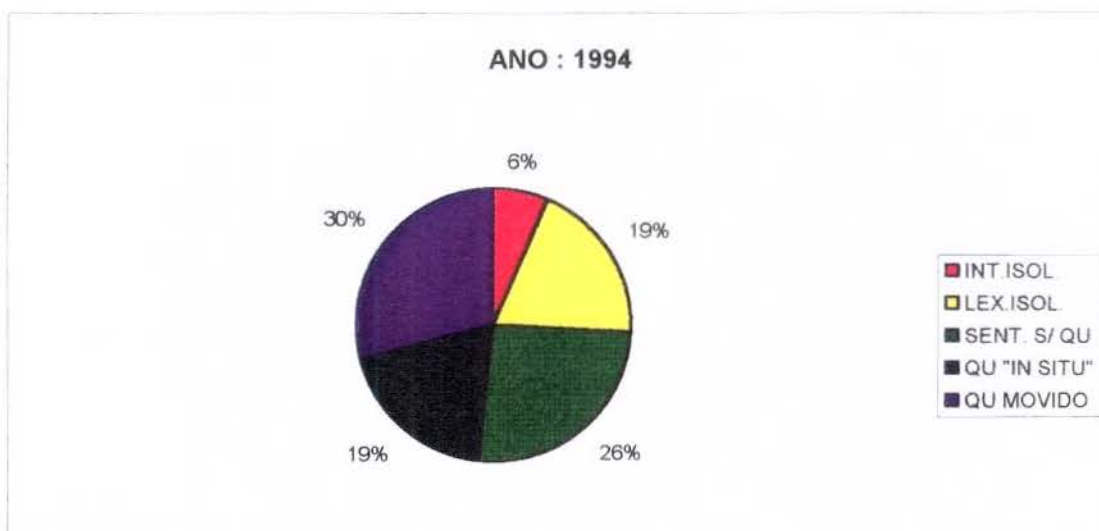


GRÁFICO 24

174

QUADROS COMPARATIVOS DE PRODUÇÕES DE INTERROGATIVAS EM ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL

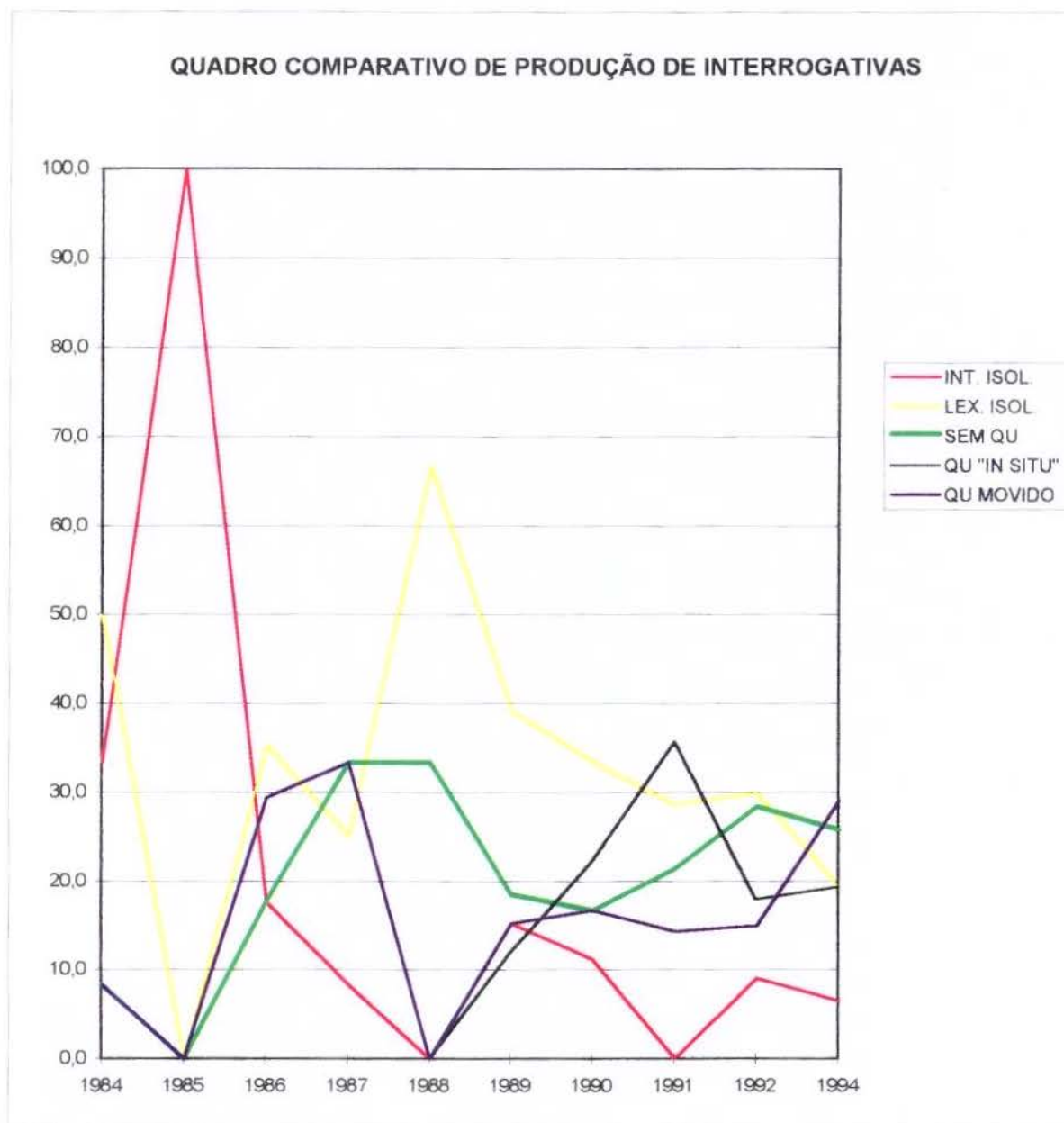


GRÁFICO 25

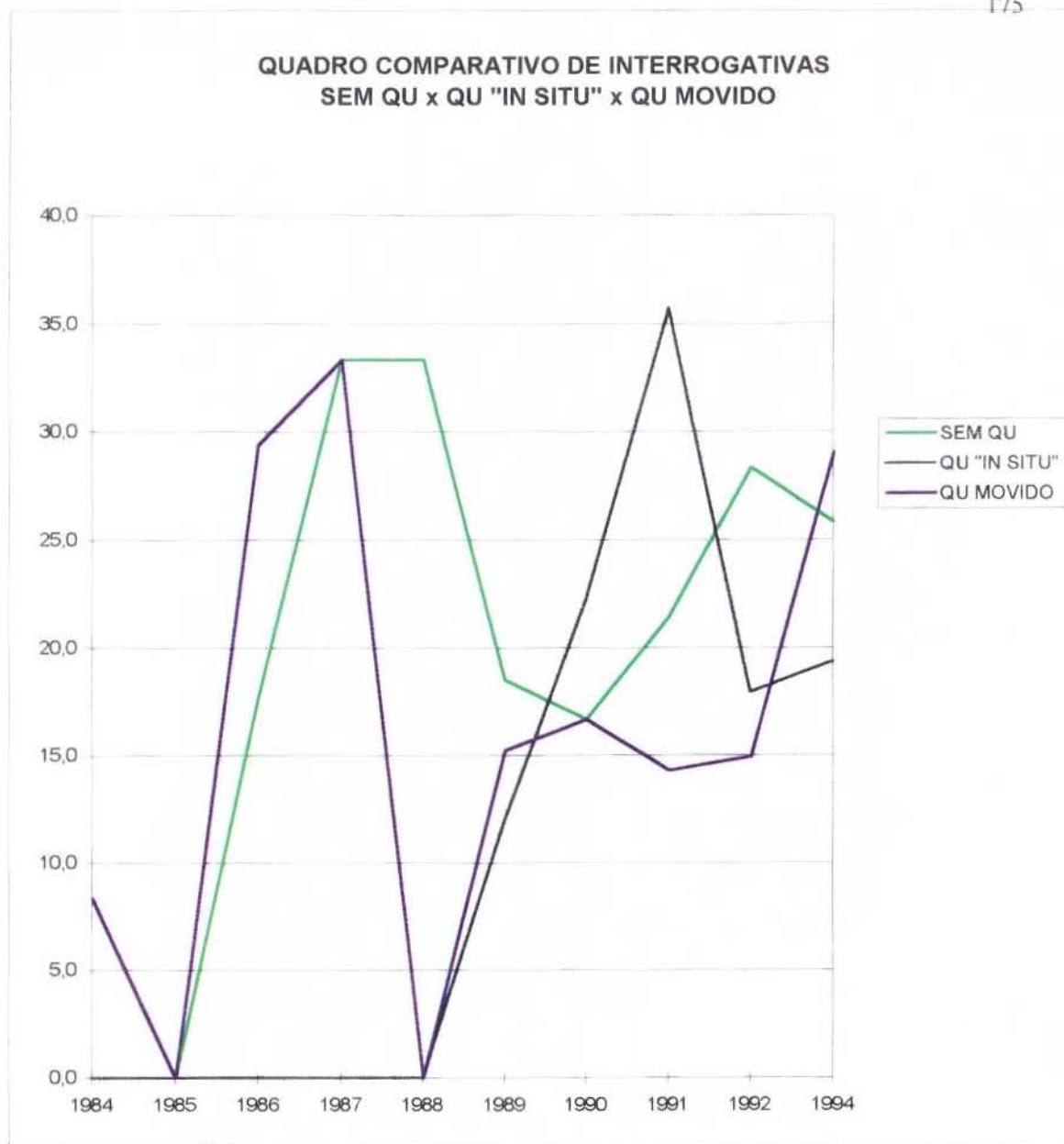


GRÁFICO 26

QUADRO COMPARATIVO DE ÍTENS LEXICAIS ISOLADOS
NOMES x VERBOS x ADVÉRBIOS

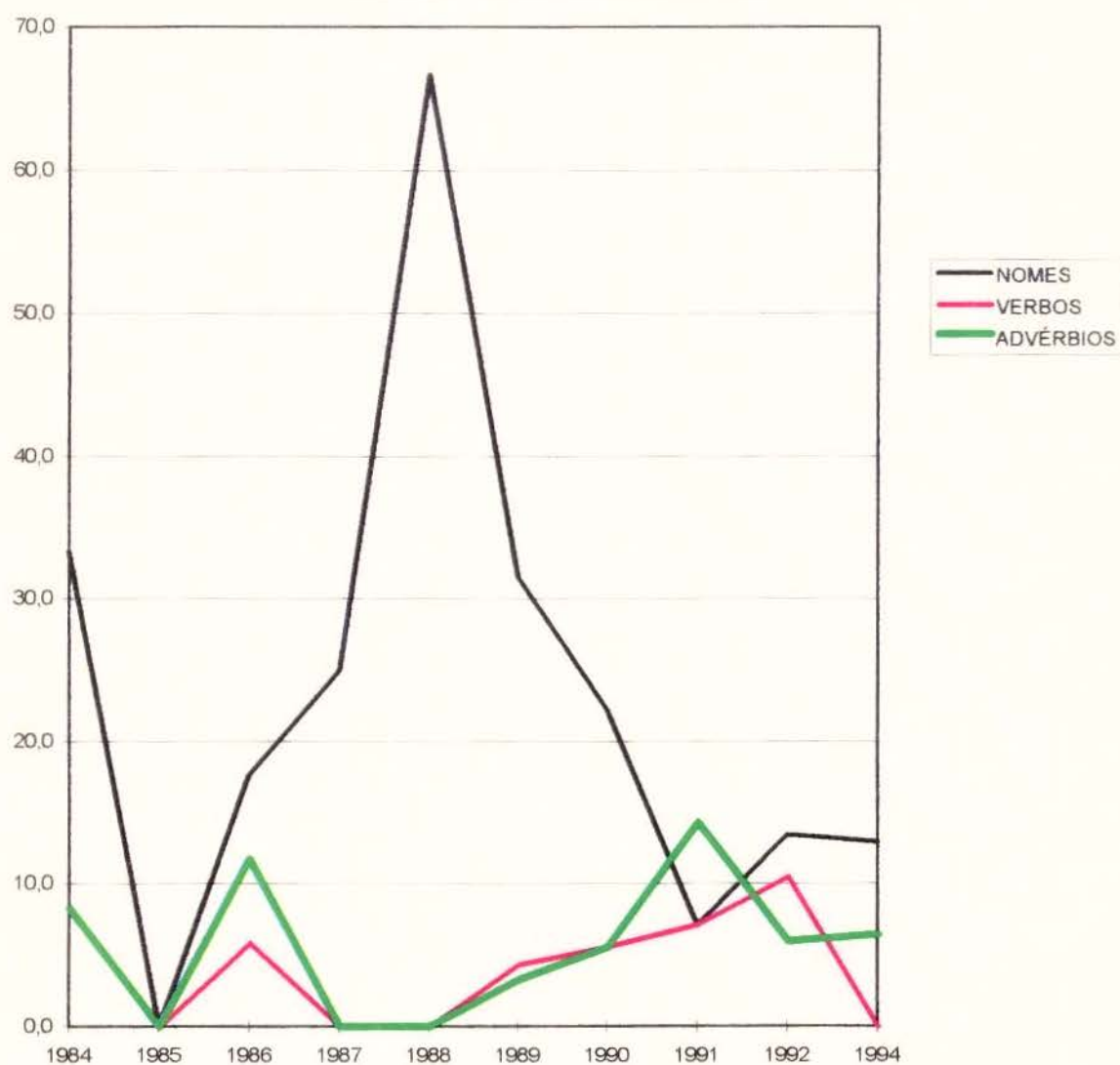


GRÁFICO 27

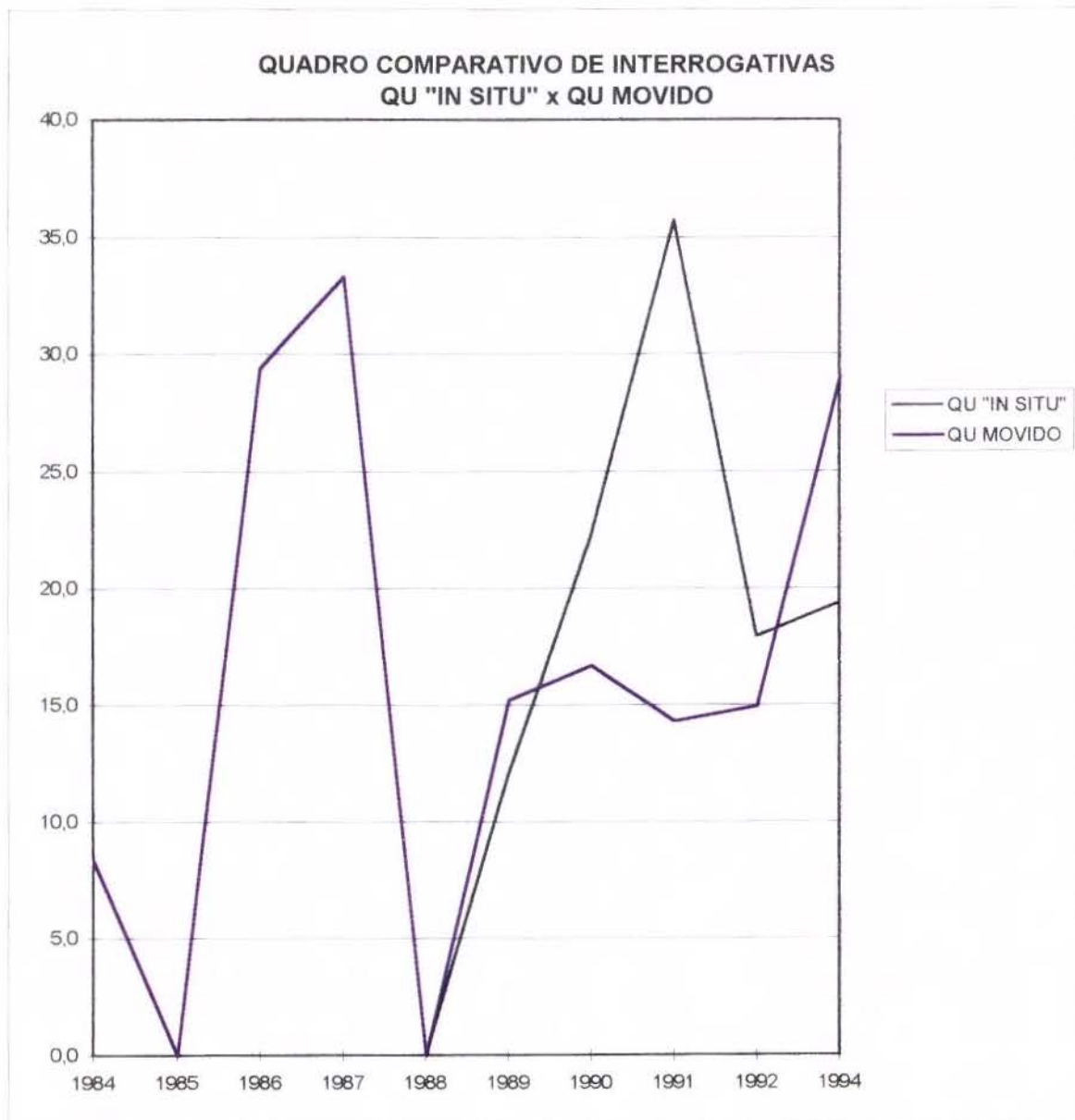


GRÁFICO 28

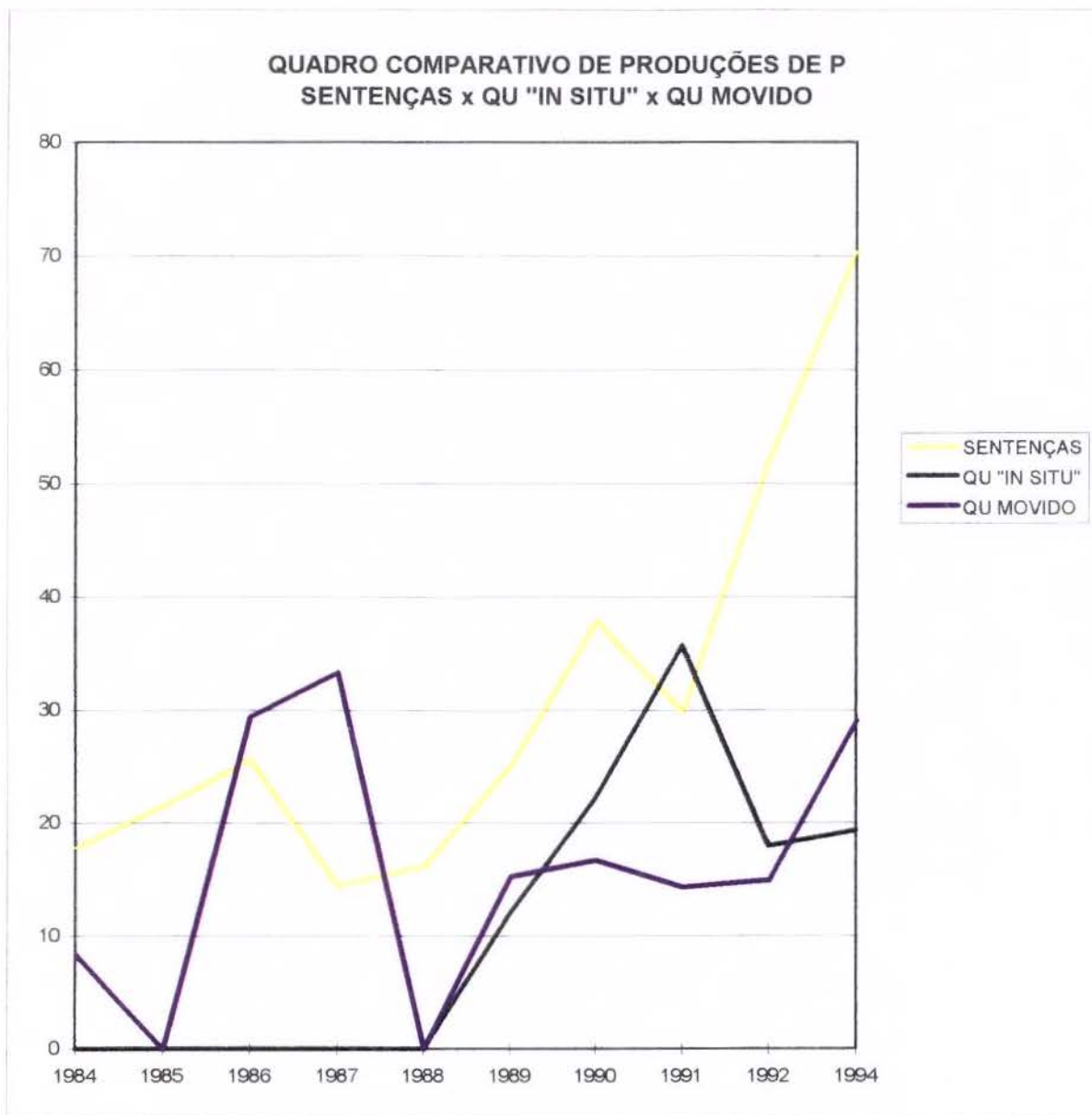


GRÁFICO 29

3.3.6.4. - A ANÁLISE

São escassos os estudos sobre a estrutura interrogativa no âmbito do agramatismo. Menciono, a seguir, as conclusões dos únicos dois trabalhos citados sobre o assunto.

THOMPSON e McKEYNOLDS (1986), embora não preocupados com a análise sintática de interrogativas com “wh” no quadro do agramatismo e sim com o sucesso de re aquisição dessas estruturas, a partir de produção direta e não treinamento, apontam que os agramáticos compreendem estruturas com “wh” em inglês, respondendo adequadamente a perguntas com “what”, “where”, “who” e “why”, mas são incapazes de produzir interrogativas gramaticalmente completas, podendo, porém, readquiri-las.

A mesma constatação, contudo, não é feita por HICKOK e AVRUTIN (1995). Considerando apenas a compreensão de interrogativas e rejeitando as abordagens dos problemas de compreensão do agramatismo, que apelam para a hipótese do rompimento da cadeia na representação sintática, conforme GRODZINSKY (1990), HICKOK e AVRUTIN (1995), propõem uma abordagem alternativa, distinguindo entre interrogativos referenciais e não-referenciais, no sentido de ancoragem discursiva. Afirmam que os pacientes RD. e FC. compreendem todas as sentenças interrogativas com “who”, mas não com “which”, isto é, compreendem elementos não-referenciais ao discurso, como “who”, e não compreendem elementos referenciais ao discurso como “which”, quando na estrutura houver objeto vazio.

Apresentando maiores detalhes, esta conclusão de HICKOK e AVRUTIN (1995) foi ancorada em resultados de testes com interrogativas diferentes quanto ao tipo de estrutura: nas sentenças com “which” foi mantida a assimetria conforme a posição da categoria vazia sujeito e objeto tal como nas relativas, assunto a ser tratado adiante. Segundo os autores, FC. e RD. compreendiam melhor estruturas como “Which psychologist attacked the linguist” (“Que psicólogo atacou o linguísta?”), do que estruturas como “Which psychologist did the linguist attacks” (“Que psicólogo o linguísta atacou?”). Os acertos foram abaixo da média (47%), na última, e acima da média (87%) na primeira. Apesar da questão sintática envolvida, quanto à posição da categoria vazia, os autores não fixam a argumentação nesse ponto. Apenas constataam que nas interrogativas

com “who” não foi verificada a mesma assimetria. Segundo os autores, FC. e RD. compreendiam bem sentenças como “Who attacked the linguist?” e “Who did the psychologist attack?” (respectivamente: “Quem atacou o linguísta?” e “Quem o psicólogo atacou?”), com categorias vazias na posição de sujeito e objeto, havendo acertos acima da média (80% a 93%), nos testes de compreensão.⁶⁴

A generalização proposta por HICKOK e AVRUTIN (1995) é feita não de acordo com o tipo de movimento ou descrição representacional,⁶⁵ mas é enfatizada a importância da referencialidade. Porém, conforme o resultado apresentado acima, admitem os autores que os pacientes tiveram desempenho acima de 50% com sentenças com “which” com variável na posição de sujeito, enquanto tiveram desempenho em torno de 50% em interrogativas com “which” com variável na posição de objeto, resultado semelhante ao obtido com relativas, conforme menciona GRODZINSKY (1989).

Se nas relativas a razão dos erros dos pacientes com estas estruturas não é a referencialidade do elemento “wh”, as hipóteses desses autores podem ser falseadas pelo próprio resultado dos testes por eles apresentados. Segundo os autores os pacientes RD. e FC. acertam 38% de relativas com objeto vazio e 47% de interrogativas com “which” e variável na posição de objeto, enquanto acertam 87% de interrogativas com “which” com categoria vazia na posição de sujeito e 92% de relativas com sujeito vazio. (HICKOK e AVRUTIN, 1995:24). Portanto, a explicação desses autores para os dados por eles apresentados é insuficiente, ficando sem explicação a questão da posição da categoria vazia nas estruturas com “which” e nas relativas.

As conclusões de HICKOK e AVRUTIN (1995) não são aplicáveis aos dados de P., que compreende todos os tipos de interrogativas, conforme demonstram os dados, conclusão esta semelhante à de THOMPSON e McREYNOLDS (1986).

Assim, outros recursos teóricos devem ser buscados para explicar as instabilidades e as dificuldades na produção e re aquisição das estruturas interrogativas com

⁶⁴A constatação de que no agramatismo pode haver compreensão de “who” e não de “which” em sentenças com objeto vazio não foi evidenciada em nenhuma pesquisa sobre o agramatismo, exceto em HICKOK e AVRUTIN (1995). Por isso, este resultado deve ser aferido em outros pacientes e em outras línguas.

⁶⁵Conforme propõem HICKOK e AVRUTIN (1995), com elementos referenciais (“which”) é mantida a assimetria sujeito e objeto. Os autores mencionam as noções de cadeia de ligação e cadeia de regência: a primeira formada pelo movimento de elemento referencial “which” e a segunda pelo movimento do elemento não referencial “who”. CINQUE (1990), apontando tipologia de “wh”, engloba “which” como referencial, logo sob cadeia de ligação, e “who” como não referencial, logo sob cadeia de regência. Se for admitido que cadeia de ligação é rompida e cadeia de regência preservada, os dados de testes com interrogativas no agramatismo não são explicados, pois os pacientes rompem cadeia com “which” apenas quando há categoria vazia na posição de objeto e não quando há categoria vazia na posição de sujeito. Não foram consideradas essas diferenças para análise de dados do português porque o paciente P. não apresentou problemas de compreensão com interrogativas.

elementos “Qu”, no caso do paciente P. A hipótese de que haveria dificuldade nessas estruturas devido à presença de vestígio, como deveria ocorrer se as hipóteses de GRODZINSKY (1990-1995) se sustentassem, precisa ser descartada, pois o paciente P. não só compreende as estruturas interrogativas como opera com outras estruturas nas quais há categorias vazias. Também deve ser descartada a hipótese de que o paciente P. tenha problemas com o movimento “Qu”. Os gráficos demonstram que o parâmetro do movimento “Qu” não foi totalmente perdido. Considerarei a análise de RIZZI (1991) para esta estrutura. Segundo esse autor, o movimento à esquerda de “Qu” obriga à formação de cadeia cuja cabeça seria uma categoria funcional COMP e cuja cauda seria uma categoria vazia: a variável. Esta é marcada pelo traço [+qu] e obedece, segundo RIZZI (1991:2), o “critério wh”, segundo o qual “um operador “wh” precisa estar numa configuração especificador-núcleo com X^o + “wh” e esse X^o deve estar numa configuração Spec-núcleo com um operador + “wh” (RIZZI, 1991:2).

Com o traço +“wh”, num núcleo sentencial (C^o), a projeção de um núcleo CP é uma interrogação. O critério “wh” simplesmente expressa o fato de que, no nível apropriado de representação, FF ou FL, os operadores interrogativos precisam estar no Spec de CP, com interpretação de interrogação. Assim, quando CP é interpretado como pergunta, deve ter um operador interrogativo como especificador (RIZZI, 1991:2).⁶⁶

Havendo então um princípio geral de boa formação sobre o escopo dos operadores “wh”, explicitado pelo critério “wh”, esta condição seria aplicada universalmente em LF. Quanto às línguas que não têm movimento “wh” aparente na sintaxe visível, como o chinês e o japonês, é assumido por RIZZI (1991) que operadores interrogativos precisam se mover na sintaxe de LF para satisfazer o critério “wh” neste nível. Assim, quando o paciente P. mantém o elemento interrogativo “in situ”, poderá estar fazendo movimento em LF. É importante considerar, para a gramática do agramatismo, o seguinte ponto da análise de RIZZI (1991): na cadeia formada com o movimento de “Qu” a flexão I está envolvida. Explica RIZZI que para sentenças como “Who loves Silvia” e “Who Silvia loves”, teríamos:

⁶⁶A representação da estrutura interrogativo conforme o critério “wh” é apresentada por RIZZI (1991:2).

Dada a relevância da categoria funcional INFL para a formação de interrogativas, além da presença de COMP nestas estruturas, e considerando que no agramatismo as flexões estão enfraquecidas,⁶⁸ mesmo nas línguas com traços fortes para flexão, isto poderia ser a causa da dificuldade que o paciente apresentou, ao longo do acompanhamento longitudinal, para a construção com estruturas com “wh”, o que confirma a proposta de RIZZI (1991) e aponta para outra questão: a dificuldade de construção de cadeias com elemento “wh”.

Considerando as conclusões de RIZZI e dada a dificuldade com a construção de estruturas interrogativas e não com outras cadeias como a resultante da estrutura com tópico-objeto, pode ser postulado que a causa dessa diferença residiria no fato de que, conforme RIZZI (1991), a cadeia de interrogativa caracterizada por C^o - I^o e “wh” envolveria mais categorias funcionais nas suas ligações, COMP, INFL e “WH”, ao passo que a cadeia resultante do movimento tópico-objeto-vestigio envolve menos categorias funcionais.

A complexidade da cadeia no agramatismo seria caracterizada, desse modo, em função das categorias funcionais nela presentes, podendo ser postulados princípios para explicar o que faz e o que não faz o paciente. Isto colaboraria para caracterizar a gramática desse quadro patológico e o grau de severidade da síndrome.

Nesse sentido pode ser parcialmente concluído que uma cadeia é facilmente representada no agramatismo se a ligação ocorrer com categoria lexical, e que a cadeia é difícil de ser representada pelo paciente agramático se nas suas ligações estiverem presentes categorias funcionais, além da flexão. Esta conclusão explicaria por que o paciente P. opera facilmente com a cadeia Tópico-t_i e tem maiores dificuldades com a cadeia “Wh-t”. Mas esta explicação deve ser relativizada. É preciso considerar que ao longo do acompanhamento longitudinal o paciente representa estruturas com “wh”, porém com instabilidades características do quadro e com dificuldades para o arranjo da estrutura, o que a leitura dos dados de P. pode mostrar.

Se for considerada a hipótese da hierarquia de categorias funcionais conforme FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995), pode-se acrescentar a esta explicação o fato de que a categoria TOP, estando abaixo de CP, é mais fácil para o paciente.

⁶⁸Para argumentação a favor da hipótese do enfraquecimento da concordância no português brasileiro ver GALVES (1993).

Esta análise dá conta dos dados do português, de maneira mais coerente do que as poucas referências sobre esta construção no âmbito do agramatismo, que não se limitam às questões sintáticas.⁶⁹

3.3.7. - RELAÇÕES ANAFÓRICAS E PRONOMINAIS

Conforme a Teoria da Regência e Vinculação proposta por CHOMSKY (1981-1982), o tipo de relação sintática que as categorias plenas ou vazias têm com o antecedente, na estrutura-S, precisa ser considerado para estabelecer a natureza desta categoria. Este procedimento não toma como relevante o conteúdo intrínseco da categoria, mas sim o contexto sintático em que a categoria se insere.

Conforme esta versão da teoria chomskiana, ocorre uma anáfora na estrutura quando um elemento não tem referência inerente e precisa de uma matriz para completá-lo. Assim, expressões como “um ao outro” e um reflexivo “se” são consideradas anáforas lexicais em português: precisam estar ligadas a outro elemento, no mesmo domínio, em obediência ao princípio A da teoria da ligação. Os pronomes, diferentemente das anáforas, estão livres da exigência de ter um antecedente no mesmo domínio. Por isso, os pronomes podem ser indexados fora da categoria de regência, sem distância limitada. O terceiro tipo de categoria vazia difere das duas primeiras: a relação da variável com o antecedente difere da relação anafórica postulada no princípio A, pois as anáforas são vinculadas a um antecedente local em posição argumental, enquanto o antecedente da variável, além de não-local, está em posição não-argumental.

⁶⁹O aprofundamento da análise das estruturas interrogativas no agramatismo pode ser feito a partir do estudo destas estruturas fora do âmbito da patologia. Considerando as afirmações de ROSSI (1993), pode ser inferido que a incidência de “O que” é uma manifestação da não aplicação do critério “wh” na gramática do agramatismo, seguindo a tendência do português brasileiro moderno. Se o enfraquecimento da concordância verbal na gramática do agramatismo concorreu para a não realização plena do parâmetro do movimento de “Qu”, também pode ser admitido que nesta estrutura o problema do agramatismo se localiza nas categorias funcionais, não apenas em COMP, mas também em AGR. A realização do sujeito em sentenças interrogativas também demonstra o enfraquecimento da concordância na gramática nesse quadro patológico, valendo para isso a análise de GALVES (1993). Observamos nos dados de P. a produção de interrogativas do tipo “O que é que”: o que é que eu vou fazer lá [03.04.1986]. ROSSI (1993) analisa estas estruturas do português brasileiro como tendo apenas movimento de “Qu” e não movimento de V dadas as evidências para o desaparecimento deste último movimento. Quando o paciente P. faz movimento de “Qu” não faz movimento de verbo. Pode ser apontado que na gramática do agramatismo não há movimento de V e também “Qu” não é obrigatório, havendo nas interrogativas a manutenção da ordem SV (“O que você quer?”; “O que seu marido faz?”) [06.08.1990]. As únicas inversões VS constatadas foram com os verbos “ser” e “estar” (“O que que é isso?”) [13.09.1984]. Não é objetivo deste trabalho estabelecer a quantificação da não inversão SV em sentenças interrogativas, nem verificar o apagamento de sujeito nessas estruturas. Isto pode ser feito a partir do estudo de DUARTE (1993). Porém, os dados evidenciaram que só houve ocorrência de inversão VS com verbos “ser” e “estar”, tendo sido constatada a manutenção da ordem SV tanto em sentenças com “Qu”, “in situ” ou movido, quanto em interrogativas sim/não. Para detalhes desses fatos no português brasileiro moderno ver SIKANSI (1994) e, numa perspectiva diacrônica, ver ROSSI (1993). MIOTO e FIGUEIREDO SILVA (1995), aplicando RIZZI (1991), admitem que para uma interrogativa do tipo “O que que...”, haveria uma estratégia desenvolvida pelo português brasileiro para atender o critério “wh” quando Spec de CP contém uma expressão “wh”: conforme as estruturas propostas por estes autores, “que” preenche C e “O que” Spec de CP.

Passando a testar a competência que o paciente P. tinha para operar com cada um dos princípios de vinculação, constatou-se que embora ele não apresentasse problemas de compreensão de sentenças que continham elementos tanto lícitos pelo princípio A como pelos princípios B e C, não construíra estruturas com elementos anafóricos e apresentava certa instabilidade na construção em estruturas com variáveis, conforme demonstraram os dados das construções interrogativas. Quando estas variáveis estavam inseridas em construções com encaixamento de relativas, nem mesmo a compreensão era obtida.

Considerando que, conforme o princípio B, os pronomes têm vinculação fora do seu domínio e que os elementos com vinculação livre poderiam ter compreensão pragmaticamente definida, as avaliações da linguagem de P., especificamente quanto aos princípios da teoria da ligação, concentraram-se nas anáforas. Quanto às variáveis, a competência do paciente para operar com estas categorias vazias foi testada nas interrogativas e relativas.

O abandono da avaliação de estruturas com pronomes deveu-se ao fato de que se P. opera com “pro” e se esta categoria vazia tem natureza pronominal, as operações com pronomes plenos seriam menos complexas. Além disso, nenhum problema relacionado à compreensão de pronomes foi evidenciado durante o acompanhamento ao paciente. Até 1995, este não repetia a anáfora lexical, mas não demonstrava problemas com a repetição de pronomes, conforme comprovam os dados a seguir.

3.3.7.1. - OS DADOS DE P.

Os dados abaixo demonstram que o paciente compreende as relações anafóricas, não repetindo-as, porém, na estrutura:

[13.06.1989]

- INV.: – Tem umas fotografias na revista Veja: FÚRIA NA CHINA. O que estas duas mulheres estão fazendo?
 P.: – Morreu né?
 INV.: – E aqui? O que as duas mulheres estão fazendo?
 P.: – Trauma.
 INV.: – Ch...
 P.: – Chorando.
 INV.: – **Elas estão se abraçando. Repita.**
 P.: – **Elas ... Elas ... Elas ... Ela.**

- INV.: – **Elas estão se abraçando.**
P.: – **Elas estão abraçando.**
INV.: – **Quem está abraçando quem?**
P.: – **Mulher, né?**
INV.: – **Uma mulher só?**
P.: – **São duas.**
INV.: – O que as duas crianças estão fazendo?
P.: – **Os dois?**
INV.: – Estão se ...
P.: – **Abraçando.**
INV.: – As crianças estão se abraçando. Repete.
P.: – **As crianças estão abraçando.**
INV.: – O senhor conhece este senhor?
P.: – Papa.
INV.: – E esse?
P.: – Lula.
INV.: – O que eles estão fazendo?
P.: – Abraçando.
INV.: – Isto não é abraço. O que eles estão fazendo?
P.: (...)
INV.: – **Eles estão se cumprimentando. Repete.**
P.: – **Eles ... Eles ... estão ... abraçando.**
INV.: – Se cumprimentando. Eles estão dando a mão um para o outro.
P.: – Outro.
INV.: – Repete: Eles estão dando a mão um para o outro.
P.: – **Eles estão dando a mão.**
INV.: – Um para ...
P.: – Outro.
INV.: – **Esses jovens estão andando um com o outro. Repete.**
P.: – **Eles estão andando um com o outro.**
P.: – **Eles estão andando.**
INV.: – Um com o outro. Eles estão andando juntos. Eles estão andando um com o outro.
P.: – **Um outro.**
INV.: – Aqui os dois estão fazendo uma coisa igual. O que eles estão fazendo um para o outro?
P.: – Tchau.
INV.: – Então fala a frase completa a partir desta gravura.
P.: – O filho vai na escola.
INV.: – Ele está ...
P.: – Ah, são dois, né? Tchau não. É outro.
INV.: – Eles estão dando tchau...
P.: – Não. E outro.
INV.: – Eles estão dando tchau um para o outro.
P.: – **Um o outro.**
INV.: – Um para o outro. Retoma a frase.
P.: – Os dois.
P.: – O menino.
INV.: – Fala dos dois. Os dois estão.
P.: – **Os dois estão dando tchau. O menino estão.**
INV.: – Os dois.
P.: – Os dois estão dando tchau.
INV.: – Um.
P.: – Um para o outro.

No final do episódio acima, pediu-se ao paciente para que formasse uma sentença com base em uma gravura que mostrava duas crianças se despedindo uma da outra. Esperava-se que ele produzisse, por exemplo: “Os meninos estão fazendo tchau um para o outro” ou “Os meninos estão se despedindo”, pois a gravura era sugestiva o suficiente para provocar tal interpretação.

Na montagem de sentenças com cartões, a seguinte ordem foi observada:

[06.05.1991]

- Namorados gostam outros os um do
- Namorados gostam outros uns os do
- Os namorados gostam um do outro

A dificuldade constatada na repetição de anáforas obrigou à retestagem dessa estrutura:

[15.07.1994]

- INV.: – O gato e o cachorro brigam um com o outro. Repete.
 P.: – **O gato brigam.**
 INV.: – São dois. O gato e o cachorro.
 P.: – **O gato briga. O gato brigam do cachorro.**
 INV.: – São dois. O gato e o cachorro. Os dois brigam um com o outro. O senhor só fala o gato.
 P.: – **O gato e cachorro brigam.**
 INV.: – Um com outro.
 P.: – Do. O gato e cachorro brigam um ...
 INV.: – Um com outro.
 P.: – É.
 INV.: – **O gato e o cachorro brigam entre si.**
 P.: – **O gato e ... o gato ... cachorro brigam todos.**
 INV.: – Brigam entre si.
 P.: – Entre si.
 INV.: – Então fala de novo.
 P.: – **O gato e cachorro brigam ... como chama ... tre si ... não sei.**

[07.11.1994]

- INV.: – A Maza e a Reny se cumprimentaram.
 P.: – **Maza e Reny cumprimentaram os dois.**
 INV.: – Maza e Reny se cumprimentaram.
 P.: – **Maza e Reny cumprimentada ... cumprimentadas, cumprimentada.**⁷⁰

⁷⁰ A manifestação da parafasia evidencia que nesta estrutura estão localizadas dificuldades sintáticas do paciente.

[27.06.1995]

INV.: – João se ama. Repete.
 P. e INV.: – João se ama.
 INV.: – Vai.
 P.: – **João se ama.**
 INV.: – João e Maria se amam.
 P.: – João e Maria ... João, Maria ...
 INV.: – João e Maria.
 P.: – João, Maria...
 INV.: – ... se amam.
 P.: – **João e Maria se ama.**
 INV.: – **Se amam.** Não é “se ama”, é “se amam”. Espera aí, outra frase: “João e Maria se gostam”.
 P.: – João e Maria ...
 INV.: – ... se gostam.
 P.: – João e Maria...
 INV.: – ... se gostam.
 P.: – **João e Maria esgotam.**⁷¹
 INV.: – Esgotam não.
 P.: – João e Maria.
 INV.: – Se gostam. Se gostar. João e Maria se gostam.
 P.: – João e Maria...
 INV.: – ... se ...
 P.: – ... gostam.
 INV.: – Não, é: João e Maria ... gostam.
 P.: – **João e Maria ... gostam.**
 INV.: – João e Pedro se detestam.
 P.: – João e Pedro **deteste ... detesta.**
 INV.: – Se detestam.
 P.: – João e ...
 INV.: – Pedro ...
 P.: – Pedro.
 INV. e P.: – Se detestam.
 INV.: – De novo.
 P.: – João e ...
 INV.: – Pedro ...
 P.: – Detestam. Detesta.
 INV.: – Se detestam.
 P.: – João e Pedro detestam.
 INV.: – Se detestam. Se!
 P.: – Se.
 INV. e P.: – Detestam.
 INV.: – João e Maria se abraçam.
 P.: – João e Maria abraça.
 INV.: – E o “se”? Cadê?
 P.: – João e Maria...
 INV.: – Se...
 P.: – E.
 INV.: – Se,
 P.: – **João e Maria se abraça ... abraçam.**
 INV.: – Isso! De novo.
 P.: – João e Maria ...
 INV. e P.: – ... se abraçam.

⁷¹As parafasias ocorrem quando as dificuldades sintáticas emergem.

P.: – **João e Maria abraçam.**
 INV.: – Não.
 P.: – João e Maria se abraçam.
 INV.: – Hum, Hum. Que bom! Para o senhor repetir também: João o viu.
 P.: – João o viu.
 INV.: – Maria me viu.
 P.: – Maria me viu.
 INV.: – Ele nos viu.
 P.: – Ele nos viu.
 INV.: – Tira um pouquinho a mão da boca. Ele nos viu.
 P.: – Ele no viu.
 INV.: – Não. Ele nos viu.
 P.: – Ele no viu.
 INV.: – Não é “no viu”, é “nos”. Ele nos viu.
 P.: – Nos.
 INV. e P.: – Ele nos viu. Nos.
 P.: – No.
 INV. e P.: – Ele nos viu.
 INV.: – De novo.
 P.: – **Ele no viu.**
 INV.: – Eu vou comprá-lo. Repete.
 P.: – **Eu vou comprá.**
 INV. e P.: – Eu vou comprá-lo.
 P.: – **Eu vou comprá-lo.**
 INV.: – Isso. De novo. Repete a frase.
 P.: – **Eu vou comprá-lo.**
 INV.: – Isso. João se machucou.
 P.: – João ... João ...
 INV.: – Se machucou.
 P.: – João...
 INV.: – João se machucou.
 P.: – **João se machucou.**
 INV.: – Isso. João se feriu.
 P.: – João feriu.
 INV.: – Não é “João feriu”. É “João se feriu”.
 P.: – João se feriu.
 INV.: – João se feriu com a tesoura.
 P.: – João ... João ...
 INV.: – ... se feriu com a tesoura. Vai.
 P.: – **João se feriu...**
 INV.: – ... com a tesoura.
 P.: – João ...
 INV.: – ... se feriu ...
 P.: – ... com a tesoura.
 INV.: – João se feriu com ...
 P.: – João ... João ... feriu.
 INV.: – João se feriu. Eu estou cortando o papel e corto o meu dedo. Então: A Maza se feriu com a tesoura.
 P.: – Maza ... Maza ...
 INV. e P.: – ... se feriu ...
 INV.: – ... com ...
 P.: – ... tesoura.
 INV.: – Com a tesoura. A Maza se machucou.
 P.: – Maza ... feriu.
 INV.: – A Maza se machucou.
 P.: – Maza ... Maza...
 INV.: – ... se ...

P.: – Maza feriu.
 INV.: – Antes do “feriu” tem alguma coisa.
 P.: – Maza feriu.
 INV.: – Maza se feriu.
 P.: – **Maza feriu.** (repete)
 INV.: – Maza se feriu.
 P.: – **Maza feriu.**
 INV.: – Não, falta o “se”.
 P.: – **Maza seriu.**⁷²
 INV.: – Seriu não.
 P.: – Maza ...
 INV.: – ... se ...
 P.: – **Maza se feriu.** (repete)
 INV.: – Com a tesoura.
 P. e INV.: – Maza se feriu com a tesoura.
 INV.: – A Maza se machucou.
 INV. e P.: – Maza se machucou.
 INV.: – Fala. Repete a frase.
 P.: – Maza se ...
 INV.: – Machucou.
 P.: – Maza ...
 INV.: – Põe o “se”.
 P.: – Maza ... se ...
 INV.: – Feriu, machucou.
 P.: – **Maza feriu.**
 INV.: – “Maza feriu” não dá. “Maza feriu” tá errado.
 P.: – **Maza se feriu.** (repete).

Os dados cujas estruturas têm presentes as relações anafóricas evidenciam que o problema do agramatismo não é lexical. Apesar de não ter realizado a repetição da preposição na expressão anafórica “um ao outro”, P. repete “um o outro”, isoladamente; em outro episódio repete “um para o outro”. Do mesmo modo, não repete o “se” reflexivo em “As mulheres estão se abraçando”, o que foi verificado também em outros episódios: “As crianças estão abraçando”, “Eles estão dando a mão” [13.06.1989] e “Reny e Maza cumprimentaram” [07.11.1994]. Em todos os dados, porém, ficou evidente que P. compreendia as sentenças com anáforas, quando responde, por exemplo, “as duas”, “os dois”, conforme mostram os dados, rompendo-se novamente o paralelismo compreensão-produção, também nas estruturas com anáforas.

O fato de P. não repetir as anáforas na sintaxe visível até 1995, mas compreendê-las, remete à hipótese de que há um processo de compreensão em forma lógica para as relações anafóricas, apesar da dificuldade para o arranjo em FF. Com os pronomes clíticos não houve problemas de repetição, como mostram os dados de [27.06.1995]. É

⁷²Neste episódio também ocorrem parafasias quando há dificuldades sintáticas.

interessante observar, nesses dados, que no momento em que P. repete pela primeira vez a anáfora, omite a flexão de concordância. Ora o paciente produz “João e Maria se ama”, ora “João e Maria gostam”. Constata-se, assim, que o paciente agramático faz escolhas do menor número possível de categorias funcionais na estrutura.⁷³

3.3.7.2. - A ANÁLISE

Os fatos gramaticais referentes às relações anafóricas e pronominais passaram a ser preocupação dos estudiosos sobre o agramatismo a partir dos anos 90: GRODZINSKY (1990); GRODZINSKY, WEXLER, CHIEN, MARAKOVITZ e SALOMON (1993); ZURIF, SWINNER, PRATHER, SOLOMON e BUSHELL (1993).

As pesquisas sobre o agramatismo em outras línguas envolveram testes de relações anafóricas em comparação aos pronomes e variáveis. ZURIF et al. (1993)⁷⁴ mostraram que os pacientes eram incapazes de representar vestígios devido a um déficit no sistema de compreensão. Conforme esses autores, numa sentença como “Bill watched John bandage him”, correspondente a “Bill viu João enfaixá-lo”, os afásicos de Broca adivinhavam a referência e tomavam “him” como referindo-se a “John”, tendo um desempenho de 50% de acertos nos testes, adivinhando, portanto, a referência. (ZURIF et al., 1993:449).

Em outro experimento as conclusões diferiram: CAPLAN (1993:323) relata testes realizados por CAPLAN e HILDEBRANDT (1986) com a paciente KG., que tiveram a finalidade de testar a capacidade para coindexar pronomes e reflexivos, itens lexicalmente dependentes, vestígios e PRO. KG. não apresentou dificuldades com sentenças contendo pronomes foneticamente realizados, referencialmente dependentes, mas teve problemas com sentenças contendo reflexivos e categorias vazias. Segundo os autores, KG. entendia o conteúdo semântico dos reflexivos e pronomes, quando foneticamente realizados, fazendo indexação dos primeiros e leitura não-correferencial dos últimos, o que

⁷³Não é do meu conhecimento que tenha sido postulado, nos trabalhos sobre anáforas em gramática gerativa, que poderia haver uma categoria funcional abstrata marcando, nas representações, a presença desta relação. Não pretendo criar mecanismos teóricos que a teoria da gramática proposta para falantes normais não o tenha feito. Porém, para que a análise fosse totalmente coerente, deveria ser hipotetizada uma categoria funcional qualquer, que deveria estar presente nas representações onde existem as relações anafóricas.

⁷⁴ZURIF, SWINNEY, PRATHER, SOLOMON e BUSHELL (1993) tiveram como objetivo de trabalho o confronto entre dados de afásicos de Wernicke e de Broca quanto à capacidade de ligação de constituintes movidos e seus traços. Estes pesquisadores concluem que enquanto os afásicos de Wernicke são capazes de fazer as ligações, os afásicos de Broca encontram dificuldades para isto.

mostrou que era capaz de operar com os princípios A e B da Teoria da Ligação, conforme CHOMSKY (1981-1982), resultado semelhante ao que foi constatado nos dados do português.

Comentando os resultados do teste, CAPLAN et al. (1993:325) afirmam que KG.⁷⁵ errou nas sentenças contendo vestígios mais do que em sentenças contendo PRO. Os problemas com esta última categoria ocorreram quando esta era controlada pelo sujeito da sentença matriz e não quando era controlado pelo objeto. Concluiu-se que KG. tinha uma limitação na compreensão sintática, na tarefa de coindexar vestígios, mas os autores não explicam por que, apenas observam e registram o ocorrido. Não comentam o fato de KG. interpretar PRO quando coindexado a objeto, e não interpretá-lo quando coindexado a sujeito. Isto pode ser explicado se for considerado que a paciente era capaz de construir facilmente uma estrutura ignorando PRO, tomando o objeto da sentença anterior como sujeito da seguinte, numa espécie de preenchimento repetitivo do SN objeto para a posição de sujeito e numa estratégia de reconstrução capaz de reconstituir um NVN. Isto permite inferir que a paciente poderia operar com duas sentenças separadamente e não com encaixamentos, desenvolvendo esta estratégia quando possível. Além disso, para coindexar PRO na posição de sujeito, outros nós intervenientes ocupados por categorias funcionais bloqueiam a vinculação, dificultando a representação.

GRODZINSKY (1990:121), ao referir-se aos fatos do agramatismo refletidos na teoria da vinculação, retoma o trabalho de REINHART (1983)⁷⁶, para quem somente alguns pronomes são tratados pelo princípio B, enquanto a maioria é interpretada no discurso, ponto de vista que coincide com o de WEXLER e CHIEN (1988)⁷⁷ para o processo de aquisição.

Os mesmos fatos relatados guiaram a pesquisa de GRODZINSKY, WEXLER, CHIEN, MARAKOVITZ e SALOMON (1993), que trataram de relações

⁷⁵A passiva simples não constitui problema para KG. As sentenças mais difíceis de serem processadas por KG., em relação à compreensão, foram: passivas dativas, relativas, sentenças com alçamento, como: "John seems to Bill to be shaving"; sentenças com o verbo principal na passiva e complemento sentencial, como: "John was believed by Bill to be shaving". (CAPLAN, 1983:325).

⁷⁶REINHART (1983) propõe um escopo estrito para processos de coindexação tal que somente antecedentes c-comandando sejam abarcados, isto é, não é possível vinculação a um pronome se o antecedente não c-comandá-lo. Para REINHART, vinculação é o único caminho de indexação, mas a relação sustentada entre pronome e antecedente não é idêntica à da ligação anafórica, havendo, então, relações de ligação e relações de correferência.

⁷⁷Os achados de CHIEN e WEXLER (1990) evidenciam que o desempenho de crianças com reflexivos indica competência igual à dos adultos em qualquer relação regida pela condição A da teoria da ligação, mas que o desempenho com pronomes é diferente em crianças e adultos.

anafóricas no agramatismo.⁷⁸ Estes autores testaram quatro afásicos de Wernicke, oito de Broca e três sujeitos de grupo de controle, para estabelecer se o déficit hipotetizado estaria ou não relacionado exclusivamente ao agramatismo.

Sentenças do seguinte tipo serviram de base para o experimento:

1. a) Is Mama Bear touching herself?
Está mamãe Ursa tocando-se?
b) Is Mama Bear touching her?
Esta mamãe Ursa tocando-a?
2. a) Is every bear touching herself?
Esta toda urso tocando-se?
b) Is every bear touching her?
Está toda urso tocando-a?
3. a) Are all the bears touching her?
Estão todas as ursas tocando-a?
b) Is Mama Bear touching Goldlocks?
Está mamãe Ursa tocando a menina dos cachinhos de ouro?
c) Is every bear touching Donald Duck?
Está toda urso tocando o Pato Donald? (GRODZINSKY, 1993:405)⁷⁹

Nas sentenças (1a) e (2a), contendo reflexivos, aplica-se o princípio A da teoria da ligação; aquelas contendo pronomes, como (1b) e (2b), são regidas pelo princípio B. As sentenças (3) foram usadas como controle para assegurar que a questão não estava ligada ao quantificador em si (GRODZINSKY et al., 1993:405).

A tarefa de julgamento para respostas sim/não, num jogo de combinação sentença-gravura, buscava testar a sensibilidade dos pacientes para sentenças com anáforas. Era apresentado um cartão com uma gravura, seguindo-se a explicação do teste por parte do examinador. As gravuras apresentavam tanto ações reflexivas quanto não-reflexivas e as sentenças eram apresentadas com gravuras com as quais combinavam ou não.

O resultado do teste demonstrou que os sujeitos do grupo de controle desempenharam-se bem em todas as estruturas e os agramáticos⁸⁰ desempenharam-se bem

⁷⁸Estes autores consideraram este tipo de afasia como uma importante fonte de evidência para a viabilidade biológica da organização da gramática, além de servir de fonte de sustentação neurologicamente dimensionada para amparar modificações na teoria sintática.

⁷⁹Estes dados foram testados primeiramente por WEXLER e CHIEN (1988) em crianças, para verificar o acesso aos princípios "Binding". São citados em GRODZINSKY (1990:162) e em GRODZINSKY, WEXLER, CHIEN, MARAKOVITZ e SALOMON (1993:405) e foram exhaustivamente apresentados nas conferências de GRODZINSKY (1995), acompanhados das gravuras usadas no experimento. A questão da presença do quantificador não foi explicada. Esse assunto merece outra pesquisa.

⁸⁰O padrão do desempenho dos agramáticos foi idêntico ao que CHIEN e WEXLER (1990) constataram para o processo de aquisição: crianças de 5 a 6 anos tiveram problemas com a sentença "Is mama Bear touching her?" (GRODZINSKY et al., 1993:409).

em todas as sentenças, exceto em “Is mama Bear touching her?” na sua versão agramatical, com “her” correferencial a “mama Bear”. A partir da gravura indicando que o antecedente de “her” era local, os pacientes adivinhavam a resposta. Já os afásicos de Wernicke arriscavam tudo.

Este experimento confirmou que as relações anafóricas genuínas estão intactas na gramática do agramatismo e que os pronomes que não têm uma interpretação no mesmo domínio são definidos conforme o contexto. Desse modo, a falta de conhecimento do contexto pode interferir nos resultados, fato que GRODZINSKY (1993)⁸¹ não salienta.

Segundo GRODZINSKY et al. (1993), os afásicos de Broca e as crianças falharam na interpretação da sentença “Is mama Bear touching her”, não a reconhecendo como uma seqüência agramatical, diante da gravura com ação reflexiva. O que GRODZINSKY (1993) não considerou foi que a sentença apontada como problemática não era agramatical e que o conhecimento dos itens lexicais “her” e “herself” poderia estar em questão, bem como poderiam ter interferido o tipo de gravura e a falta de contextualização.

A constatação desse fato trouxe problemas para a explicação do agramatismo a partir da teoria do apagamento de vestígios. Apesar dos novos fatos empíricos do agramatismo, GRODZINSKY et al. (1993) conservam a hipótese de que a melhor abordagem para explicar os fatos do agramatismo em casos de movimento é a que assume apagamento de vestígio da representação, estando perdida, então, a generalização obtida anteriormente pela explicação de que todos os problemas do agramatismo reduziam-se à hipótese do apagamento do vestígio e de que os acertos eram todos explicados pelo princípio “Default”. Os autores foram obrigados a admitir que os afásicos acometidos de agramatismo têm problemas em mais de um aspecto sintático (GRODZINSKY et al., 1993:415) e, proliferando o leque de explicações, admitem que o problema com os pronomes é explicado pela dificuldade de acessar ambigüidade devido à necessidade de manter duas representações na memória para compará-las ao contexto (GRODZINSKY et al., 1993:416).

GRODZINSKY, WEXLER, CHIEN e MARAKOVITZ (1989), conforme citam também MAUNER et al. (1993), afirmam que os agramáticos respeitam as condições

⁸¹GRODZINSKY e REINHART (1993) propõem a seguinte regra para explicar o desempenho dos afásicos agramaticais e das crianças:

Rule-i – intransiential coreference: NP A cannot corefer with NP B if replacing A with C, C A-bound by B yields an indistinguishable interpretation (GRODZINSKY, 1993:402).

da teoria da ligação, o que pode ser verificado pelas respostas em jogos de gravuras-sentenças, através da referência do reflexivo no seu domínio, que os pacientes fazem, construindo a ligação entre um reflexivo e seu antecedente.⁸² Isto é confirmado por estes autores, segundo os quais os agramáticos aceitam como boas estruturas em que há relações anafóricas, mesmo que os traços de concordância estejam descombinados (por exemplo “girl” e “himself”), pois, segundo esses autores, os sujeitos fazem a ligação anafórica com o antecedente sem coindexação. Acrescentam, ainda, que é a sintaxe da dependência referencial que está afetada no agramatismo, o que é revelado não só pela dificuldade de julgar vestígios gramaticais associados com propriedades referenciais dos SNs, como também pela dificuldade de interpretação de variáveis em estruturas com mais de uma cadeia de ligação. É isso que obrigaria o paciente a “adivinhar”, nas tarefas de jogo sentença-gravura, e a aceitar estruturas agramaticais nas tarefas de julgamento de gramaticalidade. Mas estes estudos, anteriormente citados, não se preocupam com dados de produção, restringindo-se à questão da compreensão e limitando-se a repetir os dados testados por WEXLER e CHIEN (1988).

A hipótese de que os agramáticos compreendem sentenças com anáforas é confirmada pelo desempenho de P., em português, em relação aos reflexivos e anáforas lexicais, o que é constatado através de perguntas em entrevistas: o paciente não repete o reflexivo quando solicitada a repetição da estrutura, mas responde adequadamente a perguntas sobre estruturas que contêm anáforas. Então, no processo de compreensão em LF, para interpretação da anáfora, o paciente está derivando na sintaxe invisível uma estrutura com uma cadeia que não constrói em FF. Embora as anáforas não sejam consideradas categorias funcionais, há formação de cadeia para a relação anáfora-antecedente. Esta cadeia é formada para completar a matriz incompleta⁸³ do elemento anafórico através do antecedente.

Os dados do agramatismo de P. apontam, assim, um fato peculiar com o qual a teoria da lingüística precisa se preocupar para que se possa obter uma caracterização generalizada do agramatismo. A esse respeito, REINHART e REULAND (1993), após exaustiva argumentação sobre os reflexivos fora do âmbito da neurolingüística, afirmam:

⁸²RESNIK (1995:28) aponta que os pacientes agramáticos omitem clíticos em espanhol. Reanalizando os poucos dados apresentados pela autora, o que os pacientes omitem é o elemento anafórico, tal como ocorre no agramatismo em português.

⁸³Se o elemento anafórico não tem matriz completa, não é um item lexical pleno e, então, poderia ser considerado no elenco de categorias funcionais. Isto, porém, a teoria chomskiana não admitiu.

“It is not surprising therefore that this issue is the territory of chain theory” (REINHART e REULAND, 1993:715).

Pode ser deixado em aberto, para futuras pesquisas, o fato de que poderia haver uma categoria funcional abstrata na representação sintática de estruturas contendo relações anafóricas. Esta categoria funcional abstrata, que deveria estar localizada acima de INFL e abaixo de CP, marcaria a presença da relação anafórica e tornaria totalmente coerente a explicação dos problemas do agramatismo em português. Além disso, o grau de severidade da síndrome obedeceria criteriosamente à hierarquia das categorias funcionais.

3.3.8. - AS ESTRUTURAS PASSIVAS

As pesquisas sobre a linguagem do agramatismo admitem pacificamente que os papéis temáticos de uma oração transitiva simples estão preservados na gramática dos afásicos de Broca. No caso das construções passivas, as conclusões sobre a preservação dos papéis temáticos são contraditórias. Embora a maioria dos pesquisadores concorde em que os pacientes agramáticos não compreendem passivas, como SCHWARTZ, SAFFRAN e MARIN (1980) e GRODZINSKY et al. (1991), o estudo de caso do português demonstrou que a compreensão desta estrutura está preservada, apesar de permanecerem problemas na representação em FF.

3.3.8.1. - OS DADOS DE P.

Ao longo do acompanhamento longitudinal foram avaliadas 17 estruturas passivas, algumas surgidas naturalmente durante os episódios de exibição de linguagem, motivadas por acontecimentos, gravuras de revistas ou notícias de jornais, e outras provocadas a partir de episódios de leitura e montagem de sentenças com cartões, para fins específicos de avaliação.

Foram as seguintes as estruturas testadas:⁸⁴

1. O Eldorado foi queimado.
2. A flor foi beijada pela borboleta.
3. O cão foi alimentado pelo menino.
4. A fita foi dada por Oriel.
5. O disco foi recebido pela Dudu.
6. Os livros foram dados pela minha tia.
7. O Brasil foi descoberto por Cabral.
8. O filhote foi alimentado pela mãe.
9. A alimentação foi dada pela mãe.
10. A laranja foi apanhada pelo homem.
11. O bolo foi comido pelo menino.
12. Os discos foram comprados pelo Luís.
13. O brinquedo foi quebrado pela criança.
14. O gravador foi emprestado pelo Carlinhos.
15. O rato foi morto pelo gato.
16. O coelho foi morto pela galinha.
17. O gato foi perseguido pelo cachorro.

As sentenças acima relacionadas foram testadas para verificar compreensão através de perguntas e competência para o arranjo em FF através da repetição e montagem com cartões. Julgamentos de gramaticalidade também foram testados durante as situações dialógicas de avaliação. O paciente reconheceu as suas próprias representações aberrantes durante a montagem de sentenças com cartões, demonstrando competência para o julgamento de gramaticalidade.

Ficou constatado que o paciente P. compreende passivas, mas ainda tem dificuldade para repetir a estrutura passiva com agente. Através do acompanhamento longitudinal pode ser observado que em 1994 a repetição é melhor do que em 1987. Os dados demonstram que P., em 1994, repete uma estrutura passiva sem agente no arranjo em FF, o que não ocorria no início do acompanhamento. Nos dados de produção, não foram observadas estruturas passivas.

Para mostrar o caminho da computação sintática do paciente para derivar estas construções, apresento episódios completos, negritando as estruturas relevantes. Se fosse feita a quantificação dos dados para demonstrar compreensão de passivas o resultado seria acima de 50%. Se fosse realizada a quantificação para os dados de produção, através

⁸⁴Não houve preocupação de testar passivas com verbos psicológicos em português, tal como procedeu GRODZINSKY (1991-1995), por ter ficado evidente, nos dados, que o paciente P. não tinha problemas de compreensão com sentenças passivas e designava papel temático não agentivo a SNs em posição inicial, como nas estruturas com tópico-objeto. Convém lembrar que, conforme HICKOK et al. (1993) e MAÜNER et al. (1993), nas passivas os pacientes agramáticos tem 50% dos acertos tanto com verbos agentivos quanto com não-agentivos e psicológicos.

da repetição e montagem da sentença com cartões, e se fosse considerada a primeira tentativa de resposta, o resultado seria abaixo da média.

A seguir está transcrito o primeiro episódio no qual puderam ser observados problemas com passivas.

[07.02.1987]

INV.: – O que o fogo fez no Eldorado?
 P.: – **O fogo queimou o Eldorado.**
 INV.: – O Eldorado...
 P.: – Queimou.
 INV.: – Foi quem ... queima...
 P.: – **Foi queimou ... queimou.**
 INV.: – Foi queimado.
 P.: – Foi queimado...com...pela...
 INV.: – Não ... pela fogo não dá ... pel ...
 P.: – Pelo fogo.

Este episódio revela que o paciente constrói a estrutura ativa completa, mas não constrói a passiva. A sua dificuldade está na construção do verbo com morfema de passiva, havendo troca do SN anterior ao verbo: “O fogo queimou” e “O Eldorado queimou”.⁸⁵

Outro episódio que mostra a compreensão de sentenças passivas pelo paciente P. é o que se segue. Convém observar que as respostas de P. não constituem repetição mecânica, através de escolha aleatória, de um item lexical das sentenças do observador. Julgando que quem alimentava o cão tinha mais características de “rapaz” do que de “menino”, o paciente substitui o item lexical, comprovando sua compreensão e a não automatização de suas respostas.

[02.06.1989]

(Diante de gravuras)

INV.: – **A borboleta foi beijada pela flor ou a flor foi beijada pela borboleta? Qual que está certa?**
 P.: – Borboleta ... aqui é flor.
 INV.: – A borboleta está beijando a flor?
 P.: – Borboleta, né?
 INV.: – **Quem beijou?**
 P.: – **Borboleta.**

⁸⁵A escolha da sentença com este verbo não foi proposital. O dado emergiu de uma notícia de jornal, num episódio de leitura, seguido do diálogo transcrito.

- INV.: – Quem foi beijada?
 P.: – Flor.
 INV.: – O cachorro foi alimentado pelo menino. Quem alimentou?
 P.: – Rapaz.
 INV.: – Quem está comendo?
 P.: – Cão.

No episódio que se segue [21.05.1991], o paciente conhecia a situação e o significado da sentença. Respondeu às perguntas antes de construir a sequência, o que demonstra a preservação de operações na sintaxe invisível, em FL, antes da construção da sequência em FF na sintaxe visível. Trata-se de montagem de sentença com cartões recortados, com leitura do investigador, em cada tentativa feita pelo paciente.

[21.05.1991]

- INV.: – Vamos voltar nos nossos cartõezinhos? Vamos pôr em ordem nossos cartõezinhos?
 INV.: – Quem deu a fita?
 P.: – Dudu.
 INV.: – Onde está Dudu? Quem deu a fita? É para pôr estas palavras que estão aqui!
 P.: – Você.
 INV.: – Aí está escrito “dada”. Não é nome de pessoa.
 INV.: – Quem deu a fita?
 INV.: – Quer que eu leia?
 – Oriel dada pôr a foi fita.
 INV.: – O que que foi dada?
 P.: – Fita.
 INV.: – Por quem?
 P.: – Eu. (o paciente entendeu antes de montar)
 (seguem-se as tentativas de montagem da sentença com cartões)
 INV.: – (lê): Oriel foi a por dada fita.
 – Oriel foi a por fita dada.
 – Oriel foi por a fita dada.
 INV.: – “Foi dada” tem que ficar junto. (grampeia)
 – Oriel foi dada a por fita.
 – Oriel foi dada por a fita.
 INV.: – Certo?
 P.: – Não.
 INV.: – O começo não está certo.
 P.: – A fita.
 INV.: – O senhor falou “a fita” e pôs “fita a”.
 INV.: – A fita foi dada por ... por que o senhor pôs Oriel lá no começo de novo?
 INV.: – A fita foi ... dada por Oriel.
 INV.: – Certo.
 P.: (relê): – A fita foi dada a Oriel?
 INV.: – Está escrito “a”?
 P.: – Pela.
 INV.: – Por.
 P.: – Por Oriel.
 INV.: – Quem deu a fita?
 P.: – Oriel.

- INV.: – O que o Oriel deu?
P.: – A fita.
P.: – O disco foi ... é para aqui?
INV.: – Pela ...
P.: – Pela.
INV.: – Recebi.
P.: – O disco foi pela ...
– Está certo?
INV.: – O disco foi pela Dudu recebido. Tá bom?
P.: – (troca a posição dos cartões)
INV.: (leu): – O disco foi pela recebido Dudu.
– O disco foi.
P.: – Recebido.
P.: (montou): O disco foi recebido pela Dudu.
INV.: – Tá certo?
P.: – Tá.
INV.: – Deixa ver o que o senhor fez? A primeira organização que o senhor fez:
Tia foram doados livros meus minha e pela.
INV.: – Mas o senhor ainda tá mexendo, né?
P.: – Meus livros ... tá certa aqui?
P.: – Não.
INV.: – Lê: **Meus livros tia foram doados.**
P.: (continua mexendo nos cartões)
INV.: – Vou ler para o senhor: **Tia foram doados pela meus livros minha.**
INV.: – **Tá certo?**
P.: – Não. (e continua mexendo)
INV.: – Vou dar uma dica. Vou pôr “meus livros” no começo ...
– Começa com “meus livros”.
INV.: (lê o que o paciente montou):
– **Meus livros doados tia.**
– **Meus livros doados minha tia.**
INV.: – Onde o senhor vai pôr “foram” e “pela”, que ficaram faltando?
– **Meus livros doados minha foram pela tia.**
– **Meus livros doados minha foram pela tia.**
INV.: – Certo?
INV.: – “Minha tia” não pode, separa.
– **Meus livros doados pela foram minha tia.**
INV.: – Falta fazer uma troca.
P.: – **Meus livros foram ... doados para meu tia ...**
INV.: – Pela.
– **Meus livros foram doados pela minha tia.**
INV.: – **Pode?**
P.: – Pode, né?
INV.: – **Pode? O senhor acha?**
P.: – Não tá certo não!
INV.: (pede para o paciente ler)
P.: – **Meus livros foram doados para ...**
INV.: – Pela.
P.: – Pela minha tia.
INV.: – Tá certo?
P.: – Tá certo.
P.: (monta e lê): – O Brasil foi descoberto de Cabral.
INV.: – Por que o senhor tá trocando? Lê.
P.: – O Brasil foi Cabral ...
INV.: – **O Brasil foi por Cabral descoberto.**
P.: – **Tem outro.**
INV.: – Então troca.

- P.: – **O Brasil foi descoberto para ... de Cabral.**
 INV.: – Por. Não está certa sua leitura.
 P.: – **O Brasil foi descoberto do de Cabral.**
 INV.: – Por. Então de novo.
 P.: (lê): – O Brasil foi descoberto por Cabral.
 P.: – Precisa professora, né? ...

Nestes episódios fica evidente que P. reconhece quando a sentença está ou não bem formada e são revelados na leitura seus problemas sintáticos com as marcas de concordância de gênero e com as preposições. Os dados mostram que mais importante do que quantificar os dados é olhar como as operações sintáticas vão sendo tentadas pelo paciente e verificar que os mesmos problemas se repetem por anos seguidos.

No episódio a seguir, com auxílio de gravuras de revistas, ocorre um diálogo entre paciente e investigador, no qual é avaliada a adequação da sentença passiva, conforme a gravura, e a montagem da sentença com cartões. Mais uma vez ficou evidente que P. compreende passivas, mas para montar com cartões há hesitações.

[15.07.1992]

- INV.: – A mãe passarinha tá fazendo o quê, com os filhotes? Dando o co ...
 P.: – **Dando comida.**
 INV.: – Ela tá pon ...
 P.: – Pondo.
 INV.: – Pondo comida.
 INV.: – Onde ela tá pondo a comida? No prato?
 P.: – Boca.
 INV.: – Passarinho é bico.
 P.: – Bico.
 INV.: – Então conta uma história ... uma mãe ...
 P.: – **Passarinho ... pardal ... tava fazendo ... passarinho ... filhotes ... tava comendo ... comendo não é ... pondo ... parece ...**
 INV.: – Pondo o quê?
 P.: – Comendo.
 INV.: – Comida. A mãe está pondo comida no bico do passarinho.
 INV.: – **De acordo com a figura tá certo dizer: O filhote foi alimentado pela mãe?**
 P.: – **Tá certo.**
 INV.: – **Quem alimentou o filhote?**
 P.: – **A mãe.**
 INV.: – **A mãe foi alimentada pelo filhote. Tá certo?**
 P.: – **O quê?**
 INV.: – **A mãe foi alimentada pelo filhote, tá certo?**
 P.: – Não.
 INV.: – **Quem deu comida? O senhor mostrou esse.**
 P.: – **A mãe.**
 INV.: – **Quem comeu?**
 P.: (mostra): Filhote.
 INV.: – Filhote.
 P.: – **Filhote.**

- INV.: – O senhor lembra da figura do passarinho?⁸⁶ Tenta ler e depois arrumar os cartões de acordo com essa figura.
- P.: – Foi para.
- INV.: – Pela.
- P.: – Pela mãe.
- P.: – O filho.
- INV.: – Filhote.
- P.: – Filhote ... Alimentação.
- INV.: – Alimentado.
- INV.: – Arruma para compor uma sentença.
- P.: – **O filho ... foi ... alimenta ... alimenta ...**
- INV.: – **Alimentado.**
- P.: – **Da mãe.**
- INV.: – O filho foi ... alimenta ...
- Alimentado.
- P.: – **Alimentado da mãe.**
- INV.: – Tá certo aqui ou não?
- INV.: – **Tá certinho ... o filhote foi alimentado pela mãe.**
- INV.: – Outra.
- P.: – A comida.
- INV.: – Aqui é alimentação ... Pode ser comida, mas aqui é alimentação.
- P.: – A alimentação foi para.
- INV.: – Que.
- P.: – A alimentação foi a mãe ... de ...
- INV.: – Está escrito que ... e aqui, o senhor sabe o que está escrito?
- P.: – Minhoca ... alimentação foi a mãe de ...
- INV.: – E aqui? **O que o trabalhador tá fazendo com as laranjas?**
- P.: – **Apanhando laranjas.**
- INV.: – **Repete. A laranja foi apanhada pelo homem.**
- P.: – **Tá certo.**
- INV.: – Repete.
- P.: – Laranja foi ... foi. **A laranja foi apanhado para homem.**
- INV.: – Para homem?
- P.: – Não.
- **A laranja foi ... para ...**
- INV.: – Fala apanhada ...
- INV.: – **Pelo ... pelo quem? Por quem?**
- P.: – **Homem.**
- INV.: – De novo.
- P.: – **A laranja foi apanhada para.**
- INV.: – Pelo.
- P.: – Homem.
- INV.: – O que este homem tá fazendo?
- P.: – Pegando ... plástico ...
- INV.: – Caixa.
- P.: – Caixa.

Os dados mostram dificuldades com a preposição “pelo”, que não é repetida pelo paciente, sendo trocada por “para”. Na sentença “A fita foi dada por Oriel”, há troca

⁸⁶Outras estruturas foram testadas, outras gravuras foram vistas, antes da retomada para avaliar a montagem da sentença “O filhote foi alimentado pela mãe”, com cartões recortados. Neste episódio [15.07.1992] fica evidente que as dificuldades sintáticas impedem a narração.

de “por” por “a”. Há repetição da estrutura sem o agente: “A laranja é apanhada”, do mesmo modo que “A mata foi queimada”, na mesma sessão.

Comparando o episódio abaixo [15.07.1992] com o primeiro dado apresentado neste item, fica evidente que o paciente consegue repetir melhor a estrutura passiva do que no início dos testes.

[15.07.1992]

- INV.: – Veja, o homem pôs fogo ... pegou fogo na mata ... Ele fez um fogo e queimou a árvore ...
 P.: – Assim não dá.
 INV.: – **Repete pra mim. A mata foi queimada.**
 P.: – **A mata foi queimada.**
 INV.: – Quem queimou?
 P.: – Aí é ...
 INV.: – O que que queimou?
 P.: – Como chama? é ...
 INV.: – A mata foi queimada. O que foi queimada?
 – O que pegou fogo? Virou carvão.
 P.: – Era muitas ... como chama? ...
 INV.: – Árvores.
 INV.: – O senhor viu o que está acontecendo com o governo? com o Collor?
 P.: – Sei lá, né? ...
 INV.: – Quem foi interrogada esses dias?
 P.: – Secretária ...
 INV.: – Então a mulher que foi interrogada era secretária do Collor?
 P.: – É outra ... É ... como chama aquela menina que está no hospital em São Paulo?
 INV.: – Ana Acioli?
 P.: – É. Como chama?
 INV.: – Ana Acioli. O que está acontecendo?
 P.: – Os dois tá meio ...

[15.07.1994]

- P.: – Tesoura pra quê?
 INV.: – Tesoura é para cortar os cartões.
 – Repete: **O menino comeu o bolo.**
 P.: – O menino comeu o bolo.
 INV.: – **O bolo foi comido pelo menino.**
 P.: – **Menino ...**
 INV.: – Escuta primeiro: O bolo foi comido pelo menino.
 P.: – O bolo comen ... não ... o bolo ...
 INV.: – O bolo foi comido pelo menino.
 P.: – O bolo comi ... não. O bolo ... **o bolo ... menino comeu.** Tá certo?
 INV.: – O senhor disse: O bolo, menino comeu. Mas não é isso que é para o senhor repetir. **O bolo foi comido pelo menino.**
 P.: – O bolo ...
 INV.: – O bolo foi comido pelo menino.
 P.: – **O bolo comeu ... não.**
 INV.: – Foi comido pelo menino.
 P.: – **O bolo comeu.**
 INV.: – O bolo foi comido ...

- P.: – **O bolo foi comido.**
 INV.: – O senhor entendeu isso que a gente falou? Quem comeu o bolo?
 P.: – O bolo ... comeu.
 INV.: – Eu coloquei em cartões aqui. Vamos ver se o senhor consegue juntar ...
 – Junta na ordem esses cartões e faz uma frase.
 – O que o senhor pôs aí?
 P.: – O bolo ... comeu ...
 INV.: – O bolo comido ...
 P.: – O bolo, né?
 INV.: – Ficou assim: O bolo comido foi pelo menino. Está bom?
 P.: – Não.
 INV.: – O senhor arranjou diferente.
 P.: – **O bolo comeu.**
 INV.: – Comido.
 P.: – **Comido para menino.**
 INV.: – **O bolo comido pelo foi menino.**
 P.: – O bolo comeu ... O bolo menino ...
 INV.: – **O bolo foi pelo comido menino.** Agora leia esta frase.
 P.: – O bolo foi comido pe...
 – **O bolo foi comido pelo menino.**
 INV.: – **Isso o senhor leu.** Agora responde: Quem comeu o bolo?
 P.: – Menino.
 INV.: – O que o menino fez?
 P.: – Comeu o bolo.
 INV.: – **Repete de novo: O bolo foi comido pelo menino.**
 P.: – **O bolo foi comido ... o bolo foi comido do menino ... menino ... menina ...**
menina.
 INV.: – Pelo menino.
 P.: – O bolo foi comido de ... de ...
 INV.: – Pelo menino, menino ... menino.
 P.: – De ... pelo.
 P.: – **O bolo foi comido pelo menino.**

As instabilidades ocorridas neste episódio para repetição de passiva demonstram a insuficiência de avaliar os dados do agramatismo através de quantificação e evidenciam que o paciente repete a estrutura e chega a montá-la, mas após inúmeras tentativas.

[15.07.1994]

- INV.: – Repete: O Luís comprou os discos.
 P.: – **O ... O ... Luís comprou discos.**
 INV.: – Monta esta frase com cartões ... Agora lê.
 P.: – **O Luís comprou uns discos.**
 INV.: – O Luís comprou os discos.
 P.: – O Luís comprou o disco.
 INV.: – Repete ... O Luís comprou uns discos.
 INV.: – Agora repete: Os discos foram comprados pelo Luís.
 P.: – Como chama? ...
 P.: – O disco comprou Luís.
 INV.: – Os discos foram comprados pelo Luís. Escute a frase inteira.

- P.: – O disco comprou ...
 INV.: – Repete: Os discos foram comprados pelo Luís.
 P.: – **O disco comprou.**
 INV.: – Senhor P., monta pra mim na ordem certa.
 INV.: – Os discos. O Luís foram comprados - e
 INV.: – A frase é: Os discos foram comprados pelo Luís.
 INV.: – Pelo Luís, os discos foram comprados.
 – Que interessante! **Pelo Luís, os discos foram comprados. Está bom?**
 P.: – Tá.
 INV.: – Agora leia aqui: **O brinquedo foi ... foi quebrado quebrado da menina.**
 INV.: – Está certa a ordem. Só a leitura é que não tá certa.
 P.: – **O brinquedo foi quebrou ... de menina ... menino ...**
 INV.: – Aqui está escrito pela criança. Agora o senhor não lê. Olha pra mim e repete:
O brinquedo foi quebrado pela criança. (lentamente)
 P.: – **O brinquedo foi quebrado de criança.**
 INV.: – É “pela criança”.
 P.: – De ... dela.
 INV.: – Pela criança.
 P.: – Criança.
 P.: – Os brinquedos foi quebrou, está certo?
 INV.: – Quebrado.
 P.: – Quebrado ...
 INV.: – Pela criança ...
 P.: – Pela criança.
 INV.: – De novo: **O brinquedo foi quebrado pela criança.**
 P.: – O brinquedo foi quebrado de da ...
 INV.: – Pela ...

Também nesse episódio fica claro que a montagem com cartões da sentença ativa é imediata. Na passiva, a montagem com cartões demonstra que o paciente tem dificuldades com esta estrutura e a repetição apresenta instabilidades.

Numa das avaliações com cartões o paciente arranja a seguinte sequência: “Pelo Luís, os discos foram comprados”, demonstrando competência para mover constituintes. A escolha de “O brinquedo foi quebrou”, em [15.07.1994], faz emergir na repetição o mesmo fato ocorrido em [07.02.1987]: “O Eldorado foi queimou”. Estas instabilidades só o acompanhamento longitudinal pode demonstrar, o que coloca em dúvida todas as avaliações clássicas, feitas através de dados de poucas sessões.

[07.11.1994]

- INV.: – O gravador foi emprestado pelo Carlinhos.
P.: – **Gravador ... gravador ... emprestado ... Carlinhos.**
INV.: – Repete: O gravador foi emprestado pelo Carlinhos.
P.: – **Gravador foi emprestado ... gravador foi emprestado de Carlinhos.**
INV.: – **O gravador, nós emprestamos.**
P.: – **Gravador, gravador emprestamos.**
INV.: – Repete: O gravador nós emprestamos.
P.: – O gravador foi emprestado outro ...
INV.: – O gravador, a Reny emprestou.
P.: – **O gravador, emprestou ...**
INV.: – Fala.
INV.: – O rato foi morto pelo gato.
P.: – O gato o rato, né? O rato, né?
INV.: – Pelo gato.
P.: – O gato foi morto de.
INV.: – Quem matou o rato?
P.: – Gato.
INV.: – O coelho foi morto pela galinha. Repete.
P.: – O coelho foi ... O coelho foi ...
INV.: (repete e pergunta): – Quem matou o coelho?
P.: – Galinha.
INV.: – O que que a galinha fez?
P.: – O coelho foi morto de ... (e pergunta): é de?
INV.: – Pela ...
P.: – Galinha.

[15.07.1994]

- INV.: – O gato foi perseguido pelo cachorro.
INV.: – Quem que o cachorro perseguiu?
P.: – Gato.
INV.: – O gato foi perseguido por quem? Cachorro?
P.: (P. monta com cartões): **O gato pelo cachorro foi perseguido.**
INV.: – Está bom?
P.: (monta de novo): O gato foi ... o gato foi cachorro não.
P.: – **O gato pelo perseguido foi cachorro.**
INV.: – Tá bom?
P.: (faz sinal de negação e tenta montar de novo): O gato foi cachorro perseguido pelo.
INV.: – Tá bom?
P.: – Não, né? (tenta de novo)
P.: (lê). – Cachorro foi perseguido ... cachorro foi ... como chama? ...
INV.: – Perseguido.
P.: – Perseguido para gato.
(monta de novo): **O gato foi pelo perseguido cachorro.**
INV.: – Tá bom?
P.: – Não. (tenta de novo)
INV.: – Cadê o “foi”? O senhor não pôs o “foi”?
P.: (lê): – **O gato foi perseguido de cachorro.**
INV.: – Agora tá certo. Agora lê ...
INV.: – O senhor fala: O cachorro persegue o gato.
INV.: – Tá certo?
P.: – Tá.
INV.: – O gato foi perseguido pelo cachorro. É a mesma coisa?

- P.: – Acho que não.
 INV.: – Não é a mesma coisa?
 INV.: – O gato foi perseguido pelo cachorro. Quem que perseguiu?
 P.: (estranhando a frase, pergunta); – Gato?
 INV.: – O gato foi perseguido ... pelo cachorro.
 – Quem que perseguiu?
 P.: – O quê? Cachorro.
 INV.: – Isso. Quem foi perseguido?
 P.: – O gato.
 INV.: – Então.
 P.: – É que os dois é ... está ... briga ...
 P.: (lê); – O gato foi perseguido de cachorro.
 INV.: – Pela cachorro?
 P.: – **Pelo cachorro.**
 INV.: – **Repete: O gato foi perseguido pelo cachorro.**
 P.: – **O gato foi perseguido de cachorro.**
 INV.: – **Pelo cachorro.**
 P.: – **Pelo cachorro.**
 INV.: – O “**pelo**” está difícil para o senhor.
 INV.: – Vamos ver quem perseguiu ... quem não perseguiu?
 P.: – Mas ... o ... é ... cachorro é ...
 – Tá meio ... cachorro não gosta do gato, porque ...
 INV.: – O gato foi perseguido pelo cachorro.
 – Então, por isso que ele tá correndo atrás do gato.
 P.: – Torceu o negócio!
 INV.: – O gato foi perseguido pelo cachorro.
 – O gato corre atrás do cachorro?
 P.: – Corre, por que não?
 INV.: – O gato corre atrás do cachorro? Ou o cachorro que corre atrás do gato?
 P.: – Gato ... cachorro.⁸⁷

É interessante observar que ao ser pedido ao paciente para repetir a sentença: “O bolo foi comido pelo menino”, este faz uma sentença com tópico objeto: “O bolo, menino comeu” [15.07.1994]. Este fato lingüístico demonstra que o problema com as passivas não reside no fato de que o primeiro SN tem papel temático de tema e não de agente. O conflito apontado por GRODZINSKY (1990-1995) não é verificado nos dados do português.

Como demonstram os dados, o paciente P. compreende passivas, mas é clara sua dificuldade para representar as estruturas em FF, através da repetição ou através da montagem de sentença com cartões. Porém, os dados em acompanhamento longitudinal mostram que houve progresso, pois, sem agente, a estrutura está sendo repetida, como

⁸⁷Quanto ao último episódio, foram confirmados achados anteriores de que em sentenças passivas, semanticamente reversíveis, os agramáticos desempenhavam-se com maior dificuldade, conforme apontaram SCHWARTZ, SAFFRAN e MARIN (1980); CAPLAN e FUTTER (1986); GRODZINSKY, FILKELSTEIN, NICOL e ZURIF (1988) e GRODZINSKY e PIERCE (1987). Considero que os problemas do paciente P. com estas estruturas seja causado pela presença de categorias funcionais presentes e não pela falta de conhecimento da grade temática do verbo.

mostram os dados de [07.11.1994]. Então, o paralelismo compreensão-produção não se mantém também nas estruturas passivas.

Resta explicar qual a dificuldade sintática que impede o desempenho dos agramáticos com estruturas passivas em graus de severidade diferentes, pois alguns nem compreendem, outros, como P., compreendem mas não produzem. Fica claro que a dificuldade do paciente P. não é provocada pela inversão de papéis, uma vez que nas ativas, mesmo com verbos reversíveis, o desempenho é bom, nem pela ordem dos constituintes, nem pela presença do vestígio, mas sim pela presença de categorias funcionais.

3.3.8.2. - A Análise

A construção passiva canônica das línguas românicas e do português é caracterizada pela morfologia *ser* + *particípio passado*, uma passiva perifrástica com auxiliar flexionado e morfema de *particípio passado*, acoplado ao verbo principal, que concorda com o argumento interno em gênero e número na sintaxe visível. O INFL, então, passa a ser saturado pelas flexões verbais do verbo auxiliar “*ser*” e do verbo principal da ativa: ao primeiro é acoplada a marca de tempo e concordância verbal e, ao segundo, são acopladas as marcas de concordância nominal, no morfema de *particípio passado*. O agente passa a ser introduzido pela preposição “*por*”, e forma-se uma cadeia para transmissão de papel temático do vestígio em posição de objeto para o elemento movido.⁸⁸

Conforme JAEGLI (1986), nas línguas de *particípio passivo*, como as românicas, haveria um processo morfológico de criação desse *particípio* através da junção de *particípio passivo* ao verbo, não havendo atribuição de papel temático ao sujeito. É a construção deste *particípio passivo* que se incumbe de bloquear a atribuição de função temática externa à posição de sujeito, sendo também incapaz de atribuir caso acusativo. Ao admitir tal incapacidade, devido à mudança categorial sofrida pelo verbo, há junção da morfologia passiva.⁸⁹ Mas não seriam razões morfológicas que estariam impedindo a representação da passiva em FF, no agramatismo, e sim operações sintáticas. Se houvesse

⁸⁸Para detalhes ver LOBATO (1986:457).

⁸⁹Admitir esta operação para passiva é mais coerente para o agramatismo do que admitir, conforme o programa minimalista (CHOMSKY, 1992), que a morfologia vem pronta do léxico, pois se assim fosse os agramáticos, que não têm “*word finding difficulty*”, não teriam problemas com concordâncias nominais e verbais.

problemas morfológicos com passivas o paciente não repetiria os itens isoladamente, conforme demonstram os dados.

Na construção passiva de particípio não é atribuído papel temático ao argumento externo e a aplicação da regra mova α na passiva é, segundo CHOMSKY (1981), uma consequência direta do filtro de caso.⁹⁰ Nesse modelo, as operações sintáticas da construção passiva são lícitas por princípios da teoria: papéis temáticos e caso. É permitido que uma posição temática possa receber papel temático indiretamente e fazer parte de cadeias argumentais, responsáveis pela ligação de elementos movidos aos seus vestígios. Assim, numa sentença passiva como “O menino_i foi machucado t_i”, o verbo designa papel temático ao seu argumento interno, e, estando este não realizado foneticamente, haveria a transmissão deste papel ao SN “o menino”, através de uma cadeia. O primeiro SN passa, assim, a estar coindexado com a categoria vazia pós-verbal de natureza anafórica. Esta é a versão teórica na qual se baseia GRODZINSKY (1984-1990) para deduzir que devido à não transmissão adequada de papéis temáticos, em consequência do apagamento de vestígios, os pacientes não compreendem passivas.

Numa versão menos incipiente da teoria dos princípios e parâmetros, OUHALLA (1991:94) postula, para a representação da passiva, uma categoria funcional independente (PASS), nó este independente de AGR e Tempo, adjacente ao verbo. Haveria um movimento do verbo para (PASS). Nessa perspectiva, OUHALLA (1991) admite que o morfema de passiva é nominal em línguas que têm formação perifrástica de passiva, como é o caso do português, e assume ainda que há um argumento implícito PRO, em Spec de VP, por ser uma posição não regida. Assume, conforme JAEGLI (1986), que “by phrase” e “PRO” entram em cadeia para resolver designação de caso e papel temático. Esta cadeia seria resultante de um movimento do objeto forçado pelo morfema de passiva. Neste movimento de objeto para sujeito, na derivação da passiva, forma-se uma relação de

⁹⁰CHOMSKY (1986:94) assume que um elemento é visível para marcação de caso se lhe é designado caso. NUNES (1994c) relativiza a teoria dos casos em relação à Forma Lógica (FL) e à Forma Fonética (FF) partindo da hipótese de que o filtro de casos é independente da condição de visibilidade. Segundo NUNES (1994c), há quatro possibilidades lógicas para um dado caso K, no que tange à sua capacidade de licenciar um elemento em FF e FL. Trata-se de um inventário de casos disponíveis em GU: a) K satisfaz o filtro de casos e a condição de visibilidade (um caso [-FF, +FL]); conforme CHOMSKY (1981), todo NP deve receber caso; b) K não satisfaz o filtro de casos nem a condição de visibilidade (um caso [-FF, -FL]), conforme CHOMSKY (1981); ausência de atribuição de caso; c) K satisfaz o filtro de casos, mas não a condição de visibilidade (um caso [+FF, -FL]); uma atribuição de casos por modais; d) K satisfaz a condição de visibilidade, mas não o filtro de casos (um caso [-FF, +FL]), o que significa dizer que não tem caso. Para NUNES (1994) o filtro de caso e a condição de visibilidade são condições de boa formação independentes na teoria da gramática. Esta colocação é interessante para análise de dados do agramatismo, pois a condição (C) acima estaria operando na gramática de P. Desse modo, línguas que não têm marcas morfológicas de caso escolheriam como parâmetros [-FF+LF], como o português e o italiano. E os agramáticos, na sua gramática, tentam fixar este parâmetro [-FF + LF] mesmo se a língua nativa em questão for [+FF + LF].

concordância obrigatória entre o objeto movido e o particípio, havendo na estrutura passiva canônica o acréscimo do nódulo AGRO para o português. O movimento de objeto para a posição de Spec de (PASS) explicaria a concordância obrigatória objeto-particípio, havendo uma coindexação: PASS-objeto direto. Como no agramatismo têm sido apontados problemas com concordância, formação de cadeias e categorias funcionais, essas hipóteses de OUHALLA (1991)⁹¹ encontram compatibilidade para explicar os problemas com esta estrutura no quadro do agramatismo.

Assumir uma análise de passiva conforme OUHALLA (1991), que postula a categoria funcional PASS P, é mais viável do que assumir, conforme GRODZINSKY (1990), e confirmado em GRODZINSKY (1995), que o problema da passiva reside na aplicação indevida do princípio “Default”, resultando em atribuição de agente ao primeiro SN, havendo conflito com a designação de dois agentes.

Se a estrutura da passiva no agramatismo for analisada segundo a proposta de OUHALLA (1991), a categoria funcional PASS P estaria presente em FL, permitindo a compreensão das estruturas passivas, e também os movimentos necessários para a designação de papel temático estariam presentes. Porém, em FF, conforme mostram os dados do português, a estrutura não é representada, é repetida apenas em 1994, mas sem agente, o que pode ocorrer devido à proliferação de categorias funcionais na passiva, explicada com o acréscimo do PASS P, proposto por OUHALLA (1991).

Se não for considerada a categoria funcional PASS, a proliferação de categorias funcionais de concordância, presentes nas construções passivas, pode explicar a dificuldade que os pacientes têm com estas estruturas. Neste caso a estrutura da passiva em português pode ser analisada conforme NUNES (1994a), que se baseia em BAKER, JOHNSON e ROBERTS (1989). Estes autores consideram o morfema de passiva, acoplado ao particípio, um elemento flexional gerado em INFL, enquanto, conforme CHOMSKY (1981), deveria ser assumido que o morfema de passiva é gerado em VP e acoplado ao verbo. Esta seria uma explicação adicional, também coerente para explicar a dificuldade que os pacientes acometidos de agramatismo têm com a estrutura passiva, pois INFL está instável na gramática do agramatismo. Para alguns pacientes esta dificuldade afeta a compreensão e para o paciente P. afeta a produção.

⁹¹Para a representação da estrutura passiva, conferir OUHALLA (1991:94).

Assumindo a análise de BAKER et al. (1989), pode ser considerado que uma operação sintática ocorreria entre o verbo e morfema da passiva, como resultado do movimento de V para INFL. Nesse caso, o morfema de passiva, uma categoria nominal, que se comporta como argumento do verbo, pode receber papel temático e caso. O que decorre é que o objeto do verbo fica sem caso, forçando seu movimento para Spec de IP, onde recebe caso. BAKER et al. (1989) sugerem que o morfema de passiva seja considerado clítico,⁹² um elemento nominal originado em posição argumental e incorporado ao verbo ou INFL. Esses autores, do mesmo modo que JAEGLI (1986), propõem que o morfema da passiva seja introduzido na sintaxe separado do verbo,⁹³ com o qual depois se combina, o que facilita a designação do papel de agente, recebido indiretamente, pois o agente da passiva comporta-se como argumento externo.

Para NUNES o afixo de particípio é [-V, +N], uma vez que a forma verbal do particípio em português admite realização de concordância e embora não receba papel temático deve ser marcado por caso, devido às suas propriedades nominais (NUNES, 1994:6).⁹⁴

A concordância entre o “objeto” e a forma verbal ocorre. No seu caminho para a posição de sujeito, o objeto passa pelo Spec de AGR P, pelo particípio. Então o núcleo do AGR P participial checa seus traços com o traço do objeto⁹⁵ em seu especificador e a forma do particípio superficializa os traços do elemento em posição de sujeito (NUNES, 1994a:26). Esta análise mostra que as cadeias que se formam para a construção da estrutura passiva são mais complexas do que as cadeias triviais de uma estrutura ativa.

⁹²Conforme BAKER et al. (1989), o morfema de passiva, acoplado ao particípio, recebe caso do verbo que “mira” o movimento do objeto NP, uma vez que o auxiliar não é designador de caso. Nas sentenças passivas que envolvem o agente “by phrase”, quando o afixo de particípio recebe papel teta, pode formar uma espécie de “clitic doubling chain” com o agente, o que não é uma cadeia trivial. Assim, mesmo que o agente “by phrase” esteja presente, não há elemento no especificador de SV que force SV a designar um papel teta externo ao morfema de particípio.

⁹³Conforme a proposta de CHOMSKY (1992:39), os itens lexicais já se encontram flexionados quando são inseridos no marcador frasal, o que os dados do agramatismo não confirmam. Seguindo CHOMSKY (1992) e NUNES (1994a:19), conforme o programa minimalista, os elementos lexicais tomam sua flexão quando são inseridos no marcador frasal. Assim, as noções de que o afixo x recebe papel teta ou o afixo x projeta em XP devem ser entendidas como abreviações de: o núcleo associado com o afixo X, projeta em XP ou “o núcleo associado com o afixo X recebe papel teta”. NUNES (1994) assume que em inglês (e lituano), ao afixo de particípio é designado o papel teta externo e caso acusativo e o mesmo pode ser válido para o português.

⁹⁴Conforme NUNES (1994a:23), pode ser admitido que nessa representação não há sujeito em Spec-VP. Mas a derivação converge se o papel teta é descarregado ao núcleo do particípio TP. Como nem objeto nem “by phrase” recebem caso acusativo, o morfema de particípio o recebe (CHOMSKY, 1981; JAEGLI, 1986; NUNES, 1994a). Conforme o programa minimalista, pode ser afirmado que haveria problemas de checagem no agramatismo para a não convergência da passiva em FF. Tempo finito domina o verbo cópula, que tem traços NP, fortes, conforme CHOMSKY (1992). Estes traços têm que ser checados antes de Spell out, se não a derivação aborta em FF.

⁹⁵Conforme CHOMSKY (1992), o movimento visível do objeto (overt object movement) requer movimento visível do verbo (overt verb movement).

Tal como a criança em fase de aquisição,⁹⁶ P. readquiriu a competência para representar em FF a estrutura passiva, na forma de repetição, fazendo-a convergir, mas dada a complexidade da cadeia, omite o agente com o núcleo preposicional. O papel temático de agente é descarregado para outra posição que não o Spec de VP. O paciente escolhe o particípio para descarregar o papel de agente, não realizando “by phrase”, que marcaria visivelmente esse papel. Faz a hipótese de que ao núcleo do particípio TP é designado o papel temático externo, não havendo outro elemento em Spec de VP.

NUNES (1994a) ainda assume que não há AGRO entre TP e VP em sentenças passivas. Conforme esta análise, a criança na aquisição e o afásico em reaquisição identificariam o núcleo de TP como nominal, não havendo, por isso, realização de “by phrase”. Esta explicação encontra maior plausibilidade nos dados do agramatismo em português do que a proposta de FOX e GRODZINSKY (1995), que explicam a dificuldade com “by phrase” devido à dificuldade de designação de papel temático ao argumento externo.

Como no caso da afasia as preposições, como categorias funcionais, estão problemáticas, o agramático P. em português opta por não realizá-las. Esta poderia ser uma causa adicional que explica por que o paciente opta por derivar uma representação em que haveria apagamento do agente da passiva. Mas isto é também opcional no caso de falantes normais, portanto um parâmetro da língua o admite.

Resumindo, numa construção passiva três elementos precisam receber caso: o agente de passiva, o argumento interno e o morfema de particípio. Estes três casos têm atribuidores diferentes: o verbo principal designa caso ao vestígio do SN; ao agente da passiva é a preposição que lhe atribui caso e o morfema de passiva recebe caso nominativo de INFL. A concordância de particípio em português dá-se com o argumento interno: os traços de particípio concordam com o argumento interno da ativa (sujeito da passiva), independentemente da presença do agente da passiva. O verbo copulativo auxiliar apresenta-se com traços não marcados de concordância de gênero, mas conserva a concordância de número e tempo, pois o auxiliar é gerado sob tempo, e o verbo principal,

⁹⁶BORER e WEXLER (1987:149) argumentam que nos estágios preliminares do desenvolvimento da linguagem da criança, devido à falta de maturação não há construções passivas por não haver mecanismos para a formação de cadeias argumentais. FOX e GRODZINSKY (1995) apresentam argumentos contra essa hipótese. Estes autores propõem uma análise alternativa, apontando que a origem dos problemas com passivas no processo de aquisição reside nas propriedades temáticas de “by phrase”: as crianças não conseguem transmitir o papel temático externo ao agente da passiva. Elas teriam problemas com cadeias que envolvem dois papéis temáticos, o que é sustentado pelo fato de que as crianças compreendem passivas quando é eliminado o agente da passiva.

na forma de particípio, superficializa traços de gênero, pois o morfema de passiva que se acopla a este particípio é gerado em INFL. Assim, relações sintáticas mais complexas do que nas sentenças ativas precisam estar presentes para derivação de passivas. Esta complexidade pode ser localizada nas concordâncias, que não são devidamente marcadas estruturalmente.⁹⁷

As relações de concordância e caso, estando em maior número do que nas sentenças ativas, podem explicar por que esta estrutura em FF é problemática no agramatismo, embora o paciente P. a compreenda. Portanto, algumas operações computacionais mantêm-se em FL. É difícil fazer todas as checagens para converter a representação em FF e estabelecer todas as cadeias com categorias funcionais.

As análises da construção passiva propostas por OUHALA (1991), BAKERS et al. (1989) e NUNES (1994a) explicam com vantagens sobre a teoria chomskiana dos anos 80, e sobre as hipóteses de GRODZINSKY (1990) mencionadas no Capítulo II, por que o paciente P. tem dificuldade com a estrutura passiva, sugerindo razões sintáticas para isto, e não apenas morfológicas. Tanto a análise de OUHALA (1991) como a de NUNES (1994), baseada em BAKERS et al. (1989), explicam o porquê da dificuldade com passivas, podendo, através delas, serem localizados os problemas do agramatismo nas categorias funcionais, com vantagens sobre as abordagens até então feitas, conforme tratadas no item seguinte.

Quando houver casos de agramatismo em que o paciente nem mesmo compreende a passiva, pode ser inferido que se trata de uma síndrome com grau maior de severidade, não havendo representação em FL.

3.3.8.3. - AS PASSIVAS NO AGRAMATISMO

A partir do modelo da gramática gerativa vigente nos anos 80, o que se destaca como justificativa essencial para argumentar a favor da preservação da sintaxe das sentenças ativas no agramatismo é a manutenção dos papéis temáticos. No caso das passivas, a argumentação para explicar os problemas dos afásicos de Broca com estruturas passivas também toma a designação de papéis como o cerne da questão. Conforme

⁹⁷O aparato técnico da Gramática Gerativa Chomskiana não tem marcado as relações de concordância nominal estruturalmente, mas deveria fazê-lo, incluindo estas flexões nas categorias funcionais.

GRODZINSKY (1984-1990), os problemas decorreriam da falta de vestígio na estrutura, essencial para a formação de cadeia na transmissão de papel temático.⁹⁸

Para GRODZINSKY (1984-1990), uma sentença passiva teria interpretação confusa para afásicos devido à dificuldade de indexar a categoria vazia com o “sujeito da passiva” movido e, então, o paciente seria imbuído a designar dois papéis de agente.

Os argumentos de GRODZINSKY para consolidar sua explicação para o problema com passivas no agramatismo têm uma função histórica nos estudos de agramatismo, devido à busca de generalização. Este autor procura explicar problemas em estruturas diferentes, relativas e passivas, apelando para a mesma causa: o apagamento do vestígio e a conseqüente falta de relação com o antecedente. Mas esta explicação não dá conta de fatos do agramatismo quando o paciente compreende passivas, e nem pode ser abarcada pela hipótese de que as categorias funcionais, hierarquicamente contempladas, podem dar conta do grau de severidade do agramatismo.

GRODZINSKY (1990)⁹⁹, retomando GRODZINSKY (1984b), considera duas formas de passivas para o inglês, uma sintaticamente derivada e outra lexical, ou adjetival, a primeira problemática para compreensão e a segunda não. Mas o autor não sustenta suas hipóteses com dados de produção. São as seguintes as considerações de GRODZINSKY a respeito dessas duas estruturas admitidas para as passivas: nas passivas verbais transformacionalmente derivadas, haveria o vestígio, e nas passivas adjetivais, não, pois as últimas não ocorreriam por transformações. Nas primeiras a presença de vestígio causaria problemas de compreensão no agramatismo e os pacientes só compreenderiam as passivas adjetivais e não as resultantes de transformações. Outra diferença crucial é quanto à designação de papel temático. Nas passivas lexicais o papel temático externo é eliminado, enquanto na passivização sintática o papel temático externo é preservado. A distinção entre estas duas passivas não pode dar conta dos fatos lingüísticos visíveis no agramatismo em português, pois muitas passivas adjetivais têm o verbo na mesma forma das passivas verbais e nestas o agente da passiva pode ser omitido.

⁹⁸Antes desse estudo, experimentos de ordem sintática foram feitos por SCHWARTZ, SAFFRAN e MARIN (1980), num estudo sobre o problema da ordem das palavras no agramatismo. Esses autores testaram, em forma de jogo gravura-sentença, estruturas passivas e ativas com SNs com papéis temáticos invertidos. Foram os seguintes os tipos de sentenças testadas: a) The dancer applauds the actor; b) The actor applauds the dancer; c) The dancer is applauded by the actor; d) The actor is applauded by the dancer.

⁹⁹Em GRODZINSKY (1990:117) e GRODZINSKY (1984:101), são tecidas considerações a respeito da opção teórica, conforme a hipótese lexicalista, mas os experimentos de GRODZINSKY com passivas em hebraico e inglês levaram-no a concluir que há vantagens ao assumir o modelo chomskiano, devido à possibilidade de explicar o desempenho dos pacientes em relativas e passivas, pela mesma razão.

GRODZINSKY (1984b) desenvolveu um experimento, para testar a sua hipótese do apagamento do vestígio com esses dois tipos de passivas, em duas línguas: hebraico e inglês. Seus experimentos procuravam testar sentenças ativas, passivas verbais e passivas adjetivais, através de combinação gravura-sentença e julgamento de gramaticalidade. Foram testadas também sentenças ativas reversíveis do hebraico¹⁰⁰ para mostrar que os pacientes não tinham problemas com este tipo de sentenças.

Outras pesquisas tiveram a mesma finalidade: GRODZINSKY e PIERCE (1987) desenvolveram um experimento para testar os mesmos tipos de estrutura em inglês.¹⁰¹ A partir de resultados dos experimentos, GRODZINSKY (1990) propõe que a designação temática apresenta-se problemática e que os pacientes apelam para o princípio "Default", designando o papel temático de agente ao primeiro SN da estrutura passiva. Nesse caso, o princípio "Default" faz o papel de combinar as propriedades semânticas do SN no nível próximo, mais baixo na hierarquia temática, conforme mencionado no item 2.3.2 (Capítulo II). Se o paciente agramático estiver diante de uma tematização dupla de agente, resolve, segundo GRODZINSKY, "adivinhando"; por isso o desempenho é em torno de 50% de acertos. Esta duplicação de papel de agente nunca ocorreria em sentenças ativas, visto que a designação temática, além de não ser mediada por vestígio, via cadeia, obedece, na maioria das vezes, à designação agente-V-tema, típica das estruturas com verbo transitivo em estruturas SVO, que obedecem à hierarquia proposta pelo autor.

Tendo apelado, na sua explicação, para uma estrutura não especificada, na qual os pacientes operariam através de adivinhação, GRODZINSKY (1984b-1990) sustenta seus argumentos a favor da hipótese do apagamento de vestígio, através dos resultados de testes com sentenças passivas verbais, em inglês (60%), desempenho esse que mostra diferença sensível se comparado com o resultado de testes com passivas adjetivas (82,5%).

¹⁰⁰Dados e resultados dos experimentos são mencionados em GRODZINSKY (1984b:104, 111 e 128).

¹⁰¹Foram testadas 20 sentenças de cada um dos seis tipos a seguir: a) agentive actives: the man is pushing the boy; b) un-reversative actives: the mother unmasks the girl; c) adjective passives: the doctor was annoyed with the boy; d) un-passivas: the woman was uninspired by the man; e) un-verbal passives: the girl is unmasked by the mother; f) agentive passives: the boy is pushed by the man. (GRODZINSKY, 1990:119). Para preservar a leitura adjetival, adjetivos com morfologia passiva foram apresentados sem "by-phrases" (about-with-at-in foram usados). Dois pacientes afásicos agramaticais foram testados e o resultado foi o seguinte: a) 92,5%; b) 87,5%; c) 82,5%; d) 57,5%; e) 52,5%; f) 60,0%. Os números revelaram performance acima da média em (a), (b), (c) e uma queda para performance na média em (d), (e) e (f). Os pacientes desempenharam-se bem em ativas e adjetivas, com morfologia passiva. Um resultado inesperado foi o desempenho, na média, em "unpassives" com "by-phrase", mas é problemático afirmar que o problema reside no prefixo "un", pois o agramatismo não é problema de ordem morfológica.

Nesses pacientes foram testadas cento e vinte sentenças, através do jogo de combinação sentença-gravura e tarefa de anagrama: tendo sido mostrada a gravura ao paciente era feita a instrução para que ele arrumasse dois cartões com dois SNs, para formar uma sentença que descrevia a cena. Os resultados do experimento demonstraram que as passivas indiretas e ativas em japonês não constituíam problemas para afásicos de Broca. Já nas passivas possessivas e passivas diretas estes tiveram desempenho mais baixo.

Os resultados dos dois experimentos mostram, portanto, segundo HAGIWARA (1993), que a capacidade de compreensão dos pacientes afásicos de Broca aponta para uma distinção entre passivas com CV e sem CV e que os pacientes afásicos compreendem passivas não através de conceito semântico (conforme HAGIWARA, 1993:322), mas a partir da estrutura sintática. Este desempenho diferenciado dos pacientes afásicos agramaticais confirmou a categorização proposta por KUBO (1990) para as passivas em japonês e confirmou também os resultados com passivas do inglês, apresentados por GRODZINSKY (1990), para quem agramáticos apresentam bom desempenho na compreensão de passivas adjetivas sem CV e mostram em torno de 50% de acertos em passivas com categorias vazias.

Apesar do experimento criterioso apresentado por HAGIWARA (1993), não é mencionado se os pacientes agramáticos representam uma estrutura passiva, em FF. Sobre a compreensão das passivas, os dados do português confirmam apenas em parte as conclusões deduzidas dos experimentos com passivas em japonês. O paciente P. desempenha-se bem em sentenças ativas (100%) para compreensão e produção e compreende perfeitamente as passivas verbais em português, cuja estrutura requer uma inversão de papéis em relação à sentença ativa correspondente. Porém, a sentença NVN passiva não é repetida até 1994, pelo paciente, nem montada facilmente com cartões escritos. Conclui-se, então, que P. compreende a passiva com categoria vazia, representa a cadeia em FL, mas não representa com facilidade a cadeia para o arranjo em forma fonética, conforme demonstraram os dados, tendo havido, porém, progresso durante o acompanhamento longitudinal.

Quanto à hipótese de que na estrutura da passiva direta em japonês a sequência de dois SNs estaria confundindo a designação de papel temático aos dois

sintagmas nominais subseqüentes, os dados da sentença com tópico objeto em mandarim e português, que os agramáticos LXZ. e P. produzem espontaneamente, a refutam.¹⁰⁵

Embora os dados do português não confirmem a dificuldade com passivas apontada por HAGIWARA (1993), uma vez que há presença de CV nas passivas em português e o paciente P. as compreende, este estudo demonstra a essência sintática envolvida na síndrome do agramatismo, apesar de ter sua argumentação restrita ao módulo dos papéis temáticos e à dificuldade que os pacientes agramáticos têm com categorias vazias. Comparando as hipóteses de GRODZINSKY (1990) e HAGIWARA (1993), ambas são semelhantes e não se confirmam nos dados do português. O paciente P. opera com categorias vazias e a insensibilidade ao vestígio não emergiu na análise dos dados. Portanto, o estudo das passivas em japonês não é suficiente para dar conta da caracterização do agramatismo em outras línguas.

Outra pesquisa relevante sobre o assunto é apresentada por HICKOK et al. (1993), que testaram uma paciente (RD.) quanto à compreensão de passivas, em inglês, em tarefas de julgamento de valor de verdade da sentença, através de situações encenadas.¹⁰⁶ Os testes com passivas nesta paciente, segundo HICKOK et al. (1993), não demonstraram que o problema residia na designação conflituosa de papéis temáticos, conforme havia proposto GRODZINSKY (1990), mas sim numa falha na análise interpretativa. Mas, é assumido claramente pelos autores que o déficit sintático é o cerne do problema no agramatismo. Estes autores admitem variação e diferenças individuais no desempenho dos pacientes em relação à estrutura da passiva e afirmam que os pacientes só adivinham quando não conseguem interpretar a sentença. Assumindo que o sistema gramatical dos afásicos agramaticais quebra-se quando uma associação a longa distância é exigida, HICKOK et al. (1993:387) consideram as seguintes estruturas para dar conta tanto de passivas como de relativas:¹⁰⁷

¹⁰⁵ A partir da análise de dados patológicos do agramatismo de passiva em japonês, HAGIWARA (1993) apresenta para a gramática do agramatismo uma formulação do princípio de designação de papel temático, diferente do que ocorreria na gramática dos falantes normais da mesma língua: "Assign the internal argument of a [+V, -N] category first to the adjacent NP to it, according to the canonical direction of theta-role assignment in a given language, and then assign external argument to a nontheta-marked NP; assign the external argument to the NP with the nominative case marker, which is specified in the theta-grid of the verb in question". (HAGIWARA, 1993:332). Para detalhes da análise das estruturas em japonês, ver HAGIWARA (1993:336).

¹⁰⁶ No experimento foram testadas 20 (vinte) sentenças do seguinte tipo:

Situation: a bear tags an elephant.

True: the elephant was tagged by the bear.

False: the bear was tagged by the elephant.

Foi concluído que, quanto às passivas, RD. fazia acertos ao acaso. A paciente acertou 58%.

¹⁰⁷ A questão das sentenças relativas no agramatismo será tratada adiante, no item 3.3.10.

1. a) The tiger chased the lion.
O tigre perseguiu o leão.
b) It was the tiger that_i chased the lion.
Foi o tigre que perseguiu o leão.
c) The tiger that_i chased the lion is big.
O tigre que perseguiu o leão é grande.
2. a) The tiger was chased_i by the lion.
O tigre foi perseguido pelo leão.
b) It was the tiger that the lion chased_i.
Foi o tigre que o leão perseguiu.
c) The tiger that_i chased the lion is big.
O tigre que perseguiu o leão é grande.

Nas sentenças do grupo (1) a paciente RD. desempenhou-se acima da média, acima de 50%, e, nas do grupo 2, abaixo da média, tendo sido testado em (1c) o acesso à informação da sentença relativa e em (2c) o acesso à relação de predicação do adjetivo.

No grupo (1) não há material lexical entre o sujeito e o elemento ao qual deve estar associado, mas em (2) sim. Em (1a) não há nada entre “tiger” e o VP; em (1c) e (1b), apenas o elemento “that” (que os agramáticos podem ignorar, conforme apontam experimentalmente os dados do português) está entre o SN sujeito e o vestígio; em (2a), um verbo está entre “tiger” e o vestígio; em (2b) e (2c), o sujeito da sentença encaixada está entre “tiger” e o vestígio; em (2c) uma sentença inteira – a relativa – está entre o sujeito e o adjetivo-predicativo; em (2a) e (2b) há um movimento de um SN para uma posição não-canônica e em (2a) a falha está na dificuldade de ligar “the tiger” com “is big”.

Revisando a hipótese do apagamento do vestígio de GRODZINSKY, HICKOK et al. (1993:387) consideram duas questões: uma relacionada ao movimento do SN a uma posição não-canônica, e outra à ligação em si. Se para a primeira questão fosse válida a hipótese do apagamento do vestígio, então, conforme a hipótese do sujeito interno a VP, os agramáticos não teriam nem mesmo a sintaxe da sentença transitiva simples em sua gramática. A segunda questão é deixada em aberto pelos autores, e também não é explicação plausível para os fatos do agramatismo em português porque mover um objeto para posição não-canônica é operação sintática frequente, pois as estruturas com tópico-objeto são produzidas sem problemas.

Além da hipótese da associação a longa distância proposta por HICKOK et al. (1993), figura nas pesquisas recentes sobre o agramatismo a hipótese da dupla dependência proposta por MAUNER et al. (1993:357). Segundo essa hipótese, há nas passivas uma cadeia com duas dependências, do mesmo modo que nas sentenças relativas com objeto vazio, enquanto na cadeia da ativa e na cadeia da relativa com sujeito vazio há apenas uma. Conforme esta hipótese da dupla dependência, quando há mais de uma dependência o paciente representa a estrutura como semanticamente ambígua. Para MAUNER et al. (1993:357),¹⁰⁸ a compreensão assintática, com problemas no julgamento de gramaticalidade, ocorre quando os sujeitos não operam a condição de indexação. Esses autores afirmam que a inabilidade no uso da coindexação acarreta estruturas sintáticas com problemas de interpretação, conforme demonstraram os experimentos.

Considerando a estrutura passiva abaixo, os autores afirmam que nela há duas dependências temáticas:

[the boy]_i was chase + en_j t by [the girl]_j
 O menino foi perseguido pela menina
 <[the boy]_i, t_i>, <[the girl]_j, en_j> MAUNER et al. (1993:358).

Na estrutura passiva, cada SN tem um índice. Há, então, no agramatismo, segundo os autores, a indexação descombinada, afetando a compreensão (MAUNER et al., 1993:358-359).

MAUNER et al. (1993) assumem que os afásicos agramaticais não compreendem passivas e explicam a não compreensão de relativas com objeto vazio e passivas pela mesma razão. Para os dados do português, esta hipótese pode ser válida para a construção de passivas em FF, mas não em LF, já que o paciente P. compreende passivas, conforme demonstram os dados. Logo, se P. compreende passivas e não relativas objeto, conforme explicitado adiante, no item 3.3.10, outra especificação, além da proposta por MAUNER et al. (1993), é necessária.

Concluindo a partir do que foi exposto nos itens anteriores e retomando os dados do agramatismo em português, fica evidente que é mais viável considerar que, para representar uma estrutura passiva em FF, operações sintáticas com categorias funcionais

¹⁰⁸A hipótese da dupla dependência será retomada no item 3.3.10, que trata das estruturas relativas. Para estas estruturas a hipótese de MAUNER et al. (1993) é igual à das passivas, quando a categoria vazia da relativa está em posição de objeto; isto é, a dificuldade dos afásicos é explicada pela dificuldade com a cadeia de dupla dependência.

como a concordância verbal são necessárias, além de ser coerente a consideração da proposta de OUHALLA (1991), que adiciona uma categoria funcional à estrutura passiva. Portanto, há operações computacionais mais complexas do que a manutenção do vestígio para convergência dessa estrutura ou o apagamento deste para explicar a não compreensão, como postulou GRODZINSKY (1990).

Embora na passiva haja formação de cadeias não-triviais, envolvendo categorias funcionais, o que explicaria por que o paciente P. não representa a cadeia completa, não há nessa estrutura complicação com categoria funcional “Qu”, como ocorre nas sentenças relativas. Por isso P. entende e lineariza, através da repetição, a estrutura passiva, mas não faz o mesmo com relativas, embora, como veremos adiante, compreenda interrogativas, onde há presença de “Qu”.

Se é penoso o caminho para construção, em FF, da representação passiva, porque várias operações sintáticas e várias categorias funcionais estão envolvidas, no caso das adjetivas o caminho é impossível, conforme veremos adiante.

3.3.9. - A QUESTÃO DA PREPOSIÇÃO NO AGRAMATISMO

São poucas as reflexões sobre a omissão das preposições no agramatismo, figurando no panorama das pesquisas apenas as reflexões de GRODZINSKY (1984, 1990), FRIEDERICI et al. (1982), BATES et al. (1993) e TESAK (1992a e 1994).

Antes de considerar os dados com preposições do agramatismo de P., convém lembrar que no português há adjacência da preposição à direita do verbo, quando este a seleciona, havendo introdução de um argumento preposicionado que ficaria sob o domínio de VP. Nos demais contextos, a preposição faz parte de sintagmas preposicionais que se somam à sentença, em qualquer posição, para indicar circunstâncias diversas.

Considerando as características da preposição em português, um primeiro olhar sobre os dados de P. permitia observar que havia ausência de complementos verbais preposicionados: não ocorriam sintagmas preposicionais nos dados de produção, como os chamados objetos indiretos, mas o paciente compreendia estruturas interrogativas preposicionadas e as respondia adequadamente, às vezes omitindo a preposição.

Os estudos sobre o agramatismo em inglês e alemão mostraram que também havia problemas com esta categoria. FRIEDERICI et al. (1982) admitem que as preposições subcategorizadas, lexicalmente selecionadas, isto é, exigidas pela regência verbal, são omitidas no agramatismo, enquanto as semanticamente determinadas são preservadas. GRODZINSKY (1984a-1990), conforme veremos adiante, afirma que esta distinção é insuficiente e não é teoricamente motivada.

GRODZINSKY (1990) sugere que omissões ou preservações de preposições no agramatismo são configuracionalmente previstas. Propõe que preposições contidas em PP que são filhas de S, são mantidas e, portanto, não são omitidas preposições que fazem parte de expressões temporais, locativas, nem a preposição que precede agente da passiva. Conforme essa hipótese, preposições subcategorizadas seriam omitidas se os sintagmas que as contivessem fossem filhos de VP, não de S (GRODZINSKY, 1990:61).

Se preposições que são filhas do nó S estão preservadas, enquanto outras estariam apagadas da representação, e admitindo que o sintagma preposicional nas passivas verbais é filho de S, enquanto sintagmas preposicionais em passivas adjetivas são analisados como filhos de VP (GRODZINSKY, 1984:108), então estariam preservadas as preposições que precedem o agente da passiva em passivas verbais, o que não ocorre em português.

Os dados de repetição de passivas mostram a dificuldade de P. para produzir a preposição “pelo”, quando integrada na estrutura da passiva, o que não é um problema com o item lexical em si, uma vez que, isolado da estrutura, o paciente o repete.

Admite ainda o autor que se representações com preposições que encabeçam PP, que se somam a S (PP, S), estão preservadas, o paciente detecta agramaticalidade nessas estruturas, enquanto uma substituição de preposição em [PP, VP] passa despercebida, pois é assumido que este tipo de preposição é apagado da representação (GRODZINSKY, 1984:127). Conforme esta abordagem, o paciente opera com preposições que estão em adjunções, fazendo distinção entre processos orientados sintática e semanticamente, refletindo a diferença de processamento entre preposições (GRODZINSKY, 1984:145).

Resumindo, GRODZINSKY conclui que o que determina o desempenho do paciente com preposições depende de regência. Assim, é relevante se a preposição é regida

pelo verbo ou não. A esse respeito GRODZINSKY (1984) considera que as preposições regidas não estão disponíveis ao paciente, enquanto todas as outras são acessíveis. Especificamente, preposições que são regidas são as subcategorizadas por verbos, cabeças de PP que são omitidas. (GRODZINSKY, 1990:61). Isto equivale a dizer que em PPs, que são argumentos de um núcleo lexical e complementos obrigatórios selecionados pelo verbo como objetos preposicionados, a preposição estaria apagada, enquanto preposições em adjunção, aquelas que introduzem expressões adverbiais de tempo e lugar, deveriam ser mantidas.

Contra as postulações de GRODZINSKY posicionam-se TESAK e HUMMER (1994), afirmando que os pacientes se comportam do mesmo modo tanto com preposições regidas como não-regidas. Estudando as preposições na fala espontânea de oito agramáticos de língua alemã, TESAK e HUMMER (1994) verificaram empiricamente se as preposições estão sujeitas a um apagamento diferencial, e se o padrão de erro poderia ou não ser considerado conforme a hipótese de GRODZINSKY (1984).

Os dois autores identificaram contextos obrigatórios para preposições em exemplos de fala e diferenciaram sete tipos de sintagmas preposicionais em alemão: argumentos de verbos; adjuntos de verbos, frase ou sentença; argumentos de nomes; adjuntos de frases nominais; argumentos de adjetivos; adjuntos a frases adjetivas ou adverbiais e predicados.

De acordo com a hipótese de GRODZINSKY (1984-1990), preposições que ocorriam como argumentos de verbos, argumentos de nomes e argumentos de adjetivos deviam ser apagadas, enquanto nos contextos sintáticos em que aparecessem em adjuntos de verbos, frase ou sentença e adjuntos de frases nominais, adjetivais e verbais, as preposições seriam mantidas.

Os autores quantificaram cada tipo de preposição produzida e constataram que foram mantidas 82,6 % de preposições regidas, enquanto apenas 17,4 % foram apagadas. Quanto às preposições não-regidas foram produzidas 70,2 % e apagadas 29,8%. Essa quantificação de TESAK e HUMMER (1994) não sustenta a hipótese de GRODZINSKY (1984-1990), porém nenhuma explicação é acrescentada pelos autores.

Tendo pesquisado a questão das preposições no agramatismo, BATES et al. (1993:341) examinaram dados de produção de afásicos em inglês, alemão e italiano.

Constataram que havia uma forte tendência para a preservação da ordem agente-preposição-locativo em 70% das realizações. Foi observado que os afásicos de Broca omitiam mais preposições do que os afásicos de Wernicke e o grupo de controle, constituído de falantes normais. Foi constatado, ainda, que os afásicos de Broca demonstravam compreender os princípios que regem o uso da preposição. Nenhuma explicação de ordem sintática é acrescentada.

Os dados de P. em português demonstram a dificuldade do paciente com algumas preposições, havendo instabilidades com essa categoria funcional [-N-V] no âmbito do agramatismo.

3.3.9.1. - OS DADOS DE P.

Os episódios a seguir foram seleccionados como amostra dos problemas com preposições apresentados pelo paciente P.

[19.09.1985]

- INV.: – Tudo bem, seu Oriel?
 P.: – Quebrô ônibus.
 INV.: – Onde que quebrou?
 P.: – Lá em casa.
 P.: – Ônibus, quebrô.
 INV.: – Eu sei que quebrou. E daí, o que que aconteceu?
 P.: – Nada, ué! fiquei meio, meio ... como chama? ...
 INV.: – Nervoso?
 INV.: – Onde quebrou o ônibus?
 P.: – **Lá em casa. Perto de casa.**
 INV.: – E aí, quebrou como?
 P.: – Até agora ...
 INV.: – O motorista teve que descer?
 P.: – É.
 INV.: – Quanto tempo ficou parado?
 P.: – Não sei.
 INV.: – O ônibus continuou ou vocês tiveram que trocar de ônibus?
 P.: – **Fui na outra.**

[17.12.1988]

- INV.: – **De quem** o senhor recebeu cartões de Natal?
 P.: – **Você.**

[18.09.1990]

INV.: – O que ele ia fazer com esse osso?
 P.: – Na ... **na casa.**
 INV.: – Le ... levar para ...
 P.: – **Para casa.**

[06.08.1990]

INV.: – **O relógio comprei na Mesbla.**
 P.: – O relógio comprei na Mesbla.
 INV.: – A malha ela comprou no Rio.
 P.: – **A malha comprou Rio.**

[15.07.1992]

INV.: – Pela ...
 INV.: – Repete: Eu estou orgulhoso da seleção.
 INV.: – Repete: Eu estou orgulhoso da seleção.
 P.: – **Eu estou orgulhoso de seleção.**
 INV.: – Eu estava na casa da Maza e a menina dela saiu, foi passear.
 – A menina foi **com uma amiga.**
 – Repete:
 P.: – **A menina foi com a amiga.**
 INV.: – A caneta caiu atrás da cadeira.
 P.: – A caneta caiu.
 INV.: – Onde?
 P.: – Atrás ... quase ...
 INV.: – Repete: **A caneta caiu atrás da cadeira.**
 P.: – A caneta cal ... na cadeira.
 P.: – **A caneta caiu na cadeira.**
 INV.: – Na cadeira é igual atrás da cadeira, em cima da cadeira?
 – Onde está a caneta?
 P.: – **A caneta está na cadeira.**
 INV.: – Tá embaixo. Agora repete: A caneta está em cima da cadeira.
 P.: – A caneta está na cadeira.
 – Repete: A caneta está atrás da cadeira.
 P.: – A caneta está ...
 INV.: – Fala: O dedo da Maza está na frente da minha mão. Repete.
 – Repete: O dedo da Maza está na frente da sua mão.
 – Fala: O dedo ...
 P.: – O dedo está ... como chama?
 INV.: – Repete: Parreira é responsável pelo desempenho do Brasil.
 – O senhor entendeu? Explica.
 P.: – Seleção.
 INV.: – O que tem a seleção?
 P.: – Técnica.
 INV.: – O que ele faz?
 P.: – Seleção brasileira.
 INV.: – O senhor sabe o que é ser responsável?
 P.: – Sei. Se não já viu...
 INV.: – Parreira é responsável pela seleção. Repete.
 P.: – Parreira é ...
 – Parreira é responsável de ...

[07.11.1994]

INV.: – Pra onde nós vamos agora?

P.: – Pro grupo.

[27.06.1995]

INV.: – Onde você caiu, né? Certíssimo. Agora essas daqui, ó. Entende isso aqui? O que tá escrito aqui?

P.: – É “um”?

INV.: – Não, a minha letra tá ruim. Deixa eu fazer um outro. Pera aí.

P.: – O ... É on ...

INV.: – Onde...

P.: – Onde você ...

INV.: – “Você” tá aqui, ó ...

P.: – Onde ... você ... Onde você, né? Onde você caiu? Mas ...

INV.: – Onde você caiu? E essa aqui o senhor põe onde? Essa aqui...

P.: – Onde você caiu?

INV.: – E esse “de”, o senhor põe onde?

P.: – Onde você ...

INV.: – Então, como é que fica? O senhor montou certinho, agora vamos ver se o senhor lê. É aquilo que é difícil para o senhor. Isso aqui, exatamente ... de.

P.: – De você.

INV.: – Não. De onde ...

P. e INV.: – De onde você caiu?

INV.: – Agora, fala. De ...

P.: – Onde ...

INV.: – Não, começa pelo “de”.

P.: – Onde ...

INV.: – Não.

P.: – De você caiu ...

INV.: – E o “onde”, o senhor pulou?

P.: – Você...

INV.: – Não, primeiro aqui.

P.: – De...

INV.: – Onde ...

P.: – ... você ...

INV.: – Não tá certo.

P. e INV.: – De onde...

P.: – Você caiu?

INV.: – De novo.

P.: – De você...

INV.: – “Você” não. De ...

P.: – Onde você caiu?

INV.: – Isso. De onde você caiu? Eu caí da escada. Eu caí do automóvel...

P.: – Tem outro aí? Ó lá, ó...

INV.: – Aquele é “onde”. Onde você caiu? O senhor pode falar as duas coisas: “Eu caí no buraco” ... o senhor pode falar: “Onde você caiu?” e “De onde você caiu?”

P.: – Ônibus...

INV.: – Do ônibus, da escada ... Quando é “de”, tem “da” escada, “do” ônibus. Então, lê de novo.

P.: – Onde...

INV.: – Não. Lê de novo. Começa por aqui.

P.: – Que.
 INV.: – Não é “que”.
 P.: – De ... você.
 INV.: – Não. De ...
 P.: – Que ... onde.
 INV.: – De.
 P.: – Que.
 INV.: – Hum, hum. De.
 P.: – De.
 INV.: – De ...
 P.: – On... Você caiu.
 INV.: – De novo.
 P.: – Que...
 INV.: – Não é “que”, é “de”.
 P.: – Que ...
 INV.: – De.
 P.: – Que.
 INV.: – De!
 P.: – De!
 INV.: – De ...
 P.: – De você.
 INV.: – Não, “de você” não. De ...
 P.: – Que...
 INV.: – De.
 P.: – De ... você
 INV.: – Não! De ...
 P. e INV.: – De onde...
 P.: – Você caiu?
 INV.: – De novo.
 P.: – Onde.
 INV.: – Não.
 P.: – Saco.
 INV.: – Sai, oh, se sai ...
 P.: – On...
 INV.: – Não.
 P.: – De onde você caiu?
 INV.: – De onde você caiu? De onde você caiu?
 P.: – Oh, qualquer...
 INV.: – Então. A frase é essa, né? De onde você caiu? Fala: De onde você caiu?
 Repete.
 P.: – Você...
 INV.: – Não. De ... onde ...
 P.: – Onde você caiu?
 INV.: – Isso. Não é fácil, né?

3.3.9.2. - A ANÁLISE

Algumas observações sobre a manutenção ou omissão da preposição no quadro do agramatismo em português podem ser feitas a partir do trabalho de NOVAES PINTO (1992). Considerando as 33 sentenças com envolvimento de preposição, dentre os

testes de julgamento de gramaticalidade adaptados para o português, a partir de LINEBARGER et al. (1983) e aplicados ao paciente P. por NOVAES PINTO (1992:128-130), constatei que P. acerta reconhecendo como bem formadas 14 sentenças que continham preposições, introduzindo adjunções, como em “João saiu de casa com Maria”; acerta reconhecendo a má seleção da preposição em duas sentenças como em: “Eu amo da minha família”; acerta reconhecendo falta de preposição em nove sentenças do tipo: “Maria chegou cidade”; erra não reconhecendo a má seleção da preposição em apenas um caso: “Maria chegou para a cidade ontem”; erra não reconhecendo a falta de preposição em um caso: “Maria chegou cidade ontem”; e também erra não reconhecendo a sentença bem formada que contém preposição em seis casos do tipo: “João saiu de casa pela manhã”.

Este tipo de detalhamento nunca é feito em trabalhos de julgamento de gramaticalidade e nem pode ser feito, de modo significativo, a partir do trabalho de NOVAES PINTO (1992), por não haver número proporcional e suficiente de sentenças testadas para cada contexto sintático em que a preposição está inserida. Apesar dos problemas na própria organização dos testes, conforme comentado anteriormente no item 3.3.2 deste capítulo, o paciente acerta reconhecendo falta de preposição e reconhecendo sentença bem formada em mais de 50% das sentenças testadas. O resultado estatístico, porém, não é suficiente para constituir argumentação explicativa sobre o fato.

Considerando a qualidade das respostas do paciente, constatei que se P. acerta, reconhecendo a falta de preposição em “Ele veio minha casa às 6 horas”, deveria ter acertado do mesmo modo em “Maria chegou cidade ontem”, sentença na qual P. não reconhece a má formação, demonstrando assim instabilidades no reconhecimento da falta de preposição.

A análise dos dados resultantes do teste de julgamento de gramaticalidade do paciente P., examinados a partir das hipóteses de GRODZINSKY (1990), mostra-se inconclusiva, pois P. erra no julgamento de gramaticalidade quando a preposição faz parte de sintagmas que se somam à sentença e, portanto, não pode ser afirmado que preposições que são filhas de S estão 100% preservadas no quadro do agramatismo em português, se forem considerados os testes de julgamento de gramaticalidade, apresentados por NOVAES PINTO (1992).

Mas, quando considerados os dados de produção do paciente P., a hipótese de GRODZINSKY (1990) mantém-se porque a maioria das preposições produzidas pelo paciente encontram-se em locativos e adjuntos em geral; logo, preposições filhas de S estariam preservadas.

Foram produzidas por P., ao longo do acompanhamento longitudinal, 122 preposições “em” e “na”, a maioria indicando lugar; 20 preposições indicativas de tempo em contextos como “à tarde”, “à noite”, e 142 preposições “de”, “para” e “com”, tendo sido encontradas oito realizações desta última preposição. Alguns dados dessas últimas realizações são:

- [19.09.1985] – Lá em casa. Perto de casa.
- [03.05.1986] – Injeção na veia.
- [08.05.1986] – Ministro da Fazenda.
- [12.09.1986] – Fila nos bancos.
- [05.06.1987] – Telê tem medo da violência;
Governador de São Paulo.
- [13.02.1987] – Estavam em greve.
- [21.04.1989] – As crianças foi em São Paulo também?; Você foi em São Paulo de trem, de
carro ou de ônibus?
- [06.08.1990] – Você gosta do frio?

Os dados de produção, longitudinalmente organizados, mostram que grande parte das preposições que fazem parte de sintagmas adverbiais estão preservadas, como em “Lá em casa” e “Perto de casa” [19.09.1985], enquanto algumas não são adequadamente selecionadas mesmo neste contexto sintático. O paciente seleciona “na casa” ao invés de “para casa” ao recontar a fábula “O cão e o osso” [18.09.1990].

Na avaliação através de repetição, para verificar a produção da preposição pelo paciente, foi verificado que ora há preservação da preposição em adjunto adverbial de lugar: “Este relógio comprei na Mesbla” [26.06.1989]; ora há omissão: “A malha comprou Rio” [06.08.1990].

No mesmo tipo de avaliação, através de repetição, o paciente mantém a preposição regida por um núcleo nominal, omitindo, porém, a concordância: “Eu estou orgulhoso de seleção”; substitui a preposição “por” em “Parreira é responsável de seleção” [15.07.1992]; mantém a preposição do adjunto em “A menina foi com a amiga”; porém troca a preposição do adjunto em “A caneta está atrás da cadeira” por “na cadeira”

[15.07.1992] e produz a preposição em “pro grupo” em resposta à pergunta “Para onde nós vamos agora?” [07.11.1994].

Ao analisar a produção das preposições nos dados de P. ao longo do acompanhamento longitudinal, foi constatada a omissão de preposição “de”, na resposta à pergunta: “De quem o senhor recebeu cartões de Natal?” [17.12.1988]. O paciente responde apenas “você”. Porém, na entrevista de [06.08.1990] o paciente pergunta: “Senhora gosta do frio?”, o que é uma realização de preposição em posição regida pelo verbo. O maior número de omissões e substituições de preposições foi constatado nas repetições de estruturas passivas. O paciente produziu: “O Brasil foi descoberto de Cabral” [21.05.1990] e “O gato foi mordido de cachorro” [15.07.1994].

O último episódio de entrevista anteriormente mencionado [27.06.1995] demonstra, em teste de montagem de sentenças interrogativas com cartões, seguido de repetições, a dificuldade que o paciente teve para repetir “De onde você caiu?”. Embora tivesse compreendido, conforme demonstra sua resposta “Ônibus”, esta é feita com omissão da preposição. A insistência do paciente para repetir “que” ao invés de “de” também oferece pistas para a confirmação da hipótese de que o problema com as categorias funcionais é o mais relevante no agramatismo, ao contrário do que afirmou GRODZINSKY (1995).

Os dados de P. evidenciam empiricamente a divisão de preposições em dois grupos: preposições que são categorias funcionais e preposições que são categorias lexicais, as primeiras com problemas e as outras preservadas.¹⁰⁹

3.3.10. - AS ESTRUTURAS RELATIVAS

3.3.10.1. - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Para verificar o conhecimento lingüístico necessário para a produção ou compreensão das estruturas contendo orações relativas, a experimentação tem sido utilizada, tanto para crianças em fases de aquisição como para adultos afásicos agramaticais. Quanto à primeira instância, a avaliação de compreensão de relativas pode

¹⁰⁹As preposições do português merecem um estudo sintaticamente orientado, fora do âmbito da patologia, para que os dados-achados do agramatismo possam ser explicados de forma mais sistematizada.

ser complementada pela análise lingüística de dados de produção. Quanto à segunda, isto é, no caso da avaliação de compreensão de orações relativas em adultos afásicos, a experimentação tem sido o único meio de acessar o conhecimento lingüístico, devido à escassa produção dessas estruturas em dados de produção do agramatismo. Além disso, a artificialidade da linguagem, característica das sentenças isoladas utilizadas nos testes, constitui uma variável a ser considerada como comprometidora dos resultados quantificados, que devem então ser relativizados.¹¹⁰

Definidas como construções sintáticas que têm propriedades de sentenças e função de modificadoras de nomes, as sentenças relativas mantêm uma relação com um termo relativizado da oração principal, relação esta que mereceria um princípio à parte na gramática devido a sua complexidade para o quadro do agramatismo.¹¹¹

Quanto à noção semântica de restritividade ou não-restritividade estabelecida tradicionalmente para as estruturas relativizadas, esta pode ser estabelecida pragmaticamente ou caracterizada com referência às propriedades estruturais do sistema. A sentença relativa restritiva, juntamente com o núcleo que modifica, pode ser sintaticamente considerada como um sintagma nominal complexo ou uma expressão referencial. Já a relativa explicativa fornece semanticamente uma informação secundária em relação à oração principal.

A diferença estrutural entre os dois tipos de relativas não é relevante para o agramatismo, pois ambas envolvem o uso de categorias funcionais e cadeias sintáticas. Logo, não estaborecerei diferença entre relativas explicativas e restritivas, pois ambas podem ser desdobradas em sentenças coordenadas independentes na forma de construção paratática. Assim, seja explicativa ou restritiva, a oração relativa é tomada como adjunto adnominal e seu estatuto pode ser definido contextualmente.

Mais do que a classificação tradicional de orações adjetivas, interessa ao agramatismo a posição da sentença relativa em relação à oração principal, a função gramatical do nome relativizado na sentença relativa, ou seja, o “foco” de relativização e a posição da categoria vazia presente na estrutura. Nas línguas SVO, nas quais a relativa

¹¹⁰Esta questão foi abordada no Capítulo II.

¹¹¹Esta reflexão aponta para o fato de que os dados do agramatismo, por permitirem a visibilidade em câmara lenta das operações computacionais sintáticas, podem iluminar a modificação, construção e a viabilidade de teorias da lingüística. A adição de princípios à gramática para dar conta da cadeia não-trivial presente nessas construções deve ter lugar fora do âmbito da neurolingüística. Para detalhes dessa construção em português ver KATO (1993).

segue o núcleo, como o português, o encaixamento pode ocorrer no centro ou à direita. Quando o encaixamento é central a oração relativa precede o verbo da sentença principal e encaixa-se após o sujeito da oração principal. Na ramificação à direita, a sentença relativa é encaixada no SN à direita do verbo da sentença principal.

Quatro tipos de sentenças relativas têm sido focalizadas em estudos experimentais, tanto no campo da aquisição (CORREIA, 1986)¹¹² como na afasiologia lingüística. Cada tipo é diferenciado conforme o encaixamento, central ou não, e o foco relativizado, que na oração encaixada pode ocupar o lugar de sujeito ou objeto. Em consequência, a posição do vestígio na sentença relativa recai ou na posição de sujeito ou na posição de objeto direto. São estes tipos de estruturas que serão investigados aqui.

A pesquisa de CORRÊA (1986), embora não embasada sintaticamente, permite algumas projeções para o quadro do agramatismo: das conclusões dessa autora, o primeiro ponto a ser destacado, também válido para o agramatismo, refere-se à crítica à avaliação de compreensão de sentenças relativas em situações artificiais de avaliação. CORRÊA (1989)¹¹³ apontou que os problemas de compreensão de sentenças com orações relativas seriam minimizados se a tarefa a ser desempenhada pela criança fosse significativa para ela, imitando-se no teste ações da linguagem em “uso”. Isto significa que a própria avaliação pode mascarar os resultados a serem verificados, já que os problemas de compreensão de relativas apontados nas pesquisas devem-se, em parte, à metodologia da experimentação. Assim, o jogo de brinquedos facilitaria à criança o desempenho de tarefas para demonstrar compreensão de relativas.

Mas, mesmo criando uma situação de teste, na tentativa de eliminar a artificialidade, como por exemplo uma tarefa em que a criança deveria proceder a uma “dramatização”, reproduzindo a relação sujeito-verbo-objeto, expressa na oração principal, o desempenho da criança pode não evidenciar a questão sintática envolvida numa estrutura com oração relativa. Assim, se for dada ao sujeito a ser testado uma sentença como “O cavalo que pulou a cerca empurra o carneiro”, apesar de previamente preparada pelas instruções do experimentador, a criança (ou o afásico) pode escolher a alternativa correta por razões não-sintáticas. Tendo que escolher entre as alternativas de realizar a ação de

¹¹²CORRÊA (1986) não trata da questão sintática. Considera as relações do ponto de vista do processamento, num bloco de conhecimento (sintático, lexical e semântico), tomando intuitivamente a noção de modificação.

¹¹³Para CORRÊA (1989), os resultados de seus experimentos diferem dos de TAVAKOLIAN (1981) devido à diferença de procedimento na tarefa experimental.

fazer “o cavalo empurrar o carneiro” e fazer “o cavalo empurrar a vaca”, por exemplo, o conhecimento lexical pode funcionar como orientação e invalidar a exibição de operações essencialmente sintáticas.

Pode ser considerado, ainda, que mesmo ignorando a categoria funcional “que” presente na relativa, a criança (ou o afásico) poderia processar as duas informações como coordenadas e acertar a tarefa pedida. Esta possibilidade de compreender as informações em coordenação, ignorando a categoria funcional “que”, pode mascarar o resultado da pesquisa que visa detectar a operação sintática presente no preenchimento da posição do vestígio, resultante de operação de movimento, ou detectar a formação da cadeia com categoria funcional, quando se encaixa uma oração no lugar de um adjetivo.

Se fossem selecionadas duas sentenças para avaliação, como “O cavalo empurrou a vaca que chutou o carneiro” e “O cavalo que empurrou a vaca chutou o carneiro”, provavelmente o sujeito testado faria “o cavalo empurrar a vaca” em ambos os casos, pois, para isto, precisaria apenas processar uma sequência NVN com verbo transitivo.

A proximidade da sentença relativa “que chutou o carneiro” e do sintagma nominal “vaca”, no primeiro caso, preenchendo a função do sujeito de “chutou”, leva à correta compreensão da sentença sem necessidade da cadeia de relativização, se houver um apagamento da categoria funcional “que”. Já no segundo caso: “O cavalo que empurrou a vaca chutou o carneiro”, a mesma estratégia não permite o acerto.

Para CORRÊA (1989:146), “o fenômeno lingüístico não é redutível a sua sintaxe quando uma habilidade de processamento é avaliada”, mas as sentenças encaixadas são mais difíceis do que as colocadas à direita (CORRÊA, 1986:41-42).¹¹⁴ Então, se a situação criada facilitar a compreensão, outras estratégias não-sintáticas que CORRÊA (1986) não explicita entram em jogo para compensar um possível problema de compreensão sintática. A esse respeito CORRÊA (1991) afirma que a criança é capaz de apreender holisticamente a situação, mesmo quando incapaz de lançar mão de estratégias requeridas para o processamento lingüístico. A representação sintática, o movimento, a

¹¹⁴As sentenças do tipo SO (posição de sujeito e foco no objeto) são as mais difíceis, seguidas de OO (posição de objeto, foco no objeto). Não há diferença devido à posição da relativa quando o foco é no sujeito, o que mostra que diferentemente do que foi obtido até então, crianças distinguem esses dois tipos de sentenças (CORRÊA, 1989:142).

posição de sujeito ou de objeto ou o envolvimento de cadeias com categorias funcionais não entram na argumentação de CORRÊA (1986-1991).¹¹⁵

CORRÊA (1989:135) afirma que a produção espontânea de orações relativas pode ser observada em crianças de dois e três anos, embora os resultados experimentais demonstrem que aos 6-9 anos a compreensão desse tipo de sentenças apresenta-se problemática. A esse respeito é preciso questionar dois pontos: o tipo de sentença que a criança produz e a artificialidade dos dados lingüísticos apresentados para testes. É um paradoxo supor que a criança tenha dificuldade de compreensão no mesmo tipo sintático de sentença produzido.

Quanto à investigação de relativas em fase de aquisição, uma das hipóteses aventadas para a estratégia desenvolvida refere-se às duas relações sintáticas independentes presentes nas duas orações, e uma outra hipótese refere-se ao processamento heurístico,¹¹⁶ segundo o qual haveria a estratégia de designação de papéis temáticos à sequência NVN devido à ordem linear, conforme o princípio "Default" de GRODZINSKY (1990). Neste caso, o encaixamento e a categoria funcional "que" seriam ignorados. Porém, uma estratégia puramente heurística para explicar a não compreensão de relativas não pode suportar um embasamento empírico, nem tratamento formal.

Fica assim apontado que é tarefa da lingüística teórica proceder a explicações de ordem sintática para detalhar as operações computacionais presentes nas estruturas com encaixamento de relativas.

3.3.10.2. - A COMPREENSÃO DAS RELATIVAS NO QUADRO DO AGRAMATISMO

Alguns experimentos relevantes com estruturas relativas no quadro do agramatismo são mencionados pelos seguintes autores: CARAMAZZA e ZURIF (1976); CAPLAN (1987); SHERMAN e SCHWEICKERT (1989); GRODZINSKY (1986-1990); MAUNER, FROMKIN e CORNELL (1993); ZURIF, SWINNEY, PRATHER, SOLOMON e BUSHELL (1993); BATES et al. (1993) e HICKOK, ZURIF e GONZALEZ

¹¹⁵Para esta autora, a questão é de manutenção do enunciado na memória, o que não é objeto do meu trabalho. A esse respeito CORRÊA (1991) afirma: "Esta dificuldade leva ao fechamento e subsequente apagamento da representação 'literal' da primeira oração da sentença, o que faz com que a criança aja 'por inércia' (e não em consequência de uma decisão de base sintática) ao preencher a lacuna, em posição de sujeito, na estrutura sintática atualizada pelo segundo verbo" (CORRÊA, 1991:95).

¹¹⁶A questão das soluções pragmáticas para resolver problemas sintáticos será abordada à frente, no item 4.4, do Capítulo IV.

(1993). Nesses diferentes trabalhos os problemas de compreensão de relativas no quadro do agramatismo repetem-se através das línguas, tendo havido volume crescente de publicações sobre o assunto, sem que haja uma explicação adequada aos outros fatos que ocorrem no agramatismo.

CAPLAN (1993:297), assumindo sem detalhes teóricos a teoria da gramática gerativa chomskiana, admite que a questão da compreensão de relativas está relacionada à construção da estrutura sintática. Para esse autor, uma sentença como: “The dog that chased the cat killed the mouse”, correspondente a “O cachorro que perseguiu o gato matou o rato”, em português, não permite, por razões sintáticas, que os papéis temáticos dos SNs sejam adequadamente designados. Deve ser compreendido que “o gato não matou o rato”, mas sim que “o cachorro o matou”. Portanto, a união aparente de “o gato matou o rato”, deve ser segmentada para interpretação. Os agrupamentos “o gato” e “matou o rato” não podem ser separados sintaticamente como uma sentença. Já a sentença relativa “que perseguiu o gato” deve estar relacionada a “cachorro”, que é o núcleo, pois a relativa é apenas um adjunto, devendo haver compreensão de que o primeiro SN funciona como sujeito da oração: [“O cachorro que perseguiu o gato”] matou o rato.

A compreensão de estruturas como estas, que envolvem na sintaxe visível sujeito, sintagma nominal, na forma de sentença, verbo e sintagma verbal para serem sintaticamente localizados, podem ser relevantes para a caracterização do agramatismo e estabelecimento do grau de severidade da síndrome. As orações relativas são derivadas transformacionalmente e envolvem um “vestígio *qu*” que forma cadeia envolvendo COMP. Este elemento em COMP, que em português é sempre realizado lexicalmente, funciona como um operador que vincula a variável. Então, as posições de vestígio nas relativas são consideradas variáveis, pois são vestígios de “*qu*”.

Nessa estrutura, os papéis são definidos em relações hierárquicas entre os constituintes e o que determina o papel temático de cada SN não é dependente da forma linear, mas da organização hierárquica. Se a ordem linear para designação de papéis temáticos for a utilizada pelo paciente, haverá problemas de compreensão, pois, para a adequada interpretação, a dominância dos constituintes, hierarquicamente estabelecida, precisa ser respeitada.

A dificuldade dos afásicos de Broca com sentenças subordinadas, incluindo a relativa, no que se refere a dados de produção, é brevemente mencionada por BATES et al. (1993). Tendo analisado dados de produção de afásicos de Broca e Wernicke, no italiano, esses autores constataram que os primeiros produziam menos sentenças deste tipo que os últimos, confirmando a caracterização de cada síndrome. Acrescentaram que os agramáticos produziam quatro vezes mais sentenças principais do que subordinadas e estruturas complexas em menor número do que os afásicos de Wernicke. Os autores relatam, ainda, que apenas quatro dos dez afásicos de Broca formavam sentenças relativas em italiano (BATES et al., 1988:339).¹¹⁷

Desde CARAMAZZA e ZURIF (1976) foram evidenciados problemas de compreensão com sentenças matrizes em relativas. Estes autores testaram sentenças relativas do tipo: “The cat that the dog is chasing is brown” (o gato que o cachorro está perseguindo é marrom), através do jogo de combinação sentença-gravura: ao lado de uma gravura adequada (um cachorro perseguindo um gato marrom), eram apresentadas outras: “um cachorro perseguindo um gato preto”, “um gato perseguindo um cachorro marrom”, “um cachorro mordendo um gato marrom” e “um cachorro mordendo um gato preto”. Este tipo de tarefa para avaliação soma problemas para a experimentação, pois, das quatro alternativas, apenas “o gato perseguindo o cachorro marrom” tinha relevância, uma vez que a avaliação do reconhecimento de cor poderia ser feita em qualquer outro tipo de teste, do mesmo modo que a avaliação da adequação de itens verbais lexicais correspondentes a “morder e perseguir”.

Experimento semelhante foi desenvolvido por SHERMAN e SCHWEICKERT (1989), que também testaram sentenças relativas em agramáticos através do jogo sentença-gravura com alternativas para escolha, visando à avaliação da compreensão sintática. No experimento desses autores foram acrescentados adjetivos à estrutura. Para uma sentença como: “The girl that the boy is tickling is tall” (a menina em quem o menino está fazendo cócegas é alta) eram apresentadas duas gravuras: um menino baixo fazendo cócegas em uma menina alta e uma menina alta na qual uma outra menina fazia cócegas. Nas alternativas para escolha de gravura adequada, a relação de predicação nome e adjetivo da sentença matriz estava sendo visada, tendo sido constatada uma

¹¹⁷Não são exibidos no trabalho de BATES et al. (1988) os dados de produção. É afirmado apenas que os dados foram obtidos através da narração da biografia pelo paciente.

performance pobre, quando o adjetivo estava presente. Na investigação desses autores sobre a compreensão das relativas no agramatismo, a presença do vestígio, na posição de sujeito ou objeto, é relevante para explicar os problemas encontrados pelos pacientes. Esta abordagem permite afirmar que a dificuldade de compreensão de relativas no agramatismo é de natureza sintática.

O trabalho de GRODZINSKY (1990) pode explicar por que os afásicos têm maior facilidade com a estrutura relativa quando o vestígio está na posição de sujeito, pois neste caso os pacientes podem estar aplicando o princípio "Default". Mas este autor não explica satisfatoriamente por que os pacientes mostram dificuldades quando o vestígio está na posição de objeto. Se a hipótese do apagamento de vestígio se sustentasse não haveria compreensão de sentenças interrogativas, fato que até então o autor não considerava como um fato lingüístico relevante para o agramatismo.

GRODZINSKY (1989) investiga quatro hipóteses que tentam dar conta do déficit de compreensão de relativas no agramatismo e as testa empiricamente. A primeira refere-se à hipótese de CAPLAN e FUTTER (1986), segundo a qual os pacientes teriam perdido a capacidade de interpretar sentenças conforme a gramática normal do inglês, limitando-se à designação de papéis temáticos a partir do arranjo linear. Conforme esta hipótese, o primeiro SN de uma estrutura é sempre agente. GRODZINSKY afirma que esta hipótese é de pouca valia para a lingüística porque nega a existência de representação sintática: não é hipótese lingüística, e sim heurística, justifica. Porém, a crítica de GRODZINSKY (1989) de que esta seria uma estratégia heurística ignora o fato de que o conhecimento da ordem das palavras na língua é um conhecimento sintático relevante, não havendo diferença significativa entre o que propõem CAPLAN e FUTTER e o princípio "Default" defendido por GRODZINSKY (1990), conforme mencionado no Capítulo II.

Segundo esta perspectiva de que papéis temáticos são designados pelo critério da linearidade dos constituintes, movimentos sintáticos não podem ser operados por agramáticos. Nesse caso, os agramáticos só operariam com papéis temáticos em constituintes na ordem canônica da sua língua. Tal hipótese não se sustenta empiricamente, pelo fato de que pacientes agramáticos produzem estruturas com tópico-objeto em chinês e português, como vimos anteriormente.

A segunda hipótese testada por GRODZINSKY (1989) é a do apagamento do vestígio, conforme vimos no Capítulo II. O autor defende a tese de que as representações sintáticas dos pacientes seriam incompletas, sem vestígio. A hipótese foi postulada após ter sido observado que os pacientes tinham bom desempenho com sentenças ativas, e problemas de compreensão com passivas e relativas com vestígio na posição de objeto.

Os dados do português confirmam apenas em parte esta hipótese, pois nenhum problema de compreensão foi verificado nas construções passivas, o que relativiza a afirmação de GRODZINSKY em relação às passivas e ao apagamento do vestígio da estrutura. Mas também em português o paciente agramático investigado apresenta problemas de compreensão em relativas, não apenas em relativas com categoria vazia na posição de objeto, conforme mencionado adiante, no item 3.3.10.3. Conforme a análise de GRODZINSKY (1989), as estruturas relativas seriam derivadas via movimento de objeto à esquerda com conseqüente criação de um vestígio, sendo necessária a formação de cadeia para transmissão do papel temático. Se o vestígio é apagado, a transmissão é impossível, e a cabeça da relativa, do mesmo modo que o sujeito da passiva, pode ficar com papel temático inadequado.

A terceira hipótese testada é a de COOK (1975) e refere-se à complexidade da estrutura sintática. Conforme GRODZINSKY (1989:487), de acordo com COOK (1975), as estruturas contendo categoria vazia na posição de objeto seriam mais difíceis aos pacientes do que as que contêm categoria vazia na posição de sujeito, e a estrutura com sentença relativa central encaixada seria mais difícil do que a ramificada à direita. A falha dos agramáticos nessas estruturas deve-se, segundo o autor, à complexidade métrica, que acarreta dificuldades perceptuais. Esta hipótese não está relacionada com outras falhas de compreensão encontradas no agramatismo; portanto, não é obtida a generalização explicativa.

A quarta hipótese, correspondente à hipótese do mapeamento de LINEBARGER, SCHWARTZ e SAFFRAN (1983), refere-se à transparência temática da construção, para designação direta de papel temático a cada posição. Segundo esta hipótese, não haveria déficit sintático no agramatismo e os problemas de compreensão são explicados como falha do mapeamento da estrutura sintática a partir da interpretação

semântica. Nesse caso, a estrutura contendo um SN em posição não temática (A') seria mais complexa para o paciente, pois não teria transparência temática. Esta explicação não suporta também qualquer generalização, pois não explicaria por que os pacientes erram menos em relativas com categoria vazia na posição de sujeito do que com categoria vazia na posição de objeto.

A diferença explicativa para os problemas de compreensão no agramatismo, considerando as hipóteses de CAPLAN e FUTTER (1986) e a de GRODZINSKY (1989), é que para os primeiros há designação linear de papel temático. Assim, em uma sentença relativa com categoria vazia na posição de objeto, ou em passivas, os pacientes tendem a inverter os papéis, e por isso sempre erram. Para o segundo autor, conforme a hipótese do apagamento do vestígio, os pacientes desempenham-se ao acaso tanto na relativa com sujeito vazio como na relativa com objeto vazio, o que quer dizer que os pacientes ora acertam, ora erram, com tendência para acertos em maior número quando a categoria vazia está na posição de sujeito, devido à aplicação do princípio "Default". Esta última afirmação confirma-se, em parte, na análise de dados do português.

Considerando que a quarta hipótese, a da transparência temática, não é de natureza sintática,¹¹⁸ podem ser apontadas três hipóteses para explicar a não computação sintática de relativas: a da designação linear de papéis, a do apagamento de vestígio e a da complexidade métrica. Para testar essas hipóteses, GRODZINSKY (1989) utiliza o jogo sentença-gravura, apresentando três gravuras para cada sentença: uma com papel temático correto, outra com inversão de papéis e uma outra gravura não relacionada, para controle.

Foram testadas sentenças relativas como (1) a seguir: com encaixamento central (a e b), deslocamento à direita (c,d), categoria vazia relativizada na posição de sujeito (a,c) e categoria vazia relativizada na posição de objeto (b,d):

1. a) [The boy]_i [who [t_i is pushing the girl]] is tall
O menino que está empurrando a menina é alto.
- b) [The boy]_i [who [the girl is pushing t_i]] is tall
O menino que a menina está empurrando é alto.

¹¹⁸ LINEBARGER (1995) retoma a hipótese do mapeamento para explicar problemas no agramatismo, rejeitando as explicações sintáticas de GRODZINSKY (1990), HICKOK et al. (1993) e MAUNER et al. (1993).

c) Show me [the boy]_i [who [t_i is pushing the girl]]

Mostre-me o menino que está empurrando a menina.

d) Show me [the boy]_i [who [the girl is pushing_i t]]

Mostre-me o menino que a menina está empurrando. (GRODZINSKY, 1989:489)

Conforme a hipótese da designação linear de papéis temáticos, coincidente com o princípio "Default" proposto por GRODZINSKY (1990), as relativas (a) e (c) com traço na posição de sujeito deveriam ser melhor interpretadas e nenhuma sensibilidade ao tipo de encaixamento seria previsível. Era esperado que o paciente invertesse os papéis em (b) e (d), com categoria vazia na posição de objeto. Conforme a hipótese do apagamento do vestígio, o paciente não deveria apresentar problemas com as sentenças (a) e (c), mas deveria ter problemas com (b) e (d) e desempenhar-se ao acaso, devido à interação entre o conhecimento sintático remanescente e o conhecimento heurístico. A dificuldade estaria na transmissão de papel temático, devido à falta de vestígio na estrutura, pois para GRODZINSKY (1989) a designação adequada de papel temático só ocorre no agramatismo quando o sintagma nominal se mantém na sua posição original.

Mesmo havendo vestígios em (a) e (c), a designação de papéis ocorreria de modo linear. Logo, a hipótese de GRODZINSKY (1989) engloba a hipótese da designação linear de papéis temáticos.

A partir dos resultados estatísticos de testes com quatro pacientes, GRODZINSKY (1989) concluiu, sem argumentação consistente, que a terceira hipótese (COOK, 1975) é incorreta e que a primeira e a segunda hipóteses eram relevantes. No seu experimento, os pacientes desempenharam-se bem nas sentenças (a) e (c) com sujeito relativizados à direita e no centro (GRODZINSKY, 1989:494). A partir dessas hipóteses GRODZINSKY (1989) resume suas conclusões:

The results of the experiment (which, among other things, replicate CARAMAZZA and ZURIF's finding) are these:

- 1) the type of embedding does not interact with the agrammatic impairment;
- 2) the location of the gap determines the level of performance, such that on all object gap constructions performance is 'at chance level', and subject gaps are well above chance ... Yet these results are consistent with hypothesis II - trace deletion" (GRODZINSKY, 1989:496-497).

Dado o fato de que em dados de linguagem patológica do agramatismo em chinês e português há evidências contra a hipótese do apagamento de vestígio de

GRODZINSKY (1986, 1989), uma vez que pacientes agramáticos nessas duas línguas operam com construções com tópico-objeto e com interrogativas, os mesmos resultados seriam obtidos se fosse admitida a hipótese do apagamento da categoria funcional (COMP) e não do vestígio. Isto daria conta dos acertos dos pacientes em estruturas desse tipo, pois no caso do vestígio na posição de sujeito o apagamento da categoria funcional não alteraria a designação adequada de papéis, havendo coincidência entre a representação patológica e normal.

Resumindo, GRODZINSKY (1990) mantém a hipótese do apagamento de vestígio para explicar a designação inadequada de papéis temáticos. Segundo este autor, o problema de compreensão de relativas no agramatismo reside na transmissão do papel temático devido à falta do vestígio da estrutura.

O estudo de CAPLAN e HILDEBRANDT (1986) põe em dúvida a conclusão de GRODZINSKY (1989) quanto aos problemas com relativização de sujeito em cinco pacientes. Para argumentar contra GRODZINSKY, citam o caso SP., que não interpretava estruturas, tal como apontou GRODZINSKY (CAPLAN, 1993:318). Para CAPLAN e HILDEBRANDT (1986), SP. compreendia menos do que GRODZINSKY postula, enquanto outros agramáticos compreendiam sintaticamente melhor do que GRODZINSKY constata.

Outra pesquisa que tem como finalidade explicar o déficit de compreensão de relativas no agramatismo é a de ZURIF et al. (1993). Estes autores admitem que os pacientes mantêm conhecimento sintático da estrutura e que a inabilidade de representar vestígios deve-se a um déficit no sistema de compreensão em si.

Para completar operações sintáticas em uma sentença com pronome relativo, uma categoria funcional precisa ser ativada e a relação do pronome relativo com o antecedente e a deste com o vestígio precisam ser estabelecidas, para que a cópia do SN seja lexicalizada ou preenchida. Quanto às operações sintáticas, especificamente necessárias para a representação de uma oração relativa, ZURIF et al. (1993)¹¹⁹ assumem que o problema dos afásicos de Broca está na representação da relação do vestígio com o antecedente, o que aproxima esta hipótese com a de GRODZINSKY (1989). As sentenças

¹¹⁹O problema apontado é específico dos afásicos de Broca, conforme o experimento desenvolvido por ZURIF et al. (1993), com afásicos de Broca e Wernicke e sujeitos normais da mesma idade, em grupo de controle.

usadas¹²⁰ neste experimento eram relativas com sujeito vazio, nas quais um elemento “wh” move-se da posição de sujeito da relativa.

Lembram ZURIF et al. (1993:453) que considerando a hipótese do sujeito interno em VP, conforme KITAGAWA (1989) e KOOPMAN e SPORTICHE (1988), o pronome relativo ocupa sua posição superficial, após movimento de dentro do VP. Então uma cadeia é formada com o antecedente e este é indiretamente ligado ao vestígio através do pronome relativo, ficando o vestígio dentro no VP. Embora ZURIF et al. (1993) tenham como objetivo maior a comparação entre afásicos de Broca e Wernicke (1993), foi constatado que os afásicos de Broca, embora lentos, mostravam compreensão relativamente normal da relativa com sujeito vazio, havendo consideração da posição do vestígio.

Outro experimento sobre relativas no agramatismo é o de HICKOK, ZURIF e GONZALEZ (1993), que testam a hipótese do apagamento do vestígio de GRODZINSKY (1990), através de dois experimentos, em um estudo de caso: um por meio de tarefa de combinação gravura-sentença e outro através de tarefa de julgamento de valor de verdade da sentença matriz em estruturas com relativa encaixada. Esses autores¹²¹ concluem que a compreensão da sentença matriz não está prejudicada e lembram que a compreensão de relações temáticas do tipo “quem está fazendo o que para quem”, em sentenças simples ativas e relativas com sujeito vazio e com sujeito clivado, tem sido apontada como preservada no agramatismo. Mas estruturas não-canônicas com alguma complexidade sintática têm sido apontadas como problemáticas para compreensão.

HICKOK et al. (1993) testam experimentalmente estruturas relativas nas quais há presença de vestígio e adjetivo que serve para predicar tanto o primeiro como o segundo SN. A questão de conhecimento de mundo, guiando a relação de predicação, é eliminada, o que permite avaliar a computação essencialmente sintática necessária para compreensão da estrutura. Portanto, se o paciente falha na interpretação da predicação, outros fatos sintáticos, além do apagamento de vestígio, entram em jogo para completar a representação das relativas.

¹²⁰Uma das sentenças testadas foi a seguinte: “The gymnast loved the professor from the north western city who complained about the bad coffee” (ZURIF et al., 1993:452).

¹²¹Entre os trabalhos que já trataram de problemas de compreensão destas estruturas no agramatismo, HICKOK et al. (1993) citam os mesmos estudos aqui mencionados: CARAMAZZA e ZURIF (1976); SCHWARTZ, SAFFRAN e MARIN (1980); GRODZINSKY (1984, 1986, 1989, 1990); CAPLAN e FUTTER (1986); e CAPLAN e HILDEBRANDT (1988).

Para sustentar essa hipótese, HICKOK et al. (1993) testam estruturas com objeto e sujeito clivados, através do jogo gravura-sentença, para verificar as afirmações de GRODZINSKY (1989, 1990) de que os pacientes desempenhavam-se acima de 50% em sentenças com sujeito clivado e em torno de 50% em sentenças com objeto clivado: 90 estruturas, 30 de cada tipo, foram testadas durante três meses na paciente RD.¹²²

O experimento confirmou o que havia sido apontado por GRODZINSKY (1986): a paciente compreendia sentenças com sujeito clivado do tipo: "It was the horse that chased the cow" ("Foi o cavalo que perseguiu a vaca"), mas em sentenças com objeto clivado do tipo: "It was the horse that the cow chased" ("Foi o cavalo que a vaca perseguiu") foram apontados problemas. Enquanto a porcentagem de acertos foi de 100% para sentenças com sujeito clivado, foi de 37% para as sentenças com objeto clivado e de 33% para relativas com adjetivo predicativo. Este último resultado revelou a dificuldade de compreensão de sentença matriz em estruturas relativas com relação de predicação, mesmo quando não havia conflito com o conhecimento de mundo, conforme apontaram GRODZINSKY e MAREK (1988).

Para eliminar a artificialidade sintática da estrutura, HICKOK et al. (1993) procederam a um outro experimento, encenando a situação: o paciente, após ouvir a sentença que descrevia ou não a situação presenciada, deveria escolher a sentença adequada através de um julgamento afirmativo ou negativo, conforme o valor de verdade da sentença.¹²³

¹²²RD. era não-fluente, tinha fala telegráfica, demonstrava boa compreensão a nível conversacional. Compreendia 100% de sentenças reversíveis ativas e 60% de sentenças passivas reversíveis (HICKOK et al., 1993:376). Seguem-se os tipos de sentenças testadas, no experimento mais longo (três meses), relatado nas pesquisas sobre o assunto:

a) Subject clefts:

Stimulus sentence: It was the horse that chased the cow.

Target picture: a horse chasing a cow.

Foil picture: a cow chasing a horse.

b) Object clefts:

Stimulus sentence: It was the horse that the cow chased.

Target picture: a cow chasing a horse

Foil picture: a horse chasing a cow.

c) Predicate Adjectives:

Stimulus sentence: the horse that likes the cow is brown.

Target picture: a brown horse next to a small cow.

Foil picture: a brown cow next to a small horse. (HICKOK et al., 1993:376-377).

¹²³Contextualizada a situação de um zoológico, foi testada a compreensão de cada sentença, com encenação do que ocorria com os animais:

Situation: a white horse tags a black gorilla.

True: the horse that tagged the gorilla is white.

False: the horse that tagged the gorilla is black.

Para testagem de sentenças com objeto e sujeito clivado foram testadas sentenças como as relacionadas abaixo, respectivamente:

Situation: a bear tags an elephant.

True: It was the elephant that the bear tagged.

O resultado do segundo experimento com a mesma paciente (RD.) foi semelhante ao primeiro: as sentenças com sujeito clivado com 88% de acertos; as sentenças com objeto clivado com 35% e as relativas com adjetivo predicativo com 30%.

Pelo resultado dos dois experimentos pôde ser constatado que a compreensão pobre da sentença matriz em construções com adjetivo predicativo e com objeto clivado refletia um déficit no conhecimento da sintaxe, não sendo consequência do tipo de tarefa executada. Quanto à tarefa de julgamento de valor de verdade, esta forneceu um quadro mais detalhado do déficit de compreensão, uma vez que a tendência da paciente RD. foi de rejeitar sentenças verdadeiras e aceitar falsas, demonstrando confundir-se com a relação adjetivo-predicativo: a tendência era associar o adjetivo ao NP da sentença encaixada, isto é, ao mais próximo, o que levou os autores a concluir que a tendência da paciente era formar cadeia mais curta para preencher o vestígio. O experimento com RD. demonstrou que, embora houvesse vestígio na estrutura, o problema estava na formação de cadeia para busca do antecedente. Além disso, o experimento de HICKOK et al. (1993) demonstrou que a compreensão da relação adjetivo-predicativo em sentenças relativas está significativamente enfraquecida.

O trabalho de HICKOK et al. (1993) fornece evidências contra a limitação das hipóteses do apagamento de vestígio e do princípio "Default", apresentadas por GRODZINSKY (1990). Através do estudo de caso da paciente RD. foram observados resultados diferentes de GRODZINSKY. Para esse autor uma sentença como "The tiger that chased the lion is big" estaria intacta na gramática do agramatismo, enquanto para HICKOK et al. o problema está na predicação adequada da sentença matriz. Os pacientes confundem-se ao afirmar que "o tigre é grande" e "o leão não o é". Portanto, a compreensão da sentença matriz está afetada.¹²⁴ O que fica sugerido nesses dois estudos, de GRODZINSKY (1990) e HICKOK et al. (1993), é que há nos afásicos de Broca um déficit envolvendo a capacidade de ligar vestígios com seus antecedentes na análise

False: It was the bear that the elephant tagged.

Situation: A bear tags an elephant.

True: It was the bear that tagged the elephant.

False: It was the elephant that tagged the bear (HICKOK, 1993:379-380).

¹²⁴Na avaliação de linguagem do caso P., houve indícios de que quando o adjetivo combinava semanticamente com apenas um dos SNs havia menos problemas de compreensão. Por exemplo: parecia mais fácil ao paciente acertar as respostas a perguntas sobre uma sentença, como: "O homem que segura o boi é rico", e mais difícil acertar as respostas a perguntas como: "O homem que segura o boi é esperto". Esta observação não apresentou resultados quantitativos relevantes. O assunto foi deixado para futuras pesquisas. Na análise dos dados nenhum problema com adjetivos foi salientado, nos demais contextos sintáticos.

sintática da sentença, mas HICKOK et al. (1993) afirmam claramente que deixam para investigações futuras a questão dos mecanismos responsáveis por tais falhas.

Apesar do avanço nos estudos de agramatismo, após o advento do gerativismo nesses estudos, torna-se evidente que não há dados de produção dos pacientes mas apenas respostas sim/não e escolhas em forma de alternativas, e não há acompanhamento longitudinal de dados, para confirmação de hipóteses.

HICKOK et al. (1993), do mesmo modo que BLUMSTEIN, GOODGLASS, STATLENDER e BAKER (1983), levantam a hipótese de que uma distância longa entre o vinculado e o vinculador poderia estar trazendo problemas para a compreensão de sentenças no agramatismo, mas não especificam formalmente qual é e como é essa distância.

Se o problema fosse apenas o apagamento de vestígio da estrutura, como aventa GRODZINSKY (1990), e considerando a hipótese do sujeito interno a VP, conforme proposto por KITAGAWA (1986) e por KOOPMAN e SPORTICHE (1988), não haveria sujeito agente na gramática dos agramáticos, já que movimentos e vestígios são necessários em operações de transitivas simples. Além disso, a sentença com tópico-objeto seria inviável se o problema fosse o rompimento da ordem canônica visível na sintaxe ou o apagamento da categoria vazia, impedindo a formação de cadeia, como apontou GRODZINSKY (1984, 1990).

Além dos trabalhos mencionados, merece atenção o estudo de MAUNER et al. (1993), para os quais tanto as relativas com sujeito quanto aquelas com objeto vazio envolvem designação de papel temático ao elemento movido, o que traz dificuldades para a compreensão (MAUNER et al., 1993:348).

Para explicar o desempenho dos afásicos em relativas com sujeito extraditado, por um lado, e em passivas e relativas com objeto extraditado, de outro, correlacionam os fatos verificados no agramatismo com a hipótese da dupla dependência, formulada do seguinte modo:

Double Dependency Hypotheses:

- 1) the deficit underlying asyntactic comprehension affects the processing of syntactic referential dependencies, and
- 2) when there is only one such dependency is the resulting syntactic representation, although abnormal, is not ambiguous, but when there are two such dependencies the resulting representation is semantically ambiguous (MAUNER et al., 1993:349).

MAUNER et al. (1993:356) consideram que, sob a hipótese do sujeito interno a VP – segundo a qual o sujeito está vinculado a um vestígio dentro de VP, seu lugar de origem, formando uma cadeia –, há similaridade quanto ao número de dependências temáticas entre sentenças ativas declarativas e relativas com sujeito extraditado.¹²⁵

Sem considerar a hipótese do sujeito interno a VP, a hipótese da interrupção das cadeias não pode diferenciar sentenças relativas com categoria vazia na posição de sujeito daquelas com categoria vazia na posição de objeto, pois, sem considerar o movimento do sujeito, ambas têm uma cadeia, e a única diferença é a posição da qual o elemento é movido. Assumindo a hipótese do sujeito interno a VP, as estruturas relativas com sujeito e objeto vazio passam a ser diferenciadas pelo número de cadeias contidas, a primeira com uma e a segunda com duas cadeias.

Segundo esta hipótese da dependência dupla, o déficit de compreensão no agramatismo afeta a representação das dependências temáticas referenciais, dado que, quando há apenas uma dependência, o resultado do desempenho é melhor do que quando há mais dependências (MAUNER et al., 1993:348-349). De acordo com tal hipótese, nas ativas e relativas com sujeito vazio há uma dependência e os agramáticos têm bom desempenho, enquanto em passivas e relativas com objeto vazio há duas dependências, e, conseqüentemente, os afásicos não apresentam bom desempenho, devido à falta de competência para computar mais de uma dependência.

Assim, nas sentenças ativas, como na sentença como (c) a seguir, uma única dependência temática é verificada, enquanto em relativas com objeto extraditado, como (b), há duas dependências temáticas, uma resultante do sujeito movido e outra do movimento de objeto.

¹²⁵Comparando cadeias de ativas, relativas e passivas, são as seguintes as cadeias simples e duplas propostas por MAUNER et al. (1993):

Ativa: [A boy]_i is [t_i chasing a girl]_j. – <[A boy]_i, t_i>

Relativa com sujeito extraditado: [The frog]_i which t_i is chasing [the lion]_j is fast. <[the frog]_i, t_i>

Relativa com objeto extraditado: [The boy]_i [OP that [the girl]_j is t₁ chasing t₂ is tall. <OP, t₂> e <[the girl]_j, t₁>

Passiva: [the boy]_i was chase + en t by [the girl]_j. <[the boy]_i, t> e <[the girl]_j, -en>

a) [The frog]_i which_i t_i is t_i chasing [the lion]_j is fast. <[The frog]_i, t_i, t'_i>

A rã que está perseguindo o leão é rápida.

b) [The frog]_i which_i [the lion]_j is t_j chasing t_i is fast. <Which_i, t_i> e <[the lion]_j, t_j>

A rã que o leão está perseguindo é rápida.

c) [A boy]_i is [t_i chasing a girl]. <[A boy]_i, t_i>

Um menino está perseguindo uma menina. (MAUNER et al., 1993:355).

Nas relativas com objeto extraditado é possível a designação de índices arbitrários às posições ocupadas pelos vestígios e por isso os agramáticos, ao acaso, fazem a indexação aleatoriamente, o que explica os problemas com este tipo de estrutura. Já nas ativas declarativas e relativas com sujeito extraditado, a questão da perda de indexação não afeta a representação. Em (c) há uma única dependência temática (a boy_i, t_i) do mesmo modo que na relativa com sujeito vazio (a) forma-se uma única cadeia <[the frog]_i, t_i, t'_i>.

Na sentença ativa (c) o pé da cadeia está em posição temática e a uniformidade da cadeia em (a) e (c) justifica por que estas estruturas são mais fáceis para os agramáticos do que as sentenças relativas com objeto vazio, como (b), que obrigam o paciente a adivinhar, em razão da presença de duas cadeias.

Embora a abordagem de MAUNER et al. (1993) se mostre mais completa do ponto de vista explicativo e teórico do que a estratégia "Default" e a hipótese do apagamento de vestígio de GRODZINSKY (1990), apresenta fragilidade na adequação aos fatos lingüísticos do agramatismo em português. Os autores afirmam que os pacientes têm ou não bom desempenho, mas não se referem a dados de produção de linguagem patológica e sim apenas a dados de resultados de testes de compreensão a partir de achados de outros pesquisadores. Se no agramatismo as passivas e relativas com objeto vazio fossem sempre problemáticas e as relativas com sujeito vazio não constituíssem problema, a hipótese seria coerente.

A hipótese da dupla dependência pode ser considerada mais abrangente do que a proposta de GRODZINSKY (1990). Mas os mecanismos sintáticos utilizados na argumentação são os mesmos: também envolvem vestígios e formação de cadeias. Para os autores, é a interrupção da dependência temática referencial que leva à interrupção da interpretação temática.

Esta hipótese tem a vantagem de generalizar a explicação para a falta de compreensão no agramatismo quando o paciente não tiver compreensão de relativas com objeto extraditado e também de passivas, e tiver compreensão de relativas com sujeito extraditado. Mas isto não se aplica aos fatos do português, porque o paciente compreende passivas e apresenta problemas com relativas com sujeito vazio, como demonstram os dados.

3.3.10.3. - OS DADOS DE P.

Para testar a compreensão de estruturas relativas no paciente P., investigador e paciente dialogaram sobre episódios diversos, tendo sido escolhidas figuras de animais, em revistas, para manter um contexto viável, sempre que possível. Por isso, não foram testados números exatos de estruturas, em um número exato de sessões, para uma exata quantificação estatística. A opção para avaliação de linguagem foi, portanto, a não padronizada e qualitativamente relevante do ponto de vista sintático. Tal procedimento teve como intenção evitar que a descontextualização interferisse no processo. Por essa razão, não foram usadas sentenças bizarras como “A rã que persegue o leão é rápida”.

Foram observadas respostas do paciente ao investigador para que pudessem ser constatados os problemas de compreensão das orações relativas.¹²⁶

Foram selecionadas para avaliação sentenças com relativizador, sem preposição, pois o paciente havia demonstrado dominar a estrutura da sentença ativa simples com objeto direto e a estrutura predicativa com nome, verbo e adjetivo, mas apresentava problemas com as preposições.

Tendo sido observada, num único episódio de entrevista [06.02.1986], a presença do pronome relativo “que” nos dados de P., foram feitas investigações para verificar a compreensão destas estruturas. Os primeiros problemas de compreensão de linguagem já haviam sido constatados, como demonstra o episódio de [21.12.1988].

¹²⁶Foram fornecidos ao paciente, ainda, cartões com desenhos de animais para que ele fizesse o teatro das ações. Mas este, integrado no processo de acompanhamento através do uso da linguagem, não teve iniciativa de realizar a tarefa solicitada e a estratégia experimental foi abandonada pelo investigador, uma vez que o paciente não se dispôs a realizá-la e se mostrou mais receptivo para responder perguntas. O “jogo de brinquedos”, tal qual CORRÊA (1986) sugere para desartificializar a experimentação padrão em crianças, pareceu inadequado ao adulto afásico.

[06.02.1986]

- INV.: – Por que vocês foram ao banco? O senhor e o Leonildo?
 P.: – Agência e acho que é dinheiro ...
 INV.: – O que o Leonildo foi fazer com dinheiro?
 P.: – Como chama? ... é ...
 INV.: – Ele foi depositar o dinheiro.
 P.: – Não ... O dinheiro ...
 INV.: – Foi roubar?
 P.: (ri) – Não ...
 INV.: – O que ele foi fazer?
 P.: – Acho que foi cheque ... cheque foi lá na ... banco não ... como chama?
 P.: – **Fichas que eles têm.**
 INV.: – O que ele foi fazer com o cartão?
 P.: – Eles têm uma ... cartão ...
 INV.: – Onde ele põe o cartão?
 P.: – Porta não ... cofre e depois tira ... **dinheiro que ele quer.**

[21.12.1988]

- INV.: – O guarda que vigia o bêbado é alto. Quem é alto?
 P.: – Bêbado.

Neste último episódio, o problema de compreensão verifica-se em uma estrutura com categoria vazia na posição de sujeito. Portanto, a aplicação da estratégia “Default”, conforme GRODZINSKY (1990), para quem os agramáticos têm compreensão intacta da estrutura acima, não foi acionada.

O que está sendo questionado ao paciente P. é a compreensão da sentença matriz, interrompida com o encaixamento da relativa. Assim, a compreensão está comprometida em estruturas contendo relativas e não é apenas a compreensão da relativa encaixada que está problemática.

O dado abaixo mostra que o paciente não repete a estrutura com pronome relativo “que”, mas compreende algumas relativas.

[13.06.1989]

- INV.: – Pergunta pra Reny o que que aconteceu com o moço.
 INV.: – O...
 P.: – O que ... você.
 INV.: – O que acon...
 P.: – O que aconteceu?
 INV.: – Com o chinês.
 INV.: – O chinês foi carbonizado.
 INV.: – **O soldado que foi carbonizado morreu. Repete.**
 P.: – O soldado ...
 INV.: – Que foi carbonizado.

- P.: – O soldado carbonizado morreu.
 INV.: – Eu falo e o senhor repete. O paciente que a Maza estuda está aqui.
 P.: (ri)
 INV.: – Quem é o paciente que eu estudo?
 P.: – Maza, né?
 INV.: – Quem é o paciente que eu estudo?
 P.: – Eu, né?

Ao rir P. demonstrou compreender imediatamente a sentença, o que é confirmado na seqüência do diálogo. No episódio abaixo, fica evidente que o paciente repete sem problemas uma sentença com estrutura SVO e demonstra dificuldade na repetição com sentença relativa encaixada. O paciente não repete as duas sentenças quando encaixadas, mas repete fragmentos.

[13.06.1989]

- INV.: – Repete: A revista que a Maza trouxe é a Veja.
 P.: (...)
 INV.: – A revista é a Veja.
 P.: – Revista Veja.
 INV.: – A Maza trouxe a revista.
 P.: – A Maza trouxe a revista.
 INV.: – Agora repete: A revista que a Maza trouxe é a Veja.
 P.: – A revista ...
 INV.: – Eu peguei o papel que caiu no chão.
 P.: – Eu peguei a ...
 INV.: – A professora com quem eu estudo chama-se Maza.
 P.: – A professora.
 INV.: – Com quem ...
 P.: – A professora com quem ... eu estudo.
 INV.: – Chama-se ...
 P.: – Chama-se Maza.
 INV.: – A malha que a Maza usa foi comprada em Bruxelas.
 P.: – A malha.
 INV.: – Que ... a Maza usa ...
 P.: – Que a Maza usa.
 INV.: – Foi comprada em Bruxelas.
 P.: – Foi comprada em Bruxelas.
 INV.: – Eu peguei o papel que caiu no chão.
 P.: – Eu peguei o papel para.
 INV.: – Que caiu no chão.
 P.: – Que caiu chão.
 INV.: – Esta revista a Maza pegou na escola.
 P.: – Esta revista ... Esta revista. Com.
 INV.: – A Maza pegou na escola.
 P.: – A Maza pegou na escola.

- INV.: – Esta é a revista que eu vi.
 P.: – Esta revista. Esta revista ... Esta revista.
 INV.: – Repete: **Esta é a revista que eu vi.**
 P.: – Esta revista.
 INV.: – **Esta revista eu vi.**¹²⁷
 P.: – Esta revista vi.

Numa tarefa de montar com cartões a sentença: “A mulher que é corajosa puxa os homens”, diante de uma gravura em que a situação estava claramente estampada, o próprio paciente P. rejeitava as seqüências mal formadas e continuava tentando. A cada montagem o investigador lia a seqüência e o paciente continuava movendo os cartões.

Quando P., depois de muitas tentativas, optou por arranjar os cartões formando a sentença: “A mulher que os homens puxa é corajosa”, poderia estar topicalizando o objeto mulher para satisfazer seu conhecimento heurístico de que homens são fortes e, então, homens puxam mulheres e não o contrário, apesar da gravura que estampava uma mulher puxando homens amarrados numa corda. O dado a seguir mostra ainda que P. não percebe a diferença entre “A mulher que os homens puxa¹²⁸ é corajosa” e “A mulher que puxa os homens é corajosa”,¹²⁹ demonstrando insensibilidade à concordância de número e à posição da categoria vazia para fazer adequação da sentença à gravura, o que mostra a falta de representação da estrutura. No entanto, reconhece como bem formada a segunda estrutura, quando o investigador insiste no julgamento de gramaticalidade, como também reconhece os arranjos aberrantes.

O episódio de investigação foi o seguinte:

[13.08.1989]

- INV.: – Ficou assim: **a mulher que é corajosa os puxa homem.** Tá certo? Responde:
 Tá certo?
 P.: – Não.
 INV.: – Não. **A mulher que os corajosa é puxa homem.** Deu? Sim ou não?
 P.: – Não.
 INV.: – **A mulher que corajosa os puxa homens.** Deu certo?
 P.: – Os ...
 INV.: – É “as mulheres” que está escrito aí?
 P.: – Os mulhe...

¹²⁷ Este é um dos dados que aponta para o fato de que o paciente P. apaga o pronome relativo da estrutura.

¹²⁸ A sentença correspondente à gravura era: “A mulher que puxa os homens é corajosa”. Como estava escrito “puxa” no cartão, o verbo sem concordância é usado pelo paciente na montagem.

¹²⁹ Nas sentenças com encaixamento e verbos reversíveis a dificuldade do paciente pareceu maior. Não houve investigação exaustiva desses verbos, embora em diversos trabalhos sobre o agramatismo este fato seja apontado. Esta opção foi devido ao fato de que nenhum problema com atribuição de papéis temáticos foi verificado, pois o paciente designa papel temático não agentivo ao primeiro SN de estruturas, conforme mencionado nos dados com topicalização de objeto.

- INV.: – É “as mulheres”. O que que tá escrito aí?
- P.: – Os ... a mulher.
- INV.: – Que.
- P.: – Que ... os ...
- INV.: – **A mulher que os corajosa é puxa homem. Tá certo?**
- P.: – **Não.**
- INV.: – Então mexe de novo.
- P.: – Os mulheres ... é corajosa...
- INV.: – É.
- P.: – Forte.
- INV.: – Puxa.
- P.: – Puxa ... os homens.
- INV.: – **A mulher que corajosa é puxa os homens?**
- P.: – (...)
- INV.: – O senhor colocou assim agora: **A mulher que corajosa os puxa é homens.**
- P.: – (...)
- INV.: – **Pode ficar aqui? As mulheres que corajosa os?**
- P.: – **Não.**
- INV.: – Não! Então tem que mexer!
- INV.: – A mulher que ... A mulher que homens? Deu?
- INV.: – **A mulher que os homens?**
- INV.: – O senhor tem mais estes cartões para mexer.
- P.: – É.
- INV.: – Que.
- P.: – Os homens... puxa... puxa...
- INV.: – Tudo bem. Ficou assim: **A mulher que os homens puxa é corajosa.** Agora vai olhar na gravura e ver se é a mulher que os homens puxam.
- P.: – Mulher, né?
- INV.: – A mulher o que que tem?
- P.: – Puxa ... homem.
- INV.: – Os homens que puxam ou a mulher que puxa?
- P.: – Homens.
- INV.: – Como ficou? **A mulher que os homens puxa é corajosa.**
- P.: – **Tá certo.**
- INV.: – Tá certo? A mulher que os homens puxa?
- P.: – Tá.
- INV.: – Tá certo? A mulher que os homens puxa? **Quem que puxa?** A mulher puxa os homens? Ou os homens que puxam a mulher?
- P.: – **Os homens.**
- INV.: – Ah! Os homens que puxam a mulher!
- P.: – **Isso aqui é ... cordas.**
- INV.: – Sim. E o que que a mulher está fazendo?
- P.: – Puxa...
- INV.: – É a mulher que puxa.
- P.: – Não o homem ... como é que chama? ...
- INV.: – Seu Oriel, quem que puxa? A mulher ou os homens? **Quem que está puxando?**
- P.: – **Mulher.**
- INV.: – Mulher. Então leia o que o senhor fez aqui. **A mulher que os homens puxa é corajosa. Tá certo?**
- P.: – **Certo.**
- INV.: – Tá certo?
- P.: – Tá certo.
- INV.: – E se eu trocar? **A mulher que puxa os homens é corajosa.**
- P.: – **Tá certo.**
- INV.: – Ah! Também tá certo?
- P.: – Tá.

- INV.: – Presta atenção. **A mulher que puxa os homens é corajosa.** Tá certo de acordo com a figura?
- P.: – **Tá.**
- INV.: – Tá certo. E se eu puser assim: **A mulher que os homens puxam é corajosa.** Qual é a melhor?
- P.: – **A mulher.**
- INV.: – Não. Qual que é a melhor? Esta ou a anterior?
- P.: – **Esta.**
- INV.: – Esta é melhor? A mulher que os homens puxam é corajosa?
- P.: – É.
- INV.: – E aqui?
- P.: – Depois, né?
- INV.: – Não tem diferença nenhuma para o senhor. A mulher que puxa os homens é corajosa!
- P.: – Depois, né?
- INV.: – Tanto faz: a mulher que puxa os homens e a mulher que os homens puxam?
- P.: – Um só, né?
- INV.: – Um só o quê?
- P.: – Mulher.
- INV.: – Só a mulher que puxa.
- P.: – É ... é como chama é...
- INV.: – **A mulher que puxa os homens é corajosa. Isso é bom para o senhor?**
- P.: – É.
- INV.: – Tá certo?
- P.: – Tá.
- INV.: – E se eu trocar agora? A mulher que os homens puxa é corajosa. O senhor tinha feito antes esta e havia outra que estava certa.
- INV.: – Qual o senhor acha que ficou melhor? A mulher que os homens puxam é corajosa ou a mulher que puxa os homens é corajosa?
- P.: – Mulher, né?
- INV.: – Não. **Qual o senhor prefere?** Antes ou agora?
- P.: – Isso aqui, ó.
- INV.: – Essa aqui?
- P.: – É.
- INV.: – **A mulher que puxa os homens é corajosa.**
- P.: – É.

O episódio evidencia a dificuldade de P. com esta estrutura não só para a representação em FF, como para a compreensão. Em alguns momentos parece haver acerto da resposta com apelo para o conhecimento da situação claramente estampada numa gravura de propaganda. O exame deste episódio revela a qualidade do conhecimento sintático do paciente para esta estrutura determinada. O episódio mencionado permite inferir que é difícil, e às vezes inútil, estabelecer quantitativamente o número de acertos e erros. Se o processo de avaliação buscar a análise qualitativa da produção e a compreensão de estruturas pelo paciente, é preciso considerar o percurso que o paciente faz para a construção da representação. A dificuldade com relativas demonstrada no episódio transcrito é confirmada em outras avaliações: P. não repete sentenças relativas e demonstra

problemas diante de sentenças relativas, como: “O boi que os homens estão segurando é esperto”, com vestígio na posição de objeto e um adjetivo predicativo que semanticamente é adequado a ambos os SNs antecedentes, embora com marca de concordância adequada apenas ao SN da sentença matriz. Há evidência da insensibilidade à concordância e da falta de representação da estrutura quando o paciente responde “os dois”, conforme mostra o episódio seguinte, no qual o investigador mostra a gravura e diz oralmente a sentença ao paciente para que ele opine sobre a adequação.

[23.03.1990]

- INV.: – Está bom. Seu Oriel, repete para mim esta sentença: “O boi que os homens estão segurando é esperto”. Tá certo?
 P.: – É.
 INV.: – Tá certo?
 P.: – São dois, né?
 INV.: – Ah! São dois homens. Então, o boi que os homens estão segurando é esperto. Tá certo?
 P.: – Tá certo ... é.
 INV.: – Tá. Quem é esperto, o boi ou os homens?
 P.: – Os dois ...
 INV.: – Seu Oriel, o homem que está em cima do búfalo é moreno. Quem é moreno?
 P.: – Búfalo.
 INV.: – Tá. O homem que segura o búfalo é preto. Quem é preto?
 P.: – Homem.

O desempenho do paciente diante das duas últimas estruturas testadas nesta sessão, ambas estruturalmente idênticas, com vestígio na posição de sujeito, demonstra que o acerto ou o erro ocorre ao acaso, pois P. acerta uma e erra a outra.

Outras avaliações sobre compreensão-produção de sentenças relativas foram feitas, tendo sido testada a compreensão de orações relativas mediante apresentação de gravuras. A sentença era apresentada oralmente pelo investigador, com exibição simultânea da gravura¹³⁰ correspondente à situação, e em seguida eram feitas as perguntas e os testes de repetição.

¹³⁰Este jogo sentença-gravura é diferente do que é feito nos testes clássicos, pois nestes o paciente escolhe entre gravuras alternativas adequadas à sentença. Aqui, o paciente deve escolher a estrutura da sentença adequada à gravura.

[23.03.1990]

- INV.: – Eu vou mostrar figuras para o senhor. Eu vou fazer umas perguntas e o senhor responde, tá?
- INV.: – Olha essa figura aqui: **O cachorro que abraça o homem é manso. Quem é manso?**
- P.: – **Cachorro.**
- INV.: – **O cachorro que toma conta do rebanho é peludo. Quem é peludo?**
- P.: – Peludo?
- INV.: – É.
- P.: – **O cachorro.**
- INV.: – **O homem que monta a cavalo é repórter. Quem é repórter?**
- P.: – **O homem.**
- INV.: – Acertou. **O homem que segura o boi é rico. Quem é rico?**
- P.: – **Homem.**
- INV.: – A mulher que puxa o homem é corajosa. Quem é corajosa?
- P.: – Mulher.
- INV.: – **Os homens que a mulher puxa são fortes. Quem é forte?**
- P.: – **Mulher.**
- INV.: – Não. Eu falei agora outra frase: Os homens que a mulher puxa são fortes. Quem é forte?
- P.: – Forte?
- INV.: – Os homens que a mulher puxa são fortes.
- P.: – Homem, né?
- INV.: – Isso; Homem... certo.
- INV.: – **O menino que está entregando a flor para a mulher é baixo. Quem é baixo?**
- P.: – **Menino.**
- INV.: – **O médico que examina o homem é moreno. Quem é moreno?**
- P.: – **Moreno?**
- INV.: – É. Quer que eu repita? O médico que examina o homem é moreno. Quem é moreno?
- P.: – Moreno não ... é ... como chama?
- INV.: – Seu Oriel, eu não quero essa aí: careca. É “careca” que o senhor tá pensando? É moreno.
- P.: – Moreno não.
- INV.: – É moreno de cabelo. Não é preto. É moreno; então olha a minha frase: **O médico que examina o homem é moreno. Quem é moreno?**
- P.: – **Médico.**
- INV.: – **O homem que o médico examina é careca. Quem é careca?**
- P.: – **Paciente.**¹³¹
- INV.: – Isso. O homem. Certo.
- INV.: – **A moça que o moço está molhando é grande. Quem é grande?**
- P.: – Grande? **O homem, né?**
- P.: – Tá certo. São dois, né?
- INV.: – Mas eu disse... olha. A moça que o moço está molhando é grande. Quem é grande?
- P.: – Moço.
- INV.: – A moça. O senhor falou o moço.
- P.: – Aqui são os dois.
- INV.: – Eu sei ... mas eu falei quem é o maior, quem é grande?
- P.: – Mulher, então.
- INV.: – Mulher, então, certo?
- INV.: – **O bêbado que o guarda vigia é careca. Quem é careca?**
- P.: – (...)

¹³¹ Neste dado, a troca de item lexical “homem” por “paciente” evidencia que P. compreende a estrutura e que o acerto não se dá ao acaso, com respostas mecânicas ou escolha aleatória de qualquer SN.

- INV.: – O bêbado que o guarda toma conta é careca. Quem é careca?
P.: – Bêbado, né?
INV.: – A criança que a professora está ensinando é pequena. Quem é pequena?
P.: – Criança.
INV.: – A criança que a professora está ensinando é inteligente. Quem é inteligente?
P.: – Criança ... professora.
INV.: – Nessa frase eu não estou falando da criança.
INV.: – A professora que a criança está ensinando é inteligente. Eu agora estou falando da professora. Quem é inteligente?
P.: – Criança.
INV.: – Presta atenção! Depende de quem eu estou falando. Veja! O soldado que o médico está operando é velho. Quem é velho?
P.: – Olha soldado não tem, é militar.
INV.: – Quem é velho?
P.: – Paciente.
INV.: – O soldado que o médico está examinando é alto. Quem é alto?
P.: – Paciente.
INV.: – O boi que o homem está segurando é esperto. Quem é esperto?
P.: – Homem.
INV.: – O boi que o homem está segurando está deitado. Quem está deitado?
P.: – Boi.
INV.: – O avô que está examinando a boneca é feliz. Quem é feliz?
P.: – Homem.
INV.: – Está certo eu dizer: O avô que está segurando a boneca é feliz?
P.: – É.
INV.: – Ele está segurando a boneca?
P.: – Não, a menina.
INV.: – Posso dizer: O cachorro que está sentado no banco se chama Rex?
P.: – Pode.
INV.: – Ele está sentado no banco?
P.: – Não.
INV.: – Quem está sentado no banco?
P.: – O menino e menina.
INV.: – Ele está sentado onde?
P.: – No chão, né?
INV.: – O búfalo que está em cima do homem é preto. Posso dizer isso?
P.: – Pode.
INV.: – Olhando para essa figura?
P.: – Pode.
INV.: – O homem está em cima do búfalo? Ou o búfalo está em cima do homem?
P.: – Homem.
INV.: – Fala a frase inteira. O homem ...
P.: – O homem... preto.
INV.: – Ele é preto, mas não está em cima do homem. O homem está em cima do búfalo.
INV.: – O guarda que está vigiando o bêbado é alto. Quem é alto?
P.: – O guarda.
INV.: – O bêbado que o guarda vigia é careca. Quem é careca?
P.: – O bêbado.
INV.: – O muro que o menino está pintando é alto. Quem é alto?
P.: – Muro.
INV.: – O menino que está pintando o muro é magro. Quem é magro?
P.: – Menino.
INV.: – A mulher que está fotografando a menina é bonita. Quem é bonita?
P.: – Mulher.
INV.: – A menina que a mulher está fotografando é morena. Quem é morena?
P.: – Menina.

INV.: – Eu posso dizer: O urso que a menina está puxando está de chapéu?
P.: – Urso não, menina pode.
INV.: – Eu posso dizer: A menina que está puxando o urso está de chapéu?
P.: – Não, urso não. Menina pode.
INV.: – A menina que está puxando o urso está de chapéu. Posso dizer: Quem tá puxando?
P.: – Urso. Menina. (o paciente mostra na gravura)
INV.: – A menina está ...
P.: – Puxando o urso.
INV.: – O urso tá puxando a menina?
P.: – Não.
INV.: – A mulher que está acariciando o cachorro é bonita. Quem é bonita?
P.: – Menina.
INV.: – Mu...
P.: – Mulher.

Considerando a primeira resposta imediata do paciente e quantificando as testagens quanto à compreensão de orações relativas, foi obtido o seguinte resultado em 28 sentenças investigadas:

Relativas com CV na posição de sujeito:

[23.3.1990]	ACERTOS e ERROS
1. O homem que CV está em cima do búfalo é moreno.	E
2. O homem que CV segura o búfalo é preto.	C
3. O cachorro que CV abraça o homem é manso.	C
4. O cachorro que CV toma conta do rebanho é peludo.	C
5. O homem que CV monta o cavalo é repórter.	C
6. O homem que CV segura o boi é rico.	C
7. A mulher CV que puxa o homem é corajosa.	C
8. O menino CV que está entregando a flor para a mulher é baixo.	C
9. O médico que CV examina o homem é moreno.	E
10. O avô que CV está examinando a boneca é feliz.	C
11. O guarda que CV está vigiando o bêbado é alto.	C
12. O menino que CV está pintando o muro é magro.	C
13. A mulher que CV está fotografando a menina é bonita.	C
14. A mulher que CV está acariciando o cachorro é bonita.	C

Relativas com CV na posição de objeto:

[23.03.1990]	ACERTOS e ERROS
1. O boi que os homens estão segurando CV é esperto.	E
2. Os homens que a mulher puxa CV são fortes.	E
3. O homem que o médico examina CV é careca.	C
4. A moça que o moço está molhando CV é grande.	E
5. O bêbado que o guarda vigia CV é careca.	C
6. A criança que a professora está ensinando CV é pequena.	C
7. A criança que a professora está ensinando CV é inteligente.	E
8. O soldado que o médico está operando CV é velho.	C
9. O soldado que o médico está examinando CV é alto.	C
10. O boi que o homem está segurando CV é esperto.	E
11. O boi que o homem está segurando CV está deitado.	C
12. O bêbado que o guarda vigia CV é careca.	C
13. O muro que o menino está pintando CV é alto.	C
14. A menina que a mulher está fotografando CV é morena.	C

Das 28 sentenças, 14 eram relativas com categoria vazia na posição de sujeito e destas o paciente erra apenas 2, enquanto das 14 sentenças com categoria vazia na posição de objeto o paciente erra apenas 5, obtendo também um resultado acima de 50%. Este resultado de avaliação com perguntas sobre estruturas contendo relativas confirma as predições de GRODZINSKY (1990) de que os pacientes acometidos de agramatismo fazem uso da estratégia “Default”, designando agente ao primeiro SN em estruturas com relativas com sujeito extraditado, mas refuta a hipótese de que os pacientes têm desempenho abaixo da média, abaixo de 50%, em testes com estruturas relativas com categoria vazia na posição de objeto.

Apesar do resultado quantitativo ser acima da média em ambas as estruturas, a dificuldade na construção de estrutura relativa ficou evidente numa situação de avaliação integrada ao acompanhamento, em que o paciente deveria montar sentenças recortadas em cartões. A cada montagem o investigador lia a sentença, e o paciente, demonstrando manter a sensibilidade para estruturas mal formadas, rejeitava a estrutura que ele mesmo havia arranjado. A seguir, está registrada a sequência de tentativas que o paciente faz para montar com cartões as sentenças: “O paciente que o médico examina é careca” e “A criança que a professora está ensinando é pequena”, ambas acompanhadas de gravura orientadora adequada. A presença da gravura, nesse caso, não facilitou a montagem da estrutura. Na estrutura com categoria vazia na posição de sujeito houve menor número de

tentativas e na estrutura com categoria vazia na posição de objeto a tendência foi de topicalizar o objeto e ignorar COMP.

[10.06.1990]

- O paciente é
- O paciente que examina é médico careca
- O paciente que é examina
- O paciente que é o examina
- O paciente que o
- O paciente que o examina
- **O paciente que o médico examina é careca.**

[10.07.1990]

- A criança é professora pequena a ensinando que
- A criança é professora ensinando está pequena a que
- A criança que professora ensinando está
- **A criança pequena professora está ensinando.**¹³²
- A criança pequena professora que ensinando
- A criança pequena é a professora
- A professora está ensinando a que
- A professora que criança está pequena ensinando é a
- **A professora que a criança está ensinando é pequena.**

Neste episódio de avaliação, o investigador ajudou o paciente colocando o “que” logo depois de professora. Em seguida o paciente faz o seguinte arranjo: “A professora que a criança está ensinando é pequena”. Nesta estrutura com oração relativa há categoria vazia na posição de objeto, mas os papéis ficam invertidos. O paciente se satisfaz com este arranjo, apesar da inversão de papéis, e o investigador dá a atividade por encerrada. Foi verificado que a dificuldade para montagem, com cartões, de sentença contendo relativas, é a mesma quando há ou não contextualização. O mesmo não ocorre, contudo, na interpretação ou compreensão de relativas, como veremos adiante: as contextualizadas são mais facilmente compreendidas do que as descontextualizadas.

Este fato aponta para a hipótese de que alguma estratégia não-sintática entra em jogo para compensar o déficit de linguagem, camuflando uma suposta operação sintática para compreensão. Isto é confirmado em vários episódios do acompanhamento do sujeito P., através do cumprimento de ordens. Tendo o investigador colocado três garrafas

¹³²Observou-se, neste arranjo, a tendência para topicalização de objeto e a dificuldade para colocação do cartão no qual estava escrito “que”.

de vinho em três lugares diferentes (uma em cima da mesa, outra sobre a cadeira e outra no chão), e tendo pedido ao paciente para pegar a garrafa de vinho que estava em cima da mesa, o paciente primeiro fica perplexo, mostra três com os dedos e pega corretamente a garrafa que estava em cima da mesa.

O que pode ter ocorrido é que o paciente tenha ignorado a relativa encaixada e operado com a estrutura “Pegue a garrafa em cima da mesa”, sem problemas para ele. Esta interpretação contextual não invalida a hipótese de que o agramatismo é uma afasia que se caracteriza por problemas sintáticos, o que fica evidente com a montagem da mesma estrutura em cartões. Logo após o episódio o paciente fez o seguinte arranjo:

[10.07.1990]

– Pegue o vinho que em cima da está mesa.

Ao ler a sentença, P. não leu “que” e sim “e”, apesar da insistência do investigador, o que mostra, através do dado patológico, que a estrutura relativa supõe outras estruturas coordenadas.

Em 1992 e 1994 foram feitas avaliações com orações relativas para confirmar hipóteses delineadas para o agramatismo em outras línguas, como as de GRODZINSKY (1990) e MAUNER et al. (1993). Nesta sessão não foram apresentadas cenas representativas da sentença, mas apenas figuras isoladas de animais.

[15.07.1992]

INV.: – O que o senhor veio fazer aqui hoje?

P.: – Falar, né?

INV.: – Eu vou dar uns bichinhos e o senhor vai mexer os bichinhos de acordo com o que eu falei. O que é isso?¹³³

P.: – Cachorro.

INV.: – E isso aqui?

P.: – Macaco, né?

INV.: – E isso?

P.: – Galo.

INV.: – Eu vou falar e o senhor vai mexer os bichos: fazer um teatrinho: – **O cachorro mordeu o macaco que o galo bicom.**¹³⁴

¹³³Nesta avaliação o paciente recusou-se a executar as ações com animais. Por isso, esse tipo de teste foi abandonado.

¹³⁴A seleção de sentenças destas sessões está baseada no trabalho de CORRÊA (1986), mencionado anteriormente. Não foram testadas outras sentenças com ramificação à direita e sujeito vazio em razão da possibilidade de coordenação desta estrutura quando ignorado o pronome relativo.

P.: (...)

INV.: – Quem mordeu?

P.: – **Os dois, né?**

INV.: – O galo mordeu?

P.: – Não.

INV.: – Quem mordeu?

P.: – Cachorro e macaco ... galo e ... como chama? ...

INV.: – **O que o galo faz?** Vou ler a frase.

P.: – **Três, né?** Macaco e cachorro... os dois brigou.

INV.: – E o galo fez o quê? O cachorro mordeu o macaco que o galo bicou.

INV.: – Quem o galo bicou?

P.: – Bicou é...

INV.: – Quem ele bicou? Quem o galo bicou?

P.: – Não dá. Fora, né? Os dois, né?

INV.: – **O cachorro mordeu o macaco que o galo bicou. Quem o galo bicou?**

P.: – Bicou? É ...

INV.: – **Quem ele bicou?** O cachorro ou o macaco?

P.: – Macaco.

INV.: – Não pode ser o cachorro? Pela frase?

P.: – Três, então.

P.: – Macaco.

INV.: – Vamos fazer outra coisa. O que é esse? Co ...

P.: – Coelho.

INV.: – E aqui?

P.: – Formiga.

INV.: – O macaco gritou para o coelho que a formiga mordeu. O que aconteceu?

P.: (...)

INV.: – O que a formiga fez?

P.: – Formiga ... folhas ...

INV.: – Esquece a folha: **O macaco gritou para o coelho que a formiga mordeu. O**
que fez a formiga?

P.: – Brigou?

INV.: – Com quem?

P.: – Macaco.

INV.: – **Quem a formiga mordeu?**

P.: – **Formiga ... macaco. Não pode, né?**

INV.: – Quem gritou?

P.: – Formiga.

INV.: – Formiga gritou?

INV.: – O que aconteceu para o macaco? Gritou? O que aconteceu? Por que o macaco
gritou para o coelho?

INV.: – Quem mordeu?

P.: – Macaco.

INV.: – Quem mordeu?

P.: – Formiga.

INV.: – **O carneiro que derrubou a galinha pula o cavalo. Quem derrubou a**
galinha?

P.: – **Carneiro.**

INV.: – **Quem pula o cavalo?**

P.: – Pula? O cavalo.

INV.: – Quem pula?

P.: – **Galinha, né?**

INV.: – **O carneiro que o porco empurrou come capim. Quem come capim?**

P.: – **Carneiro. Não ... porco ... o outro é ... como chama? ...**

INV.: – **Quem come capim?**

P.: – **Os dois, né?**

INV.: – **A galinha que o porco empurrou pula o carneiro.**

INV.: – **Quem pula o carneiro?**
 P.: – Galinha.
 INV.: – Quem que pula o carneiro?
 P.: – Empurrou.
 INV.: – O cavalo empurra o carneiro que pulou a cerca. Quem que empurrou o carneiro?
 P.: (...)
 INV.: – O cavalo empurrou o carneiro que pulou a cerca.
 P.: – Cerca.
 INV.: – Quem que empurrou o carneiro?
 P.: – Cerca.
 INV.: – Quem empurrou o carneiro?
 P.: – Carneiro.
 INV.: – O carneiro empurrou o carneiro?
 P.: – Cerca.
 INV.: – Quem pulou a cerca?
 P.: – Cavalo.
 INV.: – O senhor sabe o que é isso?
 P.: – Cavalo... aqui é cerca ... fazenda ... árvore.
 INV.: – Eu vou fazer uma frase.
 INV.: – O cavalo empurrou o carneiro que pulou a cerca. O que aconteceu?
 P.: – Os dois brigou, parece.
 INV.: – O cavalo empurrou o carneiro que pulou o cerca. Quem brigou primeiro?
 P.: – Cavalo.
 INV.: – O que o cavalo fez?
 P.: – Empurrou.
 INV.: – Quem?
 P.: – Carneiro.
 INV.: – **O que o carneiro fez?**
 P.: – **Cerca? Não... é ... brigou ... é...**
 INV.: – O senhor sabe repetir?
 P.: – **Cavalo e carneiro empurrou a cerca, né?**
 INV.: – O cavalo que pulou a cerca empurrou o carneiro. O que aconteceu agora?
 P.: – Brigou, né? ... cerca, né? ...
 INV.: – Quem que pulou a cerca?
 P.: – Carneiro.
 INV.: – O cachorro que a vaca empurrou pulou a cerca.
 INV.: – Quem pulou?
 P.: – Cavalo, né? ... esse aqui...
 INV.: – O senhor pega os bichinhos e faz o teatrinho.
 P.: (não faz nada)
 INV.: – O cachorro que pulou a cerca derrubou a galinha.
 P.: – Cavalo... empurrou...
 INV.: – Quem?
 P.: – O galo.
 INV.: – O carneiro que derrubou a galinha pulou o cavalo. Quem que pulou o cavalo?
 P.: – O cavalo.
 INV.: – Repete. Quem que pulou o cavalo?
 P.: – A galinha.
 INV.: – Fez o quê?
 P.: – Brigou, né?

[23.07.1994]

- INV.: – A fita que a Maza gravou ficou ruim. O senhor entendeu?
P.: – Sei.
INV.: – Repete pra mim.
P.: – A fita... grava fita Maza gravou...ruim. Gravador tá meio... ruídos.
INV.: – Tem ruídos.
INV.: – Repete. O gato que comeu o queijo é preto.
P.: – O gato ... O gato... comeu o queijo o gato ... comeu. O queijo preto.
INV.: – O queijo era preto?
P.: – Não.
INV.: – Quem era preto? Repete...
P.: – Gato.
INV.: – Repete a frase toda sozinho.
P.: – O gato... gato... como chama? ... O gato comeu...
INV.: (montagem com cartões): O gato comeu o queijo que é preto.
INV.: – O queijo é preto?
P.: – O gato comeu o queijo, como é... preto?
P.: – O gato comeu o queijo.
INV.: (ajuda a arrumar os cartões e coloca): O gato que...
P.: – O gato comeu o queijo. (não lê “que”)
INV.: – Quem é preto?
P.: – O gato comeu o queijo preto.
INV.: – O gato que comeu o queijo é preto. É o queijo que é preto?
P.: – Não ... mais...
INV.: – Quem é preto, então?
P.: – Então, é o gato.
P.: – O gato comeu o queijo... como chama?
INV.: – Nós estamos fazendo um teste que é exatamente onde residem suas dificuldades.
P.: – É isso aqui, ó! (mostra o cartão com o “que”)¹³⁵
INV.: – É mais difícil para o senhor?
P.: – Esse um.
INV.: – O senhor não pôs o “que”. (repete a sentença)
P.: – Que...
P.: – O gato comeu o queijo preto.
INV.: – Repete.
INV.: – O cachorro que mordeu o gato é branco. Quem é branco?
P.: – Branco? Cachorro.
INV.: – Quem que mordeu o gato?
P.: – Cachorro.
INV.: – Quem foi mordido?
P.: – Gato.
(com cartões P. monta e tenta ler)
P.: – O gato mordido... o gato foi mordido.
INV.: (corrige): – Não, senhor P. O cachorro que mordeu o gato.
P.: – O cachorro mordeu. Não, Cachorro foi... o gato foi mordido.
(ele montou: “O cachorro que mordeu o gato é branco”. O investigador leu)
P.: (lê): – O cachorro foi mordido cachorro. O cachorro foi mordido de gato. O gato foi mordido de...

¹³⁵Numa avaliação do mesmo tipo, outro paciente (WR.) tentou jogar o cartão em que estava escrito “que” debaixo do sofá.

Em meio aos testes de compreensão, a dificuldade com a construção de relativas fica confirmada através da repetição e da montagem de sentenças com cartões. O fato de P. produzir: “Fita Maza gravou ... ruim” demonstra compreensão, pois o paciente ainda explica: “Gravador tá meio ... ruídos”. Nesse dado [23.07.1994], fica evidente que P. compreende mas não produz estruturas como esta.

Na sentença com encaixamento central e traço na posição de sujeito: “O carneiro que derrubou a galinha pula o cavalo”, o paciente acerta ao afirmar que foi o carneiro que derrubou a galinha, mas não acerta a resposta à pergunta “Quem pulou o cavalo?”. Pode ter ocorrido que o paciente tenha ignorado o “que” e feito a sequência NVN “O carneiro derrubou a galinha”, mas não tenha vinculado o VP “pula o cavalo” ao SN “o carneiro”, seu respectivo sujeito. Isto mostra que o problema não está no preenchimento do vestígio em si, mas sim na ligação predicado-sujeito, isto é, na compreensão da sentença matriz em que houve encaixamento central com presença de categoria funcional.

Nas sessões de [15.07.1994] e [23.07.1994] foram testadas doze estruturas com sentenças relativas:

Encaixamento central - Foco sujeito	Acertos e Erros
O carneiro que CV derrubou a galinha pula o cavalo.	E
O cavalo que CV pulou a cerca empurrou o carneiro.	E
O cachorro que CV pulou a cerca derrubou a galinha.	E
O carneiro que CV derrubou a galinha pulou o cavalo.	E
O gato que CV comeu o queijo é preto.	C
O cachorro que CV mordeu o gato é branco.	C
Encaixamento central - Foco objeto	
O carneiro que o porco empurrou CV come capim.	E
A galinha que o porco empurrou CV pulou o carneiro.	C
O cachorro que a vaca empurrou CV pulou a cerca.	E
Ramificação à direita - Foco sujeito	
O cavalo empurrou o carneiro que CV pulou a cerca.	E

Ramificação à direita - Foco objeto

O cachorro mordeu o macaco que o galo bicou. CV	E
O macaco gritou para o coelho que a formiga mordeu. CV	E

Das doze sentenças testadas, P. acertou apenas três: “O gato que comeu o queijo é preto”, “O cachorro que mordeu o gato é branco”, e “A galinha que o porco empurrou pulou o carneiro”, as duas primeiras com categoria vazia na posição de sujeito e a última com categoria vazia na posição de objeto.

Em relação à avaliação da sessão de [23.03.1990], quanto à compreensão de sentenças, foi verificada na sessão de [15.07.1992] uma queda no desempenho. Provavelmente as gravuras com a situação encenada, apresentadas em [23.03.1990], permitiram ao paciente que estratégias não-sintáticas fossem convocadas¹³⁶, enquanto na sessão de [15.07.1992] apenas as gravuras de animais isolados foram apresentadas, o que exigiu do paciente a representação essencialmente sintática.

Nos testes realizados nas sessões de [15.07.1992] e [23.07.1994] foram constatados problemas de compreensão inclusive em relativas com categoria vazia na posição de sujeito e problemas de compreensão da sentença matriz. Este fato foi também mencionado por HICKOK e AVRUTIN (1995) e por HICKOK et al. (1993) nos testes dos pacientes RD. e FC., contrariando o que prediz GRODZINSKY (1990), que, postulando o princípio “Default”, afirma que os pacientes têm compreensão de relativas com sujeito vazio. Desconsiderando a hipótese do sujeito interno a VP, GRODZINSKY (1990) não admite vestígio mediando a relação sujeito e adjetivo na sentença matriz, e HICKOK et al. (1993) sugerem que, assumida a hipótese do sujeito interno a VP, pode ser considerado que o sujeito relativizado recebe papel temático via cadeia. Se a cadeia estiver interrompida, a designação do papel temático ao primeiro SN, da sentença matriz, que depende do predicado, não se efetiva.

A conclusão a partir dos testes com relativas aplicados ao paciente P., em português, aponta para o fato de que quando os testes são realizados com gravuras, o desempenho é acima de 50%, tanto com sentenças relativas na posição de sujeito como com relativas na posição de objeto: nas relativas com categoria vazia na posição de sujeito

¹³⁶FRIEDERICI e FRAZIER (1992) haviam apontado que para a análise dos papéis temáticos da estrutura transitiva a apresentação de gravuras facilitava o desempenho.

os acertos alcançaram 85%, enquanto para o mesmo número de sentenças testadas com categoria vazia na posição de objeto os acertos alcançaram 65%.

Quando os testes foram isentos de gravuras, o desempenho de P. em testes com relativas foi abaixo de 50%, tanto com relativas com categoria vazia na posição de objeto, quanto com relativas com categoria vazia na posição de sujeito. Houve apenas 20% de acertos em relativas com categoria vazia na posição de objeto e 28% de acertos em orações com categoria vazia na posição de sujeito. O fato de que os agramáticos têm problemas também com relativas com categoria vazia na posição de sujeito confirma o que havia sido apontado por HICKOK et al. (1993).

Apesar das conclusões diferentes, quanto aos acertos abaixo e acima da média, o resultado dos testes com relativas realizados com o paciente P., em português, mostra tendência para validação tanto da hipótese de GRODZINSKY (1990), através da aplicação do princípio "Default", como da hipótese da dupla dependência na formação de cadeia, conforme MAUNER et al. (1993).

Pode-se supor que, quando há cadeia envolvendo categoria funcional, como no caso de relativas, e havendo interrupção da cadeia, o desempenho do paciente é abaixo da média tanto em relativas com categoria vazia na posição de sujeito quanto com categoria vazia na posição de objeto, quando apenas o conhecimento lingüístico for exigido. Mas o cancelamento da categoria funcional COMP pode manter a interpretação, na oração relativa com categoria vazia na posição de sujeito, principalmente quando algum elemento extralingüístico for fornecido pela situação discursiva ou pela gravura.

Embora P. não repita estruturas com relativas, montou com cartões, após tentativas: "O cachorro que mordeu o gato é branco" [23.07.1994], e embora não tenha repetido a estrutura com relativa, produz a passiva com os papéis temáticos adequados: "O gato foi mordido", e repete em [07.11.1994]: "O jornal que li é interessante", após longas intervenções do investigador, demonstrando indícios para a reaquisição de estrutura encaixada contendo a categoria funcional.

[07.11.1994]

INV.: – O senhor tem jornal aí?

P.: – Não, não comprei.

INV.: – O que o senhor está trazendo aí?

P.: – Recorte.

INV.: – Parece ter sido lido este artigo de jornal.

- P.: – Parece... parece... parece... parece... importante... importante... parece... parece ...
parece ... importante jornal.
- INV.: – Repete.
- P.: – Parece importante jornal.
- INV.: – O jornal foi lido.
- P.: – O jornal foi lido. (imediatamente acerta)
- INV.: – O jornal foi lido por mim.
- P.: – O jornal ... jornal ... jornal jornal lido ... jornal lido por mim.
- INV.: – O jornal que eu li é interessante.
- P.: – Jornal ... jornal ... jornal ... jornal ... li importante ... jornal ... tem outras.
- P.: – Jornal li importante.
- INV.: – Agora vou fazer as duas separadas.
– O jornal é interessante. Eu li o jornal.
- P.: – O jornal interessante. São dois ... jornal é ...
- INV.: – O jornal que eu li é interessante.
- P.: – **Jornal que li interessante. Jornal li interessante.**
- INV.: – O senhor tinha feito; jornal que eu li, o senhor sabe fazer isto?
– O jornal que li é interessante.
- P.: – O jornal li interessante.
- INV.: – São duas coisas. O jornal é interessante. O jornal eu li, ok?
- P.: – **Jornal que li interessante. Jornal que li interessante ...** Jornal outra.
- INV.: – (repete duas vezes): O jornal que li é interessante.
- P.: – **O jornal que li é interessante.**

3.3.11. - SÚMULA BREVE

Nos itens anteriores foram apresentados os dados do paciente P. a caminho da re aquisição das categorias funcionais, em crescente hierarquia. Apesar das instabilidades características do quadro patológico do agramatismo, fato relevante que as pesquisas não mencionam por contemplarem apenas recortes transversais e não acompanhamento longitudinal, as tendências da competência de P. podem ser inferidas.

Considerando o estado atual do caso estudado, a tabela a seguir mostra o que o paciente P. faz e o que não faz em produções espontâneas, testes de compreensão através de entrevistas, testes de repetição e montagem de sentenças com cartões.

As instabilidades só não ocorreram com sentenças transitivas ativas, verbos cópula e sentenças com topicalização de objeto direto. Nas demais estruturas houve interrupção da representação.

As interrogativas podem ser consideradas readquiridas, sempre foram compreendidas, mas sua produção demonstra ainda instabilidades; as passivas passaram a ser repetidas sem agente, mas nunca apresentaram problemas de compreensão; as sentenças

com relações anafóricas sempre foram compreendidas e somente em 1994 passaram a ser repetidas, porém quando o paciente repete a anáfora lexical, omite a concordância de número do verbo e vice-versa; e as estruturas relativas apresentam-se totalmente desestabilizadas, com indicativos de que também podem ser readquiridas.

Para aferir a competência de P. não podem ser considerados os testes de compreensão de relativas quando acompanhados de gravuras. Foi observado desempenho abaixo da média em orações relativas com sujeito e objeto vazios, em avaliação sem utilização de gravura. Houve melhor compreensão de relativas quando a categoria vazia estava na posição de sujeito, mas a quantificação obtida não foi suficiente para afirmar que o paciente não tem problemas de compreensão com esta estrutura, pois os episódios de entrevistas, testes com cartões e repetição deixaram evidente que há dificuldade na computação sintática, mesmo quando a categoria vazia está na posição de sujeito.

A tabela nº 6, a seguir, demonstra que nas orações relativas, nas quais há COMP e encaixamento, estão localizados os problemas de compreensão, e que nas orações com proliferação de categorias funcionais, como nas passivas, há problemas de produção.

Já nas interrogativas, embora haja a presença de COMP foi obtida a reaquisição com instabilidades, apesar dos problemas com categorias funcionais. A categoria funcional INFL foi readquirida, uma vez que o paciente deriva estruturas SVO e inverte essa ordem topicalizando objeto direto.

O caso, então, não pode ser caracterizado como perda total de sintaxe, nem como perda total de categorias funcionais. Ao contrário, aponta para a possibilidade de reaquisição hierárquica dessas categorias, estando marcadas as instabilidades.

Tem sido repetido na literatura sobre o assunto, embora em termos puramente observacionais e sem detalhes, que o problema dos agramáticos está ligado à questão das categorias funcionais.¹³⁷ Mas o que os estudiosos não consideram é a velha discussão do paralelismo produção-compreensão. Em P., o paciente afásico cujo caso é estudado em português, pode-se afirmar que o déficit de compreensão é minoritário, havendo problemas apenas em sentenças relativas, tanto com sujeito vazio como com objeto vazio, mas que o déficit de produção é nuclear, o que sem dúvida o localiza em um

¹³⁷Diversos autores apontaram, sem aprofundamento na análise de dados, que os problemas do agramatismo estão centralizados nas categorias funcionais: ZURIF et al. (1972); BERNDT e CARAMAZZA (1980); BRADLEY et al. (1980) e CAPLAN (1985).

quadro de agramatismo. Assim, no caso de português o grau de severidade é maior se considerada a produção, e menor se considerada a compreensão.

TABELA Nº 6 - A PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DE ESTRUTURAS EM PORTUGUÊS NO AGRAMATISMO DE P.

	COMPREENSÃO	PRODUÇÃO ESPONTÂNEA	PRODUÇÃO ATRAVÉS DE REPETIÇÃO	MONTAGEM COM CARTÕES
SENTENÇAS TRANSITIVAS ATIVAS E COM VERBOS CÓPULA	+	+	+	+
SENTENÇAS COM TOPICALIZAÇÃO DE OBJETO DIRETO	+	+	+	+
INTERROGATIVAS	+	+	+	+
SENTENÇAS PASSIVAS SEM AGENTE	+	-	+	-
SENTENÇAS PASSIVAS COM AGENTE	+	-	-	-
SENTENÇAS COM RELAÇÕES ANAFÓRICAS	+	-	+ -	+ -
RELATIVAS COM VESTÍGIO-SUJEITO	-	-	-	-
RELATIVAS COM VESTÍGIO-OBJETO	-	-	-	-

CAPÍTULO IV

ALGUMAS QUESTÕES REVISITADAS

4.1. - APRESENTAÇÃO INICIAL

Tendo sido feita a análise lingüística de dados patológicos da linguagem do agramatismo, a partir de expressões do português, em acompanhamento longitudinal de estudo de caso, e destacadas as estruturas relevantes que o paciente produz, compreende, repete e monta com cartões, algumas questões merecem ser revisitadas.

A primeira delas é a da re aquisição da linguagem que se evidenciou no acompanhamento longitudinal e que obriga à comparação com os quadros de processo de aquisição pela criança.

A segunda, relacionada à primeira, refere-se ao grau de severidade do agramatismo, que pode ser estabelecido a partir da presença ou ausência de categorias funcionais. Uma outra questão está ligada à modularidade e ao conhecimento heurístico que estaria entrando em jogo para suprir o déficit sintático e que ficou evidente na diferença de resultados nos testes de compreensão de relativas, com acompanhamento ou não de gravuras representativas da cena, em combinação com a sentença.

4.2. - A REAQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Não é tranqüilo estabelecer a comparação entre a linguagem infantil em desenvolvimento e a linguagem da afasia no quadro patológico do agramatismo, pois a linguagem dos afásicos de Broca difere da linguagem dos falantes normais, se compararmos falantes nativos de uma mesma língua. A linguagem de afásicos acometidos de agramatismo não pode também ser comparada a um estágio determinado do processo de aquisição da linguagem infantil, uma vez que cada processo, isto é, afasia e aquisição, tem questões diferentes implicadas. O que pode ser colocado em termos comparativos refere-se à seqüência de estruturas adquiridas e readquiridas em cada quadro, no que se refere à aquisição das categorias funcionais pela criança e à re aquisição destas categorias no quadro do agramatismo.

Nenhum experimento, dentre os inúmeros relatados na literatura, preocupou-se até agora com o processo de re aquisição de linguagem no quadro do agramatismo, enquanto no que se refere ao desenvolvimento da linguagem infantil, houve, no fim dos anos 80 e início dos anos 90, preocupação para estabelecer quais categorias a criança adquire, com acompanhamento de reflexões a partir da teoria gerativista chomskiana. O que é transparente na história das pesquisas sobre o agramatismo são os relatos de cortes transversais e não estudos longitudinais.

Se o que ocorre no processo de desenvolvimento da linguagem infantil está relacionado à fixação dos valores dos parâmetros¹ da gramática particular de cada língua, mediante licitações inscritas no pacote genético de GU, pode-se considerar que, do mesmo modo, na re aquisição de linguagem em quadros patológicos do agramatismo, reservados os devidos limites, haveria uma segunda fixação dos valores dos parâmetros de GP. A avaliação das opções para a gramática do português ocorreram mediante processo específico de exposição à linguagem, que no caso de P. foi discursivamente orientado, conforme a opção teórico-metodológica que sustenta o trabalho de COUDRY (1983-1994).² Esta orientação discursivamente orientada facilita a experiência do paciente com a

¹CERQUEIRA (1995) tece considerações relevantes a respeito da aquisição da língua materna, da gramática universal e das gramáticas infantis. Define parâmetros como "um conjunto de opções para uma (classe de) língua específica que interagem com os princípios universais para formar gramáticas de línguas específicas". (CERQUEIRA, 1995:57).

²É preciso esclarecer que em nenhum momento uma teoria mentalista como a chomskiana serviu de esteira teórica para o trabalho em neurolinguística desenvolvido no IEL (UNICAMP). O pano de fundo discursivo facilitou a exibição da linguagem externa, para que a linguagem interna pudesse ser investigada. Um trabalho com a língua E proporcionou meios de investigação da língua I. Esta investigação forneceu pistas para intervenção e isto pode ter facilitado a re aquisição dos valores dos parâmetros.

linguagem, em situações de uso efetivo, e conseqüentemente facilita a re aquisição dos valores dos parâmetros perdidos e a estabilização de parâmetros desestabilizados com o episódio neurológico.

Devido às instabilidades do quadro patológico do agramatismo, não se pode dizer que a re aquisição obedece a estágios contínuos e em linha crescente, como ocorre na aquisição. Apesar dessa diferença, os estudos sobre aquisição de linguagem podem lançar luzes para o estudo das estruturas da linguagem em re aquisição no quadro do agramatismo. O contrário ainda não pode ser afirmado devido à falta de profundidade das análises lingüísticas, sem base empírica e teórica, obtidas no âmbito da neurolingüística, e aos problemas que têm sido verificados nas avaliações experimentais e que comprometem a confiabilidade dos resultados. Outra diferença a ser apontada para o fenômeno da aquisição e re aquisição é que a criança organiza sua gramática sem ajuda sistemática. Isto foi necessário no caso do paciente P., cuja re aquisição resultou de um trabalho conscientemente conduzido e não de uma maturação natural.³

Sabemos que a criança fala antes de contar, vestir-se ou jogar. É intrigante a rapidez e a facilidade com que a criança adquire a linguagem e abstrai a gramática de sua língua particular, sem instrução, pois nenhuma mãe pensaria em ensinar o que é um “Qu” ou que este elemento se move para o início da sentença para formar uma estrutura que serve para interrogar. É nesse sentido que se considera que a criança no processo de aquisição passa, sem organização sistemática intencional de dados a serem apreendidos, do estágio inicial para um estágio estável.

Os dados lingüísticos primários perceptíveis têm inscritas as variações de cada GP. A LF, que não é perceptível, é universal e não tolera variação paramétrica, e está na base de sustentação das re aquisições em FF, também no caso do agramatismo.

Estendendo para o agramatismo as considerações de CLARK e ROBERTS (1993) a respeito de um algoritmo genético responsável pelo modelo computacional na aquisição da linguagem, pode ser considerado que o problema enfrentado pelo afásico é o de redescobrir a gramática, baseando-se em sentenças gramaticais usadas no ambiente lingüístico e selecionadas pelo investigador para serem conscientizadas.

³A re aquisição da linguagem pelo paciente P. foi gradual, lenta e incompleta. Não faz parte do objetivo deste trabalho estabelecer semelhanças e diferenças entre re aquisição da linguagem em quadro patológico e aquisição de segunda língua pelo adulto normal. Outro trabalho, com outra visada teórica, pode abordar esse assunto, possibilidade esta apontada por KATO, em comunicação pessoal.

O afásico, do mesmo modo que o aprendiz da língua, é colocado diante do problema de descobrir uma gramática possível e de fixar os valores dos parâmetros, porém com ajuda do investigador. Sob a mesma perspectiva, a questão da re aquisição dos valores dos parâmetros em casos de afásicos pode ser considerada. Também pode ser admitido que o processo de aquisição de linguagem funciona como pano de fundo para a postulação dos universais lingüísticos, seja com base em dados da linguagem infantil de crianças normais ou não, ou em dados de linguagem patológica de adultos cérebro-lesados, portadores de afasia.

Tendo em vista a relatividade da questão do inatismo, por se tratar de um quadro patológico com sintomas adquiridos que afetam a gramática particular visivelmente, a questão da manutenção dos universais no agramatismo precisa ser revisitada em estudos comparativos, pois a regularidade dos processos lingüísticos nas síndromes afasiológicas, com comprometimento das mesmas estruturas em diferentes línguas, poderá ser inferida a partir de estudos translingüísticos de dados do agramatismo.⁴

Se a re aquisição de categorias funcionais no quadro do agramatismo puder ser relacionada com a aquisição dessas categorias pela criança, então as intuições de JAKOBSON (1941)⁵ também precisam ser revisitadas e redimensionadas. A relação entre a linguagem da criança e do afásico já foi abordada por esse autor, que postulou a hipótese da regressão, segundo a qual o desenvolvimento da linguagem da criança em fase de aquisição teria relação com a perda da linguagem na afasia. Esta idéia figurou primeiramente na lei de RIBOT (1883), segundo a qual o conhecimento adquirido mais tardiamente seria o primeiro a ser perdido num distúrbio de linguagem.

O que o estudo longitudinal de dados do paciente P. revela é que, do mesmo modo que para os dados de aquisição pela criança, pode ser demonstrada uma hierarquia no desenvolvimento da gramática. Esta hierarquia refere-se às categorias funcionais responsáveis pelas relações sintáticas. A esse respeito, é preciso considerar que na afasia a perda não se constitui em um processo progressivo, tal como na aquisição. O que pode ser considerado são cortes da linguagem decorrentes do episódio neurológico, correspondentes a alguns estágios da linguagem na infância.

⁴RESNIK (1995:123) aponta ausência de categorias funcionais no agramatismo em japonês, francês, sueco e italiano.

⁵As reflexões de JAKOBSON sobre afasia encontram-se nas suas obras de 1941, 1955, 1963, 1966 e 1969 mencionadas nas referências bibliográficas. JAKOBSON (1941) faz uma afirmação simples. Depois da definição dos traços distintivos, que ele considerou um inventário universal, identificou a hierarquia entre eles e a relacionou, em ordem contrária, à aquisição e perda de linguagem.

Outra razão para o abandono da hipótese da regressão, com redirecionamento das pesquisas para os processos de aquisição e reaquisição, está relacionada aos fatos empíricos revelados. Procedendo à análise lingüística do agramatismo pelo critério do acompanhamento longitudinal, pôde ser evidenciado o desenvolvimento da linguagem num quadro patológico de afasia, não havendo lugar para o estudo de perdas regressivas.⁶

GRODZINSKY (1990:157) admite que para cada estágio da aquisição há uma correspondente gramática do agramatismo e que para cada grau de severidade de cada síndrome afásica há uma gramática.⁷

Considerando que o processo de aquisição da linguagem é um processo de fixação dos valores de parâmetros de línguas particulares, a partir de dados, a questão do desenvolvimento da linguagem infantil, tendo como referência teórica a teoria sintática chomskiana, foi abordada recentemente por vários autores: RADFORD (1990), MEISEL (1990), PLATZAK (1990), GUILFOYLE e NOOMAN (1991) e TSIMPLI (1991), em diferentes línguas.

Apresento algumas conclusões selecionadas desses autores a fim de buscar subsídios para sustentar a afirmação de que houve reaquisição de linguagem no caso P. e de que a questão da aquisição está relacionada à aquisição de categorias funcionais, paralelamente ao que FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) apresentam para grau de severidade do caso RS. de agramatismo em hebraico, conforme mencionarei adiante.

Para RADFORD (1989), as estruturas sentenciais das crianças em fase de desenvolvimento, em inglês, assemelham-se às pequenas orações dos adultos, que, conforme STOWELL (1981) e CHOMSKY (1986), não têm COMP nem INFL.

Para esse autor, não há, nas sentenças da linguagem infantil: marcas de tempo, concordância, complementizadores, inversão de auxiliares, anteposição de "wh", modais, negação, nem sentenças finitas. Portanto, aponta que na linguagem das crianças estariam faltando categorias funcionais e a estrutura com sujeito e verbo é constituída

⁶Outros quadros patológicos, como demência, degeneração cerebral ou outro comprometimento progressivo, talvez pudessem justificar tal metodologia.

⁷GRODZINSKY (1990:7) propõe-se a estabelecer as diferenças e semelhanças entre aquisição e perda da linguagem e afirma ser seu objetivo examinar a relação entre afasia e aquisição a partir da Hipótese da Regressão de JAKOBSON e a partir do Subconjunto de Princípios (GRODZINSKY, 1990:146-147). Seu estudo, porém, é inconclusivo e programático. Para GRODZINSKY (1990) seria surpreendente se, sob condições limitadas de um quadro neurológico, afásicos readquirissem perdas. Para esse autor, se alguma reaprendizagem é observada, ela não ocorre através da faculdade da linguagem, mas sim pela mediação por recursos cognitivos não-lingüísticos: "I am aware of no such demonstrably effective method of treatment". (GRODZINSKI, 1990:145-146). Sua comunicação pessoal (1995), entretanto, é contrária ao que havia afirmado nesta ocasião, ou seja, o autor admite que possa haver reaquisição, embora não tenha se posicionado publicamente sobre o assunto, mas apenas em comunicação pessoal.

apenas de um VP, não havendo, assim, projeção para INFL nos primeiros estágios. O autor defende a hipótese de que no processo de aquisição a criança precisa descobrir quais as categorias funcionais que precisam ser parametrizadas e então incorporadas à linguagem.

Conclusão semelhante é a de PLATZAK (1990), que tendo pesquisado a linguagem infantil em desenvolvimento em três crianças suecas, também defende a hipótese de que não há categorias funcionais na gramática da criança no início do processo de aquisição. Para este autor o verbo e o nome das estruturas produzidas pelas crianças limitam-se a VP, capaz de saturar as informações temáticas. PLATZAK constatou que na linguagem dessas crianças não existiam subordinações, devido à ausência de complementizador, razão pela qual o movimento “wh”, que exige movimento para Spec de CP, está também ausente.

Considera PLATZAK (1990) que as formas finitas verbais ocorrem mesmo antes da aquisição do conceito de finitude, pois considera verbos finitos como variantes lexicais das formas infinitas. Nesse caso a forma finita não tem função sintática, pois na estrutura a projeção vai até VP, não havendo categorias funcionais. Desse modo, a aquisição do conceito de finitude mostra apenas que a criança está a caminho de adquirir categoria funcional. Não havendo COMP nem INFL, a linguagem telegráfica das crianças seria instanciamento de papéis temáticos, equivalente à linguagem do adulto, exceto quanto às categorias funcionais, com construções projetadas a partir de categorias lexicais.

Contra PLATZAK (1989), posiciona-se JORDENS (1990). Este critica a afirmação de PLATZAK, para quem a finitude e a subordinação são simultaneamente adquiridas, e admite que a mera ocorrência de flexão finita não pode ser interpretada como evidência de que todas as outras categorias funcionais, hierarquicamente superiores, estão sendo projetadas. A esse respeito é preciso considerar que a aquisição de categorias funcionais mais baixas é pré-requisito sintático para aquisição de categorias funcionais mais altas na hierarquia. Porém, a presença de categorias funcionais mais baixas não prevê a presença das mais altas, conforme mostram os dados instáveis do quadro patológico do agramatismo: P. adquiriu INFL, está com COMP quase estabilizado, mas a subordinação ainda é problemática, conforme evidenciam dados de relativas.

MEISEL (1990), num trabalho preliminar sobre aquisição de categorias funcionais verbais, no processo de desenvolvimento da gramática de quatro crianças bilíngües falantes de francês e alemão, chegou a alguns resultados que também merecem

atenção, em face da análise sintática de dados do agramatismo, pelo menos da gramática da linguagem do caso P. do português. A partir do estudo da fixação de parâmetros particulares diferentes do alemão e francês, MEISEL (1990) aponta progressos nos estágios de fixação de parâmetros relacionados a categorias funcionais.

Considera MEISEL (1990) que a criança bilíngüe precisaria fixar valores de parâmetros diferentes para cada língua particular, ou por um processo de aprendizagem ou detonando a GU, de duas formas diferentes em duas GPs diferentes. Para isso, a criança precisaria operar com noções de concordância, com categorias funcionais (COMP e INFL) e marcas na sintaxe realizada, isto é, manifestações em FF de marcação de concordância e tempo. Conforme mostra o autor, este processo de aquisição, mesmo em crianças bilíngües, é menos penoso e muito mais rápido do que a reaquisição de valores de parâmetros, num quadro de agramatismo na mesma língua nativa do sujeito cérebro-lesado.

O autor considera que as primeiras frases das crianças eram apenas uma estrutura VP e as categorias funcionais emergiam consecutivamente com as descobertas de quais categorias deveriam ser incorporadas, a partir de exposição a dados. O que é relevante no trabalho de MEISEL (1990), para reflexão sobre a reaquisição de linguagem no quadro do agramatismo, é a seqüência de aquisições semelhantes às reaquisições verificadas no paciente P., com a diferença do tempo gasto para aquisição e reaquisição: semanas ou meses no quadro da aquisição da linguagem por crianças normais bilíngües e anos no caso do agramatismo. Além disso, no quadro do agramatismo houve apenas alterações quanto ao grau de severidade do déficit, sem que o paciente tenha deixado de ser agramático.

MEISEL, que menciona a existência de uma protolíngua nas crianças, aponta que as primeiras sentenças manifestam-se apenas como VP e afirma que as marcas de concordância são descobertas primeiro através da relação de concordância sujeito-verbo dentro do VP. A esse respeito MEISEL conclui:

Functional categories, however, emerge consecutively, since the learner has to discover which categories of this type need to be implemented in the grammar of the language being acquired. Early sentences are therefore verb phrases. Agreement is discovered very early, initially as subject-verb agreement within VP. It is however not, I contend, an autonomous syntactic category. The development of the grammatical notion of "finiteness", triggers the implementation of a category subcategorizing VP, i.e., FP or IP. Free morphemes are apparently easier to detect as triggers for such development than inflectional affixes. CP is implemented after a further delay ... Finiteness may temporarily be defined in terms of agreement, since Tense comes in significantly later. (MEISEL, 1990:28-29).

Comparando os achados paramétricos das crianças acompanhadas por MEISEL (1990) em fase de re aquisição do alemão e francês, podemos afirmar que na linguagem de P., de modo semelhante, há os seguintes fatos sintáticos: elementos negativos; linearização da ordem SVO canônica; movimento para a ordem OSV na sintaxe visível; preservação da estrutura prediativa com ou sem verbo de ligação realizado; partículas presentes na linguagem, isoladamente ou acompanhadas de verbos; reconstrução em FL de elementos não visíveis na sintaxe de FF, o que explica como um nome pode “valer” uma sentença; seqüências de palavras formando sentenças transitivas e predicativas completas e combinação de partículas nominais com raízes verbais.

É relevante a observação desse autor de que as primeiras combinações com verbos são feitas com nomes e é interessante observar a preferência pela ordem canônica da língua, embora seja difícil estabelecer a função sintática do nome, se sujeito ou objeto, nas primeiras combinações sintáticas, fato apontado anteriormente na gramática de P.⁸

A diferença neste aspecto, entre a re aquisição no agramatismo e a aquisição pela criança, é que no primeiro quadro convivem simultaneamente sentenças e nomes isolados, estes sem combinação sintática visível, conforme mostraram os dados do acompanhamento longitudinal do paciente P. A preferência pelo apagamento de sujeito, marcante nos dados de P., mesmo em testes de repetição, foi também apontada por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) com a paciente RS., que omitia 36% de sujeitos em estruturas SVO. A omissão do sujeito, que desponta como característica de quadros do agramatismo, é semelhante ao fato de a criança omitir o sujeito em fase de aquisição, mesmo em línguas que não admitem o parâmetro “pro-drop”. Isto pode ser ocasionado pela opção de não checagem do nominativo.⁹

MEISEL (1990:12), considerando POLLOCK (1989), admite que AGR é adquirido antes da marca de tempo em dados de aquisição e as marcas de número e pessoa emergem na criança entre os dois e três anos. Até quatro anos e seis meses, todo o inventário está adquirido, o que a concordância do verbo com o sujeito deixa visível (MEISEL, 1990:13). Nos dados do agramatismo em português há instabilidades, tanto em AGR como em Tempo, mas há tendência para estabilização anterior de Tempo nas marcas

⁸Fato semelhante foi apontado nas primeiras análises dos dados que fiz de P. (ainda em 1990), em comunicação no I Seminário de Neuropsicologia da UNICAMP. Ao ser perguntado a P.: “O que estas pessoas estão fazendo?”, responde “turistas”. [31.01.1985].

⁹Não é objetivo deste trabalho quantificar a realização ou não do parâmetro “pro-drop” na linguagem de P. Isto pode ser feito a partir das reflexões de DUARTE (1993) e OLIVEIRA (1995).

de flexão. Ao contrário da seleção descombinada de marca de flexão nominal para flexão verbal, detectada nos dados do agramatismo, MEISEL considerou que não há virtualmente “erros” de concordância nos dados das quatro crianças estudadas.

A marca de concordância que primeiro aparece nos dados de aquisição do francês é a marca de pessoa, depois a concordância de número. Mas é a marca de tempo a mais relevante, pois teoricamente essa aquisição promove outras, como o movimento do sujeito de Spec de VP para Spec de TP, o que permite que uma categoria funcional subcategorize VP, e direcione por exemplo a colocação da partícula de negação em francês, e alemão.¹⁰

Encontramos evidências nos dados de P. de que a relação de concordância está preservada, pelo menos em FL, dada a atribuição de caso nominativo adequadamente. Mas outras relações sintáticas, com outras categorias funcionais, reemergem em FF tardiamente, do mesmo modo que conclui MEISEL (1990:19) para os dados de aquisição.

Os dados de P. demonstram que o uso de advérbios é freqüente como marcadores de tempo, fato semelhante ao que foi apontado por MEISEL em dados da aquisição em francês e alemão. Há, portanto, nos dois quadros, substituições para suprir a falta de categorias funcionais.

Além das instabilidades com a categoria funcional INFL, outra semelhança na estrutura de linguagem da criança em fase de aquisição e do afásico em reaquisição, em relação ao adulto normal, é a falta de CP na gramática da criança e as instabilidades dessa categoria no quadro da afasia. MEISEL afirma não ter encontrado realização de COMP em francês e alemão até dois a cinco meses e três anos, embora as crianças construísem complexas relações de subordinações, sem presença do conectivo sintático. As coordenadas, porém, eram processadas com conectivos presentes. Esta limitação sintática, no entanto, era suprida por elementos significativos e semanticamente adequados. O fato de não se realizarem conectivos na gramática inicial da criança não as impedia de representar estruturas; porém, a posição de COMP nunca era preenchida em FF.

Essas considerações de MEISEL podem ser quase diretamente projetadas para o quadro de reaquisição da linguagem, no caso do agramatismo, tanto em português,

¹⁰Em francês e alemão as partículas de negação “pas” e “nicht” têm colocação dependente do Tempo: o verbo finito precede a negação e os infinitos são colocados depois. Logo, a posição do verbo em relação à negação evidencia ou não a presença do traço [+finito] nessas línguas, fato apontado por LONZI e LUZZATTI (1993) para argumentar a favor da presença de INFL na gramática do agramatismo em italiano.

como demonstrou a análise longitudinal de dados de P., como em hebraico, conforme apontaram FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995).

Pontos de vista semelhantes aos de MEISEL são os de GUILFOYLE e NOOMAN (1991) e TSIMPLI (1991), que também mostram que as categorias funcionais não estão presentes nos primeiros estágios da aquisição da linguagem.

GUILFOYLE e NOOMAN (1991) abordam a questão da aquisição a partir da hipótese de construção da estrutura, segundo a qual cada categoria adquirida vai se somando à estrutura anterior em termos de projeção, havendo distinção entre categorias funcionais e lexicais. Os autores propõem que, nos primeiros estágios, somente a gramática das categorias lexicais está presente; a outra emerge com o desenvolvimento, com a maturação das categorias funcionais, conforme TSIMPLI (1991). De acordo com a primeira hipótese, de construção da estrutura, o esqueleto funcional da sentença emerge ao longo do desenvolvimento, mas está presente em forma de princípios desde os primeiros estágios. Conforme essa hipótese, os princípios de GU não são violados e não amadurecem; são as projeções que caracterizam o “amadurecimento” da gramática.

Quanto às passivas, é proposto que a presença de “by phrase” nos dados força a criança a olhar o papel temático externo e que apenas quando isto acontece é que há representação sintática da passiva, tal como na gramática do adulto. Quanto às interrogativas, os autores consideram o movimento “wh” que envolve movimento para Spec de CP, em dados de aquisição do inglês, apontando que as crianças movem o “wh” para o início da sentença, mas não realizam a inversão verbo auxiliar-sujeito, pois nem INFL nem COMP estariam presentes, ficando “wh” adjunto a VP (GUILFOYLE e NOONAN, 1991).

TSIMPLI (1991), tratando da ordem de aparecimento das categorias funcionais no processo de aquisição, propõe que AGR emerge primeiro que tempo, conclusão semelhante à proposta por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) para o estabelecimento do grau de severidade do agramatismo em hebraico.

O aparecimento de AGRS e AGRO permite que sujeito e objeto saiam fora do VP e fixem posição na estrutura para que a ordem, conforme cada língua, seja fixada. Então, fixação da ordem ocorre quando AGRS e AGRO passam a desempenhar seu papel (TSIMPLI, 1991:12). Esta hipótese também pode ser diretamente projetada para o caso P.

na re aquisição de sua linguagem, sem considerar, obviamente, que aos quadros de afasia há processos maturacionais. O que pode haver é construção hierárquica da estrutura.

Considerando as reflexões de KATO (1991) sobre a questão da aquisição em português, um ponto relevante, não abordado nos estudos anteriormente expostos, refere-se à estrutura com objeto nulo em português, estrutura esta sem exigência de COMP (KATO, 1991:15). Em dados de aquisição apresentados por KATO (1991), é relevante o seguinte dado: “Cola, dá prá mim!” (KATO, 1991:20), o que permite afirmar que tanto na aquisição quanto na re aquisição da linguagem em português o tópico-objeto é uma construção emergente antes que a categoria COMP esteja presente na gramática. O paciente P. não tem problemas com estruturas com tópico-objeto, nas quais COMP está ausente,¹¹ e mostra dificuldades com estruturas com COMP em interrogativas e problemas com COMP nas relativas.

Outro dado relevante apontado por KATO (1991) refere-se à aquisição de interrogativas. Esta autora mostra dados de aquisição¹² nos quais, com um ano e oito meses, a criança demonstra não compreender as interrogativas, fato este que não foi constatado na gramática do agramatismo. KATO (1991:28) afirma que não é possível explicar por que a criança não prefere “wh in situ” se os dados fornecem tais formas. No caso do agramatismo em português, conforme acompanhamento longitudinal, tanto “Qu” movido como “in situ” foram observados, conforme demonstram os gráficos expostos anteriormente. Mas “Qu” movido também aparece primeiro, o que indica que tanto a criança como o paciente acometido de agramatismo são sensíveis ao valor do parâmetro do movimento “Qu” do português.

Uma diferença que pode ser apontada em relação ao quadro de aquisição em português delineado por KATO (1991) e ao quadro do agramatismo em português é que, enquanto a criança extrai suas respostas curtas¹³ de partes do diálogo da mãe, o paciente P. é mais autônomo na escolha das respostas, tal como evidenciaram os dados. As respostas

¹¹Na análise de KATO (1991) não há operador envolvido (nota 19).

¹²São os seguintes os dados apresentados pela autora que demonstram que a criança, no início do processo de aquisição, não entende interrogativas:

Adulto: – Quem foi que quebrou aquela garrafa no quintal?

Criança: – Iau.

Adulto: – Que que o cachorro tá fazendo?

Criança: – Babalu tá fazendo. (KATO, 1991:27).

¹³São os seguintes os dados apresentados por KATO (1991:24) para exemplificar a constituição do foco-resposta pela criança:

– Mãe: Cê quer pôr o microfone embaixo do gravador?

– Criança: Bassu.

– Mãe: Tiro tudo?

– Criança: Tudo. (KATO, 1991:24).

da criança são, frequentemente, colagens sintáticas de focos da sentença da mãe, o que não ocorre com P., de modo geral.

Outro ponto a ser considerado no quadro de aquisição e reaquisição em português refere-se aos clíticos. Para KATO (1991:21), o uso improdutivo de clíticos pela criança encontra razões nas poucas realizações desses elementos na língua a que a criança é exposta, o que dificulta a parametrização. Quanto aos dados do agramatismo, também nenhum clítico foi observado no corpus e as razões para esta ausência podem ser as mesmas postuladas para o quadro de aquisição. Foi observado, porém, em avaliação de linguagem com o paciente P., que este repete o clítico em estruturas dadas, o que demonstra a possibilidade desses elementos na sua gramática.

Quanto à categoria INFL, no quadro do agramatismo, primeiro ocorre marcador de tempo não-finito, emergindo o gerúndio, como vimos nos primeiros dados do acompanhamento longitudinal, e depois são adquiridos, com instabilidades, outros traços como pessoa, tempo passado e, na ausência destes traços, partículas são chamadas para preencher, nas sentenças, os traços não definidos de INFL. Prova disto é a seleção de “quase”; “já”; “à noite só”, feitas pelo paciente para definir traços de tempo e preencher o que a flexão verbal não pode preencher.¹⁴

Porém, a estabilidade das marcas de flexão no agramatismo não é nem homogênea nem sem voltas. A tendência dos primeiros dados de agramatismo de redução do verbo ao infinitivo indica a falta de AGR, tanto com relação à concordância quanto com relação ao tempo. Até equívocos de marca de pessoa são encontrados ao longo dos dados. Nas tentativas de realização da concordância ocorreu e continua ocorrendo esporadicamente, na gramática de P., a realização de um “s” não característico da língua, na flexão verbal, o que comprova que há uma evidência da noção lógica de concordância, em FL, com instabilidades na FF.

No caso do agramatismo, em se tratando de um quadro patológico, a manifestação da concordância ocorre “lentamente” e requer, por parte do investigador, um árduo trabalho de conscientização. Porém, sua estabilidade ainda não ocorreu, e mesmo sem as marcas de concordância de número, as mais tardias a se fixarem, P. constrói a estrutura com INFL preenchido em Tempo. Então, ao contrário dos dados de aquisição,

¹⁴Este fato permite afirmar que o paciente P. faz reconstruções em FL, conforme admitido por CHOMSKY (1992), opera com categorias vazias, com elipses, comparativas e “também”, além de operar com objetos nulos. Tem capacidade de reconstituir a identidade sintática de uma estrutura anterior. Para detalhes sobre a operação de reconstrução, ver CYRINO (1994).

pode ser observado, a partir dos dados do agramatismo, que o tempo, pelo menos presente e passado, teve estabilização maior do que a concordância, ao contrário do que postulavam FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) para o agramatismo em hebraico.

O que pode ser generalizado a partir dos dados do agramatismo é que AGR emerge com marcas instáveis de concordância, se considerarmos os valores dos parâmetros de GP. Dadas as instabilidades características dessa síndrome patológica, não pode ser fixado o momento da emergência da categoria AGR, pois ora há realização normal, ora não. O que pode estar acontecendo na gramática do agramatismo é a dispensa de marcas de concordância de número, com manutenção da estrutura e projeção de verbo.

No quadro do agramatismo, descartada qualquer hipótese de maturação, pela natureza da síndrome, pode ser afirmado que algumas estruturas vão se construindo, conforme apontaram GUILFOYLE e NOONAN (1991) para a aquisição, e adquirem estabilidade, enquanto alguns princípios que não se tornam efetivamente “visíveis” em FF, ocorrem no processo de compreensão em LF e desempenham seu papel. Assim, a noção de tempo não é perdida em P., mas sua realização não ocorre regularmente no início do acompanhamento. Uma categoria INFL, e mais especificamente o Tempo, em FL, estaria desde o início esboçando a gramática em reconstrução neste quadro patológico. Por isso, o resultado da combinação sujeito-predicado, em estrutura canônica da língua, seriam sentenças plenas e não haveria razão para considerá-las como “Small Clauses”.

Como vemos, há problemas para o estabelecimento de um quadro comparativo da linguagem patológica do agramatismo com a linguagem da criança em fase de aquisição, pois enquanto na linguagem em desenvolvimento sucedem-se progressivamente os estágios, conforme têm demonstrado os dados empíricos, no quadro patológico as instabilidades impedem a organização linear, obrigando-nos a trabalhar com tendências. É difícil dizer: Até a sessão X o paciente não fazia perguntas e a partir da sessão Y passa a fazê-las. O paciente progride, consegue realizar repetições que não conseguia (por exemplo, a repetição da passiva no início do acompanhamento e a repetição da passiva em novembro de 1994) e apesar das insistências e da competência para fazer perguntas com movimento “Qu”, o paciente ainda recai nas perguntas alternativas.

Apesar das instabilidades, o progresso lingüístico do paciente, conforme demonstrado empiricamente no Capítulo III, permite afirmar que, houve reaquisição de linguagem. Como vimos através da análise dos dados em acompanhamento longitudinal, o

uso do infinitivo, que mostra falta da categoria Flexão, era mais abundante no início do acompanhamento, tendo se reduzido a zero em 1994.

Quanto às passivas, nenhum dado do agramatismo em português atesta sua produção, mas a compreensão desta estrutura está preservada em P. A razão da dificuldade de produção de passiva reside no fato de que na cadeia com passiva há complexidade na flexão marcada pelo auxiliar e pelo particípio, além da presença da preposição e da possibilidade de existência da categoria PASS.

Apesar da limitação na competência para representação de estrutura com categorias funcionais, mais altas na hierarquia, pode ser constatado que no agramatismo, a gramática não é impossível ou aberrante. A gramática do agramatismo é apenas mais econômica e mais restrita do que a dos falantes ideais da mesma língua. As estruturas lexicais não são “anormais” e nem agramaticais: ordem e relação núcleo-complemento estão mantidas, princípio de projeção e papéis temáticos estão mantidos e o paciente não lineariza seqüências agramaticais. Tudo é relevante e se encaixa adequadamente na estrutura sintática produzida pelo investigador.

Apesar da competência para a produção de sentenças triviais em FF e para a compreensão de estruturas mais complexas em FL, como passivas, as operações com categorias funcionais necessárias para linearização de cadeias ainda não foram totalmente readquiridas por P. Havendo uma categoria funcional CP, a cadeia, agora não-trivial¹⁵, tem sua linearização bloqueada não só em FF, como no caso das passivas, mas também em LF, conforme os dados de avaliação com relativas tornaram evidentes.

Permanece então a explicação da presença de categorias funcionais para justificar a dificuldade de construção de passivas, relativas, interrogativas e flexões, no processo de re aquisição de linguagem no agramatismo.

Categorias funcionais movidas em interrogativas e relativas justificam também os problemas das crianças com estas estruturas. Conforme mencionado por KATO (1991), a criança não entende interrogativas e CORRÊA (1986) demonstrou a dificuldade com relativas. No caso da afasia, P. compreende as primeiras, tendo readquirido a competência para construir estruturas com “Qu” movido, o que foi possível através da exposição à linguagem e de atividades com estas estruturas. No processo de construção das

¹⁵Sobre a noção de cadeias triviais e não-triviais e sobre a linearização de cadeias, ver NUNES (1994b). Neste trabalho o termo trivial está sendo usado no sentido de complexidade sintática e relacionado à presença de categorias funcionais mais altas, portanto, diferentemente de NUNES (1994b).

estruturas interrogativas as expressões de P. evidenciam a sua dificuldade na organização e linearização da representação em FF, embora na compreensão dessas estruturas sintáticas complexas não tenha tido problemas.

Em todos os anos de acompanhamento do paciente ficou patenteada a presença de uma sintaxe interna “latente”, responsável pela compreensão de estruturas que não conseguia construir. A hipótese é de que o paciente opera em FL com estruturas que não constrói em FF.

E se a construção de estruturas como a interrogativa e a passiva (esta última apenas em tarefas de repetição) foi obtida, o papel da experiência com o “uso” da linguagem foi relevante para a reavaliação dos parâmetros. Este fato não é contraditório com a postulação de que, a partir dos dados da experiência, há fixação de valores de parâmetros. Foi justamente esta a possibilidade demonstrada por RADFORD (1990), MEISEL (1990), PLATZAK (1990), TSIMPLI (1991), GUILFOYLE e NOONAN (1991) e KATO (1991) para a aquisição da linguagem, no mesmo quadro teórico assumido para análise da linguagem de P.

A diferença que se coloca, então, entre aquisição e reaquisição no que se refere à fixação ou refixação dos valores dos parâmetros particulares de uma língua é que, no caso da reaquisição, apenas a experiência assistemática com os dados lingüísticos não é suficiente, devido às outras características da síndrome, como a apatia. Além disso, o processo de reaquisição no quadro patológico demanda mais tempo e esforço do paciente do que a aquisição normal da linguagem.

No caso de P. os estágios de reaquisição não podem ser claramente delineados, pois mesclam-se na linguagem resquícios do que não foi perdido e instabilidades das novas reaquisições. Mas através do acompanhamento longitudinal do caso P. pode ser constatado que a reaquisição dos valores dos parâmetros é possível, embora demande um longo processo.

4.3. - PISTAS SINTÁTICAS PARA O ESTABELECIMENTO DO GRAU DE SEVERIDADE DO AGRAMATISMO

Tendo investigado as marcas de flexão verbal no agramatismo em hebraico, FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995), assumindo a divisão da flexão em Tempo e AGR, conforme POLLOCK (1989), constataam que enquanto estão intactas as marcas de concordância, estão comprometidas a flexão de tempo e a presença de COMP, este último evidenciado pela falta de orações encaixadas nos dados observados.

Examinando justamente a morfologia da flexão do verbo em hebraico, que tem inclusive marcas de gênero, os autores descartam a possibilidade de uma abordagem morfológica para a explicação do agramatismo. Apontam esses autores que os “erros” no agramatismo ocorrem quando o item morfológico é inserido na estrutura, isto é, as falhas ocorrem em tarefas estruturais e não com itens lexicais isolados.

As conclusões desses autores baseiam-se em dados de experimentação com a paciente RS., incluindo repetição de frases, testes de completar sentenças com flexões de tempo e concordância, testes de montagem de sentenças com cartões e observação de sentenças resultantes de produção espontânea de linguagem patológica,¹⁶ procedimento semelhante ao que foi realizado com o paciente P., desde 1989.

Foi constatado que RS., um caso de agramatismo em hebraico, apesar dos problemas com a flexão verbal de tempo, mantinha intacta a sensibilidade ao tempo finito, exceto com verbos cópula, fato este diferente do que ocorre nos achados do português, pois o paciente P. seleciona justamente o verbo cópula para nele ancorar as flexões verbais desestabilizadas.

Afirmam os autores que a paciente RS. desempenhou-se melhor em habilidades de compreensão, refletindo a interpretação quase normal nos testes de traços de flexão e julgamento de gramaticalidade, tendo apresentado problemas nos dados de produção, omitindo complementizadores em testes de repetição, em leitura e produção espontânea, fato semelhante ao que foi observado no caso do português.

¹⁶Este é o primeiro trabalho de GRODZINSKY que leva em conta dados de produção. São consideradas por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) 440 sentenças do hebraico, produzidas por RS.

Resumindo, foram os seguintes os achados de FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995), a partir dos testes experimentais e análise da produção da paciente RS.:

1. tempo verbal abalado, com substituição das flexões;
2. concordância nominal, verbal e adjetival intacta quanto ao gênero, número e pessoa;
3. cópula abalada, com erros de substituições e omissões no tempo;
4. complementizadores omitidos, com falta de capacidade para encaixamentos;
5. problemas com as construções interrogativas;
6. problemas na ordem das palavras, em um conjunto limitado de construções, nas quais havia sentenças com negação e cópula e omissão de pronome sujeito;
7. compreensão normal.¹⁷

Comparando esses achados do agramatismo em hebraico com os do caso P., do agramatismo em português, os fatos coincidem apenas em parte. Assumindo a divisão da flexão em Tempo e AGR, o primeiro se estabilizou melhor nas marcas de flexão verbal em português, ao contrário do que ocorre em hebraico, pois a paciente RS. domina concordância e tem problemas com tempo. COMP permanece problemático tanto em hebraico como em português, nos respectivos quadros de agramatismo.

Portanto, tendo sido constatado em hebraico e em português que uma parte das categorias funcionais está preservada e outra parte abalada, faz-se necessária uma revisão das descrições superficiais presentes na literatura, que apontam para a ausência total de categorias funcionais. Além da revisão, o que estabelecem FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) é a possibilidade de relacionar a ausência ou presença de categorias funcionais, conforme posição ocupada na hierarquia da representação sintática, com o grau de severidade da síndrome. Ficam assim resolvidas questões polêmicas sobre o assunto, como variabilidade dos casos de agramatismo, preocupação de MICELI et al. (1989).

O fato de haver problemas com INFL gera problemas nos nós superiores da árvore. Então, se não houver estabilidade da categoria funcional tempo, as interrogativas

¹⁷O desempenho da paciente RS com sentenças relativas não é mencionado pelos autores. Também não é explicitado em detalhes quais são os problemas com as interrogativas.

com “Qu” e a presença de complementizadores nos nós superiores da árvore, e também estarão afetadas. Também nas estruturas encaixadas é necessária a presença de COMP na representação, categoria mais alta que T, e, estando este afetado ou não especificado, haverá comprometimento nos nós superiores. Conforme esta hipótese, nunca haverá casos de agramatismo em que o paciente opera com COMP e não com INFL.

A consideração sobre a re aquisição da linguagem no quadro do agramatismo do caso P. em português oferece respostas empíricas ao fato de que quando o verbo é atingido em T, há comprometimento nos nós superiores, e quando o paciente passa a readquirir as marcas de flexão de verbo, a estrutura da sentença passa a ser representada, havendo inclusão de “Qu”. Este fato foi observado na comparação da produção de interrogativas e produção de sentenças declarativas, conforme pode ser constatado pelo gráfico nº 29, apresentado anteriormente.

Num quadro de agramatismo, se considerada a re aquisição da linguagem conforme a presença ou ausência de categorias funcionais, a hierarquia dessas categorias pode evidenciar ou não o progresso do paciente nas representações sintáticas, em acompanhamento longitudinal. Em cortes transversais pode ser diagnosticado o grau de severidade da síndrome, pelo mesmo critério. Se o paciente não tiver INFL na sua gramática, o grau do seu agramatismo é severo, mas se o paciente não tiver COMP, o agramatismo pode ser moderado.

Quanto à preservação da categoria tempo no agramatismo, LONZI e LUZZATTI (1993), mostraram evidências de sua manutenção na gramática do agramatismo em italiano. Nesse caso, os pacientes testados não eram severos no mais alto grau de agramatismo.

O paciente P. recomeça a reconstrução da estrutura sintática sustentando a re aquisição da linguagem nas marcas de flexão verbal do gerúndio e pretérito perfeito, que gradativamente passam a substituir os verbos no infinitivo. Assim, a presença abundante de infinitivo no agramatismo e a presença de flexão tempo são fatores que devem ser relacionados ao grau de severidade da síndrome. Porém, as instabilidades características do quadro, e não apontadas nas pesquisas devido à falta de acompanhamento longitudinal, precisam ser consideradas.

FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) admitem a possibilidade de subgrupos de agramáticos com diferentes graus de severidade, mas não apontam a

possibilidade de instabilidades no mesmo quadro, uma vez que não fazem acompanhamento longitudinal e sim corte transversal para análise de dados. Se forem consideradas as tendências da linguagem P. ao longo do acompanhamento, a hipótese desses autores dá conta dos dados do português, nos diferentes momentos do grau de severidade do agramatismo de P., severo no início do acompanhamento e depois considerado moderado.

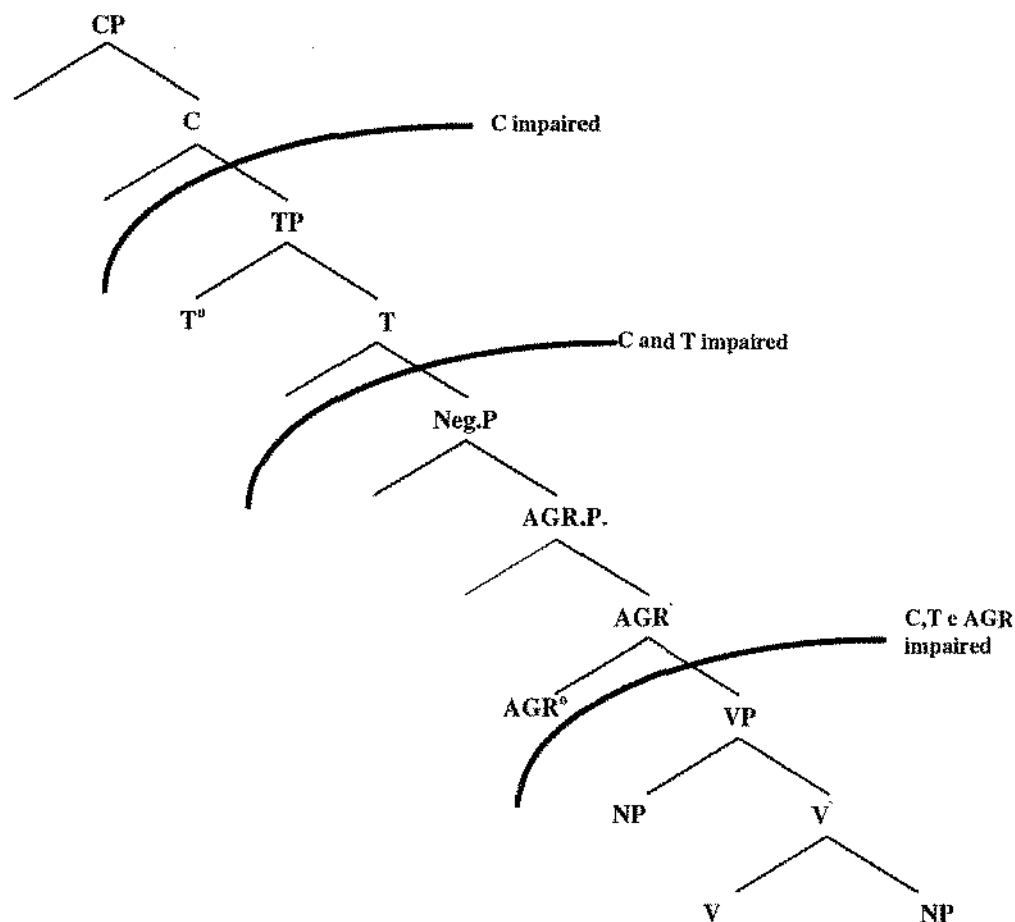
Este fato pode ser contemplado se forem consideradas as três possibilidades de graus de severidade do agramatismo, sistematizadas a partir da presença das categorias funcionais na estrutura, conforme FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995):

1. há pacientes que têm Tempo e Concordância abalados;
2. há pacientes que têm Tempo abalado e Concordância intacta;
3. há pacientes que têm Tempo e Concordância intactos, mas COMP abalado.

No caso RS., do agramatismo em hebraico, a segunda possibilidade foi verificada, e no caso P., do português, o paciente passou pelas três possibilidades: no início tinha tempo e concordância abalados; depois adquiriu tempo, embora tenha continuado com concordâncias desestabilizadas; e atualmente tem COMP comprometido, embora não tenha estabilizado marcas de concordância. A afirmação de que COMP está comprometido vale principalmente para orações relativas nas quais há COMP e encaixamento.¹⁸ No caso das interrogativas, pode ser considerado que COMP está sendo readquirido.

Esta diferença de competência linguística para a representação de categorias funcionais pode ser contemplada pelo rigor apontado por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) para o grau de severidade do agramatismo, conforme só COMP esteja abalado, ou estejam abalados COMP e Tempo ou, ainda, COMP, Tempo e AGR. Estas ausências gradativamente identificadoras de um grau maior de severidade podem ser representacionalmente localizadas, conforme o lugar da “poda” da árvore.

¹⁸Conforme a versão do programa minimalista (CHOMSKY, 1992) pode ser considerado que nas operações computacionais necessárias para derivação de relativa há elemento “Qu” e operação “merger”. Quando há encaixamento de relativa, a estrutura que já estava construída até um ponto da inserção é ampliada internamente. Esta operação seria mais difícil ao paciente do que outras adjunções. A operação “merger”, considerada resumidamente como uma operação de combinação, é definida em CHOMSKY (1994:10).



FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995)

Através desta representação podem ser determinados os graus de severidade do agramatismo pela localização da “poda” da árvore. Essa abordagem dos diferentes graus de severidade na síndrome do agramatismo é feita a partir da distinção dos níveis onde ocorre o déficit na representação. Quanto mais baixo o lugar da “poda” na representação em árvore, mais severo o grau de agramatismo.

O paralelismo entre os graus de severidade do agramatismo e os níveis de representação podem ser estendidos para as diferentes fases da aquisição de categorias funcionais, conforme a hipótese da construção da estrutura, mencionada no item anterior.

HAGIWARA (1995) também admite que a criança adquire categorias funcionais das posições mais baixas (INFL e NEG) antes de adquirir posições mais altas como C. Assim, as estruturas sem COMP são mais econômicas¹⁹ do que as que contêm

¹⁹Aventurando-se numa abordagem minimalista das categorias funcionais, HAGIWARA (1995) admite que as categorias funcionais são adicionadas por “merger”. Para este autor, quanto menor número de vezes se aplicar a operação “merger”,

esta categoria. A mesma observação é feita por HAGIWARA (1995) para o quadro do agramatismo.²⁰ Tendo considerado dados do agramatismo em japonês, francês e italiano, tanto na produção como nos resultados de julgamento de gramaticalidade, admite que nem todas as categorias funcionais estão omitidas no agramatismo. Para este autor as posições mais baixas da estrutura hierárquica da sentença são mais acessíveis aos pacientes. As categorias funcionais mais baixas da estrutura tendem a ser preservadas, e as mais altas, como CP, são omitidas.

As hipóteses de HAGIWARA (1995)²¹ obtêm uniformidade e articulação para tratar de modo diferenciado as categorias funcionais na gramática do agramatismo, conforme sua posição hierárquica. HAGIWARA (1995), tendo analisado dados do agramatismo em japonês, francês e italiano, chega às mesmas conclusões de FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995).

A esse respeito, FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) afirmam:

The tree - pruning hypothesis:

- a) C, T, e AGR is underspecified in agrammatism.
- c) An underspecified node cannot project any higher.

Severity metric for agrammatism.

For $P_1, P_2, \dots, P_n$, different variants of the syndrome, P_i is more severe than P_{i+1} iff N_i , the node impaired in P_i , is contained in the c-command domain of N_{i+1} , the node impaired in P_{i+1} . (FRIEDMANN e GRODZINSKY, 1995:s.n).

O esquema apresentado pelos autores tem, nos dados de acompanhamento longitudinal do agramatismo em português, suas predições testadas e confirmadas.

Considerando que no início do acompanhamento longitudinal de P. as categorias funcionais mais baixas da representação estão abaladas, o verbo que deveria mover-se para T e AGR para incorporar sua flexão não o faz, permanecendo na forma infinitiva não flexionada. Com a aquisição da Flexão o verbo se move e, embora com

mais econômica será a estrutura e mais acessível ao paciente (HAGIWARA, 1995:111). Isto significa que a operação "merger" tem um custo computacional. Dizer que cada operação "merger" tem um custo computacional é coerente com a hipótese de que o acesso às categorias funcionais mais baixas na hierarquia requer um menor custo do que o acesso às mais altas. O encaixamento de oração relativa tem, assim, um custo maior. É isto a teoria precisa explicitar.

²⁰Dos seis casos de agramatismo em japonês testados por HAGIWARA (1991:106), NF, era um caso de agramatismo não-severo e demonstrou sensibilidade ao tempo, negação, posposição, complementizadores, sentenças interrogativas com "-ka" e marcadores de caso. MY, e JK, eram moderados. Os outros três casos com agramatismo severo, não se desempenharam bem em testes de sensibilidade às categorias funcionais. Afirma HAGIWARA (1991:106) que os diferentes níveis de desempenho em relação à hierarquia das categorias funcionais estavam de acordo com o grau de severidade da síndrome apresentada por cada paciente. Esta hipótese é semelhante à de FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995). Não foi possível identificar qual foi exposta primeiro. Ambas estão publicadas no nº 50 da revista "Brain and Language". (1995).

²¹HAGIWARA (1995) apresenta uma abordagem unificada para as categorias funcionais no agramatismo fazendo menções à terminologia do programa minimalista proposto por CHOMSKY (1992): as noções de convergência e "merger" são convocadas, porém sem vantagens descritivas sobre o modelo dos anos 80.

instabilidades, P. passa a fazer interrogativas, chegando portanto à aquisição de COMP, em FF e FL, isto é, na sintaxe visível e nas operações necessárias para compreensão.

Quando COMP, a categoria funcional mais alta da hierarquia, precisar se estruturar em encaixamentos como nas relativas, há “poda” na representação e o paciente não consegue organizar a representação, nem em FF nem em FL, pois categorias funcionais se proliferam devido à presença de “Qu”, COMP e subordinação.

Quanto às passivas, o estudo de FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) não as aborda. Para uma abordagem generalizada dos problemas do agramatismo, seria viável retomar a proposta de OUHALLA (1990) e inserir na representação a categoria PASS, que teoricamente deveria estar abaixo de CP, para completar a caracterização do agramatismo e abarcar os graus de severidade da síndrome quando também a passiva estiver comprometida. Mas acima de INFL e abaixo de CP deve estar a categoria TOP, quando houver na estrutura, já que o paciente P. deriva estruturas com tópico-objeto.

FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) não contemplam também os problemas com preposição, concordância nominal e relações anafóricas. Quanto à primeira categoria a explicação poderia ser englobada como problemas com categorias funcionais, compondo o quadro já delineado. Quanto à concordância nominal a teoria deveria licitar sua marcação na representação. Com relação às relações anafóricas o elemento anafórico precisaria ser revisitado enquanto categoria funcional, já que é um elemento sem matriz completa que necessita de um antecedente para competá-lo.

Com relação à concordância nominal, do mesmo modo que quanto às relações anafóricas, estas para GRODZINSKY (1993) não seriam problemáticas. Seus testes sobre este último fato lingüístico demonstraram que os pacientes não têm problemas de compreensão para vincular anáforas lexicais no domínio mínimo. Mas os dados de produção não foram considerados na pesquisa.

A hipótese de FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995), exposta nesse item, possibilita o estabelecimento de grau de severidade do agramatismo a partir do inventário das categorias funcionais, mas não fica claro se este grau deve ser estabelecido a partir de dados de produção ou a partir de resultados de testes experimentais. Não havendo paralelismo compreensão-produção nos quadros do agramatismo, conforme ficou claro na análise de dados do caso P., do português, o grau de severidade deve ser estabelecido tendo em vista cada uma das dimensões. Para isso, a mesma hipótese da poda da árvore,

conforme a competência para categorias funcionais mais altas ou mais baixas na hierarquia, pode servir de ancoragem. Os resultados, porém, podem diferir se for considerada a produção, isto é, a sintaxe visível em FF, ou apenas a compreensão, isto é, a FL da sintaxe invisível. Além disso, categorias como TOP precisam ser adicionadas e relações anafóricas e preposições precisam ser consideradas.

O quadro do português anteriormente exposto, no final do Capítulo III, deixa claro que, sendo as categorias funcionais as responsáveis pela competência, tanto na compreensão como na tarefa de repetição, o paciente P. atinge níveis mais altos nestas instâncias do que na produção e montagem de sentenças com cartões, se considerada a hierarquia proposta por FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995). Portanto, a “poda” da árvore se dá em lugares diferentes e o grau de severidade da síndrome também é diferente se considerados os fatos lingüísticos de produção e compreensão enquanto facetas da competência lingüística.

4.4. - PROBLEMAS SINTÁTICOS E SOLUÇÕES PRAGMÁTICAS EM FACE DA MODULARIDADE

Soluções pragmáticas, através da convocação de estratégias heurísticas, como compensação dos problemas sintáticos, têm sido apontadas por aqueles que pesquisam o agramatismo na tentativa de explicar por que os pacientes compreendem estruturas para as quais não demonstram competência para produção. Como representativos das reflexões sobre este assunto destacam-se os trabalhos de CARAMAZZA e ZURIF (1976) e os de GRODZINSKY e MAREK (1988).

Os primeiros investigaram a questão da compreensão de sentenças em agramáticos e estabeleceram comparação entre afásicos de Broca e Wernicke, através de resultados de testes de combinação sentença-gravura. O objetivo era verificar se o bom desempenho dos pacientes era devido ao uso de estratégias heurísticas ou se os pacientes tinham capacidade de computar procedimentos algorítmicos na compreensão de sentenças relativas com sujeito e objeto vazio e em sentenças ativas com papéis temáticos reversíveis. Os tipos de sentenças utilizadas no experimento de CARAMAZZA e ZURIF (1976) eram os seguintes:

- a) The apple the boy is eating is red.
A maçã que o menino está comendo é vermelha.
- b) The boy the dog is patting is tall.
O menino em quem o cachorro está batendo é alto.
- c) The girl the boy is chasing is tall.
A menina que o menino está perseguindo é alta.
- d) The boy is eating a red apple.
O menino está comendo a maçã vermelha.

Cada sentença era apresentada com quatro alternativas correspondentes: uma adequada, uma com adjetivo alterado (“amarelo” no lugar de “vermelho” ou “alto” no lugar de “baixo”), uma com verbo alterado e outra com papéis temáticos – agente e tema – invertidos.

Para CARAMAZZA e ZURIF (1976) a interpretação do resultado do experimento foi indicativo de que os afásicos de Broca não construíam a estrutura sintática e que eram guiados pelo conhecimento de mundo para determinar o sentido da sentença. A esse respeito, pode ser considerado que, estando os pacientes em situação de teste, mas não tendo perdido a compreensão do mundo, testar a cor (amarela ou vermelha) ou reverter papéis temáticos, fazendo, por exemplo, o paciente rejeitar a gravura de “uma maçã comendo o menino”, não pode evidenciar problema sintático na afasia. Os autores, sem levar em conta a impossibilidade de escolhas aberrantes, consideraram que os pacientes erraram sentenças do tipo (b) e (c) porque a reversibilidade impedia o acionamento de estratégias heurísticas, demonstrando, então, a essência do déficit sintático no agramatismo e a impenetrabilidade da heurística. Porém, (a) e (d) eram entendidas porque uma direção pragmático-lexical orientava a determinação de papéis temáticos, pois as sentenças eram semanticamente não-reversíveis e a possibilidade de atribuir à maçã o papel de agente, por exemplo, era descartada.

Este achado motivou a afirmação de que os pacientes eram incapazes de usar processos algorítmicos sintaticamente, e que, no mínimo para os afásicos de Broca, a lesão cerebral afetava o mecanismo geral do processamento da linguagem, no componente sintático, tanto para compreensão como para produção (CARAMAZZA e ZURIF, 1976:581).

Outro trabalho sobre o assunto é o de GRODZINSKY e MAREK (1988), que reexaminam as afirmações comumente aceitas de que alguns afásicos de Broca estavam incapacitados de utilizar a sintaxe, enquanto processos organizados para a

compreensão das sentenças, mas eram capazes de minimizar a dificuldade através do uso de processos heurísticos, apelando para elementos da situação. Estas afirmações decorriam do fato de que problemas de compreensão só se revelavam em situações experimentais específicas, quando componentes pragmáticos e semânticos eram removidos.

Criticando o experimento de CARAMAZZA e ZURIF (1976), GRODZINSKY e MAREK (1988) afirmam que na tarefa de combinar sentença-gravura, mesmo que a estrutura sintática da sentença fosse representada, havia muitas possibilidades de erros, pois a própria situação de avaliação poderia influenciar nos resultados. Por exemplo, se a sentença “The tall boy kissed the girl” (correspondente em português a “O menino alto beijou a menina”) for apresentada com um conjunto de gravuras, como “um menino beijando uma menina alta”, “um menino alto beijando uma menina” e “uma menina beijando o menino baixo”, o paciente, entendendo a relação “menino alto”, acerta escolhendo a gravura adequada, podendo desprezar o restante da estrutura sintática.

GRODZINSKY e MAREK (1988) propõem que se considerem sentenças que permitam verificar se o conhecimento do mundo real pode melhorar o desempenho, isto é, se os pacientes se utilizam de um conhecimento não-gramatical para compensar as falhas sintáticas. Para isso o paciente teria que escolher a gravura adequada a um mundo possível, no qual, segundo os autores, a heurística cotidiana não coubesse (GRODZINSKY e MAREK, 1988:220).

Ao contrário de CARAMAZZA e ZURIF (1976), GRODZINSKY e MAREK (1988) apontam para a questão de que o conhecimento de mundo do paciente pode prejudicar os testes de compreensão de sentenças se a estratégia heurística compensatória rejeitar uma sentença, por razões não-sintáticas. Desse modo, se o arranjo não resultar numa sequência semanticamente coerente, embora sintaticamente bem formada, o paciente pode rejeitar a sentença, julgando, por exemplo, que “uma criança não pode ensinar a professora”, ou que “um menino baixo não pode beijar uma menina alta”.

Estas observações permitem apontar que uma análise de resultados de experimento precisa considerar tanto a construção sintática em avaliação como o espaço de solução fornecido para uma tarefa de escolha forçada. Porém, esta consideração não é

relevante nas avaliações posteriores do próprio GRODZINSKY (1993) em relação às gravuras para testar pronomes e reflexivos,²² por exemplo.

Outra conclusão apontada pelos autores é de que as afirmações de CARAMAZZA e ZURIF (1976) eram poderosas demais, uma vez que os pacientes não são assintáticos e sim operam com uma representação sintática incompleta.

Para maior clareza, a questão central seria definir o que é conhecimento lingüístico e até que ponto atuam tanto o conhecimento heurístico como o lingüístico, o que não é fácil de ser estabelecido. Conforme vimos nas avaliações de relativas em português, o paciente P. acerta mais em testes acompanhados de gravuras. Mas estabelecer até que ponto este fator influenciou é quase impossível, pois o saber lingüístico e o não-lingüístico constituem um amálgama, com limites não visíveis, podendo haver, para cada processo de linguagem e para processos cognitivos, mecanismos a priori diferentes e mutuamente dependentes. Apesar disso, os problemas sintáticos no agramatismo puderam ser apontados.

Ao extrair o dado da sintaxe visível das estruturas representadas pelo paciente agramático, em situação de interlocução, mecanismos que podem ser tratados separadamente do ponto de vista epistemológico entram em jogo. Mas é preciso admitir que se não houvesse o processo dialógico de interlocução, efetivado na dimensão discursiva, intencional e interativa da linguagem, o caso P. não seria o de um agramatismo severo ou moderado, mas sim de uma afasia quase total, pois a apatia característica do quadro impediria que a sintaxe se exibisse. Ou ainda, problemas decorrentes da falta de contextualização poderiam entrar na caracterização do agramatismo, como o que foi verificado em GRODZINSKY (1993) e HICKOK e AVRUTIN (1995), em relação à referencialidade discursiva.

Evitando equívocos, foi do todo discursivo que passei a analisar o nível sintático, um material lingüístico constitutivo de algo estável²³ na língua para análise dos dados de P. Nesse procedimento, uma teoria da lingüística de plantão serviu de esteira para as reflexões: a teoria da gramática gerativa chomskiana, de base racionalista, que, a partir de meados dos anos 80, foi o vetor responsável pelo desenvolvimento dos trabalhos do

²²As gravuras para a pesquisa de GRODZINSKY (1993) não estão publicadas, mas foram exibidas nas palestras de GRODZINSKY (1995), na UFRJ, e não pareciam adequadas.

²³A respeito da constituição da significação na linguagem do agramatismo, na qual a língua pode ser considerada um semi-sistema, pois dispensa-se de ser estruturada, mantendo a relevância da significação, ver GREGOLIN-GUINDASTE (1992).

agramatismo, primeiro com a discussão da questão das categorias vazias nas estruturas dos afásicos (GRODZINSKY, 1984a), seguindo-se um volume relevante de trabalhos a partir da designação de papéis temáticos, possibilidades de vinculação anafórica, relativas e passivas, conforme o exposto nos Capítulos II e III.

Os princípios da gramática universal parecem ter encontrado plausibilidade empírica através da semelhança entre os fatos lingüísticos que ocorrem no agramatismo em línguas diversas, e em casos patológicos diversos. Com isso a questão do inatismo²⁴ emergiu e precisou ser relativizada devido à essência patológica do quadro. Dada a especificidade da questão sintática envolvida na síndrome, a questão da modularidade, anteriormente mencionada, também veio à tona e precisou ser retomada diante dos fatos do agramatismo.

Assumindo que há uma capacidade computacional complexa para a linguagem humana, a faculdade humana da linguagem, a que se reduz a GU, nas últimas versões do programa chomskiano, o quadro patológico do agramatismo envolveria problemas nesse processamento computacional da linguagem. Esta postura não é contrária à hipótese de FODOR (1983), para quem há uma organização vertical de órgãos do cérebro, que se correlacionam para processar as informações, as quais, obtidas através de dados lingüísticos assistemáticos, são associadas a representações estruturais lingüísticas e processadas em combinação com outros sistemas cognitivos.

Esta reflexão suscita outra: a hipótese do encapsulamento do módulo da linguagem em relação a outros domínios do conhecimento, que se torna, à primeira vista, enfraquecida em casos patológicos de agramatismo, se considerarmos processos heurísticos sobre os algorítmicos. Estando estes últimos afetados, a recorrência a elementos contextuais torna-se estratégia compensatória. Mas o sistema sintático parece continuar, nos seus limites, encapsulado, mesmo quando as soluções pragmáticas evocadas fazem aparentar melhor desempenho, sem no entanto aumentar a competência gramatical do paciente. É o que pode estar ocorrendo no caso das sentenças relativas, com vestígio na posição de sujeito, as quais podem ser aparentemente bem representadas, mesmo quando a categoria funcional “que” for apagada ou ignorada computacionalmente. Nesse caso, o resultado aparente da compreensão da estrutura a nível de desempenho, não da

²⁴Sobre a relatividade da questão do inatismo vale lembrar, para futuras especulações de ordem filosófica, uma afirmação de MORENO (1988): “... pode-se imaginar a refutação experimental da existência de neurônios genes especializados que dêem conta do núcleo essencial da linguagem e, nem por isto, o modelo gerativista deixará de explicar fatos que atualmente explica, e de outros que virá a explicar”. (MORENO, 1988:24).

competência, é o mesmo se a categoria funcional fosse considerada na operação computacional.

A compreensão das sentenças com categoria funcional COMP, nas relativas, pode ter sido obtida através de estratégia semelhante. Então, numa sentença como: “O cachorro que mordeu o gato é branco”, o paciente pode operar do seguinte modo: “O cachorro mordeu o gato. É branco”. Nesse caso, o paciente P. poderia ter acertado que “o cachorro é branco”, preenchendo o sujeito da segunda sentença com o sujeito da primeira e respondendo adequadamente que quem é branco é o cachorro; ou ainda, pode saber que foi “o gato que mordeu o cachorro”, porque, ignorando a categoria funcional “Qu” e o verbo da sentença principal, obtém a mesma sequência de papéis temáticos de uma sentença transitiva simples: “O cachorro mordeu o gato”. Como o adjetivo “branco” semanticamente pode predicar tanto “cachorro” como “gato”, nenhum conflito se estabelece.

Estratégia semelhante estaria sendo feita para a sentença: “A galinha que o porco empurrou pulou o carneiro”, na qual o paciente P. pode ter topicalizado o objeto, ignorando “que”. O paciente pode ter operado então com a sequência: “A galinha, o porco empurrou”, estrutura esta encontrada nos dados de produção. Poderia ainda estar operando do seguinte modo: “A galinha, o porco empurrou. Pulou o carneiro”. Neste caso estaria valendo-se estrategicamente da manutenção da sensibilidade do sujeito, conforme apontou SASANUMA et al. (1990) a partir de experimentos com pacientes afásicos agramaticais do japonês.

O mesmo tipo de estratégia estaria sendo acionado quando o paciente acerta através da ação, demonstrando compreensão da estrutura: “Pegue a garrafa de vinho que está em cima da mesa”, comentada anteriormente. Se ele só processasse: “Pegue a garrafa de vinho. Está em cima da mesa”, acertaria, mesmo ignorando o “qu” e a subordinação.

Mas, em “O gato comeu o queijo que é preto”, o paciente pode ter acertado a resposta à pergunta: “Quem é preto?”, sem necessidade das operações acima: pode ter operado com marcadores frasais separados. Se na sequência “gato, queijo, preto” tiver que combinar o adjetivo com um dos SNs, o seu conhecimento de mundo pode imediatamente associar “gato-preto” e não “queijo-preto”.

Possibilidade semelhante é admitida por HICKOK e AVRUTIN (1995:13), para quem os acertos em sentenças com categoria vazia na posição de sujeito, com

atribuição adequada de papéis temáticos, pode se dar devido ao conhecimento lexical e conhecimento de mundo do paciente. Admitem esses autores que, para uma sentença como: “It was the psychologist that attacked the linguist”, correspondente a: “Foi o psicólogo que atacou o lingüista”, o paciente agramático que não perdeu o conhecimento de mundo pode inferir que houve um ataque e que o lingüista foi o alvo do ataque, informação esta suficiente para permitir que respostas sobre esta estrutura sejam corretas. O paciente poderá inferir ainda que o psicólogo está envolvido e é o agente do ataque. O mesmo pode ocorrer em sentenças ativas, mas em estruturas com relativas e clivadas com categoria vazia na posição de objeto, como em “It was the psychologist that the linguist attacked”, correspondente a “Foi o psicólogo que o lingüista atacou”, os SNs precisam de cadeia para designação de papel temático, pois o paciente pode saber que houve um ataque no qual estavam envolvidos o psicólogo e o lingüista, mas não pode saber quem atacou quem, não podendo haver designação de papel temático. Se o princípio “Default” fosse aplicado o resultado não seria bem sucedido.

Estes fatos permitem duas afirmações: uma quanto à complexidade sintática e a outra quanto à parcela de conhecimento heurístico compensatório. A respeito da primeira, a subordinação e a presença de COMP são relevantes. Os encaixamentos podem ser economicamente resolvidos com operações lingüísticas menos custosas. O acerto ocorreria porque a estratégia utilizada coincidiria com o que deveria ser processado na presença das categorias funcionais. Esta seria a razão pela qual o paciente acerta mais sentenças relativas, com vestígio na posição de sujeito. Isto, porém, não minimiza o problema sintático, por ser esta uma estratégia compensatória. Portanto, estaria sendo acionada uma estratégia lingüística simplificada, com sintaxe mais econômica, sem categorias funcionais altas na hierarquia, sem, no entanto, haver necessidade de rompimento do encapsulamento lingüístico sintático, nos termos de FODOR. Assim, não haveria ultrapassagem de processos de representação sintática, como ordenação dos elementos na seqüência, nem de princípios restritivos gerais que condicionam a estrutura sintagmática.

A segunda afirmação, quanto ao fato de que um conhecimento de mundo, por exemplo de que “gato é preto” e “queijo não é preto”, estaria compensando a estratégia lingüística, coloca questões a respeito do encapsulamento lingüístico e especificamente sintático. Embora sejam acionadas outras estratégias não-lingüísticas para o sistema

lingüístico, o processo computacional sintático, afetado neste quadro patológico, permanece com suas características próprias, embora no lento processo de re aquisição ou reconstrução da linguagem obtenha ganhos a partir de contribuições lingüísticas. Então, para a produção-compreensão, aspectos do contexto interferem na constituição da significação, mas não nos processos computacionais sintáticos em si, ficando conservada a autonomia da sintaxe.

Porém, é difícil distinguir até que ponto as análises sintáticas são realizadas pelo módulo e até que ponto são realizadas pelos processadores centrais que envolvem informações não-lingüísticas, em colaboração com o sistema lingüístico, mesmo se se considerar apenas o sentido literal, sem entrar no terreno das ambigüidades e implicaturas.

Ao refletir sobre os problemas sintáticos e soluções pragmáticas presentes no agramatismo, apesar de assumida a tese da modularidade, por decorrência teórica, é preciso admitir que o auxílio ao sistema lingüístico de sistemas não-lingüísticos ocorre justamente para prover as operações computacionais daquilo que está interrompido. Ou seja, ao falhar o sistema sintático, ao falhar a representação, o conhecimento de mundo entra em jogo. O conhecimento lexical, culturalmente adquirido e que não está afetado no agramatismo, é também auxiliar, e o paciente pode compreender sentenças, durante a montagem de cartões, mesmo antes de conseguir colocar os cartões na ordem adequada, como ocorreu na montagem com cartões das sentenças passivas.

Nos sistemas normais as operações sintáticas podem funcionar, mesmo sem redundância de outros estímulos, o que é uma consideração favorável à hipótese da modularidade. No quadro patológico do agramatismo, o problema dos testes de linguagem – nos quais o paciente falha por lhe estar sendo exigido apenas a representação do sistema da língua, sem auxílio do extra-lingüístico – constitui evidência a favor da autonomia do processo lingüístico, e especificidade do módulo da sintaxe. Estando este afetado, por lesão adquirida, há necessidade em maior escala do auxílio de outros sistemas. Isto pode ser ilustrado pelo fato de que o paciente P. estranhava sentenças relativas montadas artificialmente, fato que pode ter influenciado no baixo desempenho na avaliação de sentenças relativas sem acompanhamento de gravuras.

Em quadros não-patológicos, o sujeito processa lingüisticamente sentenças, mesmo que extra-lingüisticamente nada evidencie a constituição da significação da linguagem, o que é para FODOR argumento favorável à modularidade. No quadro

patológico do agramatismo, o paciente aciona o sistema central para superar a falha no sistema sintático, pois sendo o primeiro um mecanismo que leva em consideração todas as representações do sistema de entrada e não só a linguagem, a sua responsabilidade é compor o conhecimento de mundo, que está preservado no caso de agramatismo.

Esta é a posição de GRODZINSKY (1990), que reconhece que estudos sobre compreensão no agramatismo estão baseados tanto em processamento²⁵ sintático como heurístico, este último invocado para compensar a perda do primeiro, havendo, portanto, interação entre conhecimento sintático e conhecimento cognitivo não-lingüístico. Para esse autor os processos heurísticos são aplicados somente depois que o processador sintático tiver completado seu trabalho, havendo no quadro do agramatismo sustentação para a hipótese de que o módulo lingüístico é particular e impenetrável (GRODZINSKY, 1990:136). Assim, a heurística viria definitivamente de fontes de conhecimento não-lingüístico e não pode ser aplicada de qualquer modo, mas depois que o processamento sintático tiver feito completamente toda a descrição estrutural que a competência do paciente permitir.

Assumindo a descrição formal da compreensão no quadro do agramatismo e admitindo a possibilidade de interação entre representações gramaticais incompletas e heurística não-gramatical, GRODZINSKY explica a convocação dessa heurística, que ocorreria para salvar SNs que não recebem papel temático normalmente. Essa necessidade decorre do fato de que os pacientes se defrontam com a tarefa que os força a atribuir papel temático aos SNs de acordo com a gravura ou os eventos do mundo. Quando a sintaxe falha os pacientes são então impelidos a designar o papel semântico, que deveria ser designado gramaticalmente, através da convocação do princípio "Default".²⁶ Esta estratégia, embora considerada um procedimento heurístico pelo autor, supõe o conhecimento da ordem das palavras, portanto de um parâmetro de cada GP, que é um conhecimento lingüístico.

O acionamento do princípio "Default", tal como postulado por GRODZINSKY (1990), aparentemente aumentaria o conhecimento gramatical do paciente, mas segundo o próprio GRODZINSKY (1990:98) este princípio operaria num estágio pós-gramatical.

²⁵Conforme exposto no Capítulo II, a teoria de base para dar conta da competência e do processamento pode ser a mesma.

²⁶Este assunto foi exposto detalhadamente no Capítulo II.

Este autor não salienta, em nenhum momento, a questão do apagamento da categoria funcional “Qu” para as orações relativas, nem a questão da complexidade de INFL nas passivas, nem a questão do movimento da categoria funcional “Qu” nas interrogativas. Assume que a estratégia heurística aplica-se somente a estruturas cujos SNs estão sem papel temático, devido ao apagamento do vestígio e à interrupção da cadeia para transmissão de papel temático. Mas, as soluções pragmáticas para compensação de problemas sintáticos devem ir além.

Assim, a estratégia heurística ou pragmática, não-formalizável, pode somente aplicar-se na saída do processamento deficiente, pois primeiro o paciente computaria tudo que pode e depois aplicaria outra estratégia não-lingüística, de ordem diversa.

O fato de P. adquirir, após exposição à linguagem, categorias lingüísticas que antes não faziam parte de sua gramática, como COMP, não é argumento contra a modularidade. Além disso, a estratégia heurística não se aplica em competitividade com o processamento sintático; portanto, não é a estratégia heurística em si a responsável pela “melhora” sintática do paciente. Isto quer dizer que as estratégias não-lingüísticas têm acesso somente na saída das representações, não podendo interferir na sua operação computacional, o que satisfaz o requisito da impenetrabilidade cognitiva, para a tese da modularidade, o que é também admitido por GRODZINSKY (1990).

No caso do agramatismo, conhecimentos de mundo podem ser convocados posteriormente em combinação com a sintaxe, para compor o significado que a sintaxe limitada não permitiu completar, mas para operações computacionais entra em jogo o conhecimento lingüístico parcial restante do paciente. O conhecimento heurístico desempenha seu papel para restabelecer e completar o papel que as operações sintáticas não puderam resolver.

É possível considerar ainda que um mecanismo sintático interno pode limitar a ação dos conhecimentos não-lingüísticos. Este mecanismo imporá limites que ordenariam a partir de onde e até onde o mecanismo heurístico deve atuar, isto é, não além do sintaticamente permitido na estrutura original. Por exemplo, no dado “Pegue o vinho que está em cima da mesa”, P. opera com parte da sintaxe – com o verbo, com seu argumento interno e um adjunto, pelo menos – mas não cria estruturas adicionais.

Nesse sentido, a evidência neuropsicológica não enfraquece o argumento da modularidade, mas o fortalece. A pesquisa em patologias de linguagem pode fornecer evidências para as teorias lingüísticas e colaborar para a sua validação teórica. No quadro patológico, os processos lingüísticos e cognitivos podem ser focalizados de modo separado, lento, gradual e parcial.

Finalizando, é possível admitir que, quando a prévia computação sintática falhar, o paciente pode desenvolver uma correlação com outros domínios do conhecimento, posteriores ao primeiro. Através da análise dos dados de P., evidencia-se que a estratégia de compensação dos problemas sintáticos pode ocorrer, como ficou evidente na avaliação de relativas, mediante apresentação de gravura condizente com a situação, e sem gravuras, conforme vimos no Capítulo III. Porém, explicar qual é e como se dá a compensação heurística ainda é impossível, enquanto um modelo alternativo adequado não estiver de plantão.

É preciso, então, deixar para um momento em que a ciência lingüística tiver progredido, a impossível tarefa de formalizar as classes de conhecimentos não-lingüísticos que vêm compensar os problemas sintáticos no agramatismo, atingindo um nível explicativo mais elevado do que as teorias do discurso têm conseguido apurar.

CONCLUSÃO

Os diferentes estudos sobre o agramatismo em línguas diversas e a análise de dados do português permitem afirmar que somente através de uma investigação lingüisticamente informada, que tenha como base uma teoria sintática, podem ser obtidas explicações sobre a linguagem desse quadro patológico.

A argumentação de GRODZINSKY (1984-1990) a partir da formação das palavras em hebraico descarta qualquer hipótese de ordem fonológica ou morfológica para explicar o agramatismo. Também a análise de dados de P. não permitiu confirmar as hipóteses de ordem não-sintática. Por isso, uma teoria lingüística de natureza sintática precisou ser convocada para dar conta dos fatos lingüísticos peculiares deste tipo de afasia. Dentre as teorias disponíveis, a gramática gerativa chomskiana permitiu estabelecer diálogo com outros trabalhos publicados sobre o assunto.

Especulações sobre fatos de linguagem com ancoragem nos estudos clássicos não permitiriam que o agramatismo fosse focalizado como uma afasia específica. Também as especulações baseadas em JAKOBSON (1941-1969), um pouco mais informadas lingüisticamente, não ultrapassariam a taxionomia. Mesmo as pesquisas dos anos 70, que se concentraram na natureza sintática do agramatismo, são limitadas, porque apenas descrevem fatos lingüísticos isolados, sem apresentação de dados, estudo de caso ou aprofundamento de análise.

De todos os pesquisadores que estudaram o quadro patológico do agramatismo, o mais citado e que apresentou o trabalho teoricamente mais sólido foi GRODZINSKY (1984-1995). Apesar da relevância de suas pesquisas, dois problemas foram apontados em relação à hipótese do apagamento de vestígio. O primeiro refere-se à não-plausibilidade empírica, o que foi constatado pelo estudo de interrogativas de HICKOK e AVRUTIN (1995), que demonstrou que os pacientes agramáticos compreendiam sentenças interrogativas com "who", e pelos dados do agramatismo em

português. O paciente P. também compreende e produz estruturas interrogativas, nas quais o vestígio está presente. O outro problema refere-se à perda da generalização das hipóteses de GRODZINSKY (1990) quando novos achados sobre fatos do agramatismo são reconhecidos pelo próprio autor.

A esses dois pontos – a não-plausibilidade empírica e a perda da generalização – pode ser somado outro: a fuga da sintaxe. As explicações de GRODZINSKY (1995) baseadas na referencialidade discursiva e as modificações feitas pelo autor, com o acréscimo da estratégia-R, segundo a qual a designação de papel temático via princípio “Default” deve ser feita apenas a SNs referenciais, não possibilitaram explicações adicionais à análise de dados.

Além desses três pontos é preciso apontar que o próprio autor se contradiz ao afirmar que o déficit de compreensão no agramatismo está limitado às categorias lexicais e não às funcionais (GRODZINSKY, 1995:29). Na direção oposta, FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) propõem uma escala fixa de categorias funcionais, a partir da qual não só fica explicado o problema central do agramatismo em hebraico, com coerência empírica e teórica, como também é permitido estabelecer os graus de severidade de cada caso em qualquer língua, eliminando-se os problemas decorrentes da falta de uniformidade nos resultados dos testes.

Para dar conta da dificuldade do paciente P. para produzir algumas sentenças e computar outras e para estabelecer uma explicação generalizada dos fatos sintáticos característicos desta afasia, foram investigados alguns aspectos da gramática do agramatismo. O acompanhamento longitudinal de cada tipo de estrutura permitiu demonstrar o progresso do paciente no percurso da lenta reaquisição da linguagem. Este fato não estava sendo investigado de início. Emergiu durante a pesquisa.

As estruturas do português destacadas para análise dos fatos do agramatismo de P., no Capítulo III, foram focalizadas do ponto de vista da produção e da compreensão, tendo sido considerado que produzir em FF ou computar em FL são facetas da competência lingüística, podendo ser tratadas sob o mesmo aparato teórico. O grau de severidade do agramatismo, contudo, não pode ser estabelecido igualmente nestas duas instâncias da competência.

As tabelas e gráficos apresentados demonstram estatisticamente que, na produção, a flexão verbal e a projeção das sentenças passam a se estabilizar a partir de

1989. Se os agramáticos têm INFL, no agramatismo em italiano, conforme demonstram LONZI e LUZZATTI (1993), explica-se também a estabilização progressiva de INFL na gramática do agramatismo em português. Foi observado que, em 1994, do total da produção lingüística de P. 71% eram sentenças completas, enquanto em 1984 esse número correspondia a apenas 18%. Os gráficos de números 1 a 14 são representativos do progresso do paciente na produção de sentenças.

Embora a quantificação fosse significativa, havia indicativos empíricos e teóricos de que ela não era suficiente. Havia necessidade de explicar a qualidade das estruturas de P. para caracterizar o agramatismo. Não bastava contar verbos e nomes ou procurar o número de conjunções nas produções, nem era suficiente quantificar acertos e erros dos testes não-tradicionais. Mais importante do que isso era perceber como a sintaxe se exibia em câmara lenta. Por isso, selecionei, dentre as fitas gravadas, longos episódios de entrevistas, para tornar públicos dados do agramatismo em português, tarefa esta iniciada por COUDRY (1986-1988) e que só pôde ter continuidade devido ao seu trabalho de acompanhamento ao paciente.

Apenas a leitura dos dados apresentados pode facilitar o diagnóstico de outros casos de agramatismo, o que é possível de ser feito se qualquer investigador, mesmo não lingüista, submeter um paciente agramático a testes de repetição, de montagem de sentenças com cartões, ou a entrevistas com perguntas selecionadas a partir das estruturas comentadas no Capítulo III.

A primeira categoria funcional investigada para confirmar o diagnóstico do caso de agramatismo em português foi INFL, pois se não houver INFL não há projeção da sentença. Constatei que esta categoria estava em re aquisição, conforme demonstram os gráficos representativos do acompanhamento de P. Continuando a investigação das categorias funcionais, destaquei as construções interrogativas com “Qu”, relacionando a questão da categoria “Qu” a INFL. Começou a se evidenciar que uma cadeia era facilmente representada no agramatismo se a ligação ocorresse com categoria lexical, como na estrutura com tópico-objeto, produzida sem problemas pelo paciente. Mas quando estavam presentes outras categorias funcionais, como COMP, a estrutura era mais difícil ao paciente: P. representava a cadeia “Tópico_i-t_j” e tinha mais dificuldade com a cadeia “Wh_i-t_j”. Havia, porém, indícios de re aquisição de estruturas com “Qu”. Os gráficos de números 15 a 28 demonstram as instabilidades na re aquisição das estruturas interrogativas

nas quais o paciente apresenta dificuldades, mas, também, possibilidade de reaquisição. O gráfico nº 29 mostra que, ao ser readquirida a sentença, são também produzidas estruturas interrogativas com COMP. Tanto “Qu” movido como “Qu in situ” passam a fazer parte da gramática de P.

Para explicar a dificuldade do paciente na produção de elementos anafóricos, nenhuma categoria funcional pôde ser convocada. Mas, visando explicar que a dificuldade do paciente P. na produção de passivas estava relacionada às categorias funcionais, evoquei a proposta de OUHALLA (1991), que propõe a existência de uma categoria funcional adicional nessas estruturas, e o trabalho de NUNES (1994), baseado em BAKER et al. (1989). Estes últimos procuram explicitar as cadeias não-triviais presentes na passiva, relacionadas às questões de concordância. Retomei o trabalho de GRODZINSKY (1984) sobre a compreensão de passivas no agramatismo em hebraico e em inglês, e o de HAGIWARA (1993), sobre o japonês, baseados na hipótese do apagamento de vestígio, e constatei que esta hipótese não dava conta dos fatos lingüísticos do agramatismo em português, pois o paciente P. compreendia passivas.

Da dificuldade com a construção passiva emergiu a questão da preposição no agramatismo. Retomei alguns trabalhos sobre o assunto, deixando a questão em aberto para futuras pesquisas, pois não foi possível estabelecer sistematização adequada sobre as preposições no agramatismo em português, pela falta de trabalhos relevantes sobre o assunto e pelas instabilidades evidentes nos dados do paciente P. Parece, porém, que P. está mantendo preposições em adjunção à sentença.

Somar à sentença um adjunto é operação que pareceu mais fácil de ser computada do que a operação com adjunção de relativa na estrutura já derivada de uma sentença transitiva ou predicativa. As estruturas relativas no agramatismo em português foram as únicas nas quais foram observados problemas de compreensão. Selecionei estruturas relativas, conforme CORRÊA (1986) procedeu para estudos de aquisição, e apresentei-as ao paciente para verificar a sua compreensão. Embora fossem retomados trabalhos sobre o assunto, como os de CAPLAN (1993), GRODZINSKY (1989), HICKOK et al. (1993) e MAUNER et al. (1993), não pôde ser estabelecida uma razão explicativa adicional para a dificuldade com estas estruturas.

A respeito das relativas GRODZINSKY (1989) afirma que os pacientes tinham desempenho acima de 50% em relativas com categoria vazia na posição de sujeito e

abaixo de 50% em relativas com categoria vazia na posição de objeto. Esse resultado não se repetiu no estudo de caso do português, o que demonstrou que o paciente P. não fazia uso regular da estratégia “Default”, designando papel de agente ao primeiro SN da estrutura, tal como propôs GRODZINSKY (1990). Apesar de ter havido mais acertos na avaliação da compreensão de relativas com categoria vazia na posição de sujeito, atribuo-os ao apagamento da categoria funcional e à possibilidade de coordenação, o que também permite acertos aparentes. O que ficou evidente, porém, na avaliação de compreensão de relativas, foi o número maior de acertos quando a avaliação era acompanhada de gravuras, e o número menor quando as sentenças eram apenas apresentadas oralmente. Este fato foi verificado tanto nas relativas com categoria vazia na posição de sujeito quanto naquelas com categoria vazia na posição de objeto, o que demonstrou a evocação de estratégias não-sintáticas para superação dos problemas sintáticos.

Nem mesmo a hipótese da dupla dependência, proposta por MAUNER et al. (1993), deu conta dos dados do português. Esses autores apontam que em ativas e relativas com sujeito extraditado há apenas uma dependência referencial, enquanto em passivas e relativas com objeto extraditado há duas dependências e, por isso, os agramáticos têm problemas com esses dois últimos tipos de estruturas. Mas o paciente P. compreende passivas e não compreende relativas com objeto vazio.

Tendo constatado que o paciente havia adquirido parte das categorias funcionais, mas não compreendia relativas, apresentando dificuldades com a categoria apresentando COMP e subordinação, retomei, no Capítulo IV, diferentes trabalhos sobre a aquisição de categorias funcionais por crianças, a fim de estabelecer um paralelo explicativo para os problemas do paciente no quadro da afasia. Considerei que o processo de re aquisição da linguagem está também relacionado às categorias funcionais.

Saber se o paciente compreende ou produz uma estrutura transitiva SVO, se flexiona verbos, se é capaz de fazer derivar uma estrutura com tópico-objeto e de fazer uma pergunta com “Qu”, se compreende e repete a estrutura passiva e se compreende sentenças contendo relações anafóricas, preposições, subordinadas e relativas constitui indicativo para a confirmação de diagnóstico.

Através da investigação da competência sintática pode ser aferido ainda o grau de severidade de cada caso, através das pistas sintáticas fornecidas pela representação. Esse grau de severidade do agramatismo pode ser delineado conforme a hierarquia das

categorias funcionais presentes na gramática do paciente, possibilidade esta apontada por HAGIWARA (1995) e FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995). De acordo com estas pistas sintáticas, quanto maior o grau de severidade do agramatismo, menor o número de projeções envolvendo categorias funcionais mais altas na representação. Analisados os dados, pode ser estabelecido o ponto de “poda” da árvore, conforme a competência para representação da projeção das categorias funcionais.

Os dados de P. e a pesquisa de casos de agramatismo em outras línguas permitem apontar que a diferença entre pacientes agramáticos está ligada ao grau de acesso às categorias funcionais. Essa acessibilidade às categorias funcionais depende de sua posição na hierarquia. Por isso, alguns pacientes compreendem passivas e outros não, alguns são sensíveis à flexão e outros não. Nos quadros de agramatismo moderado, algumas categorias funcionais como INFL e TOP podem estar presentes, e em quadros severos todas as categorias funcionais podem estar ausentes.

Estas pistas sintáticas só podem ser confiáveis se forem verificadas em estruturas diversas. A pesquisa sobre agramatismo que versa sobre um único fato sintático, embora possa ter como vantagem o aprofundamento explicativo de fatos sintáticos isolados, tem interesse apenas teórico, e não consegue explicar o fenômeno do agramatismo nem caracterizá-lo. No caso P., a correlação de fatos sintáticos em diferentes estruturas pôde oferecer pistas para o estabelecimento do grau de severidade da síndrome, a partir das categorias funcionais envolvidas. A projeção dessas categorias, hierarquicamente organizadas, foi relevante para o estabelecimento do processo gradativo de construção das representações gramaticais no processo de reaquisição. Este processo pôde ser observado através dos dados produzidos em atividades de “uso” de linguagem entre investigador e paciente e também através de investigações planejadas para verificar se havia compreensão de estruturas que não se exibiam na sintaxe visível.

A partir das pistas sintáticas para o estabelecimento do grau de severidade do agramatismo foram identificados três grandes momentos ao longo do acompanhamento longitudinal no processo de reaquisição da linguagem no quadro do agramatismo de P. Estes momentos não constituem etapas facilmente delineadas, devido às instabilidades características do quadro.

A primeira etapa pôde ser evidenciada com a aquisição do verbo e início da projeção de INFL. Estando VP estruturado, os constituintes começaram a ser arranjados de

acordo com a ordem canônica da língua. Considerando a produção de sentenças e verbos com flexão, os gráficos de números 1 a 10 apontam que esta etapa vai de 1984 a 1988: em 1984, verbos com flexão e sentenças completas somam 27% das produções de P. e em 1985 e 1986 somam 38%. Esta porcentagem cai para 32% em 1987 e 1988 e aumenta gradativamente nos anos seguintes. Estas instabilidades estão relacionadas à reaquisição de estruturas antes inexistentes. Nesse período, de 1984 a 1988, foram as seguintes as porcentagens de evidências de elementos “Qu”: 8% em 1984; 0% em 1985; 29% em 1986 e 33% em 1987. Nestes dois últimos anos, foi constatado que houve reaquisição da estrutura interrogativa com elemento “Qu” movido. Em 1987 desestabilizaram-se as sentenças, conforme mostra o gráfico nº 4, e em 1988 nenhuma interrogativa com “Qu” é produzida.

Uma segunda etapa pôde ser delineada quando as formas verbais finitas passaram a ser cada vez mais produtivas e as marcas de concordância se manifestaram, apesar das instabilidades. Os dados evidenciam que as marcas de tempo se estabilizaram antes da concordância. Tais fatos, ou seja, a afixação de marcas de concordância e tempo, permitem afirmar que, nesta segunda etapa, a categoria funcional INFL quase se estabilizou. Estabilizou-se TOP na produção e começa a ser adquirida a categoria COMP para algumas produções de interrogativas. A categoria PASS da passiva estava disponível em LF para compreensão, mas não em FF para produção. A segunda etapa começa a ser delineada em 1989. É a partir deste ano que “Qu in situ” e “Qu” movido aparecem na gramática do agramatismo, conforme pode ser observado nos gráficos de números 20 a 22, e as sentenças passam a se estabilizar gradativamente na gramática do agramatismo de P., totalizando 25% a 30% das produções, conforme mostram os gráficos de números 6 a 8.

A terceira etapa caracterizou-se pela aquisição da categoria funcional COMP, para compreensão e produção, e da categoria PASS para produção através de repetição, sem presença do agente da passiva. Apesar das dificuldades e instabilidades com as estruturas interrogativas, pode ser considerado que o paciente está a caminho da estabilização de COMP em sua gramática. Nas orações completivas, COMP se faz presente na produção. No caso das relativas, devido à presença de COMP e ao encaixamento, a estrutura aborta. Pode ser considerado que esta terceira etapa foi iniciada em 1992, quando o percentual de sentenças completas ultrapassa 50%. Há aumento de 22.4% na produção de sentenças simples e também aumenta o número de sentenças com “Qu” para 49%.

Estes percentuais podem ser visualizados nos gráficos de números 9 e 10, que estampam a produção de sentenças, e nos gráficos 23 e 24, que representam a produção de interrogativas.

Essas etapas, evidenciadas através do acompanhamento longitudinal dos dados de P., corroboram a confirmação da reaquisição hierárquica das categorias funcionais, das mais baixas para as mais altas: a aquisição de COMP se estabiliza posteriormente a INFL, o que é coerente com a hierarquia da projeção das representações, conforme propõem FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995). A análise de diferentes estruturas, feitas no Capítulo III, permitem afirmar que a categoria COMP está sendo reimplementada gradativamente na gramática do agramatismo de P., mas ainda não está disponível nas operações sintáticas das estruturas relativas nas quais há encaixamento, isto é, adjunção interna. Esta operação obriga o paciente a computar flexões de duas sentenças e fazer indexação do SN movido com “Qu” e com o SN lexicalizado. Assim, além da operação com COMP, semelhante à estrutura interrogativa, o paciente precisa computar o encaixamento.

O estudo da hierarquia das categorias funcionais, num quadro patológico como o agramatismo, pode indicar com plausibilidade neurológica os rumos para o estudo da representação mental da linguagem, e o acompanhamento longitudinal de dados do agramatismo pode ser importante, ainda, para a constatação da possibilidade do desenvolvimento lingüístico nesse quadro patológico. O registro total dos dados em acompanhamento longitudinal e a descrição dos dados de P. pode representar um material útil para pesquisas futuras na área, para comparação com dados de aquisição em português e reaquisição no agramatismo em outras línguas. São esses os dois pontos desse estudo que se destacam: o cerne dos problemas do agramatismo, concentrados sintaticamente na hierarquia das categorias funcionais, e a possibilidade de reaquisição da linguagem a partir da projeção das categorias funcionais, das mais baixas às mais altas.

Assim, as hipóteses aventadas para análise de dados concentram-se na questão das categorias funcionais, as quais, se consideradas em hierarquia, podem constituir pistas sintáticas seguras para diagnóstico do grau de severidade do agramatismo. Conforme o que foi exposto no Capítulo III, P. não constrói em FF estruturas que compreende porque as operações com categorias funcionais exigem um trabalho extra na

sintaxe visível. A FL é mais fácil de ser computada; por isso o paciente compreende estruturas que não produz.

Não podemos dizer que no agramatismo os pacientes não representam cadeias, ou que a questão explicativa esteja relacionada à presença do vestígio ou à operação de movimento. Este é mantido em LF, uma vez que está preservada a compreensão de todas as estruturas avaliadas, exceto as relativas encaixadas. O que os agramáticos não linearizam em FF, na sintaxe visível, são estruturas que envolvem múltiplas categorias funcionais altas na hierarquia. Por isso, P. não monta com cartões, não produz espontaneamente, nem repete sentenças interrogativas com dois elementos “Qu”, passivas e relativas.

Se as estruturas envolverem poucas categorias funcionais “Qu”. INFL, ou ambas, haverá superficialização em FF destas categorias e da cadeia da representação. Se as estruturas envolverem mais de um INFL ou mais de um “Qu”, a complexidade sintática da cadeia impedirá a operação computacional em FL. É o que ocorre com as relativas. Nessas estruturas, com traço na posição de sujeito, a categoria funcional “Qu” pode ser apagada e a reconstrução da cadeia é feita ao acaso, ou pode ser realizada com cadeias menos triviais.

Quanto aos problemas com anafóricos, concordância, marcas de flexão e preposições e falta de determinantes, uma lei da economia na construção da estrutura impera na gramática do agramatismo. O paciente compreende estruturas nas quais aparecem estas categorias funcionais, mas evita, na derivação em FF, operações computacionais, além da estrutura SVO.

Portanto, se P. opera com representações triviais e não com representações não-triviais, a caracterização do agramatismo pode ser feita conforme a qualidade e a quantidade das categorias funcionais na estrutura, isto é, conforme o tipo, o número e a posição hierárquica dessas categorias. Quanto mais alta na hierarquia, mais difícil ao paciente, e quanto mais alto for o acesso do paciente a um maior número de categorias funcionais, menor o grau de severidade do agramatismo.

Dada a inexistência de estudos anteriores sobre o agramatismo em português e sobre a reaquisição de linguagem num quadro patológico de agramatismo, optei por apresentar um panorama geral. Considero que este trabalho preenche lacunas em dois

aspectos: o do estudo do agramatismo em português e o da contribuição para o estudo translingüístico do agramatismo.

O aprofundamento das análises, a comparação com outros casos de agramatismo em português ou em outras línguas e a aventura pelas versões mais recentes do programa de CHOMSKY (1992-1995) ainda são pesquisas por serem feitas. Para isso, o ponto de partida está estabelecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, E. (1986). "Modulado contra modular": contribuição ao debate do inatismo. *Boletim ABRALIN* 8: 37-61.
- AOUN, J. (1986). *A grammar of anaphora*. Cambridge, M.A. : MIT Press.
- AOUN, J., LI, Y.A. (1993). "Wh-elements in situ: syntax or LF?" *Linguistic Inquiry* 24:199-238.
- BADECKER, W., CARAMAZZA, A. (1985). "On considerations of method and theory governing: the use of clinical categories in neurolinguistics and cognitive neuropsychology: the case against agrammatism". *Cognition* 20:97-126.
- BADECKER, W., NATHAN, P. e CARAMAZZA, A. (1991). "Varieties of sentence comprehension deficits: a case study". ms. *Cortex*.
- BAKER, C., JOHSON, K., ROBERTS, I. (1989). "Passive arguments raised". *Linguistic Inquiry* 20:219-251.
- BARBIZET, S., DUIZABO, P. (1985). *Manual de neuropsicologia*. Tradução de Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre : Artes Médicas.
- BATES, E.A., FRIEDERICI, A.D., WULFECK, B.E. et al. (1988). "On the preservation of word order in aphasia: cross linguistic evidence". *Brain and Language* 33:323-364.
- BENINCÁ, P. (1994). "Agglutination and inflection in northern italian dialects. ms. University of Pádua.
- BENINCÁ, P. (1995). "Complement clitics in medieval romance: the Tobler-Mussafia law". In: BATTEJE, A.; ROBERTS, I. (orgs.). *Clause structure and language change*. New York : Oxford : University Press.
- BERNDT, R.S., CARAMAZZA, A. (1980). "A redefinition of the syndrome of Broca's aphasia: implications for a neuropsychological model of language". *Applied Psycholinguistics* 1:225-278.
- BLUMSTEIN, S., GOODGLASS, H., STATLENDER, S. et al. (1983). "Comprehension strategies determining reference in aphasia: a study in reflexivization". *Brain and Language* 18:115-127.
- BORER, H., WEXLER, K. (1987). "The maturation of syntax". In: ROEPER, T., WILLIAM'S, E. (eds.). *Parameter Setting*. Dordrecht, Holland : D. Reidel Publishing, 123-172.
- BRADLEY, D.C., GARRET, M.F., ZURIF, E.B. (1980). "Syntactic deficits in Broca's aphasia". In: CAPLAN, D. (ed.). *Biological studies of mental process*. Cambridge : MA : MIT.
- BROCA, P. (1861). "Remarques sur le siège de la faculté de la parole articulée, suivies d'une observation d'aphémie". In: Hecaen & Dubois (1969). *La naissance de la neuropsychologie du langage* (1825-1865). Flammarion éditeur.
- CALLOU, D. et al. (1993). "Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia". In: CASTILHO, A. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas : UNICAMP, v. 3.

- CANÇADO, M. (1995). Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional. Campinas. Tese de Doutorado. IEL. UNICAMP.
- CAPLAN, D. (1985). Syntactic and semantic structures. In: KEAN, M.L. (ed.). Agrammatism. New York : Academic Press.
- CAPLAN, D. (1987-1993). Neurolinguistics and linguistic aphasiology. New York : Cambridge University Press.
- CAPLAN, D., FUTTER, C. (1986). "Assignment of thematic roles to nouns in sentence comprehension by an agrammatic patient". *Brain and Language* 27:117-134.
- CAPLAN, D., HILDEBRANDT, N. (1986). "Language deficits and the theory of syntax: a reply to Grodzinsky". *Brain and Language* 27:168-177.
- CAPLAN, D., BAKER, C., DEHAUT, F. (1985). "Syntactic determinants of sentence comprehension in aphasia". *Cognition* 21:117-175.
- CARAMAZZA, A., MICELI, G. (1991). "Selective impairment of thematic role assignment in sentence processing". *Brain and Language* 41:402-436.
- CARAMAZZA, A., BERNDT, R.S. (1978). "Semantic and syntactic process in aphasia: a review". *Psychological Bulletin* 85:898-918.
- CARAMAZZA, A., BERNDT, R.S. (1985). "A multi-component deficit view of agrammatic Broca's aphasia". In: KEAN, M.L. Agrammatism. New York : Academic Press.
- CARAMAZZA, A., ZURIF, E.B. (1976). "Dissociation of algorithmic and heuristic processes in language comprehension: evidence from aphasia". *Brain and Language* 3:572-582.
- CARAMAZZA, A., BERNDT, R.S., BASILI, A. et al. (1981). "Syntactic processing deficits in aphasia". *Cortex* 17:333-348.
- CERQUEIRA, V.C. (1995). "A aquisição de língua materna, a gramática universal e as gramáticas infantis". *Boletim ABRALIN* 17:55-63.
- CHANGEUX, J.P. (1972). "Épigenese des reseaux de neurone". *Communications* 18:37-47.
- CHANGEUX, J.P. (1979). "Déterminisme génétique et épigenese des reseaux des neurones: existe-t-il un compromis biologique possible entre Chomsky et Piaget?" In: PIATELLI-PALMARINI (org.). Théories du langage, théories de l'apprentissage. Paris : Seuil.
- CHIEN, I.C., WEXLER, K. (1990). "Children's knowledge of locality conditions in binding as evidence for the modularity syntax and pragmatics language acquisition, 1:225-295.
- CHOMSKY, N. (1957). Syntactic structures. The Hague, Mouton.
- CHOMSKY, N. (1965). Aspects of the theory of syntax. Cambridge, MA : MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1981). Lectures on government and binding. Dordrecht, Holland : Foris.
- CHOMSKY, N. (1982). Some concepts and consequences of the theory of government and binding. Cambridge, MA : MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1986). Knowledge of language: its nature, origin and use. New York : Praeger.
- CHOMSKY, N. (1988). "Some notes on economy of derivation and representation", in: FREIDEN, R. (org.). Principles and parameters in comparative grammar. Cambridge : MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1992). "A minimalist program for linguistic theory": MIT. *Occasional papers in linguistics*. Cambridge : MA : MIT Press.

- CHOMSKY, N. (1994). "Bare phrase structure". *Occasional papers in linguistics* 5. ms. MIT.
- CHOMSKY, N. (1995). "Language and nature". ms. MA : MIT.
- CINQUE, G. (1990). Types of A' dependencies. Cambridge, M.A. : MIT Press.
- CLARK, R., ROBERTS, I. (1993). A computational model of language learnability and language change. *Linguistic Inquiry* 24:299-345.
- COOK, V.J. (1975). "Strategies in the comprehension of relative clauses". *Language and Speech* 18:204-212.
- CORRÊA, L.M.C. (1986). On the comprehension of relative clauses: a developmental study with reference to portuguese. Doctoral Dissertation. University of London.
- CORRÊA, L.M.C. (1989). "Por que as orações relativas são de difícil compreensão para a criança?" *DELTA*, São Paulo, 2(5): 133-148.
- CORRÊA, L.M.S. (1991). "O jogo experimental na avaliação da competência lingüística de crianças: o caso do 'fechamento entre orações' na compreensão de relativas". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 21:79-96.
- COUDRY, M.I.H. (1986-1988). Diário de Narciso: discurso e afasia. São Paulo : Martins Fontes.
- COUDRY, M.I.H. (1994). "Neurolingüística, cognição e discurso". Conferência apresentada na Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, São Paulo, 19 maio.
- CYRINO, S.M. (1994). O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático diacrônico. Tese de Doutorado. IEL. UNICAMP.
- DUARTE, M.I.P. (1987). A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa.
- DUARTE, M.E.L. (1993). "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I, KATO, M.A. (orgs.). Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas : Editora da UNICAMP.
- ELLIS, A.W., YOUNG, A.W. (1988). *Human cognitive neuropsychology*. London : Lawrence Erlbaum.
- FARREL, P. (1987). "Empty objects in brazilian portuguese". UCS.D, ms. EUA.
- FODOR, J. (1983). The modularity of mind. Cambridge : MIT Press.
- FODOR, J.A. (1985). "Some notes on what linguistics is about". In: KATZ, J.J. The philosophy of Linguistics. Oxford : Oxford University Press. 146-160.
- FROMKIM, V.A. (1995). "Introduction". *Brain and Language* 50:1-9.
- FOX, D., GRODZINSKY, Y. (1995). "Children's passive: a view from the by-phrase". ms. MIT. Tel-Aviv University.
- FRANCHI, C. (1986). "Reflexões sobre a hipótese da modularidade da mente". *Boletim ABRALIN* 8:17-36.
- FRANÇOZO, E. (1986). "Afasia e modularidade da mente". *Boletim ABRALIN* 8:63-76.
- FRAZIER, L., FRIEDERICI, A.D. (1991). "On deriving properties of agrammatic comprehension". *Brain and Language* 40:51-66.
- FREUD, S. (1891-1953). "On aphasia: a critical study". New York : International University Press.
- FRIEDERICI, A., FRAZIER, L. (1992). "Thematic analysis in agrammatic comprehension: syntactic structures and task demands". *Brain and Language* 42:1-29.
- FRIEDERICI, A.D. (1982). "Syntactic and semantic processes in aphasic deficits: the availability of prepositions". *Brain and Language* 15:249-258.

- FRIEDERICI, A.D., WEISSENBORN, J., KAIL, M. (1991). "Pronoun comprehension in aphasia: a comparison of three languages". *Brain and Language* 41:289-310.
- FRIEDMANN, N., GRODZINSKY, Y. (1995). "Tense and agreement in agrammatic production: pruning the syntactic tree". ms. Tel-Aviv University.
- FUKUI, N. (1986). A theory of category projection and applications. Doctoral Dissertation. Cambridge, MIT.
- FUKUI, N. (1993). "Parameters and optionality". *Linguistic Inquiry* 24(3):399-420.
- GALVES, C.C. (1993). "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro". In: ROBERTS, I., KATO, M.A. (orgs.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas : Unicamp. p. 387-421.
- GAZZANIZA, M.S. (1988-1991). "The dynamic of cerebral specialization and modular interaction". In: WEISKRANTZ, L. (ed.). Thought without language. Oxford : Foundation Syssen.
- GESCHWIND, N. (1965). "Disconnection syndromes in animals and man". *Brain* 88:237-294.
- GOLDSTEIN, K. (1948). Language and language disturbances. New York : Grune & Stratton.
- GOODGLASS, H., GESCHWIND, N. (1976). "Language disorders: aphasia". In: CARTERETTE, E.C., FRIEDMANN, M.P. (eds.). Handbook of perception. v. 7. New York : Academic Press.
- GOODGLASS, H., HUNT, S. (1958). "Grammatical complexity and aphasic speech". *Word* 14:197-208.
- GOODGLASS, H., MENN, L. (1985). "Is agrammatism a unitary phenomenon?" In: KEAN, M.L. (ed.). Agrammatism. New York : Academic Press.
- GOODGLASS, H., FODOR, I.G.; SCHULHOFF, C. (1967). "Prosodic factors in grammar: evidence from aphasia". *Journal of speech and hearing research* 10:5-20.
- GOODGLASS, H. (1988). "Studies in the grammar of aphasies". In: ROSEMBERG, S. e KOPLIN, J. (eds.). Developments in applied linguistics research. McMillan and Co. New York. 177-208.
- GREGOLIN-GUINDASTE, R.M. (1988). A categoria vazia na posição de objeto em português: uma abordagem gerativa representacional. Tese de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- GREGOLIN-GUINDASTE, R.M. (1989). "Reflexos da lingüística nos anos 80". *Letras* 38:27-42.
- GREGOLIN-GUINDASTE, R.M. (1992). "Agramatismo: problemas sintáticos e soluções discursivas". *Boletim ABRALIN* 13:85-97.
- GRODZINSKY, Y. (1984a). "The syntactic characterization of agrammatism". *Cognition* 16:99-120.
- GRODZINSKY, Y. (1984b). Language deficits and linguistic theory. Doctor Dissertation. Brandeis University.
- GRODZINSKY, Y., JOHNSON, K. (1985). "Principles of grammar and their role in parsing". ms. MIT.
- GRODZINSKY, Y., PIERCE, A. (1987). "Neurolinguistics evidence for syntactic passive". In: Proceedings of the annual meeting. NELS. G.L.S.A., University of Massachusetts.
- GRODZINSKY, Y., FILKELSTEIN, D.; NICOL, J. et al. (1988). "Agrammatic comprehension and the thematic structure of verbs". Papers presented at the academy of aphasia, ms. Montreal.

- GRODZINSKY, Y., MARFK, A. (1988). "Algorithmic and heuristic process revisited". *Brain and Language* 33:216-225.
- GRODZINSKY, Y. (1989). "Agrammatic comprehension of relative clauses". *Brain and Language* 37:480-499.
- GRODZINSKY, Y. (1990). Theoretical perspectives on language deficits. Cambridge : MIT Press.
- GRODZINSKY, Y. (1991). "There is an entity called agrammatic aphasia". *Brain and Language* 41:555-564.
- GRODZINSKY, Y., PIERCE, A. e MARAKOVITZ, S. (1991). "Neuropsychological reasons for a transformational analysis of verbal passive". *Natural Language and Linguistic Theories* 9:431-453.
- GRODZINSKY, Y., REINHART, T. (1993). "The innateness of binding and coreference". *Linguistic Inquiry* 24:69-101.
- GRODZINSKY, Y. (1993). "Introduction". *Brain and Language* 41:299-305.
- GRODZINSKY, Y. (1993). "The breakdown of binding relations". *Brain and Language* 45:396-422.
- GRODZINSKY, Y. (1995). "A restrictive theory of agrammatic comprehension". *Brain and Language* 50:27-51.
- GRODZINSKY, Y. (1995). "Trace-deletion, θ -roles and cognitive strategies". ms. *Brain in Language* 49.
- GRUNDY, K. (1990). Linguistics in clinical practice. London : Whurr Publishers Ltd.
- GUILFOYLE, E., NOONAN, M. (1992). "Functional categories and language acquisition". *Canadian Journal of Linguistics* 37:241-272.
- HAARMANN, J.H., KOLK, H.H.S. (1994). "On-line sensitivity to subject-verb agreement violations in Broca's aphasics: the role of syntactic complexity and time". *Brain and Language* 46:493-516.
- HAGIWARA, H., CAPLAN, D. (1990). "Syntactic comprehension in japanese aphasics: effects of category and thematic role order". *Brain and Language* 38:159-170.
- HAGIWARA, H. (1993). "The breakdown of japanese passives and theta-role assignment principle by Broca's aphasics". *Brain and Language* 45:318-339.
- HAGIWARA, H. (1995). "The breakdown of functional categories and the economy of derivation". *Brain and Language* 50:92-116.
- HEAD, H. (1926). Aphasia and kindred disorders of speech. Cambridge University Press : Cambridge.
- HEESCHEN, C. (1985). "Agrammatism versus paragrammatism: a fictitious opposition". In: KEAN, M.L. (ed.). Agrammatism. Academic Press : University of California. 207-265.
- HEILMAN, K.M., SCHOLLES, R. (1976). "The nature of comprehension errors in Broca's, conduction, and Wernicke's aphasia". *Cortex* 12:258-265.
- HICKOK, G., AVRUTIN, S. (1995). "Representation, referentiality and processing in agrammatic comprehension". *Brain and Language* 50:10-26.
- HICKOK, G., ZURIF, E., CANSECO-GONZALEZ, E. (1993). "Structural description of agrammatic comprehension". *Brain and Language* 45:371-395.
- HORNSTEIN, N. (1994). The grammar of LF from GB to minimalism. ms. University of Maryland : College Park.
- HUANG, J. (1982). Logical relations in chinese and the theory of grammar. Doctoral Dissertation. MIT Press.
- HUANG, C.T.J. (1982). "Move -wh in a language without wh- movement". ms. *The Linguistic Review*.

- HUANG, C.T.J. (1984). "On the distribution and reference of the empty categories." *Linguistic Inquiry* 15:531-574.
- HUVELE, R., BEDYNET, S., DECHAMPS, J. et al. (1979). *L'aphasie*. Bruxelles : U.C.B. S/A.
- JACKSON, J.H. (1874). "On the nature of the duality of the brain". In: JACKSON, J.H. *Selected writing of John Hughling Jackson*. Ed. by James Taylor (1958), London : Staple Press, 2 vol. 129-145.
- JAEGLI, O. (1986). "Passive". *Linguistic Inquiry* 17:587-622.
- JAKOBSON, R. (1941). "Kindersprache, aphasie and allgemeine lautgesetze". Universitets Arsskrift, Uppsala. Translated as *child language, aphasia and phonological universals*. Mouton : The Hague, 1968.
- JAKOBSON, R. (1955). "L'aphasie comme problème linguistique". In: *On expressive language*. (H. Werner, ed.). Clark University Press, Worcester. 69-81.
- JAKOBSON, R. (1963). "Deux aspects du langage et deux types d'aphasie". In: *Fundamentals of Language*. La Haye : Mouton. [Reeditado em *Essais de Linguistic Générale*. Paris : Minuit. 43-67].
- JAKOBSON, R. (1966). "Types linguistiques d'aphasie". In: *Brain Function III: speech, language and communication: Forum in Medical Sciences 4*. C.A. Carterette. Berkeley e Los Angeles.
- JAKOBSON, R. (1969). "Langage enfantino et aphasie". Paris : Flammarion.
- JAREMA, G., FRIEDERICI, A.D. (1994). "Processing articles and pronouns in agrammatic aphasia: evidence from French". *Brain and Language* 46:683-694.
- JONES, E.V. (1984). "Word order processing in aphasia: effect of verb semantics". *Advances in neurology*, v. 42. *Progress in aphasiology*. ROSE, F.C. (ed.). Reven Press : New York.
- JORDENS, P. (1990). "Utterances without function words: complent on Christer Platzak's paper". *Nordic Journal of Linguistics* 13:127-133.
- KATO, M.A. (1991). "A theory of null objects and the development of a brazilian child grammar". Paper presented at the Tubinguen conference: crossing boundaries: formal and functional determinants of language acquisition. ms. IEL. UNICAMP.
- KATO, M.A. (1993). "Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica". In: ROBERTS, I. e KATO, M.A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da Unicamp : 223-261.
- KEAN, M.L. (1977). "The linguistic interpretation of aphasic syndromes: agrammatism in Broca's aphasia, an example". *Cognition* 5:9-46.
- KITAGAWA, Y. (1989). "Internal subjects". ms. University of Rochester, New York.
- KOLK, H., HEESCHEN, C. (1992). "Agrammatism, paragrammatism and the management of language". *Language and cognitive process* 7: 89-129.
- KOLK, H.H.S., van GRUNSVEN, M.S.F., KEYSER, A. (1985). "On parallelism between production and comprehension in agrammatism". In: KEAN, M.L. (ed.). *Agrammatism*. New York : Academic Press.
- KOOPMAN, H., SPORTICHE, D. (1988). "Subjects". ms. UCLA. Los Angeles, Califórnia.
- KUBO, N. (1990). "Japanese passives". ms. MIT.
- LAPOINTE, S. (1983). "Some Issues in the linguistic description of agrammatism". *Cognition* 14:1-39.
- LEBRUN, Y., LELEUX, C. (1979). *Précis d'aphasiologie*. Bruxelles : U.C.B. S/A.

- LECOURS, A., DUMAIS, C., TAINURIER, M.J. (1987). "Les aphasies". In: BOTEZ, M.I. Neuropsychologie clinique et neurologie du comportement. Montréal : Université de Montréal. 307-324.
- LEMLE, M. "A modularidade da mente". *Boletim ABRALIN* 8:11-15.
- LEMOES, C.T.G. (1986). "A sintaxe no espelho". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, UNICAMP 10:5-15.
- LIBREN, G. (1990). "Morphological representations and morphological deficits in aphasia". In: NESPOLOUS and VILLIARD (eds.), 20-31.
- LICHTHEIM, L. (1885). "On aphasia". *Brain* 7:433-484.
- LINEBARGER, M. (1995). "Agrammatism as evidence about grammar". *Brain and Language* 50:52-91.
- LINEBARGER, M.C., SCHWARTZ, M.F., SAFFRAN, E.M. (1983). "Sensitivity to grammatical structure in so-called agrammatic aphasics". *Cognition* 13:361-392.
- LOBATO, L.M.P. (1986). Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte : Vigília.
- LONZI, L., LUZZATI, C. (1993). "Relevance of adverb distribution on the analysis of sentence representation in agrammatic patients". *Brain and Language* 45:306-317.
- LUKATELA, K., CRAIN, S., SHANKWEILER, D. (1988). "Sensitivity to inflectional morphology in agrammatism: investigation of a highly inflected language". *Brain and Language* 33:1-15.
- LUKATELA, K., CRAIN, S., SHANKWEILER, D. (1988). "Sensitivity to inflectional morphology in agrammatism: investigation of highly inflected language". *Brain and Language* 33:1-15.
- LURIA, A.R. (1947-1973). Traumatic aphasia. Reprinted in translation, Mouton, The Hague, The Working Brain. Basic Books. New York.
- LURIA, A.R. (1977). Neuropsychological studies in aphasia. Amsterdam : Sweets & Zeitlinger B.V.
- MARIE, P. (1906). "Révision de la question de l'aphasie: la troisième circonvolution frontale gauche ne joue aucun rôle spécial dans la fonction du langage". *Semaine Médicale*. Paris 26:241-247.
- MAUNER, C., FROMKIN, V., CORNELL, T. (1993). "Comprehension and acceptability judgments in agrammatism: disruptions in the syntax of referential dependency". *Brain and Language* 45:340-370.
- MEISEL, J.M. (1990). "Verbal functional categories in early grammatical development: evidence from acquisition of two first languages: French and German". ms. Universität Hamburg.
- MENN, L., OBLER, L.K. (1990). Agrammatic aphasia: a cross-language narrative sourcebook. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins Publishing Company.
- MICELI, G., MAZZUCCHI, A., MENN, L. et al. (1983). "Contrasting cases of Italian agrammatic aphasia without comprehension disorder". *Brain and Language* 19:65-97.
- MICELI, G., SILVERI, C., ROMANI, C. et al. (1989). "Variation in the pattern of omissions and substitutions of grammatical morphemes in the spontaneous speech of so-called agrammatic patients". *Brain and Language* 36:447-492.
- MORENO, A. (1988). "A propósito de uma analogia: a tautologia Chomsky/Fodor". In: *Boletim ABRALIN* 9:15-27.
- MOUTIER, F. (1908). L'Aphasie de Broca. Steinheil : Paris.
- NASCIMENTO, M., DILLINGER, M. (1995). "The lexicon and the form of a minimalist grammar: evidence from brazilian portuguese". ms. Universidade Federal de Minas Gerais.

- NESPOLOUS, J.L., DORDAIN, M., PERRON, C. et al. (1985). "Agrammatism in sentence production without comprehension deficits". ms. Pittsburgh.
- NOVAES PINTO, R. (1992). Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal de linguagem. Campinas. Dissertação de Mestrado, IEL. UNICAMP.
- NUNES, J. (1994a). "A participle construction in lithuanian: a reply to Baker, Johnson e Roberts". ms. University of Maryland.
- NUNES, J. (1994b). "Linearization of non-trivial chains at PF". In: NUNES, J.; THOMPSON, E., VARLOKOSTA, S. (eds.). University of Maryland Working Papers in *Linguistics* 2:159-177.
- NUNES, J. (1994c). "Relativizing case theory". ms. University of Maryland.
- OLIVEIRA, M. (1995). "Sujeito nulo, uma propriedade sempre disponível para crianças de língua italiana?" *Boletim ABRALIN* 17:64-71.
- OUHALLA, J. (1991). Functional categories and parametric variation. London, New York : Routledge.
- PACKARD, J. (1993). A linguistic investigation of aphasic chinese speech. Boston/London : Kluwer Academic Publishers.
- PICK, A. (1913). Aphasia. Trans. Jason Brown. IL : Charles C. Thomas.
- PLATZAK, C. (1990). "A grammar without functional categories: a syntactic study of early swedish child language". *Nordic Journal of Linguistics* 13:107-126.
- POLLOCK, J.Y. (1989). "Verb movement, universal grammar and the structure of IP". *Linguistic Inquiry* 20:365-424.
- RADFORD, A.C. (1990). Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammar of English. Oxford : Basil Blackwell.
- RAPOSO, E. (1986). "On the null object in european portuguese". In: O. Jaegli e C. Silva-Corvalan (orgs.). Studies in romance linguistics. Dordrecht : Foris.
- RAPOSO, E. (1992). Teoria da gramática: a faculdade da linguagem. Lisboa : Editorial Caminho.
- RAPOSO, E. (1993). "Categorias funcionais na gramática gerativa". *DELTA*, 9:237-274.
- REINHART, T. (1983). Anaphora and semantic interpretation. London : Crom Helm.
- REINHART, T., REULAND, E. (1993). "Reflexivity". ms. *Linguistic Inquiry*.
- RESNIK, M. (1995). "Functional categories in agrammatism". *Brain and Language* 50:117-133.
- RIBOT, T.A. (1883). Les maladies de la mémoire. Paris : Librairie Germain Baillière.
- RIZZI, L. (1986). "Null objects and the theory of pro". *Linguistic Inquiry* 17:501-558.
- RIZZI, L. (1991). "Residual verb second and the 'wh-' criterion". ms. Université de Geneve.
- ROSSI, M.A.G.L. (1993). "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil". In: ROBERTS, I. e KATO, M.A. (orgs.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas : Editora da UNICAMP.
- SAFFRAN, E., MARIN, O.S.M. (1975). "Immediate memory for word lists and sentences in a patient with deficient auditory short-term memory". *Brain and Language* 2:420-433.
- SAFFRAN, E.M., SCHWARTZ, M.F., MARIN, O. (1980). "The word order problem in agrammatism production". *Brain and Language* 10:263-280.
- SAFFRAN, E., BERNDT, R.S., SCHWARTZ, M. (1986). "A system for quantifying sentence production deficits in aphasia". Paper presented at the Academy for Aphasia, ms. Nashville.

- SAFFRAN, E., SCHWARTZ, M. (1989). "The quantitative analyses of agrammatic production: procedure and data". *Brain and Language* 37:440-479.
- SASANUMA, S., KAMIO, A., KUBOTA, M. (1990). "Agrammatism in Japanese. Two case studies". In: MENN, L., OBLER, L. (eds.), *Agrammatic aphasia: a cross language narrative sourcebook*. Amsterdam : John Benjamin.
- SCHOONEN, R. (1991). "The internal validity of efficacy studies: design and statistical power in studies of language therapy for aphasics". *Brain and Language* 41:446-464.
- SCHWARTZ, M., SAFFRAN, E., MARIN, O. (1980). "The word order problem in agrammatism comprehension". *Brain and Language* 10:249-262.
- SCHWARTZ, M., LINEBARGER, M., SAFFRAN, E. et al. (1987). "Syntactic transparency and sentence interpretation in aphasia". *Language and Cognitive Process* 2:85-113.
- SELKIRK, E. (1984). *The syntax of words*. Cambridge : MA : MIT Press.
- SHALLICE, T. (1988). *From neuropsychology to mental structure*. Cambridge : Cambridge University Press.
- SHAPIRO, L., LEVINE, B. (1990). "Verb processing during sentence comprehension in aphasia". *Brain and Language* 38:21-47.
- SHAPIRO, L.P., GORDON, B., HACK, N. et al. (1993). "Verb-argument structure processing in complex sentences in Broca's and Wernicke's aphasia". *Brain and Language* 45:423-447.
- SHERMAN, J.C., SCHWEICKERT, J. (1989). "Syntactic and semantic contributions to sentence comprehension in agrammatism". *Brain and Language* 37:419-439.
- SIKANSI, N.S. (1994). *A estrutura das sentenças com pronome interrogativo no português brasileiro atual*. Tese de Mestrado. IEL. UNICAMP.
- SPROAT, R. (1986). "Competence, performance and agrammatism: a reply to Grodzinsky". *Brain and Language* 17:160-167.
- STOWELL, T.A. (1981). *Origins of phrase structure*. Doctoral Dissertation, MIT.
- TAVAKOLIAN, -. (1981). "The conjoined clause analysis of relative clauses". In: S.L. Tavakolian (ed.). *Language acquisition and linguistic theory*. Cambridge : MA : MIT Press.
- TESAK, J. (1992a). "Verb inflections, prepositions and articles in German agrammatism". In: M. Laine, J. Nieme e P. Koivuselka-Shalinem (eds.). ms.
- TESAK, J. (1992b). "Yosef Grodzinsky: theoretical perspectives on language deficits". Cambridge : MA : MIT Press 1989. *Linguistics* 30:975-982.
- TESAK, J. (1992b). "Factors influencing surface manifestations of agrammatism". J. *Neurolinguistics* 7:91-101.
- TESAK, J. (1993). "Dutch telegraphese". ms. Netherlands.
- TESAK, J. (1994). "Cognitive load and the processing of grammatical items". ms.
- TESAK, J., HUMMER, P. (1994). "A note on prepositions in agrammatism". ms. *Brain and Language*.
- THOMPSON, C.K., McREYNOLDS, L.W. (1986). "Wh interrogative production in agrammatic aphasia: an experimental analysis of auditory visual stimulation and direct-production treatment". *Journal of speech and hearing research*, v. 29:193-206.
- TRAVIS, L. (1984). Word order change and parameters. ms. Cambridge. MIT.
- TSIMPLI, I.M. (1991). "On the maturation of functional categories: early child speech". ms. *UCL working papers in linguistics* 3.
- URIAGEREKA, J. (1992). "A focus position in western romance". ms. University of Maryland.

- URIAGEREKA, J. (1994). Rhyme and reason: a minimalist dialogue between Chomsky and Hawking. ms. University of Maryland : College Park.
- VIEIRA, C.H. (1992). Um percurso pela história da afasiologia: estudos neurológicos, lingüísticos e fonoaudiológicos. Tese de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- WERNICKE, C. (1874). "The aphasic symptom complex: a psychological study on a neurological basis". Kohn and Weigert, Breslau. Reprinted in R.S. Cohen and M.W. Wartofsky (eds.). Boston studies in the philosophy of science, v. 4, Reidel, Boston, Mass. 39-97.
- WEXLER, K., CHIEN, Y.C. (1988). "The acquisition of binding principles". Paper presented at GLOW. ms. Budapest.
- WITAKER-FRANCHI, R.C.M. (1989). As construções ergativas: um estudo sintático e semântico. Tese de Mestrado. IEL. UNICAMP.
- ZURIF, E.B., CARAMAZZA, A.C. (1970). "Linguistic structures in aphasia: studies in syntax and semantics". In: WHITAKER, H. and WHITAKER, H.A. (eds.). Studies in neurolinguistics, v. 2, New York : Academic Press.
- ZURIF, E., SWINNEY, D., PRATHER, P. et al. (1993). "An on-line analyses of syntactic processing in Broca's and Wernicke's aphasia". *Brain and Language* 45:448-464.